

Lyndon LaRouche

A perversão de Bertrand Russell e H.G. Wells



O Governo Mundial

**O Governo Mundial:
A perversão de Bertrand Russell
e H.G.Wells**

**O Governo Mundial:
A perversão de Bertrand Russell
e H.G.Wells**

Lyndon LaRouche

Índice

Parte I

Prólogo	13
1 Russell e Hitler	19
2 Russell : “O Demônio em detalhes”.....	65
3 A maioria da Humanidade	145

Parte II

1 O apocalipse segundo Wells.....	151
-----------------------------------	-----

Prólogo

Enquanto não for destruída, é freqüente que a chispa de gênio da criança pré-escolar se expresse de um modo socrático, pela pergunta: “Por que?” Deploravelmente, nos EUA de hoje, é comum que a chispa se apague nas águas turvas do que David Riesman chamou “exodireção”¹, onde é sufocada com um sádico aperto do torniquete às vezes eufemisticamente denominado empirismo e pragmatismo. A chispa de gênio da criança, o hábito de indagar como e por que surgiram as opiniões passadas e presentes, é substituída pela fé embrutecedora nos frutos da mera generalização indutiva da experiência individual e coletiva, esta forma de autodegradação moral a que amiúde se chama “senso prático ou comum”.

Todos os filósofos e mestres verdadeiramente grandes da história conhecida da civilização européia, a começar pelos melhores dos gregos jônios e pelos célebres integrantes da Academia de Atenas de Platão, ou Nicolau de Cusa e Gottfried Leibniz, despertaram o verdadeiro gênio interior dos jovens, ao reavivar essa chispa inata por meio do que, com propriedade, se denomina método socrático. O formalismo, ao contrário, mata a alma, como reconheceu precisamente um dos mais famosos formalistas modernos, o veneziano Pietro Pomponazzi², que procurou por sua própria alma e, como pobre tolo em que se convertera, informou que não a tinha.

-
1. Ver David Riesman, *The Lonely Crowd: A Study of the Changing American Character*, em colaboração com Reuel Denney e Nathan Glazer (Yale University Press, New York, 1950); ver também Robert Staughton Lynd e Helen Merrell, *Middletown: A Study in American Culture*, Harcourt Brace, New York, 1956.
 2. Pietro Pomponazzi (1462-1525), catedrático gnóstico do aristotelismo de Averróis, famoso por ter demonstrado que nenhum filósofo congruente de sua escola tinha alma. Obra principal, *De Immortalitate animae* (Da imortalidade das almas) (Bolonha, 1516). Ver Pine, Martin L., *Pietro Pomponazzi: Radical Philosopher of the Renaissance*, Editrice Antenore, Padova, 1986; ver também *Studi su Pietro Pomponazzi*, B. Nardi (ed.), Firenze, 1965.

Assim sendo, já que essa chispa de gênio potencial inata em cada criança é o que coloca a Humanidade absolutamente aparte e acima dos animais, podemos reconhecer que, como Filon de Alexandria demonstrou ser a necessária leitura do primeiro capítulo do Gênesis mosaico, essa qualidade do gênio é a alma humana, o aspecto da pessoa humana que, no latim de Nicolau de Cusa, é tanto *imago Dei* (imagem de Deus) como *capax Dei* (capaz de participar em Deus)³. Desta forma o formalismo que fez Pomponazzi perder sua alma é, intrinsecamente, o adversário do Bem, representa o mal.

Afortunadamente, na maioria dos casos é possível reavivar a chispa de gênio inata às crianças. Os grandes mestres sempre o fizeram. Todos os bons mestres tratam de fazê-lo em alguma medida, conforme se aproximem do método socrático empregado por Platão, Eudoxo, Teeteto, Arquimedes, Cusa e Leibniz. Só o que se necessita é reavivar o gênio da criança mencionando a senha para a genialidade: “Por que?”

Começamos escolhendo um fato importante da História, um acontecimento do qual dispomos de provas de que resultou de algum pretexto fraudulento, mas largamente aceito. Tratemos de descobrir qual foi o motivo da fraude, assim como as razões pelas quais os crédulos a aceitaram. Continuemos perguntando por que, descasquemos a cebola camada por camada, até que a história embutida neste acontecimento particular venha à superfície. O resultado deste tipo de exercício socrático é o ponto de referência necessário para definir adequadamente a palavra “conhecimento”.

Imaginemos o bombardeiro B-29 chamado “Enola Gay” rumo ao seu destino infernal, naquele horripilante dia do verão de 1945⁴. Por que o Governo dos EUA lançou sobre essas duas populações indefesas do Japão as duas únicas bombas de fissão nuclear que tinha em seu arsenal? O Governo dos EUA mentiu, quando disse que isto foi necessário para

-
3. Ver Filón (“Judeu”) de Alexandria, “On the Account of the World’s Creation Given by Moses”, in *Philo: Vol. I*, Loeb Classical Library No. 226, Harvard University Press, Cambridge, 1981. As idéias de Cusa sobre o intelecto como “semelhança viva com Deus” podem ser achadas em “On the Filiation of God”, in *Toward a New Council of Florence: ‘On the Peace of Faith’ and Other Works of Nicolaus of Cusa*, Schiller Institute, Washington, 1993, p.188. Cusa fala de *capax Dei* e *imago Dei* em “On the Vision of God”, in *Nicholaus of Cusa’s Dialectical Mysticism*, The Arthur J. Banning Press, Minneapolis, 1985, p.127. Neste trabalho, Cusa escreve que o homem é “capaz de receber” Deus e que “a capacidade que conduz à união é só semelhança”.
 4. Em 6 de agosto de 1945. Claude Eatherly, piloto do avião de reconhecimento que fez parte da missão do *Enola Gay*, nunca pôde se readaptar à vida civil. Em 1962, escreveu (com Gunther Anders) *Burning Conscience*, Monthly Review Press, New York, 1962.

salvar as vidas de cerca de um milhão de soldados estadunidenses. Antes que se lançasse o que rapidamente se começou a chamar, em tom de terror, “a bomba”, o imperador do Japão, por intermediação do Vaticano, já estava negociando a sua rendição ao Governo Truman, nos mesmos termos em que foi aceita após o lançamento das bombas⁵.

Com essa breve reminiscência, tocamos a história deste século em um de seus pontos de inflexão mais importantes. Uma vez que a suposta urgência militar de se lançar as bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki era falsa, para que fim serviu tal ação? Um dos que tiveram os seus propósitos favorecidos naquele dia em Hiroshima foi Bertrand Russell, o moderno Mefistófeles, cuja sombra sinistra se projeta sobre as gerações presentes e as que ainda não nasceram, na Conferência das Nações Unidas sobre População, no Cairo, em 1994. Para entender por que as redes de inteligência britânica dentro do Governo dos EUA manipularam Harry Truman para que lançasse desnecessariamente as bombas atômicas sobre civis japoneses, basta ler a explicação que Russell oferece sobre a política que compartilhava com Winston Churchill sobre as armas nucleares, na edição de setembro de 1946 do *The Bulletin of the Atomic Scientists*: “A bomba atômica e a prevenção da guerra”⁶.

No artigo, Russell expõe os motivos pelos quais ele, Churchill *et alii* continuariam usando a ameaça geopolítica das bombas nucleares: chantagear Moscou, para que esta se submetesse a um acordo cujo propósito, como explicitou Russell, era transformar a recém-criada ONU no tipo de ditadura “unimundista”, pela qual os seus utópicos federalistas mundiais têm trabalhado ao longo de todo este século⁷.

Robert Lewis, co-piloto do *Enola Gay*, diria mais tarde: “Mesmo que viva cem anos, nunca poderei apagar de minha mente aqueles minutos.” (Citado em Robert Rhodes, *The Making of the Atomic Bomb*, Simon and Schuster, New York, 1986). Quando o general Carl Spaatz, da Força Aérea do Exército dos EUA, assumiu o comando das Forças Estratégicas do Pacífico e se informou da missão da bomba atômica, respondeu: “Se vou matar cem mil pessoas, não vou fazê-lo por ordens orais. Quero por escrito.” (Thomas, Gordon, e Witts, Max Morgan, *Enola Gay*, Pocket Books, New York, 1977, p. 244; edição brasileira: *A bomba de Hiroxima*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1977).

5. O recém-falecido Max Corvo, então chefe de campo da OSS na Itália, representou os EUA nas negociações que, por intermédio do Vaticano, fazia o então cardeal Montini (mais tarde, papa Paulo VI). Agentes britânicos e instrumentos de Londres, como Allen Dulles e James Jesus Angleton, montaram uma enorme operação para desacreditar o Vaticano, a fim de neutralizar as provas de que o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki foi baseado em uma fraude.
6. Russell, Bertrand, *Bulletin of the Atomic Scientists*, nos. 5 e 6, 1/9/1946, p. 19.
7. Russell escreve: “É inteiramente claro que só há um modo de evitar permanentemente grandes guerras: a instauração de um governo internacional que detenha o monopólio

Desde então, o dogma estratégico de Russell, exposto naquela edição do *Bulletin*, tem determinado a maior parte da história do planeta até os nossos dias. Desde que, em 1955, o então secretário-geral do Partido Comunista da URSS, Nikita Khrushchov, enviou a Londres quatro representantes oficiais para discutir com Russell um condomínio termonuclear, nos moldes do que este último prescrevera naquela descrição anterior da sua doutrina estratégica⁸, até a queda do Governo Gorbachov, em agosto de 1991, as nações mais débeis e menores do mundo têm sido regidas por um “governo mundial” da ONU, sob a forma de um condomínio termonuclear entre os blocos políticos respectivamente dominados pelas duas superpotências rivais, Moscou e os anglo-americanos.

Para aqueles que conhecem o meio século de história anterior da fissão e da fusão nucleares, desde os descobrimentos do professor Dmitri Mendeleiev e do casal Curie⁹, as provas são suficientes para demonstrar que a intenção expressa por Russell no artigo de 1946 é a mesma pela qual ele e seus cúmplices induziram o governo dos EUA a construir a bomba atômica: produzir e usar uma arma tão aterradora que as nações

da força armada importante...Um governo internacional, para que possa conservar a paz, deve ser o único que possua armas atômicas, sua única fábrica, a única força aérea, os únicos encouraçados e, em geral, o que seja necessário para torná-lo irresistível...A autoridade internacional deve ter o monopólio do urânio e de quaisquer outras matérias-primas que sejam úteis para fabricar bombas atômicas. Deve contar com todo um exército de inspetores, com direito de entrar em qualquer fábrica sem aviso prévio; qualquer tentativa de estorvá-los ou de dificultar seu trabalho, deverá ser considerado *casus belli*...O governo internacional...terá que decidir todas as disputas entre nações diferentes, terá que possuir o direito de revisar tratados. Terá que estar obrigado, em sua constituição, a intervir com a força das armas contra qualquer nação que negue se submeter à arbitragem. Com o seu monopólio da força armada, semelhante intervenção será poucas vezes necessária e o seu êxito será rápido.”

8. Para uma história de Pugwash, ver Rotblat, J., *Scientists in the Quest for Peace, A History of the Pugwash Conferences*, The MIT Press, Cambridge, 1972, p. 2.
9. O professor Dmitri Ivanovich Mendeleiev (1834-1907), descobridor da célebre Tabela Periódica dos Elementos e professor do precursor das armas nucleares soviéticas, acadêmico Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945). No começo do século 20, quando a descoberta da radiação nuclear, pelo casal Curie, veio juntar-se às implicações da Lei Periódica de Mendeleiev, configurou-se a idéia de obter energia do núcleo atômico. Cf. Soddy, Frederick, *The Interpretation of Radium and the Structure of the Atom*, G.P. Putnam's Sons, New York, 1922; obra baseada em conferências proferidas originalmente em 1908. Ver também o reconhecimento de H.G. Wells do trabalho de Soddy e a incorporação da idéia das armas nucleares às obras de ficção de Wells anteriores a 1939, em sua obra *The World Set Free*, Macmillan, London, 1914. Carol White revisa as atividades de Wells em *The New Dark Ages Conspiracy*, New Benjamin Franklin House, New York, 1980.

cederiam a sua soberania a um árbitro da política global, a ditadura mundial da ONU, o “imperialismo definitivo”.

Excetuando alguns poucos indivíduos, como o Dr. Leo Szilard¹⁰, que era quase tão perverso quanto o seu mestre Russell, a maioria dos cientistas que trabalharam no Projeto Manhattan, como o falecido professor Robert J. Moon¹¹, co-fundador da Fundação para a Energia de Fusão, eram pessoas dedicadas e capazes, que acreditaram sinceramente na grande farsa perpetrada por Russell em 1939, a de que Hitler estava decidido a produzir uma arma de fissão nuclear e que tínhamos que tomar a dianteira. Russell e seus sequazes, os verdadeiros autores da famosa carta ao presidente Franklin Roosevelt, que o bando fez Albert Einstein assinar¹², sabiam que Hitler não iria patrocinar tal pesquisa e que os cientistas alemães relevantes, reunidos ao redor do professor Werner Heisenberg, estavam decididos a não construir tal arma, para que Hitler não a usasse¹³.

Diferentemente dos cientistas atômicos honrados, mas mal-informados, o Russell de 1939 apoiou a construção da bomba atômica exatamente pelos motivos que formularia em 1946. Federalista mundial e utópico fanático, ele concebeu a fabricação e uso das armas nucleares como um recurso para aterrorizar os governos, fazendo-os renunciar ao direito de defender a sua soberania por meios militares. Conforme expressou em seu artigo de 1946, seu propósito era aterrorizar os povos do mundo, para que se submetessem aos ditames de um árbitro mundial de conflitos, de um império mundial, de uma ditadura malthusiana mundial da ONU.

Lorde Bertrand Russell da Grã-Bretanha foi, sem dúvida, o personagem público mais perverso do século que finda. O assassinado

-
10. Leo Szilard (1898-1964), físico nascido na Hungria, cúmplice de Bertrand Russell, é o homem que discursou na Conferência Pugwash de 1958, em Quebec, propondo o que ficaria conhecido como “destruição mútua assegurada”, pelo que acabou sendo retratado como o “Doutor Fantástico”, no filme do mesmo nome do diretor Stanley Kubrick.
 11. Robert J. Moon (1911-1989), professor de física da Universidade de Chicago, co-fundador da Fundação de Energia de Fusão, participou da montagem da primeira pilha atômica experimental sob a direção do professor Enrico Fermi.
 12. Segundo James Hershberg, *James B. Conant, Harvard to Hiroshima and the Making of the Nuclear Age*, Alfred Knopf, New York, 1993, p. 137: “Leo Szilard, Eugen Wigner e Edward Teller visitaram Albert Einstein, persuadindo-o a assinar uma carta a Roosevelt para adverti-lo do terrível perigo de Hitler obter primeiro a bomba. Em 11 de outubro, o financista Alexander Sachs, patrono de Szilard, levou a advertência ao presidente.”
 13. Thomas Powers, *Heisenberg's War: The Secret History of the German Bomb*, Little, Brown & Co., Boston, 1994.

dramaturgo inglês Christopher Marlowe teria dito com razão que o monstruoso Adolf Hitler, da Sociedade Thule, não foi mais que um velhaco no papel do doutor Fausto, enquanto Russell era o verdadeiro Mefistófeles. Marlowe teria insistido em precisar a sua observação: “um verdadeiro Mefistófeles veneziano”¹⁴.

Russell não causou pessoalmente todo o mal que proliferou no planeta nos últimos cento e poucos anos, mas foi um dos indivíduos mais influentes entre os que o perpetraram. Mais ainda, se rastreamos as influências que fizeram de Russell um homem maligno, encontraremos não só o que há de equivocado no século 20, mas também em muitos dos séculos anteriores.

O século atual passará à História como uma época que se distingue pela interminável monotonia das mentiras engolidas pela maioria das pessoas. O mito de que Bertrand Russell foi um humanitário utópico é talvez uma das mais difundidas mentiras que persistem entre os círculos educados, que deveriam dar-se conta da verdade. Como é possível que esta assombrosa credulidade se manifeste entre gente culta, educada, nos altos níveis acadêmicos e nos serviços de inteligência do governo dos EUA? Valemo-nos aqui do exemplo de Russell para ilustrar o problema. A revisão dos traços marcantes da sua maldade multifacetada cria as condições para respondermos à pergunta: por que as pessoas supostamente cultas de hoje são tão cegamente crédulas? A resposta é o tema deste livro.

14. Christopher Marlowe, dramaturgo e colaborador de William Shakespeare, foi assassinado em 1593, durante uma viagem, presumivelmente por um representante do chamado “Partido Veneziano” de Paolo Sarpi & Cia. Seu célebre drama *Doutor Fausto* é um representação teatral da conquista da Inglaterra por parte dos venezianos de Sarpi, então em marcha.

Capítulo 1

Russell e Hitler

Russell tocou muitos instrumentos, em sua maldade. As suas propostas de genocídio, especialmente contra as populações de pele mais escura que a da presumida raça superior anglo-saxônica da Sociedade Vril, têm o mesmo caráter satânico e retratam melhor a sua crueldade do que o seu plano de ditadura mundial por meio do terrorismo nuclear. Ele foi também um charlatão selvagem, que exerceu influência destruidora na filosofia e nas ciências naturais. Ele não era nem mesmo legitimamente britânico - não há neste crápula um grama de preocupação com o bem-estar dos habitantes do Reino Unido. Não há neste século outro representante da filosofia liberal, nem mesmo criaturas tão perversas como Sigmund Freud ou Theodor Adorno¹⁵, que tenham representado a encarnação viva de Satã de modo tão sistemático como o Mefistófeles do século 20, o maligno Russell.

Não obstante, em cada parte do espectro intelectual que ele infestou em um ou outro momento de sua vida, ainda há incautos que consideram esse crápula rematado uma pessoa respeitável, ou até mesmo um grande pensador. Como é possível que a Civilização tenha caído tanto, que muitos integrantes da presumida intelectualidade mundial exibam a falta de vergonha intelectual, e até moral, de professar por tal criatura o que comumente se entende por “respeito”?

Consideremos algumas passagens cruciais dos escritos racistas de Russell, anteriores e posteriores à Segunda Guerra Mundial. Estes textos mostram a verdadeira natureza moral do propósito ao qual Russell dedicou o dogma da chantagem nuclear, que ele e Leo “Dr. Fantástico”

15. Sobre Adorno e a influência da Escola de Frankfurt, ver Michael J. Minnicino, “The New Dark Age: The Frankfurt School and ‘Political Correctness’”, *Fidelio*, Vol. I, No. 1, Winter 1992. Ver também, do mesmo autor, “The Nazi-Communist Roots of Modernism”, *Fidelio*, Vol. II, No. 2, Summer 1993.

Szilard legaram aos seus seguidores, como Robert Strange McNamara, o “contador de cadáveres” da Guerra do Vietnã¹⁶ e Henry Kissinger, este autoproclamado agente do Ministério das Relações Exteriores britânico¹⁷.

Este autor chegou a essa conclusão sobre Russell em 1978. Foi uma conclusão que emergiu passo a passo, a partir dos anos 50. As provas irrefutáveis se acumularam nos decênios seguintes, uma após a outra. Em 1978, compartilhei a conclusão com dois colaboradores, que escreveram em 1980 um livro que documentou a natureza perversa de Russell¹⁸. De 1978 a 1980, o objetivo era mostrar as coisas horríveis pelas quais a Humanidade passava neste século, as quais não teriam ocorrido se não fosse o influente e profundamente maligno papel de Russell como um pacifista utópico, federalista mundial e racista anglo-saxão de franca inclinação genocida.

Todas as citações a seguir figuram em um dos capítulos do livro de 1980. Começamos com o Bertrand Russell do começo dos anos 20, que acabava de voltar à Grã-Bretanha, depois de cumprir a sua tarefa de doutrinar muitos dos futuros líderes da China comunista¹⁹. Vejamos a seguinte pérola do tesouro dos sentimentos do pacifista liberal Russell,

-
16. Robert S. McNamara (1916-). Em famoso discurso pronunciado em Washington, no fim de 1982, o Dr. Edward Teller enfatizou que a letra “S”, inicial do segundo nome do ex-secretário de Defesa dos EUA, quer dizer “Strange” (Estranho), como foram suas opiniões e ações no exercício do cargo e depois. Teller se referia à loucura que representa o fervor com que McNamara apoiou a “destruição mútua assegurada”.
 17. Em reconhecimento aos serviços prestados à Coroa britânica, Henry Kissinger, ex-secretário de Estado dos EUA, pronunciou em 10 de maio de 1982 um discurso comemorativo da fundação, em 1782, por Jeremy Bentham e lorde Shelburne, do serviço de inteligência exterior da Grã-Bretanha. Perante o público reunido na Chatham House, sede do Instituto Real de Assuntos Internacionais (RIIA), Kissinger se jactou de que sempre estivera do lado britânico, contra os EUA, em disputas como as que houve entre o presidente Roosevelt e Winston Churchill, e o ilustrou com o fato de que ele mesmo atuara por trás dos presidentes Nixon e Ford, quando fora secretário de Estado (1973-77). A carreira de Kissinger no serviço diplomático dos EUA começou sob a direção do professor William Yandell Elliot, da unidade de Chatham House na Universidade de Harvard, Wilton Park, continuando sob o patrocínio do Instituto Tavistock de Londres e, depois, no Conselho de Relações Exteriores de Nova York (CFR), com o patrocínio de McGeorge Bundy. Desde então, Kissinger tem servido aos interesses britânicos dentro e fora das Conferências Pugwash da Sociedade Fabiana, promovendo o programa de longo prazo de Bertrand Russell para transformar a ONU num governo mundial tirânico. Ver excertos do discurso de Kissinger em Chatham House nas notas 60 e 87.
 18. Carol White, *The New Dark Ages Conspiracy*, New Benjamin Franklin House, New York, 1980, pp.11, 172-174, 183.
 19. Ver Ronald Clarke, *The Life of Bertrand Russell*, Alfred Knopf, New York, 1976, p. 389.

tirada do livro *Perspectivas da civilização industrial*²⁰, escrito em 1923:

“O socialismo, especialmente o internacional, só será possível como sistema estável se a população deixar de crescer, ou quase. Um aumento lento poderia sanar-se com melhorias nos métodos agrícolas, mas um aumento rápido terminará por submeter toda a população à miséria...A população branca do mundo logo deixará de crescer. As raças asiáticas demorarão mais, os negros ainda muito mais, antes que o ritmo dos nascimentos caia o suficiente para estabilizar seu número sem ajuda da guerra e da peste...Enquanto isto não acontecer, os benefícios que o socialismo busca só se lograrão parcialmente e as raças menos prolíficas tenderão a se defender das mais prolíficas por métodos que, embora repugnantes, são necessários.”²¹

Adolf Hitler, em seu *Generalplan Ost*, de 1941, para ocupar a Rússia e outras regiões da Europa Oriental, pôs em prática precisamente essa repugnante política de Russell²². De modo que, em 1945, identificamos as conseqüências dos dogmas empiristas de Russell com as expressões apropriadas de “genocídio”, “holocausto” e “crimes contra a Humanidade,” cometidos durante a guerra em Auschwitz e outros lugares da Europa Oriental:

“Nas áreas em questão, temos que promover uma política deliberada de população negativa. Com campanhas de propaganda, especialmente na imprensa, rádio, filmes, comunicações, folhetos, conferências e congêneres, deve-se induzir a população a pensar em quão danoso é ter muitos filhos. Temos que assinalar os custos provocados pelos filhos e, em seguida, deve-se enfatizar tudo o que poderia ser comprado, em lugar deles. Pode-se enfatizar os grandes perigos para a saúde da mulher ocasionados pelos nascimentos etc.

Além disso, deve-se difundir profusamente propaganda em favor dos métodos de redução da natalidade. Deve-se criar uma

20. Bertrand Russell, *Prospects of Industrial Civilization*, George Allen & Unwin, London, 1923 (edição brasileira: *Perspectivas da civilização industrial*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979).

21. *Ibid.*, p. 273.

22. Ver “Stellungnahme und Gedanken zum Generalplan Ost des Reichsführer SS”, redatado por Erhard Wetzel, chefe do departamento de assuntos raciais do Ministério de Assuntos Ocidentais do Reich, dirigido por Alfred Rosenberg, Geheime Reichssache, Dokument Nr. 2 (Alliiertes Dokument NG-2325), citado em Helmut Heiber, “Der Generalplan Ost”, *Vierteljahreshfte für Zeitgeschichte*, Heft 3, 1958.

indústria especializada em tais meios. Não se deve castigar nem a aprovação nem a distribuição dos meios de redução da natalidade, nem o aborto. Temos, absolutamente, que promover a criação de instituições de abortos. Devem-se adestrar parteiras e médicos para que pratiquem abortos. Quanto mais profissionalmente se executem os abortos, maior será a confiança da população a respeito. Obviamente, aos médicos também se deve permitir realizar abortos, sem discutir se isto é uma violação do juramento médico.

Igualmente, deve-se promover a esterilização voluntária. Não se deve combater a mortalidade infantil. Às mães não devem ser instruídas sobre os cuidados para com os recém-nascidos, nem sobre as enfermidades da infância... Uma vez que tenhamos convertido a massa da população à idéia de um sistema de só um ou dois filhos, teremos conquistado a meta a que nos propusemos...²³

Com todas essas provas à mão, a única coisa que nos impede de rotular como Russell e seus correligionários liberais dos EUA de “neonazistas”, como os círculos eugênicos das famílias Harriman e Bush, de 1932, é que essas idéias de Adolf Hitler foram copiadas de seus admiradores britânicos e estadunidenses dos anos 30, como Montagu Norman, pai de Sir Peregrine Worsthorne, Prescott Bush, pai de George Bush, e outros admiradores não-alemães de Hitler, que autorizaram e financiaram o golpe de Estado que o colocou no poder na Alemanha, em 1933²⁴. Seria mais apropriado catalogar Adolf Hitler como um seguidor exemplar de Bertrand Russell.

Nem sequer a revelação dos horrores dos campos de concentração nazistas refrearam Russell, que continuou exibindo descaradamente a sua falta de vergonha. Vejamos estas pérolas de um de seus livros do pós-guerra, *O impacto da ciência na sociedade*, escrito em 1951:

“Mas alguém dirá que os maus tempos são excepcionais e que podem ser enfrentados com métodos excepcionais. Isto foi mais ou menos certo durante a lua de mel do industrialismo, mas deixará de ser certo, a menos que se possa diminuir o aumento da população. Atualmente, a população do mundo cresce à razão de cerca de 58.000 indivíduos por dia. A guerra, até agora, não teve grande efeito neste crescimento, que continuou ao longo de cada uma das duas guerras mundiais...A guerra... até agora, foi decepcionante, neste

23. Ibid., p. 317ss.

24. Ver Webster G. Tarpley e Anton Chaitkin, *George Bush: The Unauthorized Biography*, Executive Intelligence Review, Washington, 1992, pp. 26-62.

aspecto...mas, talvez, a guerra bacteriológica seja mais efetiva. Se uma Peste Negra se propagasse uma vez a cada geração, os sobreviventes poderiam procriar livremente, sem encher demasiadamente o mundo...A situação, seguramente, seria algo desagradável, mas o que importa? As pessoas realmente nobres são indiferentes à felicidade, sobretudo à felicidade dos demais.”²⁵

Ouçamos o que disse o pacifista Russell numa entrevista à BBC, em 1959, quatro anos depois que Khrushchov, secretário-geral do Partido Comunista da URSS, enviou quatro emissários à reunião de 1955 dos Parlamentares Mundiais por um Governo Mundial, entidade criada por Russell. Os emissários soviéticos haviam elogiado publicamente Russell, em nome de Khrushchev, e haviam entabulado negociações subseqüentes com ele, em busca do condomínio nuclear promovido por criaturas das conferências de Pugwash, como Leo Szilard e o agente de influência do serviço exterior britânico Henry Kissinger:

BBC: É certo ou errado que, há alguns anos, o senhor propôs a guerra nuclear preventiva contra o comunismo, contra a Rússia Soviética?

Russell: É totalmente certo, e não me arrependo disto. Não era inconsistente com o que penso agora...Houve uma época, em seguida à guerra, na qual os estadunidenses tinham o monopólio das armas nucleares e ofereceram internacionalizar as armas nucleares por meio da proposta Baruch, e me pareceu que esta proposta era extremamente generosa, e que seria desejável que o mundo a aceitasse. Não é que eu defendesse uma guerra nuclear, mas eu pensava que se devia pressionar a Rússia para que aceitasse o Plano Baruch, e pensava que, se eles continuassem se negando a aceitá-lo, seria necessário ir à guerra. Naquela época, as armas nucleares só estavam nas mãos de um dos lados e, portanto, era mais provável que os russos cedessem. Eu esperava que eles cedessem...

BBC: Suponhamos que não tivessem cedido.

Russell: Eu pensava e esperava que os russos cedessem, mas, obviamente, não se pode ameaçar, a menos que se esteja disposto a cumprir as ameaças.”²⁶

Nessas e em outras declarações públicas de Russell, há três temas constantes: 1) um racismo tão virulento como o de Adolf Hitler; 2) um

25. Bertrand Russell, *The Impact of Science on Society*, Simon and Schuster, New York, 1953, pp. 102-104 (edição brasileira: *O impacto da ciência na sociedade*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979).

26. Citado em Bertrand Russell, *The Future of Science, and Self-Portrait of the Author*, Philosophical Library, New York, 1959, pp. 81-83.

ódio à moderna civilização européia, semelhante ao manifestado pelo ideólogo socialista aristocrático-feudalista John Ruskin; 3) o empenho obsessivo e utópico em mergulhar a Civilização numa paródia do feudalismo pré-renascentista, ou, às vezes, na barbárie pré-civilizada. Ninguém pode deixar de notar tais aspectos nas manifestações públicas de Russell, como os famosos títulos que citamos aqui.

Se, após a leitura das passagens relevantes de seus livros, ainda restassem dúvidas sobre o racismo de Russell, pode-se comparar o que ele publicou em 1923 com os comentários que fez em 1914 sobre os estadunidenses negros, em uma carta escrita a Ottoline Morrel, sobre a visita que fez aos EUA:

Eu acho a gente de cor amistosa e amável. Eles parecem sentir pelos brancos o mesmo afeto que um cachorro, a mesma confiança e o mesmo sentimento de inferioridade resignada. Não sinto nenhum afastamento por parte deles.²⁷

Os escritos de Russell estão impregnados de ódio à civilização européia dos últimos seis séculos, à maneira dos textos da Sociedade Pré-Rafaelista de John Ruskin. Seus livros *O problema da China*²⁸ e *Perspectivas da civilização industrial*, publicados em 1923, estão repletos de erupções da sua neurótica obsessão petulante a este respeito. Uma passagem do seu mencionado livro de 1951 constitui um exemplo típico de tais surtos. Nela, ele profetiza que, sob a influência de seus dogmas utópicos,

(...) os atuais centros populacionais urbanos e industriais ficarão abandonados e seus habitantes, caso ainda vivam, terão regressado ao árduo trabalho campesino de seus antepassados da Idade Média.²⁹

Entres os séculos 16 e 18, os banqueiros venezianos que definiam a política do governo inglês criaram um novo setor da aristocracia feudal e da nobreza financeira britânica moderna, das quais Russell e seus antepassados são exemplo. Em sua qualidade de herdeiro do título de conde de Russell e neto do mesmo lorde John Russell que foi cúmplice de Palmerston e dirigiu a insurreição dos Confederados contra os EUA de

27. Ver Ronald Clarke, *op. cit.*, p. 229.

28. Bertrand Russell, *The Problem of China*, The Century Co., New York, 1922.

29. Russell, *Impact...*, pp. 102-103.

Lincoln³⁰, o pré-nazista Bertrand Russell reflete sobre o seu ódio à civilização moderna, odiando os EUA com a mesma paixão “metternichiana” demonstrada nas últimas quatro décadas pelo agente da inteligência britânica Henry Kissinger³¹. O seguinte trecho do já citado livro de 1951 é exemplar:

(...) quando me tornei politicamente consciente, Gladstone e Disraeli ainda se enfrentavam em meio à estabilidade vitoriana, o Império Britânico parecia eterno, era inconcebível uma ameaça à supremacia naval britânica, o país era aristocrático, rico e cada vez mais rico... Para um homem de idade, com tais antecedentes, é difícil sentir-se à vontade num mundo de... supremacia estadunidense.³²

Tais idéias não eram peculiares a Russell. Elas eram plenamente compartilhadas pelo obstinado plebeu que foi chefe da inteligência exterior britânica, o fabiano H.G. Wells, que tinha aversão aos “Morlochs”, cúmplice de Russell e, às vezes, seu rival faccional³³. Não se tratam de simples atavismos aristocráticos; Wells era um homem cujas aspirações à condição social de picaresco são tão irrepreensíveis como as de outros desgraçados de mentalidade semelhante, como Adolf Hitler, herói do Congresso Eugênico de Nova York, em 1932³⁴, ou o Henry Kissinger que elaborou o programa nazistóide do “Memorando-Estudo de Segurança Nacional 200”, em 1974³⁵.

-
30. Ver “Lord Palmerston’s multicultural zoo”, *Executive Intelligence Review*, Vol. 21, No. 16, 15/4/1994, pp. 3-35. A matéria é constituída de nove artigos sobre o tema, baseados nas exposições feitas durante a conferência do Instituto Schiller e da Junta Internacional de Comitês Laborais, em 19-20 de fevereiro de 1994, em Washington.
31. Henry Kissinger, *A World Restored: Metternich, Castlereagh and the Problems of Peace 1812-1822*, Houghton Mifflin, Boston, 1957, *passim* (edição brasileira: *Um mundo restaurado*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973).
32. Russell, *Impact*, p. 108.
33. Os “morlochs” aparecem na novela de Wells, *A máquina do tempo*, publicada em 1895, na qual a raça humana futura se divide em duas espécies diferentes, os elóis, fisicamente belos e os monstruosos morlochs. Segundo o protagonista, que vive na época de Wells, “a ampliação gradual da diferença, hoje meramente temporal e social, entre os capitalistas e os trabalhadores, explica toda a situação”. O narrador assegura que os trabalhadores britânicos involuíram para a condição de bestas subterrâneas de maneira estritamente darwiniana. A idéia de Wells sobre a bestialidade essencial do homem é também tema central dos seus livros *A Ilha do Doutor Moreau* (1896) e *O homem invistível* (1897).
34. Tarpley e Chaitkin, *op. cit.*
35. Tal memorando, que deixou de ser secreto há pouco tempo, define a redução do crescimento da população do Terceiro Mundo, particularmente de algumas “nações-chaves”,

Essas idéias representam as forças do mal contra as quais este autor lutou nos anos 60, idéias que arrastaram um grande setor da juventude que participava do movimento contra a Guerra do Vietnã e da “contracultura” do rock, das drogas e da “libertação sexual”. Eram as idéias do “pacifista” Bertrand Russell e seus comparsas; eram também as idéias que muitos partidários da “nova esquerda” dos anos 60 atribuíram com razão aos seguidores da Escola de Frankfurt de George Luckacs, Herbert Marcuse, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt e seu ex-amante, o filósofo oficial nazista Martin Heidegger³⁶.

Elas eram também conhecidas como as idéias educativas de Kurt Lewin e de seus Laboratórios Nacionais de Treinamento (NTL), assim como dos ideólogos da Associação Nacional de Educação (NEA), que estavam sob a influência daqueles³⁷. De 1969 a 1971, esse setor da “nova esquerda” dos anos 60 foi reprogramado por seus mestres “reichianos” e de outras terapias de grupo, para que se convertesse na perversidade polimorfa da “Coalizão Arco-íris”, do início dos anos 70.

Muitos dos agora envelhecidos remanescentes do movimento juvenil da “contracultura” do rock, das drogas e da perversão sexual dos anos 60 entraram nos 70 convertidos à “Coalizão Arco-íris”, base de apoio da política demográfica nazista do Clube de Roma, derrotada na conferência da ONU em Bucareste, no verão de 1974³⁸. Hoje, depois de

como uma questão de segurança nacional para os EUA, pelo seu interesse nos recursos naturais destas nações, de modo que seus povos não consumam os recursos antes que os EUA possam necessitar deles. Ver “Implications of Worldwide Population Growth for U.S. Security and Overseas Interests”, National Security Study Memorandum 200 (NSSM-200), 10/12/1974 (inédito, pode ser consultado nos Arquivos Nacionais dos EUA, Washington, D.C.).

36. Sobre esses personagens da Escola de Frankfurt, ver Michael J. Minnicino, *op. cit.*
37. A história dos Laboratórios Nacionais de Treinamento, criados por Kurt Lewin, pode ser vista em Kurt Back, *Beyond Words: The Story of Sensitivity Training and the Encounter Movement*, Russell Sage, New York, 1972. Richard Freeman faz um exame mais crítico de Lewin em “Rockefeller’s Fascist Labor Policies”, *The Campaigner*, Vol. 7, No. 7, May 1974. As relações de Lewin com a Associação Nacional de Educação (NEA) são descritas no folheto “Will you Allow your Child to be Spiritually Molested?: Get the ADL-NEA Brainwashers out of the Schools”, publicado por *The New Federalist*, Leesburg, Virginia, agosto de 1993.
38. Helga Zepp-LaRouche encabeçou uma delegação da Junta Internacional de Comitês Laborais (ICLC), organização fundada por Lyndon LaRouche, para denunciar essa política nazistóide na própria conferência. Ver “Rockefeller Blasted at U.N. Meeting”, *The New Solidarity*, Vol. V, No. 42, 31/8/1974. Ver também Lyndon LaRouche, *The Power of Reason 1988*, Executive Intelligence Review, Washington, 1987, p. 289.

20 anos de desgaste, as fileiras das gerações anteriores à “nova esquerda”, que, em 1974, resistiram com sucesso àquela política, se reduziram. No momento em que a Conferência do Cairo da ONU ameaça o pouco que resta de decência moral no planeta, o número cada vez menor de portadores da herança moral da civilização européia está quase a ponto de ser superado pelas hordas multiculturalistas, que seguem as idéias satânicas de Bertrand Russell, Theodor Adorno e Martin Heidegger, filósofo de Adolf Hitler.

De onde Russell copiou suas idéias

Nas décadas de 20, 30 e 40, a menos que se houvesse estudado os textos de Russell anteriormente citados ou que se fosse um especialista em certos ramos da matemática, Bertrand Russell era visto como nada mais que um notório britânico excêntrico com uma inclinação para manifestações lascivas. Este autor passou a adolescência mergulhado nas controvérsias entre os principais filósofos ingleses, franceses e alemães dos séculos 17 e 18, antes de topar, no final dos anos 30, com uma das obras curtas de Russell. Desde então, e até meados dos 50, ele foi deixado de lado como trivial, um Voltaire em um dia tedioso.

Então, quase duas décadas após, os textos matemáticos e escritos correlatos de Russell foram examinados de maneira mais sistemática. No final dos anos 70, este autor se deu conta dos monstruosos efeitos da influência contínua de Russell. O efeito combinado de perceber a superficialidade de seu pensamento e as consequências perversas de sua influência levou à idéia de que, talvez, o caminho do inferno esteja pavimentado por trivialidades. Para ser mais preciso, o autor se deu conta de que a prática do mal com sucesso provoca o encolhimento das qualidades criadoras do intelecto, as quais colocam o indivíduo humano absolutamente aparte e acima de todas as espécies animais.

Para entender Russell, deve-se começar compreendendo que suas obras publicadas não contêm nada de veras original, afóra novidades do mesmo gênero das que se acham nas obras do marquês de Sade. Se limitarmos a discussão às questões essenciais, não há nele nada essencial que não seja uma repetição do que escreveu Jeremy Bentham, fundador do serviço de inteligência exterior britânico, há mais de 200 anos.

Entendido isso, já não nos assombra que a maldade consumada de Bertrand Russell, como a de seu inspirador Giammaria Ortes, se

apresente como um monte de sentimentos empiristas superficiais. Seu Mefistófeles é um britânico pedante e superficial, que recita partes das trivialidades de Bacon, Locke e Hume; é o Mefistófeles de Goethe no sótão de Auerbach, discorrendo hipocritamente sobre a natureza de uma pulga.

Por acaso, a natureza do mal é ilustrada por um engano que nos fizesse imaginar, seja por um momento, que um fantoche em escala natural, engenhosamente construído e programado, é um amigo íntimo que acreditávamos morto e que voltou a viver? Passado este momento, saboreamos a espantosa amargura de semelhante realidade virtual, a sensação do princípio do mal: que esse finíssimo fantoche, esse boneco de corda, demonstra o princípio do legendário *Schlemiel* do professor de Pádua Pietro Pomponazzi, um pobre autômato sem alma própria³⁹.

A visão mais clara do autor sobre Russell surgiu em meados dos anos 50, ao reconhecer que há uma perversidade peculiar envolta na enganosa superficialidade do que ele diz. Certo, toda a algaravia sentimental de Russell, em nome da filosofia ou das matemáticas, não é mais que um jorro de sofismas superficiais, em sua maior parte meras injúrias mesquinhas e maliciosas contra a reputação de Leibniz e Georg Cantor. Em comparação com Immanuel Kant, contra o qual o autor se digladiou na adolescência em defesa da *Monadologia* de Leibniz, o método filosófico de Russell consistia em parodiar toscamente os sofismas eleáticos que Platão atacou tão devastadoramente em seu diálogo *Parmênides*⁴⁰. Lendo alguns escritos dos cúmplices intelectuais de Russell, o autor compreendeu que o mote da maior parte de sua produção literária, bem como a de Carnap, Korsch e do patético Wittgenstein, todos eles malignos sofistas, era dizer um ao outro como eram diabolicamente hábeis. Esta trivialidade pedante também pode ser reconhecida como maldade.

Visto com objetividade rigorosa, Russell é um tedioso satânico. Precisamente nisto está a qualidade de monge veneziano que tornou Russell, da mesma forma que Giammaria Ortes no século 18, tão perigosamente influente entre aqueles cujo conceito psicosssexual próprio, deteriorado enquanto estudiosos, se coloca nas fantasias que se originam da cintura para baixo. É na influência dominante de Ortes no pensamento de seus contemporâneos britânicos Adam Smith, Jeremy Bentham e Thomas Malthus que se encontram os elementos fundamentais para

39. Ver a nota 2.

40. Platão, *Parmênides*, tradução de Carlos Alberto Nunes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1974.

entender Russell e sua peculiar influência sobre as maiores insanidades do século que finda.

Ele é exemplo de um *tipo*⁴¹ estéril, estritamente definível, de imperialista britânico que, coletivamente, não fez nenhum descobrimento original de princípio científico em 250 anos. Este *tipo* específico ganhou vida na camarilha ditatorial do famoso William Petty, segundo duque de Shelburne, na segunda metade do século 18⁴². Esta camarilha, conhecida como os radicais do “Partido Veneziano”⁴³ governou a Grã-Bretanha, o Império Britânico e, depois, a ONU até os nossos dias, desde a emergência

-
41. A palavra *tipo* é aqui usada no sentido empregado por Georg Cantor, ou seja, por exemplo, encontrar um número de acordo com o “princípio gerador” que governa tudo sempre que tal número ocorrer dentro da série. Para ilustrar melhor, consideremos a longitude da hipotenusa de um triângulo retângulo 3,4,5. Este “5” é inteiro, quer dizer, membro da série de números racionais? Claro que não, já que este “5” era conhecido dos gregos clássicos pelo teorema de Pitágoras, no qual a hipotenusa é um incomensurável, ou seja, um número quadrático “5,000...0...”, não o “5” da série dos inteiros. Nas matemáticas em geral, por exemplo, conhecemos mais de quatro espécies de cardinalidades: racional, algébrica, “não-algébrica” ou transcendental, e os *alefs*, desde *alef 1*, *alef 2*,... Cada uma destas espécies distintas de cardinalidades representa um princípio gerador diferente, um *tipo* diferente. O mesmo princípio se aplica também às comparações entre séries de acontecimentos ou entre séries de idéias.
42. William Petty, segundo conde de Shelburne (1737-1805), primeiro-ministro da Grã-Bretanha de 1º de julho de 1782 a 24 de fevereiro de 1783. Em sua qualidade de ministro do governo de Rockingham e depois como primeiro-ministro, organizou o primeiro tratado secreto de paz com os EUA e França, do qual uma das condições era a adoção da nova moda dogmática de Adam Smith, o “livre comércio”. Como primeiro-ministro, criou o serviço exterior britânico e colocou Jeremy Bentham como chefe do serviço britânico de inteligência estrangeira. Tornou-se o homem mais poderoso da Grã-Bretanha nas últimas décadas do século 18, mais ou menos desde que Jorge III subiu ao trono (1760). Foi o principal representante da Companhia das Índias Orientais e da casa bancária Barings, ou seja, do poder que sustentava William Pitt, o Jovem (primeiro-ministro em 1783-1801 e 1804-1806). Por razões históricas peculiares, é comum que os livros-texto omitam diligentemente o nome de Shelburne, quando se relatam os acontecimentos importantes da história britânica, precisamente, aqueles em que ele desempenhou o papel central. Por esta razão, é confundido às vezes com o também poderoso sir William Petty, seu avô, que viveu de 1623 a 1687 e foi importante personagem das décadas da Restauração Stuart. Além de ser o controlador de William Pitt, o Jovem e, segundo se diz, até do rei, Shelburne dirigia personagens como Adam Smith, Jeremy Bentham, Edward Gibbon e Thomas Malthus. Foi Shelburne que renovou a Grã-Bretanha, para que ela se tornasse um império mundial, tendo impresso na casta governante britânica a mentalidade radical às vezes denominada, de maneira despistadora, radicalismo filosófico britânico *do século 19*.
43. No campo da filosofia, o acontecimento mais célebre, que define a passagem do empirismo de Locke e dos liberais de Walpole ao radicalismo filosófico britânico, é o aberto rompimento de Immanuel Kant com seu antigo mentor, David Hume, como aquele o indica no prefácio à primeira edição de sua *Crítica da razão pura* e como esclarece

de lorde Shelburne, no decorrer da luta pela independência das colônias inglesas da América (1763-83), ocupando os níveis supremos do poder político real na monarquia imperial britânica. Bertrand Russell, enquanto viveu, foi um cão veneziano de pedigree do mesmo *tipo* de Shelburne.

Consideremos quatro das personalidades mais destacadas do radicalismo filosófico britânico do final do século 18, todos lacaios políticos da Companhia das Índias Orientais britânica: Adam Smith, o suposto economista; Jeremy Bentham, o primeiro chefe do serviço de inteligência exterior da Grã-Bretanha; Edward Gibbon, o historiador; e Thomas Malthus, o plagiador. Salvo Gibbon, todos copiaram as idéias que os tornaram famosos de um influente monge veneziano chamado Giammaria Ortes (1713-90). Não há nada na obra dos principais liberais britânicos do século 19 - James Mill, John Stuart Mill, Charles Darwin, William Jevons, Thomas Huxley, John Ruskin etc. - que não derive diretamente desses lacaios de Shelburne ou da obra de agentes do serviço de inteligência veneziano do século 18, como Ortes.

Por sua vez, não há nada essencial nos escritos de Russell que não provenha dessas fontes. Entenda o leitor isto e entenderá Russell. Entenda Russell desta maneira e entenderá os últimos 600 anos da história européia e mundial; e, então, começará a entender os aspectos mais importantes do século que finda.

Eis o exemplo de Malthus. Seu famoso livro de 1798, *Ensaio sobre a população*⁴⁴ não foi senão uma versão expurgada do livro de Giammaria Ortes *Riflessioni sulla popolazione delle nazione* (Reflexões sobre a população das nações), publicado em 1790⁴⁵. Por sua vez, Charles Darwin

em seus *Prolegômenos a uma metafísica do futuro*. Embora, na construção de seu empirismo, John Locke fosse formalmente um positivista radical, como foram anteriormente Francis Bacon e Thomas Hobbes, Locke moderou a sua política com um cauteloso respeito aos costumes. Também David Hume adotou inicialmente tal posição. Neste assunto, Kant seguiu a Locke e ao Hume relativamente mais jovem. Na *Crítica da razão prática*, especialmente na seção final, "A dialética da razão prática", mostra a sua adesão a esta linha. Mais tarde, quando Hume modificou as suas idéias sobre os costumes para adotar um ponto de vista mais radical, assemelhado ao de Ortes, Adam Smith e Bentham, Kant viu-se forçado a romper abertamente com ele. Falarei mais a esse respeito. O rompimento de Kant com Hume define a singularidade que separa o velho empirismo de Locke do radicalismo filosófico britânico dos lacaios de Shelburne, assim como da família Huxley e de Russell. Ver a Nota 154.

44. Thomas R. Malthus, *An Essay on Population* (1798), E.P. Dutton and Co., New York, 1960 (edição brasileira: *Um ensaio sobre a população*, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1996).
45. Giammaria Ortes, *Riflessioni sulla popolazione delle nazioni per rapporto all'economia nazionale* (Veneza, 1790). Os escritos econômicos de Ortes, entre ou-

admite que suas agora célebres idéias brotaram da superposição arbitrária do livro de Malthus com a desventurada biologia⁴⁶. Ortes, por sua vez, tomou emprestada a idéia, não somente de um berlinense contemporâneo, Maupertuis⁴⁷, mas também de um veneziano do século 16, chamado Giovanni Botero⁴⁸. Estritamente falando, nenhum destes trabalhos se pode considerar de veras original: a doutrina já havia sido expressa, com todos os detalhes, como política demográfica, nos decretos do imperador romano Diocleciano⁴⁹.

A mesma dívida com Ortes têm o livro de Adam Smith *Teoria dos sentimentos morais*, de 1759, e todo o outro, *A riqueza das nações*⁵⁰.

tros, foram reimpressos em *Scrittori classici italiani di economia politica*, P. Custodi (ed.), G.G. Stefanis, Milano, 1803-16. Mais sobre Ortes nas notas 56, 85 e 241.

46. Darwin escreve, em sua autobiografia: "Em outubro de 1838 - ou seja, 15 meses depois de ter iniciado os meus estudos sistemáticos -, aconteceu que, por passatempo, li o livro de Malthus sobre população e, bem preparado como estava, a partir de minhas prolongadas observações dos hábitos dos animais e das plantas, para apreciar a luta pela existência que ocorre em todas as partes, de imediato me ocorreu que, nestas circunstâncias, as condições favoráveis tenderiam a conservar-se e as desfavoráveis a destruir-se. O resultado disto seria a formação de novas espécies. Tinha por fim uma teoria com a qual trabalhar." Citado em Christopher Ralling, *The Voyage of Charles Darwin*, Mayflower Books, New York, 1979, p. 169.
47. Pierre-Louis Moreau de Maupertuis (1698-1759). Matemático e astrônomo francês, membro da Academia de Ciências (1723), introduziu na França a doutrina da gravitação de Newton (1731). Reorganizou a Academia de Ciências de Berlim a partir de 1744 e foi seu presidente de 1746 a 1759. Causou controvérsia pública quando apresentou como descoberta própria o "princípio de ação mínima" de Leibniz, nos trabalhos "Pesquisa sobre as leis do movimento" (1746) e "Ensaio sobre a cosmologia" (1750). Seu "Ensaio de filosofia moral" (1749), contém o "cálculo hedonista" adotado por Ortes e depois por Bentham.
48. Giovanni Botero, *Della ragion di stato* (1588, traduzido para o inglês em 1606). Ver o apêndice "Das causas da grandeza e magnificência da cidade", onde expõe a sua teoria da população. Botero foi personagem dos círculos do famoso Paolo Sarpi. Além da sua teoria da população, é célebre pelos ataques que fez à obra de Nicolau Maquiavel, em seu trabalho *De regia sapientia* (1581).
49. Os decretos de Diocleciano e outros imperadores podem ser vistos no *Codex Theodosianus: Theodosiani Libri XVI cum Constitutionibus Sirmondianis*, editado por T. Mommsen (Weidmann, Berlin, 1962). Os desastrosos resultados das medidas de Diocleciano são relatados em Tenney Frank, *An Economic History of Rome*, Johns Hopkins, Baltimore, John Hopkins, 1927, cap. XXII. Ver também Stephen Williams, *Diocletian and the Roman Recovery*, Methuen, New York, 1985.
50. Adam Smith, *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776); *The Wealth of Nations*, R.H. Campbell and A.S. Skinner (eds.), Oxford University Press, London, 1979 (edição brasileira: *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, Editora Hemus, São Paulo, 1981; também na Coleção Os Pensadores, Editora Abril, São Paulo, 1983).

A influente obra de Ortes sobre economia, pela qual foi elogiado pelo agente de influência britânico Karl Marx⁵¹ é o seu segundo livro sobre o tema, *Della economia nazionale libri sei* (Sobre a economia nacional - livro seis), publicado em 1777. Maior importância tem o livro de Bentham *Princípios de moral e de legislação*⁵², sua exposição do que se denomina “cálculo do gozo” ou, de maneira mais explícita, “cálculo hedonista”. A obra de Bentham se deriva inteiramente dos trabalhos publicados de Ortes. Todo o radicalismo filosófico britânico, aproximadamente desde 1760 até hoje, se baseia na influência específica dessa noção de “cálculo hedonista”, idéia positivista radical de que todas as idéias e relações sociais são suscetíveis de serem representadas por funções algébricas lineares, inspiradas, como sublinha Ortes, nos métodos matemáticos de Galileu e Newton.

Na Grã-Bretanha do século 19, o “cálculo hedonista” ortesiano era conhecido como “utilitarismo” e como a doutrina da “utilidade marginal” de John Stuart Mill, William Jevons etc. A mais famosa das obras matemáticas de Russell *Principia Mathematica*⁵³, que escreveu com Whitehead, é uma aplicação do mesmo dogma positivista radical à aritmética. Aqui, cabe ressaltar que a “teoria da informação” de Norbert Wiener e as doutrinas econômicas de John von Neumann representam a mesma forma radical do princípio hedonista, levado ao extremo da loucura ambulatória, a chamada “teoria do caos” do *sábio idiota* matemático⁵⁴.

Londres como “A Nova Veneza”

A influência de Ortes na configuração da mentalidade das instituições imperialistas britânicas, criadas pela eminência parda de lorde

-
51. Karl Marx, *Capital*, Vol. I, Progress Publishers, Moscow, 1965 (edição brasileira: *O capital*, 3 vols., Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968-74).
 52. Jeremy Bentham, *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* (1789), Hafner Publishing Co., New York, 1970 (edição brasileira: *Introdução aos princípios de moral e legislação*, Coleção Os Pensadores, Editora Abril, São Paulo, 1984).
 53. Bertrand Russell e Alfred North Whitehead, *Principia Mathematica* (1910), Cambridge University Press, New York, 1968-73.
 54. Nenhum matemático que entenda o significado do princípio de cardinalidade para definir os tipos matemáticos transfinitos cairia no disparate de principiante da chamada “teoria do caos”. Em qualquer instituição bem ordenada, a proposição do aluno de que a cardinalidade deveria desaparecer com a aparição de um *alef-zero* conferiria este zero ao infrator. Daí, a expressão apropriada de “sábio idiota”.

Shelburne nos bastidores do trono, refletiu a posição de Ortes como um dos personagens principais no que algum futuro historiador britânico poderia sentir-se inclinado a chamar “o jardim de infância (*kindergarten*) de Conti”, antecessor do chamado “jardim de infância” de lorde Milner, Halford Mackinder e H.G. Wells, que arquitetou a Primeira Guerra Mundial⁵⁵.

O abade Antonio Conti (1677-1749), um nobre veneziano, foi um importante diretor de operações de inteligência a serviço de Veneza, tendo atuado na França, Alemanha e Inglaterra durante a maior parte de sua vida adulta. Conti é um dos personagens mais importantes cujo papel não pode ser omitido em nenhum estudo competente das mudanças decisivas do século 18.

Conti organizou uma famosa tertúlia de agentes venezianos, na qual as operações eram coordenadas⁵⁶. Enquanto Conti vivia, Giammaria Ortes foi um dos agentes mais importantes em atividade no grupo. Posteriormente, mas enquanto Ortes ainda vivia, dois dos elementos mais famosos do bando foram o célebre Giacomo Casanova (1725-98) e o conde Alessandro Cagliostro (1743-95)⁵⁷. Após as mortes de Ortes,

-
55. Ver H.G. Wells, *Experiment in Autobiography*, Little, Brown, Boston, 1962, para as suas relações com Mackinder e Milner. O trabalho conjunto de Wells, Milner e Mackinder com o “Clube dos Coeficientes” da Sociedade Fabiana é examinado em Carol White, *op.cit.*, *passim*.
56. A tertúlia de Conti, Emo, Memmo e Ortes, a “conversação filosófica e feliz”, que também controlava Casanova, é descrita em Piero del Negro, “Giammaria Ortes, il Patriziato e la Política di Venezia”, em *Giammaria Ortes: un “filosofo” veneziano del Settecento* (Convegno internazionale di studio promosso dalla Fondazione Giorgio Cini con la collaborazione della Società italiana di studi del secolo XVII di Roma e dell’Università degli studi di Venezia, convegno svolto all’idola di san Giorgio Maggiore nei giorni 14 e 16 dicembre 1990), L.S.Olschki, Firenze, 1993, pp. 125-182. Os escritos de Conti estão em sua obra *Scritti filosofici*, F.Rossi, Napoli, 1972; e em *Prose e poesie*, 2 vols. (Venezia, 1756). Quanto à influência de Conti sobre Ortes, ver Mauro di Lisa, “Chi mi as dir s’io fingo’, Newtonianesimo e scetticismo in Giammaria Ortes”, *Giornale critico della filosofia italiana*, LXVII (1988), pp. 221-233.
57. Giacomo Casanova foi oficialmente um agente a soldo da inteligência veneziana, a quem seus chefes e patrocinadores - como Andrea Memmo, da tertúlia de Conti, Francesco II Lorenzo Morosini, procurador de São Marcos, e o senador Matteo Giovanni Bragadin - encarregaram principalmente de trabalhar contra a França. Sua principal patrona foi madame Jeanne Camus de Pontcarré, marquesa de Urfé e amante do duque de Orléans, quando este foi regente da França. Um dos agentes de Casanova parece ter sido o cardeal de Bernis, o diplomata que negociou a aliança austríaca de Luís XV, na revolução diplomática de 1756. Sobre Casanova, ver John Masters, *Casanova*, Bernard Geis, New York, 1969; James Rives Childs, *Casanova: A Biography Based on New Documents*, Allen and Unwin, London, 1961; e Edouard Maynial, *Casanova and his*

Cagliostro e Casanova, na década de 1790, a continuidade dos projetos de Conti foi mantida graças ao mais famoso agente veneziano da época, o conde Giovanni Capodistria, personagem que controlava o embaixador russo Nesselrode e o príncipe Metternich no Congresso de Viena de 1814-15⁵⁸.

Situemos nesse lapso de 1688 a 1818 o celibatário veneziano Giammaria Ortes, “pai” de Bertrand Russell (e de muitos outros como ele). Consideremos a tertúlia de Conti e suas conseqüências desastrosas. Este foi o período crítico da História moderna, no qual a Londres do século 17 se transformou na capital de um emergente império mundial. Foi neste período que a França, que até 1815 foi a primeira nação européia em ciência e economia⁵⁹, ficou meio destruída pela conspiração veneziana urdida para eliminá-la, enquanto ameaça ao surgimento do futuro poder imperial britânico. Foi também o período no qual os EUA surgiram para oferecer um novo modelo de Estado nacional republicano soberano, que, primeiro como inspiração e, depois, como ameaça estratégica direta, poderia ter destruído o emergente império de Londres⁶⁰. Este é o período da História moderna do qual se derivam todas as idéias subjacentes de Bertrand Russell, Margareth Thatcher etc., até hoje. É o período no qual se elaborou o conjunto de idéias que, entre outras conseqüências, despachou o “Enola Gay” para criar o inferno na Terra, naquele trágico

Time, Chapman and Hall, London, 1911. O conde Cagliostro, Giuseppe Balsamo, nascido na Sicília, foi o principal instigador do chamado escândalo do colar da rainha (1785-86), que envolveu o cardeal príncipe de Rohan, entre outros, num escandaloso processo público que arruinou a reputação da rainha Maria Antonieta e que, segundo a opinião de Napoleão Bonaparte, foi o início da Revolução Francesa de 1789. Ver François Ribadeau Dumas, *Cagliostro*, Orion Press, New York, 1966; John Hardman, *Louis XVI*, Yale University Press, London, 1993.

58. A respeito do conde Giovanni Antonio Capo d' Istria (Capodistria) (1776-1831) no Congresso de Viena, ver C.K. Webster, *The Congress of Vienna*, Oxford University Press, London, 1919. Quanto à sua carreira posterior, ver Wilhelm Schwarz, *Die Heilige Allianz*, Stuttgart, 1935; e Alfred Stern, *Geschichte Europas seit den Verträgen von 1815 bis zum Frankfurter Frieden von 1871*, W. Hertz, Berlin, 1894-1924.
59. G.W. Leibniz, *Sämtliche Schriften und Briefe*, Preussischen Akademie der Wissenschaften, Reichl, Darmstadt, Reihe 4, *Politische Schriften*, Vol. 1. Depois de sua viagem a Paris e seu contato com a Academia de Ciências, Leibniz passou a dizer amizade que a ciência e a economia da França de Colbert eram, de longe, as mais avançadas do mundo.
60. Henry Kissinger, “Reflections on a Partnership: British and American Attitudes to Postwar Foreign Policy”, discurso pronunciado no RIIA (Instituto Real de Assuntos Internacionais), Chatham House, Londres, 10 de maio de 1982 (inédito, disponível no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, Washington). Kissinger repassou as diferenças filosóficas irremovíveis entre os EUA e a Grã-Bretanha e disse que, nestas questões, ele

dia do verão de 1945.

Como sugerimos acima, para entender esse vóo, temos que entender as tendências políticas deste século, nas quais se geraram um acontecimento deste “tipo”. Para entender as correntes que deram forma à política britânica deste século, temos que conhecer a origem e o desenvolvimento dessas idéias e sua influência desde a segunda metade do século 18. Para compreender como germinou, sob a batuta de Shelburne, essa corrente empirista radical do pensamento político britânico, temos que entender a interação entre estas correntes britânicas e as influências que receberam, aproximadamente, entre 1688 e 1818. Assim mesmo, para compreender a influência veneziana sobre os liberais britânicos, de Locke a Bentham, Pitt, Castlereagh, Canning etc., temos que situar tais acontecimentos inter-relacionados neste período como um “tipo” de acontecimento dentro da História moderna.

Assim sendo, situemos brevemente o período 1688-1818 e regressemos a Conti e companhia.

Por razões dadas mais adiante, por “História moderna” deve-se compreender a época que começa com o surgimento do que se denomina Renascimento⁶¹. Dentro dos quase 600 anos da História moderna, o período que vai, aproximadamente, de 1688-89 até os chamados decretos

apoiava a perspectiva política britânica. “A política britânica (na Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra) se baseia em dois séculos de experiência com o equilíbrio do poder na Europa; os EUA, em dois séculos de rechaça-la...A Grã-Bretanha raras vezes proclamou absolutos morais ou colocou a sua fé na eficácia final da tecnologia...Filosoficamente, a Grã-Bretanha continua sendo hobbesiana...A política exterior dos EUA é fruto de uma tradição muito diferente...Criamos uma nação conscientemente dedicada a verdades ‘auto-evidentes’ e, na maior parte do discurso público estadunidense, se têm por indiscutível que a nossa participação...no mundo pode ser guiada exclusivamente por preceitos morais.” Mais adiante, Kissinger se queixou amargamente de que “os estadunidenses, de Roosevelt em diante, crêem que os EUA, com seu legado ‘revolucionário’, eram o aliado natural dos povos em luta contra o colonialismo; podíamos ganhar a lealdade dessas novas nações opondo-nos e, às vezes solapando, os nossos aliados europeus nas regiões do seu domínio colonial. Churchill, certamente, resistiu a essas pressões estadunidenses.” Ver as notas 17 e 87.

61. Embora as instituições do Renascimento tenham sido formalmente fundadas na vitória ecumênica dos círculos de Nicolau de Cusa e do futuro papa Pio II, no Concílio de Florença, em 1440, o Renascimento foi fruto de um processo de revivificação iniciado principalmente pelos seguidores de Dante Alighieri, como Petrarca de Avignon, ao longo do século anterior. Temos que considerar o lapso transcorrido entre a explosão da bolha financeira veneziana, em meados do século 14, e o Concílio de Florença, como um período de transição do velho às portas do novo. Neste sentido, a História moderna começa com a transição das reuniões conciliares anteriores a 1439, como a de Constanza, ao Concílio renascentista de Florença.

de Carlsbad, do período pós-Congresso de Viena, se distingue como uma fase diferente, durante o qual Veneza viveu a sua última fase como Estado, um Estado que exercia ainda um gênero peculiar de poder mundial, por meio de sua diplomacia, seu serviço de inteligência exterior e sua posição ainda central no domínio das finanças internacionais. Esta é Veneza, desde a época em que invadiu o Peloponeso⁶² até o papel preponderante de seu agente, conde Giovanni Capodistria, no Congresso de Viena de 1814-15 e no período subsequente⁶³.

Conti manteve a longa tradição veneziana de desestabilizar por dentro a Europa Ocidental, tradição que remonta à época de Carlos Magno. As questões imediatas das quais Conti se ocupou estão bem representadas nos acontecimentos da História moderna ocorridos em seu tempo. Não obstante, para entender o novo, temos que identificar a queda do velho.

Há seis séculos e meio, a economia da Europa afundou no que os historiadores qualificam como uma “nova idade das trevas”, que foi o pior desastre econômico e demográfico da Europa desde a queda do Império Romano, mais ou menos desde a época do imperador Diocleciano, por exemplo⁶⁴. Esta “nova idade das trevas” teve as suas raízes na chamada “quarta cruzada”, que começou por volta do ano 1204. Por meio deste conflito, Veneza utilizou o pretexto da cruzada para conquistar e saquear sua antiga patrona e principal rival, Constantinopla, iniciando a prolongada ocupação da região pelo reino latino⁶⁵. A partir daí, Veneza emergiu convertida na potência mais importante do mundo mediterrâneo e usou tal poderio como alavanca para se apoderar de toda a Europa Central e Ocidental, mediante a usura e formas concomitantes de corrupção.

Na fase final do reinado da casa governante do Sacro Império

-
62. Segundo os historiadores, os venezianos ganharam o ódio de suas vítimas gregas no decurso das guerras de conquista travadas por Veneza, de 1645 a 1699, contra as fronteiras vulneráveis da decadente dinastia otomana, a quem os mesmos venezianos haviam ajudado a conquistar Constantinopla, em 1453. Da Quarta Cruzada em diante, saquear os remanescentes maltratados do Império Bizantino foi uma atividade veneziana intermitente. Durante a invasão do Peloponeso, os explosivos das forças venezianas deixaram o Partenon ateniense em ruínas.
63. Depois de trabalhar para os serviços diplomático e de inteligência de Veneza na Rússia e na Suíça, Capodistria terminou sua vida como governador, com aprovação britânica, das regiões gregas ditas liberadas.
64. Vej a nota 49.
65. Sobre Enrico Dandolo e a Quarta Cruzada, ver John Julius Norwich, *A History of Venice*, Alfred Knopf, New York, 1982, p. 122ss. Cf. Frederick Lane, *Venice: A Maritime Republic*, Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1973.

Romano, Frederico II e seu filho Conrado, Veneza empregou a sua supremacia marítima acumulada, seu domínio do comércio e da banca e seu crescente domínio sobre a Itália, para orquestrar a guerra e o saque usurário por toda a Europa Ocidental e Central, ao mesmo tempo em que seus amigos mongóis ameaçavam toda a Europa pelo Leste⁶⁶. De meados do século 13 à época em que a Peste Negra se propagou pela Europa Ocidental, um século depois, a Europa entrou numa decadência demográfica e econômica cada vez mais acelerada. Das estatísticas sociais e outros indícios do período, se depreende que a população européia se reduziu aproximadamente à metade, pela fome e pelas enfermidades causadas pela decadência econômica, ainda antes da irrupção da pandemia da Peste Negra⁶⁷. O principal aspecto desse cenário foi a utilização da usura dos banqueiros lombardos, coordenados por Veneza, para ganhar imensos lucros com a guerra intestina que a própria Veneza orquestrou em toda a Europa⁶⁸.

Entretanto, em meados do século 14, muito do poder de Veneza se desintegrou de forma abrupta, como resultado da explosão repentina da pior bolha financeira especulativa e de dívida da História, até a época atual. As conseqüências da desintegração do sistema financeiro europeu, controlado por Veneza, se agravaram com a chegada da Peste Negra, que se propagou graças à insalubridade reinante e a outras condições que reduziram as defesas biológicas das pessoas, proporcionadas por um enredo de guerras e usura, orquestrado por Veneza nos cento e poucos anos de decadência econômica européia, que se seguiram ao auge atingido sob os imperadores Stauffer, de Frederico I (“Barbarroxa”) a

-
66. Em sua *History of the Business Man*, Macmillan, New York, 1938, Miriam Beard escreve: “(...) quando Gêngis Cã reinava da Coréia à Pérsia, os mongóis estendiam o seu colossal império até o Ocidente...a cada passo, os generais mongóis se informavam antecipadamente sobre a situação das cortes européias e se inteiravam de quais pleitos e desordens seriam vantajosos para as suas conquistas. Este valioso conhecimento era obtido dos mercadores venezianos, homens como o pai de Marco Polo. Entende-se, por isso, que o próprio Marco Polo tenha sido bem recebido na corte de Kublai Cã, chegando, por certo tempo, a trabalhar como administrador do Grande Cã” (p. 105). Ver também B.H. Liddell Hart, *Great Captains Unveiled* (London, 1927), sobre o papel dos venezianos como “serviço de inteligência dos mongóis”.
67. Barbara Tuchman, *A Distant Mirror: The Calamitous Fourteenth Century*, Alfred A. Knopf, New York, 1978 (edição brasileira: *Um espelho distante: o terrível século 14*, José Olympio Editores, Rio de Janeiro, 1990)
68. Sobre as cruzadas, ver Stephen Runciman, *A History of the Crusades*, 3 vols., Cambridge University Press, London, 1951-54. Ver também Jonathan Riley-Smith, *The Crusades: A Short History*, Yale University Press, New Haven, 1987; e Hans Eberhard Mayer, *The Crusades*, Oxford University Press, New York, 1988.

Frederico II⁶⁹.

Como ocorreu em cada caso parecido na História passada e moderna, a explosão medieval da bolha lombarda de dívidas causou a queda correspondente do poder das grandes famílias oligárquicas que, aliadas de Veneza, haviam usufruído de um poder praticamente sem rival, nos cento e poucos anos precedentes. Ao mesmo tempo, o Papado se viu à beira da desintegração, em consequência dos efeitos acumulados dos manipulações corruptoras dos venezianos entre as rivalidades feudais⁷⁰.

Nessas circunstâncias de tragédia clássica⁷¹, as forças do Renascimento galgaram posições de crescente influência. A sua alma foram as redes estabelecidas por Dante Alighieri e continuadas por Petrarca. Desde os séculos 15 e 16 até os nossos dias, a história da Europa e, em seguida, de todo o planeta, tem sido dominada por um feroz conflito entre as forças do bem, o Renascimento, e as forças do mal, as redes oligárquicas das poderosas famílias aliadas de Veneza, que se sustentam da usura.

Se concedermos que há óbvias diferenças qualitativas entre a História medieval e a moderna, será que existe uma linha divisória bem definida entre as duas? Elas se confundem uma com a outra,

-
69. Sobre Frederico I “Barbarroxa”, ver Helmut Hiller, *Friedrich Barbarossa und seine Zeit*, List, Munich, 1977; e Peter Munz, *Frederick Barbarossa: A Study in Medieval Politics*, Eyre and Spottiswoode, London, 1969. Sobre Frederico II, ver *Stupor Mundi, zur Geschichte Friedrichs II von Hohenstaufen*, Darmstadt, 1992; e Georgina Masson, *Frederick II of Hohenstaufen: A Life*, Octagon Books, New York, 1973.
70. Os venezianos manipularam as guerras da Liga Lombarda contra Frederico I (batalha de Legnano, 1176) e as guerras de Carlos de Anjou contra Frederico II e seus herdeiros (batalha de Benevento, 1266). Veneza desempenhou também um papel central no desencadeamento da Guerra dos 100 anos (1339-1453), entre a Inglaterra e a França, iniciada pelo rei Eduardo III da Inglaterra, aliado de Veneza. Sobre o “cativo babilônico” do Papado em Avignon, ver Guillaume Mollat, *The Popes at Avignon (1305-1378)*, Harper and Row, New York, 1965; e Yves Renouard, *Avignon Papacy, 1305-1403*, Faber, London, 1970.
71. Por “tragédia clássica” nos referimos a obras como o *Prometeu acorrentado* de Ésquilo e aos princípios da tragédia estabelecidos por Friedrich Schiller. As idéias de Schiller são expostas em “On the Use of Chorus in Tragedy”, *Fidellio*, Vol. II, No. 1, Spring 1993, pp. 60-64. Ver também “Über den Grund des Vergnügens an tragischen Gegenständen” e “Über die tragische Kunst”, in *Friedrich von Schiller, Sämtliche Werke in sechs Bänden*, Phaidon Verlag, Stuttgart, 1984, Vol. 5, pp. 127-162. Ver também “On the Pathetic” e “On the Sublime,” in *Friedrich Schiller, Poet of Freedom*, Vol. III, editado por William F. Wertz, Jr. (Schiller Institute, Washington, 1990). As idéias de Friedrich Schiller sobre o papel do *punctum saliens* (ponto principal) na tragédia, podem ser vistos na “Introdução” à sua *History of the Revolt of the United Netherlands Against Spanish Rule*, no mesmo volume, pp. 177-191.

gradualmente, por um período prolongado, em que se pode dizer com justiça que a História tem um pouco das duas qualidades, ou há uma linha divisória nítida, alguma singularidade demonstrável, alguma diferença de princípio gerador, que se situe em um período da História antes do ponto divisório e faça do seguinte um período histórico novo? Se há um ponto divisório demonstrável, como e quando, em que ponto singular de descontinuidade começa a História moderna?

A História moderna sucedeu a História medieval no momento em que se fundaram as instituições que distinguem uma da outra. Isso ocorreu quando o patriarca Isidoro e outros representantes da Igreja Oriental presentes ao Concílio de Florença, aceitaram o argumento de Nicolau de Cusa e as provas correspondentes de que a expressão latina *Filioque* do credo estava implícita na compreensão dos primeiros concílios da Igreja única⁷².

De acordo com as circunstâncias em que esse concílio ecumênico foi congregado e foi obtida a unificação dos diferentes ritos⁷³, o acordo racional dos diferentes ritos, em aceitar a verdade subjacente no princípio latino do *Filioque*, produziu a aceitação *implícita* dos princípios subjacentes às novas instituições do Estado nacional republicano legítimo e do progresso científico, enquanto mandato conferido às novas repúblicas.

Desde 1440, ano em que se lançaram as bases dessas novas instituições, Veneza, que era a principal representante das antigas instituições, declarou guerra às novas. A luta entre a herança do Renascimento e a tradição de Veneza é o conflito característico da civilização européia, desde aquela época até os dias de hoje.

Quais foram essas instituições novas? Há duas características principais do ponto singular que separa a existência humana anterior a 1400 e a história moderna: 1) o conceito de Estado nacional republicano moderno, regido pelo direito natural, conforme os organizadores do Concílio de Florença entendiam os princípios cristãos do direito natural⁷⁴; 2) a posição central conferida ao fomento do progresso técnico-científico

72. Ainda que por somente 13 anos, até que a tráfda Constantinopla foi saqueada pelos otomanos, em 1453.

73. Ver Helga Zepp-LaRouche, "Nicolaus of Cusa and the Council of Florence", *Fidelio*, Vol. I, No. 2, Spring 1992, pp. 17-22, para uma exposição das provas obtidas por Nicolau de Cusa de documentos gregos que reuniu durante a sua visita a Bizâncio e ofereceu ao Concílio.

74. As duas obras mais importantes que devem ser consultadas para se entender o conceito de Estado nacional republicano moderno, sujeito ao direito natural, são: Dante Alighieri, *Monarquia*, Clássicos Jackson, Vol. XXVI, "Pensadores italianos", W.W. Jackson Inc.

entre as funções moralmente obrigatórias desta forma nova de Estado⁷⁵

A mera adesão a essas novas instituições, fora da minoria importante da civilização européia, fez da existência das mesmas um princípio eficiente de interação dentro da cultura européia em sua totalidade⁷⁶. Para expressar o mesmo argumento medular em outras palavras: a sua existência enquanto instituições, em qualquer parte da Europa, mudou o que havia antes, até que toda a Europa teve que adaptar a sua conduta a este fator eficiente. Para enfatizar, de outro modo: já que estas mudanças institucionais aumentaram o ritmo de desenvolvimento do poderio *per capita e por quilômetro quadrado* da Humanidade sobre a natureza, só a sua presença bastou para mudar o caráter de cada parte do processo histórico com o qual elas interagiram. Tal interação começou praticamente no momento em que se lograram os acordos ecumênicos correspondentes no Concílio.

Por exemplo: Veneza compreendeu com precisão que os acontecimentos do Concílio representavam uma ameaça relativamente imediata aos interesses mais vitais da oligarquia financeira e ao seu Estado, respondendo com ações como recrutar como aliados, entre outros, Escolário do Monte Athos (a “Montanha Sagrada”) contra os Paleólogos e o Papado, além de atrair Moscou para o seu lado⁷⁷.

Editores, Rio de Janeiro, 1952; e Nicolau de Cusa, *Concordantia Catholica* (traduzido para o inglês por Paul E. Sigmund, como *The Catholic Concordance*, Cambridge University Press, Cambridge, 1992).

75. Sobre a fundação da ciência moderna, as obras decisivas são de Nicolau de Cusa: *La docta ignorantia*, Aguilar Argentina SA, Biblioteca de Iniciación Filosófica, Buenos Aires, 1981.
76. Do ponto de vista formal, isto é análogo ao efeito de uma mudança axiomática revolucionária no conjunto de axiomas e postulados, que definem o princípio gerador que subentende um *tipo* específico de rede formal de teoremas. Semelhante mudança de axioma (ou postulado) revoluciona o princípio gerador de tal maneira que os teoremas, aparentemente semelhantes da nova rede implícita, não guardam congruência alguma com nenhum dos teoremas possíveis da rede velha.
77. Quando Isidoro de Kiev, que foi o delegado russo ao Concílio de Florença, tentou proclamar em Moscou a unidade da cristandade, teve a sorte de escapar vivo da fúria do Grande Príncipe Vassili, o Cego. A história de Isidoro é relatada em *Second Sophia Chronicle: The Tale of Isidore's Council* e *Selections from the Holy Writings Against the Latins and the Tale about the Composition of the Eighth Latin Council*, como se pode ver em *EIR Special Report: Global Showdown* (EIR, Washington, 1985), pp. 87-89. A versão ortodoxa se encontra em Ivan Ostroumoff, *The History of the Council of Florence*, Holy Transfiguration Monastery, Boston, 1971, pp. 182-184. Treze anos depois do Concílio, Constantinopla caiu nas mãos dos otomanos. Estes foram ajudados por Escolário, que persuadiu os gregos a não se unirem para defender a cidade. Em recompensa por esta traição aos seus compatriotas gregos, os otomanos dedicaram um

De maneira semelhante, a Europa, transformada pela influência em cadeia das novas instituições do Concílio, quase acaba fisicamente com Veneza, pela ação da Liga de Cambrai. *Toda a história europeia, de 1440 até hoje - o conflito essencial dentro da civilização europeia e, por extensão, da mundial - tem sido as tentativas de Veneza e seus partidários faccionais de destruir a forma de Estado nacional soberano e a cultura que emergiram do Concílio de Florença de 1439-40.*

Embora Veneza tenha sido bem sucedida em frustrar as tentativas de fundação dessa forma de Estado nacional na própria Itália, a primeira iniciativa bem sucedida se deu na França de Luís XI, que, aproximadamente, duplicou a renda per capita do país durante o seu reinado e derrotou seus principais adversários neste período, da Inglaterra e Borgonha até a Espanha. O êxito de Luís XI iniciou uma reação em cadeia de tentativas de criação de Estados nacionais segundo tal modelo, na Inglaterra de Henrique VII e em outras partes, com a ajuda de seguidores de Nicolau de Cusa, como Erasmo e o movimento oratoriano, do qual Erasmo e Rafael Sanzio foram personalidades destacadas.

O aumento do poderio per capita sobre a natureza, fomentado por essas novas instituições do Renascimento, produziu adversários perigosamente poderosos, que impediram que Veneza tivesse caminho livre para voltar a desfrutar do poder que tivera antes na região do Mediterrâneo, antes da explosão da grande bolha da dívida de meados do século 14. Na verdade, os adversários da maligna Veneza, dirigidos pela aliança entre França e o Vaticano, estiveram a ponto de acabar com Veneza, no início do século 16.

Veneza sobreviveu corrompendo seus adversários, fazendo-os lutarem entre si, o que acabou com a Liga de Cambrai⁷⁸. Não obstante, em 1582, uma facção de Veneza, dirigida por um certo Paolo Sarpi, escolheu Londres como capital de um novo império veneziano⁷⁹. Os venezianos entendiam e argumentaram que a cidade não podia defender

pouco de seu tempo, compartilhado com Veneza, a repartir os restos da Grécia conquistada e nomearam Escolário representante religioso de toda a população não-muçulmana do Império Otomano.

78. Sobre a Liga de Cambrai, ver Felix Gilbert, *The Pope: His Banker and Venice*, Harvard University Press, Cambridge, 1980. Ver também John Julius Norwich, *A History of Venice*, Alfred Knopf, New York, 1982, pp. 390-433.

79. Para uma análise e bibliografia sobre Sarpi, a facção dos *Giovanni* e a Inglaterra, ver Webster G. Tarpley, "The Role of the Venetian Oligarchy in the Reformation, the Counter-Reformation, Enlightenment, and Thirty Years' War", *The New Federalist*, Vol. VII, No. 14, 12/4/1993, pp. 6s; ver também "The Venetian Conspiracy", *Campaigner*, Vol. 14, No. 6, September 1981, pp. 23-46.

indefinidamente a sua posição ao norte do Adriático. As famílias oligarcas locais tinham que preparar uma nova base de operações, para levantar um poder marítimo e financeiro capaz de destruir completamente a nova classe de instituições⁸⁰.

A vitória da facção de Sarpi sobre seus opositores dentro de Veneza significou que o poderio veneziano se dedicaria a tomar completamente a Inglaterra, primeiro passo para fazer das Ilhas Britânicas um bastião do pensamento oligárquico ao estilo veneziano, capaz de se tornar uma potência marítima mundial, nos moldes da supremacia anteriormente exercida na região do Mediterrâneo. O assassinato de Christopher Marlowe e o papel de Cecil na eliminação de Essex, herdeiro adotivo de Elizabeth I, são exemplos da sangrenta guerra de inteligência que repetiu na Inglaterra, no final do século 16, a vitória política da facção de Sarpi na Veneza de 1582.

É certo que foram agentes venezianos os que, a partir de 1517, lançaram sobre Henrique VIII a malfadada sedutora Ana Bolena, da família Howard, para enlouquecê-lo o suficiente para que rompesse as preciosas relações da Inglaterra com a França e a Espanha. Isto foi parte do jogo veneziano de fazer lutar entre si os que se aliaram na Liga de Cambrai, objetivando destruí-los um a um, da mesma maneira que Veneza fez com que os diferentes monarcas e aristocratas tolos do feudalismo se enfrentassem entre si, nos séculos 13 e 14. Seja o que for que passou pela mente dos diferentes líderes venezianos, nas décadas anteriores do século 16, pelo menos desde 1582, a decisão de converter Londres na “Veneza do Norte” se tornou o empenho formal do Estado veneziano, a perspectiva estratégica de longo prazo da maior parte da oligarquia veneziana. *Neste particular, é revelador o papel de Francis Bacon, Thomas Hobbes, Elias Ashmole etc., nos bastidores da ascensão do rei Jaime I*⁸¹.

O fato decisivo que provocou as operações venezianas de 1688-

80. Ver Gaetano Cozzi, *Paolo Sarpi fra Venezia e l'Europa*, Einaudi, Torino, 1978; e Enrico De Mas, *Sovranità politica e unità cristiana nel seicento anglo-veneto*, Longo, Ravenna, 1975. Ver também William J. Bouwsma, *Venice and the Defense of Republican Liberty*, California University Press, Berkeley, 1968.

81. Como freio ao crescimento demográfico de suas próprias fileiras, nos dois últimos séculos de independência política de Veneza, chegou o momento em que a sua oligarquia impôs um celibato cada vez mais estrito à maioria crescente de sua progênie. No final do século 17, um oligarca veneziano típico que viajasse para o estrangeiro era, se não um abade, então um monge com votos em suspensão mais ou menos perpétua, como Ortes. Isto influenciou na propagação da homossexualidade entre homens e mulheres da oligarquia veneziana, cidade que rivalizava com a Sodoma e Gomorra bíblicas nesta matéria. A difusão deste estilo veneziano oligárquico de solteirice é, amiúde, um sinal

1818⁸² foi que, em 1662, Colbert, o poderoso protegido do cardeal Mazarino, assumiu o cargo de controlador-geral da Fazenda da França (ministro das Finanças). A França, que já era a principal potência europeia em ciência, tecnologia e economia, se mobilizou sob a liderança de Colbert e começou a realizar façanhas que alarmaram muitíssimo os patrões venezianos de Londres. Dada a superioridade da França em ciência e tecnologia, o crescimento do seu poderio marítimo sob Colbert representava uma ameaça direta aos interesses estratégicos de Veneza. Em seu propósito de destruir a França, Veneza recorreu ao velho truque de atizar uma nação contra a outra, em guerras intermináveis que as debilitam mutuamente.

As manobras venezianas levaram a Europa e, implicitamente, também as colônias europeias e outras regiões não-europeias aos acontecimentos de 1688-1818. Então, ainda poderosa mas já em decadência, Veneza se pôs a fazer de Londres a futura capital de um império mundial neoveneziano. Neste período de cerca de 130 anos, os estrategistas venezianos e seus protegidos adotaram três objetivos principais, enumerados a seguir, mas cujos aspectos mais importantes serão tratados posteriormente:

1) Desde o princípio, pelo menos desde a guerra de 1666, o objetivo era eliminar a França como obstáculo à emergência da supremacia imperial global de Londres, a começar pela destruição da ameaça real de que ela, sob a liderança de Colbert, ganhasse supremacia marítima.

2) Desde o início do século 18, vilipendiar e destruir a influência de Gottfried Leibniz, tarefa central do abade Antonio Conti e sua tertúlia.

3) Pelo menos desde 1763, acabar para sempre com as aspirações das colônias inglesas da América do Norte à autonomia política e ao desenvolvimento econômico, missão conferida por lord Shelburne ao seu lacai Adam Smith, durante uma conversa que tiveram em 1763, durante um passeio de carruagem⁸³.

O Tratado de Paris, de 1763, assinalou a derrota da possibilidade de que a França pudesse desafiar a supremacia marítima mundial de

de adesão moral a Veneza, como se observa claramente nos casos de Bacon e seus cúmplices charlatães, como Hobbes, Elias Ashmole etc.

82. As datas são aproximadas. A respeito de 1688, é decisiva a desintegração do reinado de Jaime II da Inglaterra, que não deixou a Veneza outra alternativa senão despachar seu agente Guilherme de Orange para Londres. O aspecto crucial a respeito de 1818 foi o total desmascaramento do caráter tirânico da Santa Aliança de Metternich.

83. Edmund Fitzmaurice, *Life of William, Earl of Shelburne*, Oxford University Press, London, 1907, p. 73.

Londres. A nova tarefa que os venezianos designaram aos antigos membros das tertúlias de Conti foi destruir a França como potência terrestre e induzir Londres a adotar os empenhos institucionalizados que a levariam a fundar um império mundial, segundo os princípios do modelo oligárquico mundial aprovado por Veneza.

Para este último propósito “sociológico”, o modelo de empirismo de Locke não era adequado; a condescendência com os costumes, embora fosse corrosiva, não era um traço tolerável na formação e seleção da elite dirigente da Grã-Bretanha. Para este trabalho, os padrões venezianos de Londres necessitavam que se passasse ao empirismo radical do “cálculo hedonista”⁸⁴.

Eis aqui o significado histórico específico da promoção dos escritos de Ortes, por parte das tertúlias venezianas que formaram o grupo de genuínos delinquentes juvenis que integraram o “jardim de infância” de Shelburne (personagens como Adam Smith, Jeremy Bentham, Thomas Malthus e caterva), na Grã-Bretanha pós-1763. Assim se criou, sob o comando de Shelburne, a Londres imperial, “a Nova Veneza”. Bertrand Russell e seus seguidores são o produto final desse processo metabólico.

O “Império Brutânico”

Bertrand Russell se tornou um homem maligno porque foi educado para que representasse a herança familiar. Esta herança representa um *tipo* filosófico. Em contraste com o Renascimento, do qual sua família foi inimiga declarada, todo o empirismo moderno, inclusive as suas variantes existencialista e positivista, se baseia no mesmo *tipo* de aversão a qualquer distinção de princípios entre a Humanidade e os animais. Por isso, é correto denominar a utopia de Russell “Império *Brutânico*.”

A bestialidade de Bacon, Hobbes, Elias Ashmole, John Locke etc. já se manifestava no século 17. Não obstante, a influência direta mais importante que a cultura inglesa do século 18 recebeu da tertúlia do abade veneziano Antonio Conti foi a exercida pela obra de Ortes. Este veneziano e suas depravadas marionetes britânicas, como Adam Smith, Bentham e Malthus representam o que se denomina *empirismo radical*, que é axiomáticamente o mesmo que o *positivismo radical* francês do século

84. Como já dissemos, esta mudança singular na doutrina do empirismo fez Kant romper francamente com David Hume, seu antigo professor.

19, introduzido pelos círculos do abade Moigno - LaPlace, Cauchy, Comte etc.

O empirismo radical britânico e seu filho bastardo, o positivismo da Restauração francesa, são, da mesma forma que o liberalismo filosófico em geral, uma aversão à idéia de que há uma diferença cientificamente cognoscível entre o homem e os animais. Todo liberalismo rechaça a existência da verdade inteligível com as mesmas premissas filosóficas. O empirismo radical do final do século 18 leva ao extremo tal imoralidade dos liberais, reduzindo toda apreensão da conduta humana aos termos mecanicistas de uma álgebra linear, inspirada explicitamente na de Galileu e Newton. Esta transformação radical do empirismo anterior, o de John Locke e caterva, foi produto específico da influência das tertúlias de Conti na Inglaterra, um radicalismo inculcado diretamente pela obra de Giammaria Ortes⁸⁵.

Assim, todos os empiristas radicais britânicos e seus filhos bastardos, os positivistas franceses, foram gerados para se converterem no que se conhece hoje em dia como psicólogos behavioristas, com um ou outro disfarce acadêmico. Isto abarca não só as novas pseudociências da etnologia, antropologia, psicologia de Wundt e sociologia, introduzidas no período da Restauração francesa do século 19. Por intermédio de coisas como o pragmatismo de William James e John Dewey, nos EUA, por exemplo, esta venenosa influência corrompeu quase todos os aspectos da educação e cultura moderna neste país. Por intermédio dos etnólogos (antropólogos), sociólogos, psicólogos da tradição de Wundt, os behavioristas em geral, os psicanalistas e instituições como o Instituto Tavistock, a Humanidade, sob o emergente império mundial da ONU, se transforma com rapidez no zoológico multicultural de pessoas degradadas à condição de "outros animais como o resto".

Essa transformação, de que são exemplo todos os principais patrocinadores das propostas da Conferência do Cairo sobre população,

85. Sobre Ortes, ver o simpósio da Fundação Cini, mencionado na nota 56. Ver também Gianfranco Torcellan, *Settecento Veneto ed altri scritti storici*, Giapichelli, Torino, 1969. Os textos breves de Ortes estão em *Giammaria Ortes, Calcolo sopra la verità dell'istoria e altri scritti*, compilados por Bartolo Anglani (Costa and Nolan, Genoa, 1984). Os escritos econômicos de Ortes estão em *Della economia nazionale* (Marzorati, Milano, 1971). Os escritos econômicos e outros trabalhos concomitantes de Ortes foram reimpressos em *Scrittori classici italiani di economia politica*, compilados por P. Custodi (G.G. Stefanis, Milano, 1803-16). Ver também Webster Tarpley, "Giammaria Ortes and the Venetian Hoax of Carrying Capacity", *The New Federalist*, Vol. VIII, No. 22, 20/6/1994, pp. 6-9. Quanto a Conti, ver a nota 56.

realizada em setembro de 1994, é a quintessência encarnada de uma perversidade muito pior do que a fase anterior, representada por Adolf Hitler, membro da Sociedade Thule⁸⁶. A partir da suposição de que a Humanidade não representa mais que “outra espécie animal”, pode-se transformar em lei qualquer imoralidade monstruosa, como um holocausto nazista, ou se podem justificar condutas subumanas, como o canibalismo ritual ou os selvagens rituais dos irracionais astecas, ou qualquer outra forma depravada de cultura. Da defesa “indigenista” da odiosa cultura asteca, surge o abandono completo de qualquer aparência de moralidade. Por exemplo, pode surgir simpatia pela perversidade de Adolf Hitler ou, o que é pior, por projetos utópicos “unimundistas” como os de Bertrand Russell.

À luz disso, reflitamos sobre o convite feito a Henry Kissinger, ex-secretário de estado dos EUA, para que pronunciasse um discurso público em Londres, em 10 de maio de 1982, em comemoração ao bicentenário da criação do serviço de inteligência exterior imperial da Grã-Bretanha, fundado por Jeremy Bentham. Nesta ocasião, Kissinger se jactou publicamente de haver servido como agente de influência da política externa britânica, por trás de dois presidentes estadunidenses (Jimmy Carter e Gerald Ford), nos anos em que ocupou os cargos de assessor de Segurança Nacional e secretário de Estado⁸⁷.

Prestemos atenção especial às referências de Kissinger quanto aos conflitos políticos entre os EUA e o Império Britânico, de que são

-
86. A Sociedade Thule e seu rebento, a aristocrática *Allgemeine SS*, foram criações de forças principescas dentro do *Fürstentum* dos restos do Sacro Império Romano, no século 20. Em território, este abrangia grande parte das famílias aristocráticas, principescas etc., das regiões de Istria e do norte da Itália, até os círculos da monarquia bávara. Estas, representadas pelo abade beneditino renegado que se uniu a Hitler quando jovem, foram as mesmas que respaldaram o compositor Richard Wagner e os atiradores de bombas de Giuseppe Mazzini, e introduziram Hitler nos círculos formalmente protestantes da Sociedade Vril, também controlados por Veneza. Como Estado soberano, Veneza desapareceu pelas latrinas do século 19; como rede de potências financeiras e políticas interdependentes, Veneza continua bem viva até hoje, como parasita dentro de muitas instituições. Há, pois, uma continuidade entre o maligno Ortes e a expressão moderna da perversidade veneziana, o Clube de Roma, e os promotores da Conferência sobre População no Cairo.
87. *Op. cit.* Kissinger disse aos reunidos na Chatham House, em 1982: “Os britânicos eram tão determinadamente operosos que se tornaram participantes das deliberações internas dos EUA, em grau quicá nunca antes praticado entre nações soberanas. Durante o meu período, os britânicos desempenharam o papel primordial em certas negociações bilaterais estadunidenses com a União Soviética; de fato, eles ajudaram a redigir o documento principal. Em meu período na Casa Branca, eu mantive a chancelaria britânica melhor informada, e mais envolvida que o Departamento de Estado estadunidense”.

*exemplo as disputas entre o presidente Franklin Delano Roosevelt e o primeiro-ministro Winston Churchill, a cujo respeito Roosevelt se referia, com expressão um tanto mordaz, como “métodos britânicos do século 18”*⁸⁸. *Observemos que estes são os motivos dos ataques feitos ao presidente Bill Clinton pela facção da inteligência britânica e seus aliados, representada pela Corporação Hollinger de Conrad Black*⁸⁹, *Henry Kissinger (membro do conselho diretor do conglomerado), John Train, os agentes tradicionais do serviço de inteligência britânico entre os chamados “neoconservadores” dos EUA e a facção de George Bush nos serviços secretos de inteligência dos EUA, em geral.*

Desde o Renascimento, toda a civilização européia tem estado dividida em apenas duas facções importantes em luta. Uma é a corrente platônica, encarnada pelo cristianismo na tradição mosaica do primeiro capítulo do *Gênesis 1*⁹⁰, de documentos como o Evangelho Segundo S. João, as epístolas de Paulo e a obra de Santo Agostinho, que gerou o Renascimento⁹¹. A facção oposta está representada por aqueles que, como os monges Conti e Ortes, põem às vezes a máscara veneziana de um cristianismo fingido, mas cujos próprios escritos denunciam que são

-
88. Elliott Roosevelt, *As He Saw It*, Duell, Sloan and Pearce, New York, 1946 (edição brasileira: *Como meu pai os via*, Instituto Progresso Editorial S.A., São Paulo, 1947).
89. Para documentação sobre as origens da Corporação Hollinger, desde a Segunda Guerra Mundial, como operação da inteligência britânica executada por trás de uma fachada privada pelo aparato de Churchill e lorde Beaverbrook, ver *Assault on the Presidency!*, folheto publicado pelo Comitê para Reverter a Crise Estratégica e Econômica Global em Aceleração, Comitê Exploratório de LaRouche, Leesburg, Virginia, abril de 1994.
90. Alude-se aqui sobretudo ao argumento de Filón de Alexandria, em sua obra *Sobre a criação do mundo segundo Moisés*. O universo de Deus não tem por premissa uma série de leis mecânicas fixas para toda a eternidade; ao contrário, é governado por um princípio legítimo de criação contínua. Sobre o tema de *De visione Dei* de Nicolau de Cusa, cf. William F. Wertz Jr. “Nicolaus of Cusa and the Concept of Negentropy”, *Fidelio*, Vol. II, No. 4, Winter 1993. A criação, este poder que molda o homem à imagem de Deus Criador, tem o seu tipo - no sentido “cantoriano” do termo - no conhecimento deste princípio por parte do homem, por meio de uma forma axiomático-revolucionária válida de descoberta de um princípio científico da natureza.
91. Desde que Alexandre Magno, aliado da Academia de Atenas, demoliu o Império Babilônico (sob a dinastia aquemênida), o Mediterrâneo Oriental *se helenizou*, continuando assim até que o que restava do decadente Império Bizantino foi conquistado pelas forças da dinastia otomana e pelos mamelucos. A região era helênica à época do ministério de Jesus Cristo. A forma mais avançada da língua helênica, na época, não era o praticamente extinto hebraico, mas o grego da Academia de Platão em Atenas. O cristianismo era geralmente entendido na linguagem do grego platônico do discípulo João e do apóstolo Paulo, por exemplo, até que os imperadores bizantinos proibiram a leitura de Platão. Aristóteles foi introduzido no Mediterrâneo Ocidental, dominado por Veneza, por meio de gnósticos iberos como Moisés Maimônides (1135-1204) e Ibn

agentes de alguma divindade pagã como Mefistófeles, Moloch, Baal, ou essa divindade estilo Jekyll e Hyde no campo pagão de Gaia, Pitón-Apolo-Dionísio⁹².

Três aspectos institucionais do Renascimento, interdependentemente característicos, têm sido os problemas principais para Veneza e seus aliados oligárquicos: 1) que o Renascimento substituiu o tecido de alianças e vassalagens próprio da sociedade imperial por uma forma de Estado nacional soberano de caráter republicano, baseado na idéia platônica cristã de inteligibilidade da lei natural⁹³; 2) o princípio da nova função do Estado, de fomentar o progresso científico generalizado e o progresso concomitante do conhecimento e das atividades práticas⁹⁴; 3) a idéia de que as leis do Universo são inteligíveis às pessoas mediante o desenvolvimento da centelha divina da razão, traço humano que nos faz à imagem de Deus, tanto *imago Dei* como *capax Dei*.

Ao perceber o poder que emanava da aplicação dessas três séries interdependentes de idéias, Veneza compreendeu que o seu poder e a sua própria existência enfrentavam uma ameaça mortal. Toda a história européia desde então tem sido predominantemente determinada pelas tentativas da oligarquia encabeçada por Veneza de esmagar esta tripla instituição do Renascimento. Sem se entender este fato, não é possível se entender nada essencial da dinâmica interna da história do século 20,

Rushd (Averróes) (1126-1198), no século 12, para debilitar tanto o judaísmo como o cristianismo. O Aristóteles de Averróes foi revivido em Pádua sob a direção do veneziano Pietro Pomponazzi, como parte dos esforços de Veneza para solapar e destruir as forças antiusureiras do Renascimento. A presumida autoridade de Aristóteles, autor da *Ética a Nicômaco* e da *Política*, obras favoráveis à usura e à escravidão, foi invocada para justificar estas e outras práticas semelhantes das forças oligárquicas com eixo em Veneza.

92. O sítio de Delfos estava consagrado originariamente a um par de deuses pagãos, Gaia e Piton, segundo o modelo de Shakti e Shiva, Ísis e Osíris, Cibele e Dionísio, típico das seitas baseadas na deusa Lua, que é ao mesmo tempo a deusa-Mãe Terra e a divindade patrona da feitiçaria e da prostituição. Piton era uma deusa-serpente que pertence ao mesmo paradigma pagão que o Satã semítico. Do Leste, chegou um novo fator, a divindade híbrida Apolo-Piton ou Apolo-Dionísio. Falaremos adiante, no momento apropriado, sobre a influência desta seita na tradição oligárquica européia.
93. Sobre o contraste com o direito imperial, ver Friedrich August Freiherr von der Heydte, *Die Geburtsstunde des souveränen Staates*, Druck und Verlag Josef Habbcl, Regensburg, 1952. Sobre o princípio do Estado nacional republicano moderno, comparar a *Monarquia* de Dante Alighieri com a *Concordantia Catholica* de Nicolau de Cusa.
94. Ver Nicolau de Cusa, *De Docta Ignorantia*. Considere-se também a inaudita explosão de progresso científico e técnico fundamental ocorrida no século 15, de Filippo Brunelleschi a Luca Pacioli e Leonardo da Vinci.

dos últimos seis séculos de história européia e mundial e dos assuntos vitais que enfrentamos em nossos dias, de forma imediata.

Anteriormente ao Renascimento, em toda a existência humana, não houve nenhum exemplo conhecido de tal forma de república. A partir de certos fatos, aos quais nos referimos mais adiante, pode-se inferir razoavelmente que nunca antes foi possível fazê-lo. A primeira vez que se propôs uma ruptura tão franca com o velho sistema imperial foi no emocionante livro de Dante Alighieri, *Monarquia*⁹⁵. Neste caso, no início do século 14, o poder político e financeiro de Veneza na região do Mediterrâneo estava próximo ao zênite⁹⁶ e não havia esperança táctica de que a proposição de Dante pudesse ser aplicada sob as condições políticas da época, mas ela viveu para se realizar no Renascimento.

O projeto de Dante tinha por premissa central explícita a importância de uma forma culta de língua popular. Esta premissa demonstra o trabalho de se reviver a antiga língua italiana, que já existia antes que os italianos fossem conquistados por Roma⁹⁷. A sua obra magna, a *Divina Comédia*, constitui uma excelente demonstração deste princípio⁹⁸. A obra de Dante e seus seguidores sobre a poesia e as relações entre esta e a composição musical também representa uma importante referência para a leitura da *Monarquia*.

Se um povo irá participar do autogoverno da sociedade, como exigem as idéias interdependentes de *imago Dei e capax Dei*, ele terá que participar das idéias com as quais a sociedade se autogoverna. Pessoas analfabetas e ignorantes não podem participar competentemente do autogoverno, pois não sabem quais são as questões de governo! Na verdade, tal como ocorreu com os escravos negros dos EUA, no século 19, a alfabetização é a primeira condição para a liberdade. Assim, as

95. *Op. cit.*

96. A caracterização "perto de seu zênite" leva em conta o fato de que, em 1261, Miguel Paleólogo derrubara o Império Latino dos venezianos.

97. O projeto dos irmãos Humboldt em Roma, no começo do século 19, demonstrou que o italiano, embora carregado de palavras tomadas do latim, ao longo dos mais de 2.000 anos transcorridos desde a subjugação dos italianos por parte dos romanos, era uma língua independente que coexistira com o latim, em vez de se derivar dele. Este anúncio dos Humboldt e seus círculos de filólogos provocou uma explosão de ira daqueles cujas preocupações são oriundas de motivos muito diferentes da paixão pela verdade. Ver a nota 223.

98. Este autor elaborou um projeto para definir as condições necessárias para que a língua represente os estados conhecidos da mente. Um grupo de eruditos italianos comparou o quadro de requisitos de uma forma culta de linguagem com a *Divina Comédia*; todas as condições foram cumpridas.

questões da linguagem culta e dos níveis correspondentes de conhecimento são decisivas para instituir no povo as formas de autogoverno que cumpram efetivamente os requisitos dos ensinamentos cristãos. A degeneração de um povo em uma babel de dialetos locais, relativamente atrasados e em competição mútua, impede o autogoverno estável. Em consequência, pode-se julgar que a substituição do autogoverno por um sistema de alianças, conquistas e lealdades é um pecado de soberba contra Cristo.

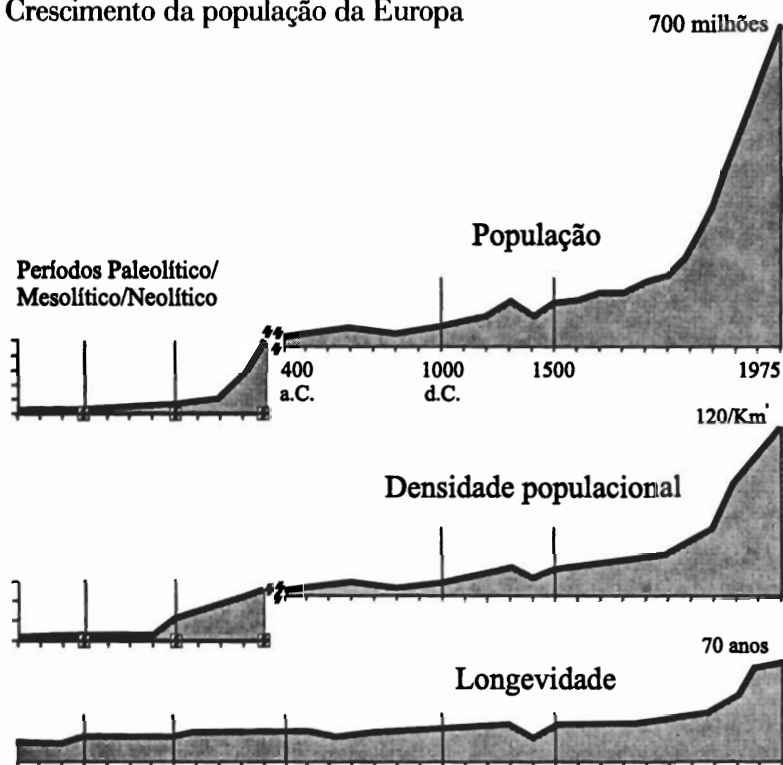
Foram herdeiros intelectuais de Dante, como Petrarca, os que mantiveram vivas suas idéias no transcorrer do século 14. Em Florença, o italiano culto foi levado ao povo por meio, entre outras coisas, da leitura diária do texto da *Divina Comédia*. Foram as idéias da *Concordantia Catholica* e da *Douta Ignorância* de Nicolau de Cusa, situadas no contexto do Concílio de Florença, que criaram a nova instituição tríplice do Estado nacional republicano moderno, dedicado a fomentar o progresso na ciência e em campos afins e obediente aos princípios de direito natural, conhecidos por meio desta centelha de razão criadora que coloca a Humanidade absolutamente aparte e acima das bestas.

Não era coisa fácil para Veneza esmagar o Renascimento e suas novas instituições sociais. Isto se percebe de maneira mais clara pelas curvas que descrevem o aumento da densidade de população e outros fenômenos demográficos, desde a Antiguidade até nossos dias (Fig.1). Anteriormente ao Renascimento, a população do planeta nunca passou de algumas centenas de milhões de pessoas. As curvas mostram que, sob a influência das novas formas de Estado nacional e instituições afins, introduzidas pelo Renascimento, o poder do indivíduo e do domicílio familiar cresceu aceleradamente, tanto per capita como por quilômetro quadrado da superfície do planeta. *Onde quer que hajam prevalecido as políticas do Renascimento*, ampliou-se a expectativa de vida e melhoraram as condições de saúde, ao mesmo tempo em que aumentou a densidade demográfica.

Esse aspecto salta à vista nos efeitos das reformas de Luís XI na França, quando a renda per capita mais ou menos se duplicou, durante o seu reinado. A obra de Leonardo da Vinci⁹⁹ e os escritos militares e outros afins de Nicolau Maquiavel¹⁰⁰ demonstram o mesmo. Aumentando o poder

99. As contribuições de Leonardo para a tecnologia militar são resumidas em *The Unknown Leonardo*, compilado por Ladislao Reti, McGraw-Hill, New York, 1974, especialmente em Ludwig H. Heydenreich, "The Military Architect", pp. 136-189 e Bern Dibner, "Machines and Weaponry", pp. 190-215. Ver também a nota 198.

Figura 1
Crescimento da população da Europa



O aumento numérico da espécie humana, à diferença de todas as demais espécies, é função do crescente domínio do homem sobre a natureza - um aumento da densidade demográfica relativa potencial, que, historicamente, se reflete no aumento da densidade demográfica real. Ao transformar as suas condições de existência, o homem se transforma a si próprio e sua transformação se reflete em um aumento paulatino da expectativa de vida do indivíduo ao longo da história da Humanidade. Tais mudanças podem ser melhor observadas nos últimos seis séculos de existência da espécie. A institucionalização do conceito do homem como imagem viva de Deus Criador, mediante a criação do Estado nacional soberano durante o Renascimento europeu é a origem conceitual da posterior expansão deste potencial que confere ao homem o seu caráter único.

Todos os gráficos se baseiam em estimativas compiladas de acordo com as escolas demográficas existentes. Nenhum delas pretende ser mais preciso que as tabelas de referência; porém, a escala normaliza variações que poderiam ter alguma importância local ou temporal, reduzindo-as à série de mudanças cuja importância é independente da qualidade das estimativas e da escala dos gráficos. Fontes: para população e densidade demográfica, Atlas of World Population History, de Colin McEvedy e Richard Jones; para expectativa de vida, diversos estudos histórico-demográficos. Deve-se levar em conta, igualmente, as discontinuidades e mudanças de escala indicadas.

de uma sociedade, per capita e por quilômetro quadrado, aumentamos não só a sua capacidade militar, mas também a sua força interna em outros aspectos cruciais. Os inimigos do Renascimento podem até tentar erradicar a instituição do Estado nacional e o progresso científico, mas enquanto não os suprimam efetivamente, eles têm que se adaptar a seus efeitos ou serem derrotados.

Desde a dissolução da Liga de Cambrai, os inimigos do Renascimento conseguiram aumentar o seu domínio líquido sobre as instituições financeiras e políticas do planeta. Desde 1666-88, presenciamos a ascensão de Londres como a “Veneza do Norte”, por meio de vitórias nas repetidas guerras com a França e, depois, com os aliados do Congresso de Viena, até o surgimento da forma mundial do Império Britânico, no século 19. Agora, desde a queda do regime soviético, testemunhamos as tentativas de fazer da ONU um instrumento da ditadura mundial de Londres, uma forma de império mundial “federalista universal” uma “Terceira Roma” ou, no alemão do Moeller van den Bruck de Fiodor Dostoiévski, um Terceiro *Reich*.

Para conseguir isso, a Londres imperial teve que se adaptar às mesmas instituições que pretende destruir. Até a virada para a “Nova Era pós-industrial”, que sobreveio após o assassinato do presidente John Kennedy e a conseqüente intimidação sofrida pelo presidente Lyndon Johnson, a tendência geral na tecnologia produtiva do mundo, na produtividade do trabalho e nas tendências demográficas era de crescimento geral, apesar de todos os males e opressões que o oligarquismo e a ignorância impunham à maioria da população mundial.

Foi apenas quando os secretários-gerais soviéticos Nikita Khrushchov e Leonid Brejnev se submeteram ao condomínio do terror termonuclear proposto por Bertrand Russell, e quando os EUA acederam ao esquema da “destruição mútua assegurada”, que a oligarquia teve a possibilidade estratégica de converter os EUA e a Europa Ocidental continental em um monte de sucata “pós-industrial”, no período 1966-94.

Um pouco depois, do final de 1989 a meados de 1991, uma vez

100. A análise de Maquiavel sobre a superioridade de uma “milícia bem ordenada”, apoiada em uma cidadania republicana educada, pode ser encontrada em sua *Art of War, Book I* (Macmillan, New York, 1975), assim como em seus *Discourses on the First Ten Books of Titus Livius, book I* (Viking Penguin, New York, 1984), cap.4. Michael J. Minnicino examina estas idéias em “The Need for Virtù in Today’s Politics”, *New Solidarity*, Vol. VIII, No. 40, 19/7/1977. Ver também Lyndon LaRouche em “A Machiavellian Solution for Israel”, *Campaigner*, Vol. 11, No. 2, March 1978.

que o sistema soviético perdeu a capacidade de dar a ré nos acordos negociados pelos canais de Pugwash de Bertrand Russell, a facção oligárquica com eixo na Londres imperial pôs em ação as intenções de Veneza, já com 500 anos. Os indivíduos que Henry Kissinger exibiu orgulhosamente, em 1982, na Chatham House, como sendo os seus patrões do serviço de inteligência externa britânica, ordenaram aos seus mensageiros de 1989-91, a deprimente parelha Margareth Thatcher-George Bush, que pusessem em marcha a sua “nova desordem mundial”, para dissolver a instituição do Estado nacional soberano e impor a ditadura malthusiana da ONU no planeta *para sempre*. O inferno chegou a governar a Terra, montado ao lado de Bush no cabo da vassoura de Thatcher: a ameaça do apocalipse!

Desde os tempos de Sólon de Atenas, os grandes autores de tragédias clássicas, na tradição de Ésquilo, Cervantes, Marlowe¹⁰¹, Shakespeare e Schiller, têm trabalhado para fazer do palco teatral um veículo poderoso que compartilhe com o auditório uma compreensão verdadeira da História¹⁰². Por isso, um estudo competente da História ou da ciência política em geral deve incluir o estudo das tragédias clássicas destes cinco grandes mestres, entre outros.

Esse método de pensamento acerca da História real se enriquece com o uso do mesmo princípio de domínio da geometria e da ciência física, empregado no modo humanista cristão clássico próprio da Irmandade da Vida Comum, de Gerhard Groote e Tomás de Kempis e nas reformas de Schiller e Humboldt no *ginásio* da Alemanha, no século 19¹⁰³. Este autor descreveu tal método em vários trabalhos publicados, sobretudo no mencionado exame das imagens do famoso afresco de Rafael

101. A já mencionada obra teatral *Doutor Fausto* é uma das verdadeiras grandes tragédias. Sua paródia em prosa feita por Goethe em prosa não está à altura moral ou intelectual do original.

102. Embora Cervantes compusesse também para o teatro, suas grandes tragédias clássicas, que seguem o modelo clássico grego de Ésquilo e outros, como *Dom Quixote*, são em prosa.

103. Ver William F. Wertz Jr., “The Brotherhood of Common Life”, *Fidelio*, Vol. III, No. 2, Summer 94. Sobre as reformas educativas de Schiller e Humboldt, ver Helga Zepp-LaRouche, “Die Modernität des Humboldtschen Bildungsideals”, *Ibykus*, Vol. I, No. 2, Oktober 1981. Ver também Wilhelm von Humboldt, “Preliminary Thoughts on the Plan for the Establishment of the Municipal School System in Lithuania” e “School Plan for Königsberg”, resumidos por Marianna Wertz em “Wilhelm von Humboldt’s Classical Education Curriculum”, *The New Federalist*, Vol. VII, No. 10, 15/3/1993, p. 8; ver também *Wilhelm von Humboldt, Humanist Without Portfolio: An Anthology of the Writings of Wilhelm von Humboldt*, Wayne State University Press, Detroit, 1963. O programa de reformas de Humboldt teve influência direta de sua longa colaboração

conhecido como “A Escola de Atenas”¹⁰⁴. Apliquemos agora estes dois métodos - o da tragédia clássica, como melhor o entendeu Schiller, e o princípio histórico do método clássico de educação científica - às paradoxais questões de Bertrand Russell e sua idéia utópica do “Império Brutânico”. Abordemos, em seguida, a compreensão da História moderna do ponto de vista dos *tipos* interatuantes de seqüências de acontecimentos - o que, por assim dizer, põe em cena as grandes questões, como o fariam os dramaturgos clássicos. Na seção seguinte, trataremos do papel das idéias na História.

A mente acima da mortalidade: uma rápida visão

Antes de continuar, devemos concentrar-nos na ascensão e queda do “Império Brutânico” de Veneza, para demonstrar a coerência de todas estas questões com outras afins dos últimos seis séculos. A dificuldade de princípio que impede o leitor comum de compreender a História é o hábito cultivado de olhar os fatos históricos seletivamente, do ponto de vista de nosso próprio umbigo, de uma maneira hesicasta. Esta é a principal dificuldade específica que temos que superar.

Para aplicar um remédio prático a esse impedimento, utilizemos um truque da biologia moderna, utilizando a técnica cinematográfica da câmara lenta aos últimos seis séculos e pouco. Por meio deste truque experimental, coloquemos todo este período da História ao alcance da capacidade de percepção do indivíduo mortal contemporâneo, empregando o método exposto no *Parmênides* de Platão¹⁰⁵. Reduzindo os fatos fundamentais destes séculos a essa espécie de representação cinematográfica, condensemos a História sob a forma de uma experiência do indivíduo mortal.

Aquilo que o indivíduo supostamente educado pensa da História

com Friedrich Schiller. Ver “On Schiller and the Course of His Spiritual Development”, de Wilhelm von Humboldt, e “What Is, and To What End Do We Study, Universal History?”, de Friedrich Schiller, in *Friedrich Schiller, Poet of Freedom*, Vol. II, William F. Wertz (ed.), Schiller Institute, Washington, 1988. Ver nota 223.

104. A propósito deste assunto, ver as referências do autor às implicações da “Academia de Atenas”, o mais famoso dos murais de Rafael Sanzio, em “The Truth About Temporal Eternity”, *Fidelio*, Vol. III, No. 2, Summer 1994.

105. Ver nota 40.

é uma tolice ou, pior ainda, uma espécie de mentira. É uma tolice que segue o princípio do *sofisma de composição*. É uma mentira, porque o indivíduo recorre deliberadamente a semelhante sofisma: impõe uma filosofia falsa à seleção e interpretação dos fatos e, sob o disfarce de aderir ao “nosso modo de pensar”, se nega a tomar em consideração qualquer crítica que se faça à validade de tal filosofia¹⁰⁶. Os hábitos profundamente arraigados, tanto nas ruas como nas salas de aula, adquiriram a qualidade de conduta mental e social axiomática na vítima de semelhante condicionamento. É importante dar à vítima uma prótese pedagógica, por meio da qual a História lhe seja acessível do ponto de vista de sua limitada capacidade de compreensão. A propriedade da “câmara lenta” é mais ou menos evidente.

Para reunir a imagem em “câmara lenta” das origens, ascensão e queda da Londres imperial de Veneza, necessitamos a configuração de mais de seis séculos de acontecimentos, segundo os *tipos* principais, sob o governo de um terceiro *tipo*, que é a interação dos outros dois.

Em lugar de acomodar os acontecimentos na forma estúpida feita pelos eleáticos e sofistas, estatisticamente, apliquemos os ensinamentos do *Parmênides* de Platão; consideremos como acontecimentos decisivos das séries a qualidade característica de *mudança*¹⁰⁷, que define as relações entre grupos sucessivos de acontecimentos na seqüência histórica. Assim, *na primeira série*, temos mudanças geradas pelo advento do Renascimento; *na segunda série*, as mudanças geradas pelos princípios oligárquicos de Veneza e seus cúmplices; *na terceira série*, o princípio gerador é a interação entre as duas primeiras, sob o governo da interação entre os dois primeiros princípios geradores. É assim que a análise dos processos históricos se torna compreensível, pelo seu exame como processos compostos pela interação de *tipos*.

Consideremos alguns elementos relevantes dessa imagem em “câmara lenta” dos fatos decisivos. Bastam alguns deles para situar o caso de Conti e Ortes:

-
106. Daí provém as tentativas das personalidades típicas dos órgãos de difusão de nossos dias de cometerem sofismas e falsidades, os quais são apresentados eufemisticamente como direito da imprensa de “pensar com sutileza”, com o que se quer dizer “mentir temerariamente do modo mais descarado”.
107. Platão, *Parmênides*. O conceito de “mudança” de Platão é o mesmo delineado por Heráclito. Deste conceito platônico, Georg Cantor derivou a noção de um “princípio gerador” de formas auto-semelhantes de mudança, o que define um “tipo”. Cantor suablinha este vínculo explícito em suas comparações do *Vir a Ser* de Platão com o seu próprio *transfinito*, e do *Bem* de Platão com o seu próprio *Absoluto*.

Meados do século 14: Uma reação em cadeia de alavancagem inversa afunda o sistema financeiro semiglobal dominado por Veneza, levando a Europa ao caos total e fazendo em pedaços, temporariamente, muito do poder oligárquico de Veneza e seus cúmplices.

Meados do século 15: A reunificação temporária dos ritos oriental e ocidental das igrejas cristãs, no Concílio de Florença de 1439-1440, põe em movimento uma revolução nas instituições políticas, cujo surgimento ameaça as tentativas de Veneza de recobrar o poderio mundial, que havia desfrutado no século 13.

Final do século 15: Veneza lança uma contra-ofensiva, cujo propósito é destruir o Renascimento. Na frente intelectual, mobiliza o Aristóteles averroísta das seitas gnósticas dos séculos 12 a 14. Por outro lado, a espionagem e a diplomacia venezianas recrutam os gregos do monte Athos para que traíam a Grécia frente à conquista otomana e se aliem aos líderes de Moscou contra o Renascimento.

Início do século 16: O Papado se alia à França e outras potências européias, a Liga de Cambrai, em uma aliança que se compromete a destruir o inimigo usurário da Civilização, Veneza. Em 1508-09, quando as forças da Liga estão a ponto de acabar com a adversária, esta contrata com os seus “quinta-colunas” da corrupção, para fazer lutarem entre si os aliados da Liga. Veneza passa então à ofensiva, posição que mantém até os nossos dias.

Início do século 16: Veneza usa os seus instrumentos oligarcas do norte da Alemanha para instigar o cisma dirigido por Martinho Lutero. O cisma se orchestra mediante o financiamento da edição das obras de Lutero, o controle das finanças do imperador Habsburgo Carlos V, à época também rei da Espanha, e o papel “pacificador” do aristotélico antirrenascentista veneziano Gasparo Contarini.

1517-82: Os serviços de inteligência venezianos se mobilizam na Inglaterra dos Tudor, importantíssimos aliados da Espanha e França. A família Howard, agentes venezianos na Inglaterra, mobiliza a sedutora Ana Bolena para corromper o rei Henrique VIII¹⁰⁸. A luxúria que esta desperta no rei o torna um estúpido obeso, manipulado por Veneza. As relações da Inglaterra com a Espanha e França só voltam a ser amigáveis depois das guerras napoleônicas e suas conseqüências, após 1814, quando

108. Sobre o papel dos Howard no divórcio de Henrique VIII e Catarina de Aragão, ver Betty Behrens, “A Note on Henry VIII’s Divorce Project of 1514”, *Bulletin of the Bolton Institute of Historical Research*, Vol. II, 1934, pp. 163-4. Quanto ao papel de

a França da Restauração e de Napoleão III, após o Congresso de Viena, se converte em catamita política *de fato*, sob o domínio da Londres imperial¹⁰⁹.

1582 em diante: Após uma luta faccional dentro da oligarquia veneziana, a facção dos *Giorgi* (“Os jovens”), encabeçada por Paolo Sarpi, assume a liderança¹¹⁰. Veneza está resolvida a basear sua estratégia fazendo das regiões protestantes do Norte o seu bastião contra as forças antivenezianas das regiões francesas e espanholas, mais próximas do Papado. Na realidade, Veneza, como de costume, manipula ambos os lados em um jogo de “equilíbrio de poder”.

Século 16 e começo do 17: Veneza põe em marcha o empirismo, por meio de vários seguidores de Pedro Pomponazi, aristotélico de Pádua, como o famoso Francesco Zorzi (“Giorgi”)¹¹¹. Após a vitória da facção de Sarpi, em 1582, as tentativas de destruir o método científico de Platão, Nicolau de Cusa, Leonardo da Vinci e outros se tornam mais enérgicas e Veneza adota personagens como Galileu, Francis Bacon, Robert Fludd etc., como parte do desdobramento do empirismo, para destruir a

Veneza na sedução de Henrique VIII por Ana Bolena, ver Christina Nelson Huth, “The Life and Death of St. Thomas More”, *The New Federalist*, Vol. 3, No. 14/15, 24/3/1989, 31/3/1989.

109. O acontecimento mais revelador do caráter de Restauração da monarquia francesa foi a expulsão de Gaspard Monge e seu programa educativo, juntamente com Lazare Carnot (líderes da ciência mais adiantada do mundo), e a sua substituição pelos velhos newtonianos LaPlace e Cauchy, homens do abade Moigno. A ciência francesa sobreviveu na Alemanha sob o patrocínio de Alexander von Humboldt e seu irmão Wilhelm. De 1827 ao fim da Primeira Guerra Mundial, a vanguarda científica mundial esteve na Alemanha dos Humboldt. Luis Napoleão Bonaparte (também conhecido como Napoleão III ou Napoleãozinho) foi um agente de influência do serviço de inteligência exterior britânico, levado ao poder por lorde Palmerston, primeiro como presidente e, depois, como imperador. Sua política foi sempre a de manter a França como sócio minoritário do Império Britânico, até o extremo de criar um império colonial francês menor, como sócio minoritário do grande império colonial britânico. É irônico que Palmerston tenha perdido a sua posição de primeiro-ministro, tendo sido rebaixado a ministro de relações exteriores, por ter levado Napoleão III ao poder. A rainha Vitória, que nem sempre entendia os métodos tortuosos usados para levá-la ao trono imperial britânico, ficou desgostosa com seu primeiro-ministro, que substituiu um monarca, embora francês, por um plebeu como o sobrinho de Napoleão Bonaparte.
110. Ver nota 79.
111. Francesco Zorzi (Giorgi), *De Harmonia Mundi* (1525). Zorzi, monge e rebento de famosa e poderosa família nobre veneziana, escreveu este livro baseado em grande parte no cabalismo, como ataque explícito à *Docta ignorantia* de Nicolau de Cusa. Zorzi ganhou influência na corte de Henrique VIII depois de escrever um opúsculo apoiando o desejo de Henrique de se divorciar de Catarina de Aragão e poder levar para o leito a carne dos Howard, a tentadora Ana Bolena. Zorzi permaneceu na Inglaterra de 1531

vitalidade da ciência por dentro¹¹².

Início do século 17: Veneza manipula a irrupção da chamada Guerra dos 30 anos (1618-48), que destrói a Alemanha e a maior parte do resto do Norte e da parte central da Europa, enquanto termina com o já debilitado poderio da Espanha.

O papa destaca o diplomata do Vaticano Mazarino como candidato à sucessão de Richelieu na França¹¹³: Com os conflitos perpétuos que orquestrava entre a França e os interesses dos Habsburgos, Veneza sangrava a Europa, o que ameaçava mergulhar o continente numa “nova idade de trevas”. O resultado foi uma paz mais ou menos estável, organizada em grande parte por Mazarino, no período 1648-52. O talentoso Colbert, protegido de Mazarino, se converte temporariamente no poder por trás do trono (eminência parda) de Luís XIV (1662-83)¹¹⁴.

A partir de 1666, Veneza organiza 130 anos de guerra quase contínuas e intrigas internas desgastantes contra a sua principal adversária, a França¹¹⁵, até que o poderio francês se arruína e o país cai praticamente sob o domínio britânico, em 1815.

Início do século 18: Londres cai cada vez mais sob a direção do controlador da inteligência veneziana, o abade Antonio Conti;

1763-93: Londres organiza e depois coordena a Revolução Francesa, de 1789-93. Em 1763, lorde Shelburne encarrega Adam Smith de vários projetos destinados a provocar a ruína da França e esmagar as aspirações de desenvolvimento econômico e a autonomia das colônias inglesas da América do Norte¹¹⁶. Shelburne, na qualidade de primeiro-ministro da Grã-Bretanha, realiza negociações secretas de paz com os

até a sua morte, em 1540. Sua obra teve significado particular ao introduzir os dogmas pseudocientíficos, logo defendidos por Francis Bacon sob o nome de empirismo, e ao assentar as bases doutrinárias cabalistas das seitas maçônicas rosacruzes de Robert Fludd e Elias Ashmole, entre outros. Ver nota 239.

112. Ver a seção seguinte.

113. Sobre Mazarino, ver Anne-Marie Cabrini, *Mazarin, Aventure et Politique*, Editeur Bonne, Paris, 1962.

114. Sobre Colbert, ver *Lettres, instructions et mémoires de Colbert*, 8 v., editados por Pierre Clément (Paris, 1861-82) (Nandeln, Kraus Reprint, 1979).

115. A Inglaterra e a posterior “tríplice aliança” guerrearam contra a França de 1666 a 68; depois, a Inglaterra tomou parte na guerra holandesa de 1672-78, como aliada secreta dos Países Baixos; na Guerra Palatina de 1689-97; na “Guerra de Sucessão da Espanha” (1701-14) etc. Ver H. Graham Lowry, *How the Nation was Won, America's Untold Story*, Vol. I, Executive Intelligence Review, Washington, pp. 59-233, onde são descritos os acontecimentos ingleses de 1701-14 do ponto de vista das colônias inglesas da América do Norte.

EUA e a França; como condição, impõe a nova receita de Adam Smith, o “livre comércio”, com a intenção de falir a ambos. Em 1789, agentes da inteligência britânica, como o duque de Orléans, Robespierre, Danton e Marat, todos manipulados pelo chefe da inteligência exterior britânica de Shelburne, Jeremy Bentham, mergulham a França nas obscenidades do golpe de Estado e do domínio dos jacobinos.

Início do século 19: Após a derrota da França e de adquirir um virtual domínio sobre o país, Londres prepara a destruição dos EUA¹¹⁷ e dos principais aliados que a ajudaram a combater a França, nas guerras de 1789 a 1815. Contra os EUA, emprega os cúmplices do agente da inteligência britânica Aaron Burr, os traidores comerciantes de ópio da “Convenção de Hartford”. Contra as suas antigas aliadas, Espanha, Rússia e Áustria-Hungria, emprega Napoleão III, agente de influência britânica, e as redes neojacobinas radicais do também agente da inteligência britânica Giuseppe Mazzini¹¹⁸.

Final do século 19: Londres organiza uma futura guerra geral na Europa, cujo propósito é eliminar qualquer resistência européia ao “império federalista mundial”. Os principais alvos da destruição mútua serão a Rússia, Áustria-Hungria, Alemanha e o Império Otomano. O principal motivo “geopolítico” dos planos de Londres para provocar a guerra é a colaboração entre o conde Sergei Witte, ministro russo, e Gabriel Hanotaux, ministro francês, que girava em torno de vários programas de construção de ferrovias na Eurásia. *Se tais planos tivessem sido executados como proposto por eles, as esperanças britânicas de um império mundial se veriam desfeitas, graças ao desenvolvimento econômico da Eurásia, que teria resultado dos programas de Witte.*

Final da Primeira Guerra Mundial: Assumem o poder os utópicos federalistas mundiais, núcleo da facção veneziana encabeçada por Bertrand Russell e H.G. Wells, este último diretor de inteligência britânica exterior durante a guerra. Londres julga que as ruinosas consequências da guerra abrem caminho às tentativas de estabelecer um governo mundial único, segundo as linhas utópicas de Veneza.

Depois de 1953: A morte do secretário-geral soviético Josef Stálin

116. Edmund Fitzmaurice, *op.cit.* Shelburne encarregou Adam Smith, empregado da Companhia das Índias Orientais, de preparar o esquema de pesquisa do que seria a *Ascensão e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon.

117. *Ibid.*

118. Anton Chaitkin, *Treason in America, from Aaron Burr to Averell Harriman*, 2nd. ed., New Benjamin Franklin Publishing House, New York, 1985. Ver também a nota 30.

aplaina o caminho para que Moscou se renda às exigências de Bertrand Russell, de um condomínio nuclear entre os blocos das superpotências, como base para converter a ONU em uma ditadura mundial. Os utópicos anglo-americanos se mobilizam para deslanchar, a partir de 1964-66, o fim do progresso científico (o paraíso “pós-industrial”), com a imposição da “contracultura” da libertinagem sexual, do rock e das drogas destruidoras da mente, começando pelos estratos juvenis universitários dos EUA e Europa.

Depois de 1989: A Londres da primeira-ministra Margaret Thatcher considera a queda do Muro de Berlim como o fim da controvérsia das superpotências¹¹⁹, o que pavimentaria o caminho para transformar de imediato a ONU em um “governo mundial” ditatorial, *que suprima tanto a instituição do Estado nacional republicano moderno como o progresso científico.*

Passaram-se mais de 550 anos desde as transcendentais decisões tomadas no Concílio de Florença. Já se passaram mais de 650 anos desde que explodiu a grande bolha da dívida do século 14, fato que deu oportunidade a que o Renascimento enfrentasse o oligarquismo de Veneza. Embora as instituições políticas que o Renascimento criou fossem novas, as questões subjacentes não o eram.

119. As discussões semi-oficiais deste autor com representantes do governo soviético, 1982-83, sobre o que viria a ser conhecido como Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI), já haviam produzido um agourento presságio da explosão que provocaria, em Moscou e entre os amigos de Londres e os serviços de inteligência dos EUA, o anúncio feito pelo presidente Ronald Reagan, em 23 de março de 1983. A partir daí, mas sobretudo de 1985 em diante, em altos círculos da inteligência ocidental, manifestaram-se vários que pareciam então simpatizantes muito estranhos do prolongamento do sistema soviético. A Liga Anti difamação da B'nai B'rith (ADL) e o Congresso Judaico Mundial (JWC), organizações dirigidas por Edgar Bronfman, colaboraram estreitamente com o KGB e certas agências da Alemanha Oriental, por exemplo, até depois das últimas semanas de 1989. A primeira-ministra Margaret Thatcher e seus mexeriqueiros porta-vozes Conor Cruise O'Brien e Nicholas Ridley, expressaram a política de seu governo com ataques à Alemanha Ocidental, acusada de estar a ponto de se converter no *Quarto Reich*, como parte do esforço de Thatcher de apoiar o sistema soviético. O temor era geopolítico - que a Alemanha tomasse a dianteira no esforço de integrar as economias do bloco oriental, mais ou menos intactas, ao Ocidente e, assim, se fortalecesse, em lugar de destruir o sistema de Estados nacionais soberanos e o progresso tecnológico. Thatcher e Bush estavam decididos a provocar a destruição das economias de todo o antigo setor soviético, com métodos como os de George Soros e seus protegidos, como o professor Jeffrey Sachs, de Harvard, o que conseguiram. Deste modo, destruindo a agricultura e a indústria do bloco oriental, acelerou-se a deterioração das economias ocidentais.

A perversidade do oligarquismo é mais velha que a Babilônia. Na história européia¹²⁰, a guerra entre Veneza e o Concílio de Florença é um eco da guerra entre os seguidores de Platão e os do oligarca Aristóteles, o irreconciliável conflito entre a constituição da Atenas de Sólon e o sistema escravagista oligárquico da Esparta de Licurgo, o que, a esta altura, representa para nós um lapso de 2.350-2.600 anos.

Aqui, o que nos importa é reconhecer o que significa a influência de Ortes - morto há mais de 200 anos - não somente em Bertrand Russell e caterva, mas também no que se espera a curto prazo para o mundo, inclusive os EUA. Aquilo que nos preocupa implicitamente é como conformar a nossa resposta prática aos acontecimentos atuais. A resposta é que temos que ver os acontecimentos atuais a partir de origens que remontam, de forma mais imediata, a várias centenas de anos, pelo menos. Para que este conceito seja completamente compreensível de maneira prática, temos que abandonar as fantasias mecanicistas do espaço-tempo cartesiano e adotar em seu lugar um conceito verdadeiro da História, no espaço "delimitado" que abarca 30-130 gerações.

A História em cronologia

Antes de prosseguir o exame do processo de 650 anos que acabamos de ilustrar com a nossa série de fatos importantes, tentemos definir o que uma magnitude de 650-2.600 anos representa para a compreensão dos acontecimentos atuais.

Passando por cima dos detalhes, as glaciações estão determinadas por ciclos astrofísicos de cerca de 100.000 anos, com períodos

120. A história européia se inicia quando os gregos saem da "era de trevas" do analfabetismo, ou seja, quando foram compostas a *Ilíada* e a *Odisséia*. Nessa época da história européia, a questão decisiva era a ameaça de Babilônia e Tiro (Canaã), em contraste com as relações mais amistosas com o adversário principal de ambas, o Egito da época de Sólon ou a Cirenaica (Líbia) da época de Platão e Alexandre Magno. Os acontecimentos centrais se deram por volta de 599 a.C., quando Babilônia esmaga a revolta das cidades-estados jônicas e Sólon empreende suas reformas constitucionais em Atenas. A famosa conferência de Friedrich Schiller em Jena remonta toda a história européia moderna ao conflito entre os sistemas jurídicos da Atenas de Sólon com a sociedade escravocrata da Esparta de Licurgo. A guerra entre o Concílio de Florença e os oligarcas de Veneza é uma reencenação moderna do conflito entre a Academia de Platão e Babilônia, entre os sistemas jurídicos de Sólon e Licurgo, entre Platão e o oligarca Aristóteles.

interglaciares de aquecimento de aproximadamente 10.000 anos¹²¹. Estima-se atualmente, segundo os indícios, que a Humanidade já existe no planeta pelo menos há dois milhões de anos. O final da última glaciação começou há menos de 20.000 anos e os oceanos chegaram ao seu nível atual mais ou menos em meados do segundo milênio antes de Cristo, na época em que os ancestrais dos gregos invadiam a região do Mediterrâneo em seus barcos estilo viking, os “povos do mar” descritos nas representações egípcias da época¹²². A geografia da maior parte do Hemisfério Norte, o curso dos rios e o nível dos oceanos e mares se alterou radicalmente nos últimos 200.000, ou talvez 100.000 anos de glaciação¹²³.

Que fração tão pequena da existência humana ocupam estes últimos 2.600 anos de história européia - talvez, cerca de 1%! Mas, os registros arqueológicos e os dados demográficos objetivos indicam que a capacidade da Humanidade para sobreviver cresceu mais, nos últimos seis séculos da história européia, a partir do Renascimento, do que durante toda a existência humana anterior, ou seja, em cerca de 0,2% de toda a existência humana, no máximo. Por conseguinte, conhecemos muito mais sobre o homem, sobre a “natureza humana”, a partir dos últimos seis séculos de desenvolvimento, por conta da civilização européia, do que nos milhões de anos anteriores. Quando levamos em conta o que o desenvolvimento da civilização européia deve ao efeito do ministério de Jesus Cristo sobre os níveis de conhecimento atingidos pela Academia de Platão em Atenas, o peso relativo dos últimos 2.600 anos de cultura européia é verdadeiramente assombroso.

A chave dessa ciência da História, que é preciso dominar para entender em sua essência questões como o caso veneziano de Russell e o

121. Laurence Hecht, “The Coming (or Present) Ice Age”, *21st Science & Technology*, Vol. 6, No. 4, Winter 1993-94.

122. Já que, por razões de economia física, sabemos que as chamadas culturas “ribeirinhas” construtoras de cidades de que nos informam os arqueólogos não podem ter surgido de forma autônoma da “caça e coleta” terra adentro, a regressão da glaciação do Hemisfério Norte (mais ou menos desde 18.000 a.C. até o segundo milênio antes de Cristo) deve ter sepultado muitos restos da história destes milênios sob muitos metros de água e lodo. Devido ao fluxo energético dos nutrientes nos diferentes estágios da tecnologia das culturas, o desenvolvimento da agricultura até o grau representado por culturas ribeirinhas, como a do Egito, não pode ter ocorrido de forma autônoma, senão por meio de assentamentos costeiros quase marítimos, que se sustentavam pela pesca em estuários e mares. Estes seriam precisamente os sítios arqueológicos sepultados atualmente sob muitos metros de material acumulado nos últimos 20.000 anos.

123. Estamos já a alguns milhares de anos do desenvolvimento de uma nova glaciação, por causas astrofísicas. Ver Hecht, *op.cit.*

“Império Brutânico”, é a diferença que coloca a Humanidade absolutamente aparte e acima dos animais. O homem é a única espécie manifestamente capaz de aumentar à vontade a sua capacidade de existir, per capita e por quilômetro quadrado. Este aumento se baseia em descobertas, por exemplo, descobertas cientificamente válidas de princípios da natureza, que, com respeito a qualquer esquema lógico formal, têm um caráter axiomático-revolucionário.

O desenvolvimento do conhecimento humano, empregado com este propósito, é a característica da existência humana que não existe em nenhuma espécie animal, de forma que a própria existência da Humanidade e de sociedades particulares nunca se baseia em traços hedonistas, como os que caracterizam qualquer espécie animal, ou a mera interação ordinária entre as formas de vida inferiores de um determinado meio ambiente. A existência humana se caracteriza pelo desenvolvimento de idéias que, por sua própria natureza, afetam a capacidade de existência da Humanidade, per capita e por quilômetro quadrado.

Assim, a História só pode ser descrita de maneira verdadeiramente racional se for vista como a história prática do surgimento axiomático-revolucionário e o desenvolvimento e interação subseqüentes de tais idéias. Os grandes períodos da História, como o conflito que deu forma aos últimos seis séculos de história européia, representam o desenvolvimento e interação de tais idéias em sua prática e o seu efeito, precisamente, sobre o desenvolvimento de idéias semelhantes.

O conceito de *punctum saliens* (ponto principal), a que se referia Schiller quando expunha os princípios de composição da tragédia¹²⁴, se expressa apropriadamente como acabamos de descrever. Para se compreender os processos históricos, é preciso entender cada grande período da História da maneira que acabamos de esboçar. Logo, é preciso permitir que os *tipos* de idéias representados nesta História atuem em nossa mente como se esta fosse o seu palco. Devemos reconhecer esta ação recíproca, dentro do desenvolvimento da História real, comparando a interação real manifestada no cenário histórico.

Deste modo, conquanto integrante do público, o indivíduo começa a participar da história que se desenvolve no palco, em lugar de ficar olhando e comentando tolices com outros espectadores da catástrofe que presenciam. Estes saem da representação mais sábios e nobres do que quando entraram no teatro. Este é o princípio de composição da tragédia clássica, aplicado ao assunto da compreensão da História real. Este é o

124. Ver nota 71.

princípio a que nos referimos aqui, por meio da exposição socrática.

No instante em que situamos a nossa identidade pessoal no domínio dessa visão da história das idéias, transcendemos o breve lapso de nossa existência mortal. No instante em que participamos da história prática das idéias como tais, o lapso de seis séculos de teatro clássico da história real se converte em um drama no qual temos um papel, no qual cada um de nós tem o seu lugar pessoal. Assimilamos as idéias que se desenrolam ali e atuamos sobre elas. Podemos assimilar estas idéias e entendê-las como *tipos*. Podemos atuar sobre elas, estes *tipos* de idéias. Desta forma, transcendemos eficientemente os diminutos confins do tempo e do espaço da nossa existência mortal, para entrar na história global das idéias na escala de séculos e milênios.

Essa mudança de ponto de vista nos dá uma perspectiva muito mais elevada e muito melhor para compreender o conjunto dos acontecimentos em que se insere a nossa existência mortal. É deste ponto de vista que o obscuro se torna transparente, que a influência de Bertrand Russell pode ser localizada eficientemente, dentro da influência da tertúlia de Conti sobre a Grã-Bretanha do século 18 e que a Grã-Bretanha se situa em suas verdadeiras origens, nos últimos seis séculos de tentativas de Veneza de erradicar as inovações institucionais do Renascimento. Isto nos coloca em condições de examinar mais detalhadamente a relação eficiente entre Conti, Ortes, William Fitzmaurice Petty (lorde Shelburne) e Russell. Examinaremos, a seguir, os aspectos decisivos das mudanças que marcam a transição do adorado David Hume de Bertrand Russell, da condição de seguidor de Locke para seguidor, como o próprio Russell, do Giammaria Ortes, da tertúlia do veneziano Conti.

Capítulo 2

Russell:

“o demônio em detalhes”

A biologia exige que o pesquisador se eleve acima dos métodos da química orgânica e entre no reino superior dos processos vivos. De forma parecida, para entender a conduta humana, temos que abandonar os métodos “brutânicos” de criação de animais e elevar-nos ao domínio superior em que se situa toda a conduta humana, absolutamente aparte e acima de todas as formas inferiores de vida.

Se o homem fosse um animal, o número de pessoas que habitam o planeta nunca teria passado muito além do número de chimpanzés ou mandris¹²⁵. Na época medieval européia, a população mundial já havia superado o potencial demográfico primitivo do homem por várias ordens de magnitude. Atualmente, já a superamos por mais outra ordem de magnitude (ver Fig. 1, pág. 51). Se tivéssemos empregado adequadamente o grau de conhecimento científico existente na época da primeira descida do homem na Lua, a população potencial do planeta já seria de cerca de 25 bilhões de pessoas, com um nível de vida igual ou superior ao que tinham os EUA em 1967-69. Além disto, já teríamos iniciado não apenas a exploração, mas também a colonização do espaço.

O aspecto distinto de toda a existência humana e, portanto, a norma da conduta humana bem sucedida é uma sucessão de aumentos da densidade demográfica potencial, que só se podem equiparar, nas formas inferiores de vida, com a evolução biológica bem sucedida para uma espécie superior (de forma de vida).

Essa conduta característica da espécie humana é a geração de um tipo específico de idéias, as que correspondem tipicamente a

125. Se os “ambientalistas” vencessem, a população do planeta cairia rapidamente a esse nível ou, mais provavelmente, a espécie humana se extinguiria em um holocausto de enfermidades provocadas por semelhante terremoto biológico.

descobrimientos válidos de princípios de conhecimento científico mais poderosos, seja nas ciências naturais ou nas belas artes clássicas¹²⁶. A existência da espécie humana até hoje dependeu absolutamente das mudanças nas relações do homem com a Humanidade e a natureza, gerados por tais *tipos* de idéias¹²⁷. Neste sentido estrito, e somente nele, é admissível empregar a expressão abreviada: *a diferença entre o homem e as formas inferiores de vida é que a existência da espécie humana está determinada por idéias*.

O princípio que ordena a História é o governo das idéias sobre a prática humana, tal como definimos neste texto. Este é o princípio que ordena cada um dos *tipos* de acontecimentos que se sucedem, em um percurso em câmara rápida, por décadas, séculos ou milênios de História.

É preciso que fique claro, desde o princípio dessa discussão, que os descobrimientos válidos de princípios científicos são apenas uma parte típica do que se deve entender pela expressão *processos mentais criadores*. Depois disto, podemos concentrar-nos nos principais aspectos epistemológicos do pensamento físico-matemático. Esta indagação provisória nos proporciona o ponto de partida para compreender de modo sistemático os processos mentais, curiosamente perversos, do falecido Bertrand Russell, e toca também em um assunto muito mais extenso e fundamental: o papel da transmissão das idéias ao longo dos séculos, na configuração dos últimos seis deles, na história da civilização européia e universal.

Isso é um requisito de especial importância para se entender tanto o empirismo radical britânico, que Ortes apresentou a Adam Smith, Bentham e Malthus, como o seu rebento bastardo francês, o positivismo,

126. Ver a série de artigos do autor sobre os princípios da metáfora, publicada em diferentes edições da revista *Fidelio*: "On the Subject of Metaphor", Vol. I, No. 2, Fall 1992; "Mozart's 1782-1786 Revolution in Music, Vol. I, No. 4, Winter 1992; "On the Subject of God", Vol. II, No. 1, Spring 1993; "History as Science", Vol. II, No. 3, Fall 1993; "The Truth About Temporal Eternity", Vol. III, No. 2, Summer 1994.

127. Em "The Truth About Temporal Eternity", o autor discute a prova dessa afirmação. Essa definição de "idéia" corresponde à "idéia" de Platão (*eiidos*). Do ponto de vista formal, qualquer descoberta científica desse tipo, ou qualquer forma equivalente de idéia, derruba pelo menos um dos axiomas e postulados no qual se sustenta até aquele dado momento a física matemática. De maneira que cada descoberta de princípio tem um efeito axiomático revolucionário, que exige uma rede formal de teoremas inteiramente nova, que supere a velha. Assim, pois, todas as ações abrangidas por uma tal descoberta formam parte de um só *tipo*, como os mamíferos placentários se distinguem, como *tipo*, dos marsupiais. Com o perdão dos biólogos, pode-se entender que, por *eiidos* Platão queria dizer "espécie" ou, o que seria melhor matematicamente, "tipo".

que surgiu nos últimos dois séculos, a partir dos círculos dos seguidores do abade Moigno, após a Restauração. Isto é indispensável para se entender a malignidade sistemática que impregna toda a obra conhecida de Russell, em cada disciplina.

Como indicado anteriormente, este autor não levou Russell a sério senão a partir de meados dos anos 50. Este reexame ocorreu como resultado indireto das descobertas do autor de 1952¹²⁸. Estas puseram a nu a nociva incompetência da obra matemática de Russell, em especial os sofismas em que se sustentam axiomáticamente os *Principia Mathematica* de Russell e Whitehead. Em consideração aos que queiram argumentar que tal exame só demonstra que Russell era uma espécie de aborrecido *sábio idiota* nas ciências naturais, tenhamos em conta que, quando o conjunto da sua obra matemática e seus escritos filosóficos concomitantes são examinados do ponto de vista de Leibniz, Riemann e Cantor, não resta dúvida sobre o caráter sistemático da malignidade de Russell e seus vínculos com os “métodos de Galileu e Newton” de Ortes. Com esse propósito, situemos Conti, Ortes, Russell etc. nos últimos seis séculos da história da ciência, que corre paralela e se une ao filme em câmara lenta anterior.

“*Principia Mathematica*”

Talvez, Mefistófeles tenha iniciado a corrupção de sua alma rotineiramente, com algum pecadilho minúsculo. Sem dúvida, é assim que, o que a muitos poderia parecer um deslize quase imperceptível, uma pequena falha de pouca monta germina até o mal irremediável dos notórios Principia Mathematica. Por razões que se tornarão claras depois, posso ouvir ao longe Johannes Kepler rir feliz, nas alturas em que se encontra¹²⁹. Uma pequena falha? Diminuta, como uma fenda num diques holandês, mas, como já veremos, tão devastadora quanto esta.

Em 1931, um jovem gênio matemático, cortês e modesto, um austríaco chamado Kurt Gödel, apresentou um trabalho que destruiu

128. Ver “On LaRouche’s Discovery”, *Fidelio*, Vol. III, No. 1, Spring 1994.

129. Johannes Kepler, *De Nive Sexangula* (Do floco de neve de seis lados), Clarendon Press, Oxford, 1966; reimpresso por *21st Century Science & Technology*, 1991. Kepler, astrônomo oficial do imperador, apresenta neste trabalho uma das descobertas científicas mais importantes, ilustrada com a topologia do cristal de neve. Conforme examinarmos o sofisma de Russell, o leitor se dará conta da razão pela qual Kepler ri com tanto gosto e esperamos que, ao entender a piada, se divirta tanto como o velho professor.

implicitamente toda a obra matemática de Bertrand Russell e refutou vários absurdos pomposos parecidos de hesicastas como John von Neumann. Considerando o conteúdo deste notável trabalho, é justo qualificar de assombrosa a modéstia pessoal com que Gödel apresentou a sua argumentação, tanto na forma oral quanto em seu agora célebre trabalho.

O trabalho se intitula “Sobre as proposições formalmente insolúveis dos *Principia Mathematica* e sistemas semelhantes I”¹³⁰. Em princípio, o cerne da argumentação de Gödel é um eco da prova devastadora oferecida pelo *Parmênides* de Platão contra a escola eleática, há 2.400 anos. A conclusão a que chegou era bem conhecida de Leibniz¹³¹ e dela se ocuparam titãs da ciência do século 19, como Gauss, Dirichlet, Riemann, Weierstrass, assim como Georg Cantor¹³². Em resumo, os princípios físico-matemáticos do caso foram completamente implantados uma década antes que Russell escrevesse a sua fraude e 30 anos antes do ensaio de Gödel, de 1931. O significado histórico do trabalho de Gödel não é que ele tenha refutado os sofismas de Russell, mas que refutou tanto a este quanto a totalidade da escola positivista radical, em seus próprios termos formais. Por isso, o retumbante efeito de seu trabalho foi devastador, na época e depois.

Para os nossos fins, temos que abordar a mesma questão que Gödel, do ponto de vista epistemológico-matemático mais fundamental e tradicional, por um caminho mais direto e elementar, o de Platão, Cusa, Leibniz e Riemann. De qualquer modo, como se explicará mais adiante, todas as tentativas fracassadas de Russell de se fazer famoso na matemática têm suas raízes nos ataques do abade Antonio Conti e sua tertúlia a Gottfried Leibniz. Quando se colocam as fraudes de Russell diante de Leibniz - alvo dos ataques de Conti, Ortes e do próprio Russell, fica suficientemente claro o motivo subjacente das questões assim

130. Gödel, Kurt, “Über formal Unentscheidbare Sätze der *Principia mathematica* und verwandter Systeme I” (1931) in Kurt Gödel, *Collected Works, Vol. I: Publications 1929-1936*, editado por Solomon Pfeferman *et alii*. (Oxford University Press, New York, 1990, pp. 144-199).

131. Ver Gottfried Wilhelm Leibniz, *Monadology*, Open Court Publishing Co., LaSalle, 1989.

132. Para entender o fundamental das três obras de Georg Cantor, estas devem ser revistas do ponto de vista de Platão, Leibniz, Dirichlet, Riemann e Weierstrass. As obras mais importantes de Cantor são: *Grundlagen, über unendliche lineare Punktmannigfaltigkeiten* (1882-83); “Mitteilungen zur Lehre vom Transfiniten” (1886-1888); e *Beiträge zur Begründung der transfiniten Mengenlehre* (1897), in *Georg Cantors Gesammelte Abhandlungen*, compilado por Ernst Zermelo (Georg Olms Verlag, Hildesheim, 1962). Ver a nota 149.

colocadas.

As presumidas contribuições de Russell aos *Principia Mathematica*¹³³ tocam em um aspecto fundamental da influência de Leibniz na ciência física dos séculos 19 e 20. Por conveniência, vamos chamá-lo de “paradoxo do contínuo”. Para oferecer uma exposição sucinta do assunto, citemos duas passagens da seção final da famosa dissertação de mestrado de Riemann, de 1854¹³⁴. Consideremos como Riemann o aborda: será demonstrado que as fraudes metodológicas que Russell comete nos *Principia* em nome das matemáticas encarnam as implicações decisivas de todo o empirismo radical. Do texto de Riemann, consideremos o seguinte:

(...) fala-se, entre as meras relações de extensão e as de medida, de uma diversidade essencial: nas primeiras, quando os casos possíveis constituem uma multiplicidade discreta, os enunciados sobre a experiência não são nunca inteiramente seguros, mas não são inexatos, enquanto que nas outras, quando os casos possíveis formam uma multiplicidade contínua, toda determinação guiada pela experiência fica sempre inexata, por maior que seja a probabilidade de que seja aproximadamente correta. *Esta antítese se torna importante ao ampliar os limites da observação de tais determinações empíricas além dos limites do incomensuravelmente grande e pequeno... em uma multiplicidade discreta, o princípio das relações métricas está contido no conceito de tal multiplicidade; mas no de uma contínua, tem-se que agregá-lo de outra forma. Portanto, a realidade que serve de fundamento do espaço forma uma multiplicidade discreta, ou o fundamento das relações de medida deve ser procurado fora, nas forças eficientes e conectantes* (grifado no original)¹³⁵.

-
133. Quando se fala das “contribuições de Russell”, temos que olhar de soslaio a figura indignada de Alfred North Whitehead, que não só tinha maior hierarquia que Russell no grupo dos Apóstolos, mas também aparece como co-autor da obra. Sem tratar de resolver aqui a disputa entre eles, é necessário dizer que quem quer que haja estudado a obra de Russell julgará plausíveis as acusações de Whitehead. Mas o que importa é que estamos considerando as idéias por cuja aplicação Russell assumiu praticamente a responsabilidade.
134. *Über die Hypothesen, welche der Geometrie zu Grunde liegen*, in *Collected Works of Bernhard Riemann*, editado por Heinrich Weber (Dover Publications, New York, 1953, pp. 272-287). Para uma tradução aceitável para o inglês, ver Henry White, “On the Hypotheses Which Lie at the Foundations of Geometry”, in David Eugene Smith, *A Source Book in Mathematics*, Dover Publications, New York, 1959, pp. 411-425. Prestar atenção sobretudo ao capítulo III (na compilação de Weber, pp. 283-286; na versão de Smith, pp. 422-425).
135. Smith, *ibid.*, pp. 423-425 (Weber, pp. 284-286).

Algumas linhas adiante, vem a eletrizante sentença final: “*Isto remete ao domínio de outra ciência, ao domínio da física, no qual, pela natureza da presente ocasião (as matemáticas), não se pode entrar.*”¹³⁶

Refletindo sobre seu livrinho de 1611 sobre os cristais de neve, Kepler ficaria muito contente com o ensaio de Riemann. O observador descuidado julga trivial tudo o que é de importância central nas matemáticas, porque lhe parece que não tem peso. Já veremos que o “incomensuravelmente pequeno” de Riemann teve um papel decisivo na obra da Academia de Platão, há 2.450 anos, como tem a exploração recente das realidades da “dimensão praticamente nula” da física nuclear moderna.

Russell, por exemplo, conhecia a obra de Riemann e seu significado, enquanto antítese às suas próprias opiniões¹³⁷. Não obstante, nenhum matemático contemporâneo que siga a visão positivista de Russell, de von Neumann¹³⁸ ou do teórico da informação Norbert Wiener¹³⁹

136. “Es führt dies hinüber in das Gebiet einer andern Wissenschaft, in das Gebier der Physik, welches wohl die Natur der heutigen Veranlassung nicht zu betreten erlaubt.” Weber, *op.cit.*, p. 286.
137. Ver Bertrand Russell, *An Essay on the Foundations of Geometry* (1897), Dover Publications, New York, 1956; *A Critical Exposition of the Philosophy of Leibniz* (1900), Allen and Unwin, London, 1967 (edição brasileira: *A filosofia de Leibniz (uma exposição crítica)*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1968); “On Some Difficulties in the Theory of Transfinite Numbers and Order Types”, *Proc. London Math. Soc.* 4, 29-53, 1907; *Principia Mathematica*, *op. cit.* Os ataques de Russell a Riemann *et al.* são discutidos em Carol White, *op. cit.*, cap. 6, especialmente pp. 206-217.
138. John von Neumann e Oscar Morgenstern, *The Theory of Games and Economic Behavior*, Princeton University Press, Princeton, 1953. Ver também a obra mencionada, p. 1, nota 1: John von Neumann, “Zur Theorie der Gesellschaftsspiele”, *Math. Ann.* 100, 1928, pp. 295-320. Antes da II Guerra Mundial, Von Neumann afirmou publicamente que os processos econômicos podem ser reduzidos a soluções para sistemas de desigualdades lineares simultâneas. Isto o levou a uma estreita colaboração com Oscar Morgenstern, também positivista e devoto da teoria da utilidade marginal, para produzir a primeira edição dessa obra, que saiu durante a guerra. Ela contribuiu em grande parte para que, depois da guerra, Tjalling Koopmans e outros elementos da Sociedade de Pesquisa de Operações inventassem a charlatanice da “pesquisa de operações”. A obra daqueles autores não é mais que puro “cálculo hedonista” à la Giammaria Ortes e à la Jeremy Bentham. Os absurdos matemáticos de Von Neumann ilustram também a equivalência entre esta classe de idéias matemáticas e os ensinamentos do empirismo radical, no campo das ciências sociais e da política social.
139. Norbert Wiener, *Cybernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine*, John Wiley, New York, 1948. Sobre o trabalho de LaRouche para refutar Wiener, ver “On LaRouche’s Discovery”.

foi capaz de entender o argumento central que Riemann dá àquela passagem. Do ponto de vista matemático formal, o “paradoxo do contínuo” supõe que toda tentativa de usar a lógica formal para aperfeiçoar a continuidade de uma linha, uma superfície, um “espaço” sólido ou um “espaço-tempo” estará condenada ao fracasso - pequeno, mas seu tamanho não minora o fato de que seus efeitos são eficientemente devastadores. Tão pequeno? “Imensamente pequeno”, de dimensão praticamente nula. *Estejam certos, Kepler sorri de novo.*

A sentença descritiva empregada por Riemann¹⁴⁰, “incomensuravelmente pequeno”, é irônica. Estas brechas aparentes no contínuo, que nenhuma lógica formal pode salvar, são matematicamente “de dimensão praticamente nula”; sua pequenez mensurável não tem limite, mas a presença de sua descontinuidade não pode ser suprimida. É o que somos obrigados a chamar “singularidades verdadeiras”. Não é só que a lógica formal seja incapaz de livrar as matemáticas da sua presença abundantíssima; mas que, além disto, elas têm um papel extremamente significativo na física, do que daremos um exemplo no momento apropriado.

Russell e seus admiradores não têm como se defender disso. O paradoxo do contínuo não foi inventado por Riemann. É o aspecto central da *Monadologia* de Leibniz¹⁴¹. Ele representa um aspecto central da obra matemática da Academia de Platão. Foi um aspecto central da obra de Kepler, assim como preocupação central de seguidores de Gauss, como Dirichlet¹⁴², professor de Riemann e Weierstrass, entre muitos outros. Na história da ciência, o exame rigoroso deste problema é tão antigo como o

140. *Unendlichkleinen*, Weber, p. 285.

141. Leibniz, *op. cit.*

142. P.G. Lejeune Dirichlet (1805-1859). Personagem importantíssimo no desenvolvimento das ciências naturais do século 19. Depois da derrota e desterro definitivo de Napoleão, Paris ficou sob o domínio de Londres e da Viena de Metternich. Nestas circunstâncias, ao “Partido Veneziano” da França pertenciam os amigos dos neoneonewtonianos LaPlace e Cauchy, que chegaram ao poder, se apoderaram da Escola Politécnica de Gaspard Monge e destuíram o programa educativo que havia feito dela a principal instituição científica da Europa. Na ocasião, a ciência francesa encontrou, na Prússia e na Göttingen de Carl Friedrich Gauss, os amigos de que necessitava. De forma semelhante, Lazare Carnot, o famoso “autor da vitória” da França e principal engenheiro da Europa, encontrou refúgio na Academia Militar da Prússia, em Berlim e Magdeburgo. Os gênios da ciência francesa dependeram da ajuda de seu colaborador Alexander von Humboldt para salvar a ciência francesa da destruição. O famoso *Crelle's Journal* encarnou esta nova relação. Assim, Dirichlet, embora fosse dotadíssimo discípulo do geômetra e teórico dos números A. M. Legendre, entre outros na Escola Politécnica, veio a trabalhar sob o patrocínio de Alexander von Humboldt e se converteu num dos gênios científicos ale-

estudo dos “incomensuráveis” e dos “sólidos platônicos”, feito na Academia de Atenas por matemáticos como Platão, Eudoxo e Teeteto. A ciência moderna foi baseada no reconhecimento de uma implicação decisiva deste problema.

O leitor não deve perder de vista o nosso propósito, enquanto fazemos esse breve rodeio indispensável. Não se trata de um assunto formal das matemáticas e da física matemática. Ocupemo-nos dele até que este importante detalhe de princípio físico-matemático ajude a entender as implicações de Conti, Ortes e Russell e as implicações históricas do empirismo radical em geral. Resumamos os antecedentes do problema.

O princípio da metáfora na ciência

Embora a ciência moderna tenha suas raízes na Academia Platônica de Atenas, a ciência moderna como tal começou com a *Douta Ignorância*¹⁴³ de Nicolau de Cusa, publicada à época do Concílio de Florença, em 1439-40. Foi a Academia Platônica que ofereceu o primeiro estudo rigoroso do problema do “imensamente pequeno”. O aspecto formal central da descoberta de Cusa na ciência matemática foi ter aplicado o princípio-solução do *Parmênides* de Platão¹⁴⁴ para fazer uma correção das tentativas construtivas de Arquimedes sobre a quadratura do círculo. O trabalho de Cusa tem a ver diretamente com a questão do “imensamente pequeno” e se refere diretamente à fraude fundamental da obra matemática de Russeil, compartilhada com todo o empirismo radical e seus derivados positivistas.

Tudo o que é preciso abordar para revelar as implicações das matemáticas de Russell foi tratado num trabalho deste autor sobre a metáfora, já citado. Assim, levando em conta a finalidade limitada de apenas tratarmos do tema aqui, bastará que falemos brevemente dos vários conceitos sucessivos indispensáveis e que remetamos os críticos dos nossos argumentos aos trabalhos que tratam mais extensamente dos temas correspondentes¹⁴⁵.

mães de meados do século 19, na época dourada da Universidade de Berlim. Aí, Riemann foi seu discípulo. Depois da morte de Gauss, Dirichlet foi chamado para ocupar a sua cátedra em Göttingen; e, quando este morreu, em 1859, Riemann o sucedeu. É um dos gigantes da teoria dos números, famoso pelo que Riemann chamou “o princípio de Dirichlet” e um dos grandes participantes na análise formal do paradoxo do contínuo.

143. Nicolau de Cusa, *op.cit.*

144. Platão, *Parmênides*.

145. Ver na nota 126 os títulos e datas de publicação dos artigos da série sobre a metáfora.

A. Os quatro tipos de ordenamento matemático

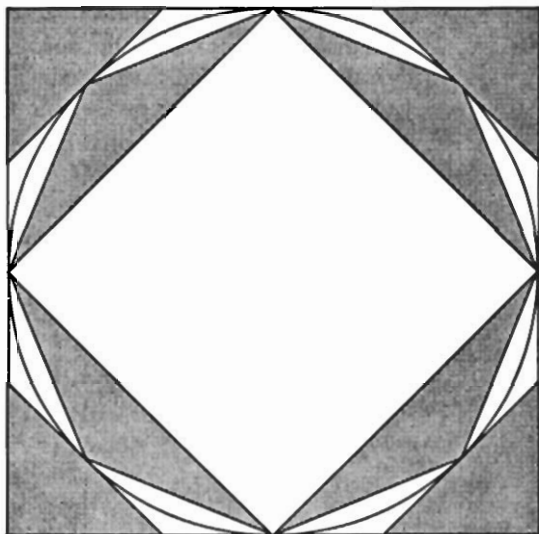
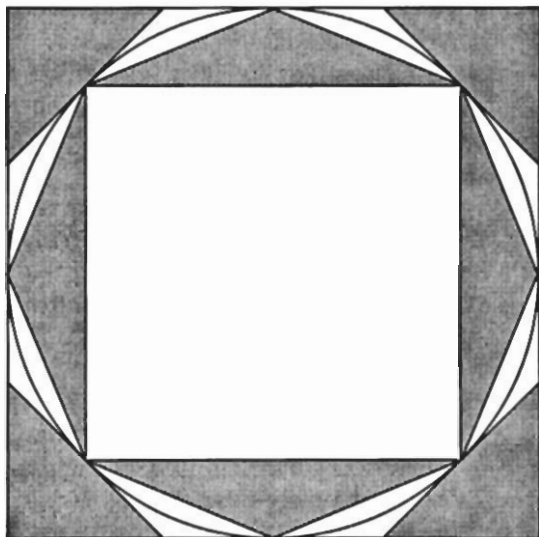
Para colocar o assunto ao alcance dos leitores sem educação matemática profissional, façamos um resumo dos aspectos pertinentes do exame de Arquimedes da quadratura do círculo, assim como da correção do seu erro feita por Nicolau de Cusa. Por “quadratura do círculo”, entenda-se a tentativa de calcular de maneira prática o valor do número “Pi”, que representa a relação entre o comprimento da circunferência e o diâmetro do círculo.

Até onde se sabe, a prova mais rigorosa da existência de uma classe de magnitudes não-congruentes com os números racionais foi elaborada pela Academia Platônica, seguindo as diretrizes do trabalho anterior de Pitágoras e outros. Como ilustra a prova geométrica do famoso teorema de Pitágoras, há na geometria certas magnitudes que não se podem fazer congruentes com os números racionais, *as magnitudes incomensuráveis*. Mas, baseados no princípio das proporções geométricas, podemos situar cada uma delas entre duas magnitudes congruentes com a ordem dos números racionais, mostrando que a incomensurável é menor que a primeira e maior que a segunda.

Este conceito está implícito na técnica empregada por Eudoxo, aluno e colaborador de Platão, método utilizado por ele e outros gregos para executar uma forma primitiva de integração, tomando como objeto o volume incomensurável de uma pirâmide ou de um cone, por exemplo. Arquimedes usou este método grego clássico da Academia Platônica em seus teoremas sobre a quadratura.

Tomemos um círculo e inscrivamos e circunscrivamos nele polígonos regulares de igual número de lados (Fig.2). Aumentemos o número de lados, duplicando-os várias vezes, até chegar a um número muito grande. Já que o raio do círculo (linha que vai do centro deste ao ponto de tangência do polígono circunscrito, ou às arestas do inscrito) permanece constante, calculemos o comprimento do lado de cada polígono e a área de cada um dos triângulos que compõem cada polígono. Determinemos, assim, o perímetro e a área de cada um dos polígonos. Tiremos a média do perímetro dos polígonos e suas áreas. Por este método, sem mais elaborações, pode-se medir o valor aritmético de “Pi”, até chegar

Gráfico 2
Duas visões da construção



à precisão de qualquer decimal, seja com objetivos de carpintaria, hidráulica ou trabalhos comuns de engenharia¹⁴⁶.

Pode-se supor, portanto, que a série de polígonos $2n$ termina produzindo o equivalente da circunferência? Não, responde Cusa; o perímetro poligonal e o circular são de “espécies” diferentes e a espécie circular é superior¹⁴⁷. Todavia, se escolhermos um polígono cujos lados não passem de 10^{-33} cm e um círculo maior que o tamanho que se calculou para o Universo, haverá sempre uma diferença entre os polígonos e o círculo. Por outras razões, também haverá cada vez menos congruência entre os perímetros poligonal e circular, na medida em que se aumente o número de lados¹⁴⁸.

Nesse momento da construção, Cusa fez a descoberta que deflagrou o desenvolvimento da ciência moderna. Ele afirmou que esta construção demonstra que o perímetro circular é de uma espécie superior à poligonal. Antes, a Academia Platônica havia demonstrado que as magnitudes mensuráveis se dividem em duas espécies, racionais e incomensuráveis. Assim foi que Arquimedes viu o assunto, que assim permaneceu até a chegada de Cusa. Este demonstrou que os números incomensuráveis se dividem em duas espécies mutuamente excludentes; a primeira é hoje chamada magnitudes “algébricas”; a partir do trabalho de Leibniz e Johann Bernoulli, na década de 1690; a segunda espécie, a espécie superior descoberta por Cusa, foi chamada domínio “não-algébrico” ou, mais como é mais comum atualmente, domínio “transcendental”. Depois, Georg Cantor juntou uma quarta espécie de magnitudes, os “transfinitos” superiores ou *alefs*¹⁴⁹.

Assim, em ordem de cardinalidade (“potência”) crescente, temos quatro espécies de magnitudes: racionais, algébricas, transcendentais e a espécie transfinita superior. Cada uma delas está distintamente separada da espécie superior subsequente por uma lacuna tal que não se pode chegar a ela formalmente partindo da precedente, embora à inferior se possa descer a partir da superior. A esta lacuna na sucessão ascendente, dá-se o nome *descontinuidade lógica ou singularidade*.

Os *alefs* de Cantor, o domínio do transfinito superior, têm o significado físico de corresponder ao que Riemann chama, na obra citada,

146. Ver LaRouche, “On the Subject of Metaphor”.

147. Nicolaus of Cusa, “De circuli quadratura” (1450). Traduzido para o inglês por W.F. Wertz (“On the Quadrature of the Circle”, *Fidelio*, Vol. III, No. 1, Spring 1994).

148. Ver LaRouche, *op.cit.*

149. Cantor, *Beiträge*, pp. 282-356. Ver a nota 130; Gödel demoliu as críticas de Russell a Cantor.

“o incomensuravelmente pequeno” (*undenlichkleinen*). Poderíamos chamá-lo o domínio da “dimensão praticamente nula”. Esta idéia de entes eficientes e discretos (objetos, por exemplo), cujas magnitudes são de “dimensão praticamente nula”, tem um significado central muito preciso no ramo da ciência física chamada *economia física*¹⁵⁰.

Deve-se reconhecer, como princípio do conhecimento, que nenhum estudante pode chegar a conhecer uma descoberta válida revolucionária axiomática de princípios, a menos que tenha reproduzido efetivamente, reexperimentando-o, o ato mental da descoberta. Este princípio se ilustra de maneira melhor aplicando o princípio que Platão apresenta implicitamente no Parmênides, o estudo dos quatro níveis sucessivos (potências, cardinalidades) das matemáticas que acabamos de mencionar.

Isso deve ser entendido para se reconhecer o efeito demontaco do método empirista radical de destruição das faculdades essenciais do juízo de suas vítimas crédulas. Examinar minuciosamente, do ponto de vista do Parmênides, a descoberta de Cusa do que hoje chamamos domínio transcendental, é a maneira mais direta de ilustrar o princípio da razão criadora no descobrimento matemático.

O estudo que Cusa fez das tentativas de Arquimedes de enquadrar o círculo é uma das melhores ilustrações imagináveis do *Parmênides* de Platão. Usamos aqui essa ferramenta pedagógica.

Depois dos teoremas de Arquimedes, uma das formas mais simples de fazer um cálculo racional cada vez mais preciso de “Pi” é a seguinte: comecemos outra vez com quadrados, um inscrito no círculo e o outro circunscrito. Façamos aproximações mais precisas, em uma seqüência que se determina dividindo pela metade o ângulo entre os pontos de tangência do polígono com o perímetro circular. Isto define um caso geral de pares de polígonos: 2^n [$n \geq 2$] lados. Para cada valor de $n \geq 2$, há um valor numérico aproximado de “Pi”.

150. A ciência da economia física é um ramo da ciência física. Ela foi fundada por Gottfried Leibniz, seu principal aperfeiçoador no período 1672-1716. Esta foi a forma original da ciência econômica que, por seu intermédio, exerceu grande influência no século 18 e em grande parte do século 19. Por exemplo, manifestou-se como dos aspectos centrais do “Sistema Americano de economia política” de Alexander Hamilton, foi a base das doutrinas econômicas da Escola Politécnica de França entre 1794 e 1814, sob a direção de Gaspard Monge, e foi o ideário do partido *Whig* e dos republicanos de Lincoln nos EUA do século 19, bem como do fundador da economia alemã moderna. Friedrich List. Mas, com a influência do Tratado de Versalhes e do sistema financeiro posterior à II Guerra Mundial, o conhecimento da ciência econômica se esfumou nas universidades, nos governos e na gerência industrial. O autor reviveu este ramo da ciência, com apoio em conquistas efetuadas nesse campo em 1952.

À luz do *Parmênides*, podemos considerar a série resultante de cálculos de “Pi” como $F(2^n)$, que se pode estender indefinidamente, como os “Múltiplos”. Qual é a unidade que reúne todos os elementos dos “Múltiplos” em “Uno”? A resposta, em língua moderna, está em tomar os “Múltiplos” como um *tipo* de Cantor. A resposta é pois a mudança de $2^{(i)}$ para $2^{(i+1)}$. Do ponto de vista da construção geométrica, a mudança fica bastante clara¹⁵¹. O reconhecimento, por Cusa, de que a ação circular é um ente matemático de espécie superior às magnitudes algébricas surge diretamente daí.

Resulta que reconhecemos que a série interdependente de axiomas e postulados da chamada geometria “euclidiana” tem que ser superada, adotando-se a ação circular como tal em lugar das chamadas definições axiomáticas “euclidianas” do ponto e linha, de que temos que abandonar a idéia de um espaço-tempo ilimitado¹⁵² e que temos que aceitar a idéia de Nicolau de Cusa, Luca Pacioli, Leonardo da Vinci e Kepler, sobre um espaço-tempo físico limitado¹⁵³.

B. O método da descoberta matemática

Uma vez que lancemos raízes no domínio transcendental de Nicolau de Cusa, todos os domínios aritméticos e algébricos, respectivamente, se tornam acessíveis, como casos especiais do domínio transcendental. Sempre se pode abordar o nível inferior, o mais primitivo, a partir do nível superior; o problema é que não se pode chegar ao nível superior mediante uma análise dedutiva do nível inferior. Como se pode, então, chegar, *pela primeira vez*, ao nível superior?

Este é o problema central abordado na obra culminante de

-
151. Quer dizer, o método necessário é a construção circular; só se obtém a ação circular por meio da ação circular. O problema surge apenas quando cometemos o disparate de abandonar a geometria construtiva (“sintética”) para adotar a álgebra formalista. Feito isto, não há solução possível para o problema. Ver mais adiante a discussão da fraude dos “problemas famosos” de Felix Klein.
 152. Por exemplo, o que se adotaria como espaço-tempo “cartesiano” de Galileu, Descartes, Newton etc.
 153. Por exemplo, o princípio de Leibniz e Bernoulli da *ação mínima universal*. A raiz da idéia de um espaço-tempo fechado é o caso dos sólidos platônicos, que nos leva ao trabalho de Cusa, Pacioli e Leonardo da Vinci, na investigação do domínio hipergeométrico, a partir do estudo feito por Gauss da obra de Kepler sobre o *Pentagramma Mirificum*. Ver LaRouche, “An Economist’s View of Gauss’ *Pentagramma Mirificum*”, *21st Century Science & Technology*, Vol. 7, No. 2, Summer 1994. Ver também C.F. Gauss Werke, Georg Olms Verlag, Hildesheim, 1986, Vol. III, pp. 481-490; Vol. VIII, pp. 106-117.

Immanuel Kant, as famosas *Críticas*¹⁵⁴. Do ponto de vista de um formalista aristotélico como ele, a idéia que oferece Platão no *Parmênides*, de que, para descobrir um princípio unificador dos “Múltiplos”, devemos sair do modo indutivo-dedutivo da lógica formal e chegar à resposta mediante um “salto”. Esta é a base formal do ataque obsessivo de Kant à obra de Leibniz. Isto coloca o cerne do debate entre a tradição mosaico-cristã, de um lado e os aristotélicos, como Pomponazzi e Kant, do outro. Na literatura clássica, isto se conhece como o tema da *hipótese*, ao qual voltaremos.

Antes de discutir o assunto do “salto” aparente, concedamos, como acontece amiúde na História, a ocorrência do “salto do descobrimento”, que permite ao homem utilizar novos princípios válidos e que os alunos inteligentes o reexperimentam muito, como parte integral de sua educação. Reconhecendo agora a sua ocorrência, como representamos este acontecimento na ciência física? Usemos os exemplos matemáticos que acabamos de mencionar, para mostrar a resposta à pergunta.

Façamos uma pausa para considerar esse pensamento. Vamos apresentar aqui, neste ponto da discussão, o que pode parecer a alguns uma definição arbitrária. Entenda o leitor que, daqui por diante, usaremos os termos “potência” e “cardinalidade” como sinônimos. Por um lado, usamos essa equivalência no sentido em que Georg Cantor, por exemplo, usa o Crivo de Eratóstenes para dar ao aluno uma idéia inteligível da equivalência entre “potência” e “cardinalidade” na teoria dos números¹⁵⁵. Tal como se indicará depois, as descobertas do autor na economia física mostram que esta noção de “potência”, além do significado teórico

154. A luta do autor com Kant começou com a sua *Crítica da razão pura*. O resto da série é formada pelos *Prolegômenos a uma metafísica do futuro*, *Crítica da razão prática* e *Crítica do juízo*. Esta série, como um todo, apresenta dois traços principais: 1) a negação da possibilidade de conhecimento inteligente de um princípio de razão criadora (“juízo sintético *a priori*”), o ataque à *Monadologia* e à *Teodicéia* de Leibniz, assim como à sua correspondência com Clarke etc.; e 2) a defesa dos costumes perante o extremismo introduzido na Inglaterra pelos empiristas radicais britânicos, entre eles o antigo mentor de Kant, David Hume. Formalmente, Kant parece ter sido o fundador da escola romântica na arte (Liszt, Berlioz, Wagner etc.), na ciência e no estadismo (por exemplo, Savigny e a escola “intuicionista” na física matemática). A essência de Kant é que ele era um produto veneziano da marca Conti e, implicitamente, o maligno existencialista suspeitado por Schiller e de que Heine tinha certeza (*Religião e filosofia na Alemanha*).

155. Eratóstenes, geômetra, gramático e historiador ateniense de ascendência cirenaica (nasceu durante a 126ª Olimpíada, em 195 a.C.; viveu cerca de 80 anos), famoso, entre outras realizações, por calcular o tamanho do globo terrestre, a distância da Terra à Lua e a distância da Terra ao Sol. Calculou em aproximadamente 39.459 km o perímetro

numérico¹⁵⁶, tem outro significado físico importantíssimo. Com isto em mente, neste preciso instante, sublinhemos esta importância especial do uso da noção de “potência” de Cantor.

Em “potência” (cardinalidade) ascendente, conhecemos quatro espécies (tipos) de funções matemáticas: A = números racionais; B = funções algébricas; C = funções não-algébricas ou transcendentais; e D = funções transfinitas superiores, além das transcendentais. A passagem para as espécies de funções superiores, sucessoras de uma inferior, está cortada por uma lacuna formal intransponível, uma descontinuidade, uma singularidade, embora não haja nenhum problema para se ir de uma espécie superior para uma inferior. A lacuna é “incomensuravelmente pequena”¹⁵⁷, mas formalmente intransponível. Pensemos: que ensinamento se pode tirar destes fatos da história das matemáticas?

A insistência tácita de Kepler, indispensável pedagogicamente, é de que neste preciso momento se sublinhem de novo os aspectos matemáticos fundamentais do descobrimento de Nicolau de Cusa do domínio transcendental, a realidade ontológica da existência do incomensuravelmente pequeno.

O engano comum de indivíduos como Isaac Newton, Samuel Clarke, Felix Klein e dos matemáticos aturdidos que admiram Russell, é que a mente deles abandona o ponto de vista do rigor geométrico-construtivo clássico para voar pelo domínio das fantasias aritmético-algébricas. Eles supõem que a convergência aparente das séries infinitas para um valor limite significa que há uma congruência com esse limite. Em resumo, que não há descontinuidades verdadeiras, que não há singularidades verdadeiras.

Como ilustramos com o exemplo de um polígono regular cujos lados não passem de 10^{-33} cm, circunscrito a um círculo maior que qualquer tamanho que se atribua ao Universo, é impossível conceber um ponto em

terrestre que passa por Roma e Alexandria. Foi viver em Alexandria, onde se tornou diretor da famosa biblioteca. Também é famoso em geometria, por seu trabalho no chamado problema de Delos (a duplicação do cubo) e na teoria dos números, por idealizar um “crivo” para separar os números primos. Posteriormente, trabalhariam neste problema, entre os mais notáveis, Euler, Legendre, Gauss, Dirichlet, Riemann (“Über die Anzahl der Primzahlen unter einer gegebenen Grösse,” 1859), in Weber, *op. cit.*, pp. 145-153). Cantor usou este trabalho, em particular, o “Crivo de Eratóstenes”, para definir a equivalência de “potência” e “cardinalidade” na teoria dos números.

156. De fato, foi a descoberta do significado físico dessa noção de “potência” que levou o autor aos estudos de 1952 sobre a obra de Cantor e Riemann. Ver essa mesma seção, mais adiante.

157. Assim White traduz o *Unendlichkleinen* de Riemann.

que se dissolva a existência persistente de uma lacuna não-flanqueável entre o perímetro poligonal e o perímetro circular, um ponto em que o definido se torne impreciso. A existência da lacuna não só persiste, mas é absoluta.

Por rigor geométrico-constutivo, sublinhemos agora a idéia de que a equivalência depende da congruência, em virtude das implicações “hereditárias” do método de construção. Estas equivalência e congruência, assim definidas, devem ser demonstradas dessa forma. Alguma coisa é uma parte da série de eventos da qual é gerada como uma parte. Por exemplo, segundo esta definição, o valor da hipotenusa de um triângulo 3,4,5 não é o número racional “5”, mas o número irracional (algébrico) “5,000...000...”; um número é a maneira em que se gera, pela função que desempenha, e não o que aparentemente se vê, se isolado do contexto em que ocorre¹⁵⁸.

Cusa descobriu o domínio transcendental o mais tardar em 1440¹⁵⁹, desde que compreendeu que a lacuna intransponível entre o perímetro da série poligonal “infinita” e o círculo é uma diferença de (que aqui chamamos) “potência” ou cardinalidade, que situa a ação circular em uma espécie superior, inalcançável para as séries poligonais de números algébricos.

Cada uma das três espécies superiores de magnitudes - incomensuráveis em geral, transcendentais e *alef* - foi descoberta com

158. Considere-se o abuso, bastante comum, da noção da aplicabilidade da Seção Áurea aos processos vivos. O valor calculado desta última, como raiz algébrica do quociente calculado entre duas linhas desiguais é, obviamente, um número algébrico. O que dizer, então, do desagradável espetáculo das tentativas de projetar ordenamentos harmônicos de processos vivos, como se a Seção Áurea fosse um mero coeficiente da ação mecânica de Galileu, o limite de uma série de Fibonacci? Por que tantos tolos caem no que deveria ser uma patente tolice? A tolice está em não se perguntar *de onde tiraram (isto é, “princípio gerador”)* Luca Pacioli (*De Divine Proportione*, 1497), Leonardo da Vinci e Kepler a sua noção do significado ontológico da Seção Áurea: da tentativa de dividir o interior de uma casca esférica, se desemboca na demonstração de que só se podem construir cinco sólidos platônicos deste modo. Esta construção é ilustrada com os estudos de Kepler e Gauss do *Pentagramma Mirificum* (ver LaRouche, “An Economist’s View of Gauss’ *Pentagramma Mirificum*”); o que nos leva ao domínio das funções hipergeométricas, elaboradas por Gauss e Riemann. Ver *C.F. Gauss Werke*. Esta linha de investigação começa com nosso amigo Kepler e conduz às questões mais fundamentais das matemáticas de uma teoria generalizada do campo quântico. O significado que Platão, Pacioli, Leonardo e Kepler encontraram, na harmonia dos sólidos platônicos, de forma nenhuma é questão de razões algébricas.
159. Não o fraudulento 1882 de Felix Klein! Sobre este e outros, diremos algo adiante. Embora Nicolau de Cusa expusesse a prova formal em seu “*De circuli quadratura*,” de 1450-53, a descoberta se reflete já em *De Docta Ignorantia*, de 1440.

um ato mental equiparável ao princípio implícito que oferece Platão no *Parmênides*, para resolver o paradoxo ontológico. O aparente “salto do descobrimento” corresponde, em cada caso, à “brecha” de singularidade que impede à espécie inferior ter acesso formal à superior.

Apliquemos a esse série ordenada de espécies (de funções matemáticas) o princípio-solução do *Parmênides*, que Cusa aplicou ao teorema da quadratura de Arquimedes. Seja a seqüência A, B, C, D os “Múltiplos”; qual é o “Uno”?

Na teoria platônica do conhecimento, cada um dos “saltos” correspondente a uma singularidade é um fenômeno da vida mental denominado *hipótese*. Assim, neste caso, temos a hipótese AB (o salto de A para B), a hipótese BC e a hipótese CD. A questão que aparece implicitamente, ao se comparar esta situação com o *Parmênides*, é se há ou não um princípio comum de *mudança* que gera B a partir de A, C a partir de B, e D a partir de C. Se existe, então, esta forma inteligível de princípio de mudança representa o que conhecemos como *hipótese superior*. Se, na ciência e nas formas artísticas clássicas, há várias opções de hipótese superior, a pergunta, então, é se estas estão incluídas em algum princípio superior que as inclua e que se entende por *hipótese da hipótese superior*¹⁶⁰.

*A classe de conhecimento que corresponde à solução dessa lacuna, ou seja, a hipótese, é a definição adequada do termo “metáfora”*¹⁶¹.

Kant, o menos irracional dos personagens históricos que se opuseram a Leibniz nos séculos 17 e 18, afirma ver algo intrinsecamente ininteligível na própria idéia da criatividade humana. A partir desta falsa suposição, Kant rechaça o princípio platônico de descobrimento (*hipótese*) que Leibniz usou. É com esse pano de fundo da formulação “kantiana” do problema que se podem identificar e entender estritamente o que são as tolices matemáticas de Russell e de todos os positivistas modernos, como Karl Korsch, Rudolf Carnap, von Neumann e também Norbert Wiener, todos seguidores daquele.

*No essencial, estes empiristas radicais negam a existência real da criatividade humana. Não é assombroso que os apóstolos deste dogma irracional tenham a audácia*¹⁶² *de se apresentar como cientistas?*

160. A discussão desses princípios de hipóteses se encontra no mencionado artigo “The Truth About Temporal Eternity”.

161. Ver a série de artigos do autor sobre a metáfora.

162. De fato, um empirista radical dificilmente pode provar a sua própria existência.

C. As evidências demográficas

Essa criatividade, que os empiristas e aristotélicos em geral negam, se expressa com especial clareza na sua função essencial de característica da subsistência bem sucedida da sociedade humana. Portanto, o que estes atarantados desdenham é nada menos do que a própria existência bem sucedida da sociedade.

Os empiristas britânicos e os aristotélicos em geral dão grande importância aos dados provenientes dos sentidos, mas evitam dissimuladamente os que fariam em pedaços os seus tolos preconceitos filosóficos. Para qualquer participante da História moderna, as mudanças patentes na densidade demográfica, na produtividade e no consumo que a sociedade experimentou nos últimos seis séculos refutam de forma arrasadora a maior parte do que se ensina explicitamente, ou que se supõe implicitamente ser filosofia e método científico nas universidades atuais.

O “fundamento objetivo” para se examinar os efeitos da criatividade, ou de sua ausência, na possibilidade de que a sociedade consiga subsistir¹⁶³ é o que chamamos ciência da economia física. É desagradável, mas, por desgraça, é muito comum encontrar cientistas profissionais que passam pela vida com os olhos completamente fechados à existência do processo econômico físico, que, hoje, existe mais apesar dos mercados financeiros do que graças a eles. Se as idéias científicas são sólidas, elas não têm que implicar a possibilidade de aumentar o poder do homem sobre o Universo, per capita e por quilômetro quadrado? Não é esta uma relação mensurável?

Fazemos aqui essas reflexões para poder situar o significado físico do “incomensuravelmente pequeno” em um tema tão importante como o de conseguir que a Humanidade sobreviva. Nenhuma pessoa razoavelmente inteligente, com experiência prática no funcionamento da agricultura e da indústria modernas, inclusive o industriário qualificado, necessitará de muito adestramento adicional para ajudá-la a preparar uma série de desigualdades lineares, que descrevam adequadamente os requisitos e os efeitos da melhoria da capacidade produtiva do trabalho¹⁶⁴. Feito isto, dar-se-iam dois passos óbvios: 1) examinar as mudanças da produtividade e composição da divisão social

163. Ver Lyndon LaRouche, *In Defense of Common Sense*, Schiller Institute, Washington, 1990); ver também LaRouche, *A ciência da economia cristã*, Movimento de Solidariedade Ibero-americana, Rio de Janeiro, 1998.

164. Por exemplo, em *So, You Wish to Learn All About Economics?*, New Benjamin Franklin

do trabalho, desde a fundação da nossa república federal (os EUA), em 1789; e 2) examinar essa história de mudanças econômicas, do ponto de vista dos prognósticos feitos por Alexander Hamilton, secretário do Tesouro dos EUA, no *Relatório sobre as manufaturas*, que enviou ao Congresso em dezembro de 1791 (edição brasileira do Movimento de Solidariedade Ibero-americana, Rio de Janeiro, 1995).

A Humanidade existe porque produz. Nossos lares consomem para existir, para ser produtivos e para desenvolver a instituição familiar e as pessoas que os formam; nossas fazendas, fábricas e infra-estrutura essencial consomem para continuar existindo, se desenvolvendo, ser produtivas ou úteis de algum modo. Se queremos comparar os dois processos, o consumo e a produção (ou outras formas necessárias de rendimento), temos que definir a força de trabalho como um fator comum dos lares e as diversas formas de empresas produtivas e outras necessárias. Tomamos a família como unidade da função determinada culturalmente para a reprodução dos membros da força de trabalho. Medimos estas funções de consumo e produção no lugar em que ocorrem (principalmente), pelo tipo de uso da terra que corresponde a cada uma das atividades.

Definimos, assim, os requisitos para elaborar estatísticas, segundo a superfície total usada e as frações de cada atividade em valores per capita, por unidade familiar e por quilômetro quadrado. Temos que definir “cestas básicas” para expressar a relação entre o abastecimento de bens necessários e o seu consumo.

Para abreviar e nos atermos ao propósito que nos faz mencionar esses temas neste ponto, nosso passo seguinte é refinar a noção de “consumo necessário”. Qualquer pessoa versada na preparação e uso de listas de materiais e esquemas de processamento da engenharia industrial entende facilmente o que é consumo produtivo na agricultura e na indústria. Já que os requisitos objetivos da produção são facilmente entendidos, ao menos em princípio, o aspecto problemático de nossa indagação se reduz de pronto ao assunto do consumo domiciliar de bens físicos *funcionalmente necessários*¹⁶⁵.

Por esse caminho, a área variável na qual temos que concentrar a nossa atenção se reduz logo ao consumo de bens físicos, acrescida do nível necessário de certos elementos que se identificam apropriadamente

House, New York, 1984, o autor faz uma exposição introdutória sobre a maneira de esboçar semelhante série de desigualdades.

165. Ver Gottfried Leibniz, “Society and Economy” (1671), *Fidelio*, Vol. I, No. 3, Fall 1992.

pelo termo “infra-estrutura”. Com isto, queremos qualificar algo que os lares ou as empresas de produção de bens não consomem diretamente em unidades separadas, mas cuja presença ou ausência, diminuição ou aumento, afeta de modo variável a capacidade produtiva do trabalho. Abarca o que podemos chamar “infra-estrutura pesada”: obras hidráulicas, melhoramentos de terreno, saneamento, produção geral de energia, infra-estrutura urbana geral etc.; e também certos termos bem definidos de “infra-estrutura leve”: educação, saúde, progresso científico-tecnológico, tanto para os domicílios como para as empresas de produção e outras. Esta combinação de bens físicos e infra-estrutura representa as determinantes variáveis da produtividade potencial líquida de toda a sociedade.

Por exemplo, a qualidade do ócio construtivo, a educação, a saúde, o progresso tecnológico e o consumo físico geral das famílias têm uma relação funcional com a produtividade relativa potencial dos integrantes das mesmas. A sobrevivência bem sucedida contínua pode ser expressa por um conceito funcional: *densidade demográfica relativa potencial*. Esta noção combina estatisticamente as idéias do uso da terra, consumo de bens físicos, infra-estruturas pesada e leve per capita, por unidade familiar e por quilômetro quadrado. Isto incide na expectativa de vida, na esperança de saúde, na idade em que se terminam os estudos etc. Tudo isto junto é o que será útil chamar “demografia geral”.

Refletindo, após um estudo histórico dos dois últimos séculos da economia dos EUA, pode-se ter uma idéia muito especial a respeito dos últimos seis séculos da civilização ocidental européia. *Observem as mudanças na divisão social do trabalho!* São as que Alexander Hamilton descreveu em seu *Relatório sobre as manufaturas!*

Por ocasião do primeiro censo dos EUA, realizado em 1790, 90% da população estadunidense era rural. Não obstante, com relação à Europa da Idade Média, isto já representava um grau de urbanização bastante avançado. Na Europa medieval e antes, a existência da maior parte dos seres humanos era deveras miserável. Por milhares e milhares de anos, antes do Renascimento, muito mais de 90% da população trabalhava arduamente na terra para sustentar uma vida precária.

Se supusermos que, na atualidade, 60% de todos os trabalhadores estão empregados na indústria e na infra-estrutura, enquanto que, graças à tecnologia moderna, se necessitam menos de 2% no setor rural (dados referentes aos EUA - N.T.), a maior parte do emprego industrial deveria estar no setor de bens de capital e uma parte crescente dele no setor produtor de máquinas-ferramenta, com entre 5-10% do total dos

trabalhadores na pesquisa científico-tecnológica ou em atividades relacionadas - estes, com o propósito de manter o fluxo de inovações técnicas adequado às necessidades humanas em geral.

Essas mudanças na divisão social do trabalho se relacionam funcionalmente com o aumento da densidade demográfica potencial. Isto acentua a redução acelerada da superfície média necessária para sustentar cada pessoa em um nível de bem-estar demográfico superior ao de seus pais ou avós. Como ocorreu isto? Graças à relação de reforço mútuo entre o progresso científico puro e o investimento deste progresso, como tecnologias aprimoradas, empregadas em um modo de intensivo de energia e capital no aumento da capacidade produtiva do trabalho por unidade familiar, per capita e por quilômetro quadrado.

Como funcionava isso antes que passássemos a um paradigma cultural “pós-industrial” e “contracultural”, em meados dos anos 60? Como foi que cada dólar investido no programa aeroespacial do presidente Kennedy, naquela época, produziu, segundo cálculos objetivos, 14 dólares para a economia dos EUA? Cremos que todo cientista consciente deveria propor e responder esta pergunta.

O ciclo começa pela “ciência pura”. Para demonstrar uma descoberta, é preciso uma experiência que prove o princípio. Isto se expressa pela construção de algum aparelho. Uma vez efetuada e aperfeiçoada uma experiência satisfatória, a forma aperfeiçoada do plano experimental se torna o fundamento para agregar um princípio melhorado de máquina-ferramenta ao repertório de planos disponíveis de bens de capital, assim como de produtos e planos de processos. O fluxo de máquinas-ferramentas aperfeiçoadas e os benefícios concomitantes, enquanto investimentos na produção, juntamente com o fluxo de novos conhecimentos, geram um aumento cada vez mais difundido da produtividade de trabalho per capita e por quilômetro quadrado. Examinemos, com um microscópio imaginário, como é o tipo de descoberta científica da qual deriva, em última instância, este benefício.

A possibilidade da física matemática formal reside, ao menos em princípio, em lograr uma congruência dedutiva aproximada com a representação matemática das relações físicas, percebidas e abstraídas à escolha, do processo real em consideração. Neste grau, a física formal descreve uma matriz de teoremas congruente e aberta, na qual todos os teoremas possíveis (dentro dos limites da congruência) são congruentes entre si e, sobretudo, com todos e cada um dos pressupostos axiomáticos subjacentes, explícitos ou implícitos.

Na medida em que nos referimos a essa física matemática, estamos

implicitamente obrigados a reconhecer a diferença qualitativa entre a descoberta, que consiste em gerar um teorema novo que se incorpora à rede, e uma descoberta que obriga a substituir toda a rede por outra nova. Se olharmos o segundo tipo do ponto de vista de um formalista, o novo teorema derruba implicitamente um ou mais dos pressupostos axiomáticos subjacentes da matriz de teoremas anterior. Em outras palavras, a descoberta tem um caráter “axiomático revolucionário”. Façamos, agora, as seguintes observações fundamentais sobre as descobertas do segundo tipo, para examiná-las em seguida:

- 1) O descobrimento de cada uma das três espécies superiores de matemáticas é um exemplo de uma descoberta do segundo tipo, “axiomática revolucionária”.
- 2) Todos esses descobrimentos são do tipo que representa o princípio-solução do *Parmênides* de Platão.
- 3) Cada descoberta axiomática revolucionária, só por ser axiomática, é dedutivamente inatingível a partir da matriz de teoremas que ela substitui. Assim, ela está definida por uma descontinuidade absoluta de tipo formal. Esta descontinuidade, ou singularidade, é, com efeito, de uma dimensão praticamente nula.
- 4) Todas essas descobertas axiomáticas revolucionárias formam, portanto, uma série de um tipo ou tipos¹⁶⁶.
- 5) O caráter axiomático revolucionário da descoberta tem a dimensão de uma mudança axiomática.
- 6) A natureza da transformação axiomática efetuada pode reduzir-se a um tipo de mudança semelhante.
- 7) Assim, a descontinuidade que marca as descobertas do segundo tipo é de dimensão praticamente nula, mas não vazia. Tem as qualidades de *mudança, potência e causalidade*.

Qual é o tamanho, peso, massa e velocidade do pensamento representado pelo segundo tipo de descoberta? Não é o resultado disto que relacionamos com o efeito de um aumento na *potência*? Existe algum nexa entre o *tipo* de pensamento, que nos impele a equiparar “potência” e “cardinalidade”, com o *tipo* de “potência” que relacionamos com o crescente poder do homem sobre a natureza, per capita e por quilômetro quadrado? Antes de sugerir as respostas a essas perguntas, reflitamos, de

166. Quanto aos diferentes tipos de hipóteses, ver a discussão do assunto em “The Truth About Temporal Eternity”, seção IV, pp. 15-19.

um ponto de vista ligeiramente diferente, sobre os mesmos fatos demográficos que acabamos de esboçar:

D O que deve significar “neguentropia”, se é que significa algo?

Uma vez estabelecido que produtos de consumo são variáveis necessárias, ou simples condições de um certo grau de produtividade, com certo grau de avanço da tecnologia, expressemos este conceito como um insumo necessário ao processo demográfico. Chamemos a isto “energia (relativa) do sistema”. Comparemos tal energia com o ritmo de produção destes mesmos tipos de componentes. A diferença entre as duas magnitudes per capita, por unidade familiar e por quilômetro quadrado pode ser considerada a “energia livre” relativa do processo. A relação “energia livre” sobre “energia do sistema” nos dá um quociente de “energia livre”.

Em qualquer economia sã, esse quociente aumenta per capita, por unidade familiar e por quilômetro quadrado. Não obstante, como mostra o exame da história da economia física nos últimos seis séculos, manter o quociente necessário de “energia livre” depende de aumentar a “energia relativa do sistema” per capita e por quilômetro quadrado¹⁶⁷; sem aumentar a intensidade de capital e energia de todo o processo econômico, assim como nos pontos de produção tecnicamente avançados, não se pode nem melhorar nem sustentar a produtividade física líquida do trabalho¹⁶⁸.

Essa não é apenas uma imagem manifestamente anômala de um

167. Observe-se que as idéias pertinentes sobre “o aumento da produtividade do trabalho”, expostas por Hamilton em seu *Relatório sobre as manufaturas*, derivam do plano de Leibniz para a Revolução Industrial, elaborado na Academia de Ciências da França, entre outros lugares, por volta do começo do século 18. Isto incluía o seu trabalho sobre os princípios que governam a relação entre o aperfeiçoamento de máquinas movidas a vapor e o aumento da produtividade per capita. Essas idéias passaram para as colônias americanas da Inglaterra por vários canais, particularmente as ligações diretas de Benjamin Franklin, sobretudo entre 1763 e 1787, por continuadores ativos das redes científicas e políticas européias criadas por Leibniz. Como se revela ao comparar o projeto de constituição das Carolinas, elaborado por John Locke, e o preâmbulo da Constituição dos Estados Confederados da América, com o preâmbulo da Constituição dos EUA de 1787-89, a Guerra de Independência e a fundação da república federal estadunidense brotaram da vitória das idéias de direito natural de Leibniz contra o empirismo de John Locke. Estas influências políticas européias se entrelaçaram com as idéias de ciência, tecnologia e economia política que personagens como Franklin recolheram do legado de Leibniz na Europa e levaram para a América do Norte.

168. O sentido em que se usa aqui o termo “produtividade” não deve ser confundido com aquele dado pelos monetaristas (sinônimo de “taxa de usura”, ou seja, razão entre o

estado saudável da economia moderna; ela é decididamente paradoxal. Não é possível uma representação termodinâmica comum e corrente deste processo.

A causa dessa correlação anômala do crescimento econômico bem sucedido pode ser claramente definida, se a isolarmos. Falando paradigmaticamente, esta causa é o investimento no progresso científico-tecnológico¹⁶⁹.

Ao fazer os cálculos estatísticos que correspondem ao caso, temos que ter em mente que, nas últimas décadas, as economias dos chamados países metropolitanos (ou centrais) receberam gordos subsídios: um enorme fluxo líquido de capital das nações em desenvolvimento para Londres etc. Sem os subsídios concedidos pelas nações do chamado “Terceiro Mundo” às “nações outrora industrializadas”, estas já teriam desabado há mais de uma década.

O espetáculo oferecido pela Grã-Bretanha a partir de 1963, convertendo-se na “lixreira pós-industrial” ao mesmo tempo em que o centro financeiro de Londres prosperava ostensivamente, graças aos lucros obtidos do exterior, mediante o simples estelionato chamado “lucros invisíveis”, ilustra a necessidade de ajustar as estatísticas para refletir o crescimento econômico físico líquido, gerado graças à melhoria do desempenho da própria economia nacional, e as contribuições líquidas para a melhoria da economia mundial em conjunto.

Resumindo a discussão sobre a imagem termodinâmica anômala do crescimento sustentado: qualquer economia que caia num estado de “crescimento tecnológico zero” afundará, em conseqüência do esgotamento tecnológico acumulado (a menos que possa adiar o colapso saqueando outras economias). A fonte do caráter aparentemente “não-entrópico” de qualquer processo econômico físico bem sucedido, a fonte do poder crescente do homem sobre a natureza, per capita e por quilômetro quadrado, é a introdução do que Hamilton chamava “trabalho artificial”¹⁷⁰.

lucro monetário e os salários expressos em dinheiro). Do ponto de vista estatístico, a “produtividade” se define assim: medido em unidades físicas, o consumo per capita, por domicílio e por quilômetro quadrado, deve aumentar. Coteje-se o que diz Leibniz sobre os salários reais e a produtividade em “Sociedade e Economia”. Assim definido, este consumo deve aumentar em harmonia com o aumento da “taxa de energia livre” que acabamos de descrever. A satisfação deste requisito reflete o aumento da produtividade física.

169. Foi esse “modelo”, aplicado por volta de 1950-51, que impeliu o autor a estudar a fundo as contribuições de Cantor, em 1897.
170. Isto é, investimentos em tecnologia melhor, em modo de uso intensivo do capital e da energia. Ver o *Relatório sobre as manufaturas*, de Alexander Hamilton (Movimento

Existe apenas um lugar nas matemáticas onde se fala desse tipo de função de potência. Considere-se, por exemplo, a série “cantoriana” *alef-1, alef-2, alef-3,...* Cada termo é de uma potência superior à do antecedente, não obstante toda a série ser de um *tipo* estrito. Na verdade, falando estritamente, os *alefs* sucessivos, de 1 em diante, não devem ser tratados simplesmente como tipos (espécies) sucessivos, cada um superior ao precedente, mas como o domínio no qual a cardinalidade substitui a noção ordinária de enumeração como princípio ordenador. Formam uma série (um *tipo*), cuja mudança característica é o aumento de potência.

O que devemos entender por tais observações? *Temos que passar do domínio das matemáticas para o da física*¹⁷¹. Reconhecer que há uma interdependência entre os fenômenos termodinamicamente anômalos do crescimento sustentado das economias modernas com o “fator causal” da descoberta científica, medida enquanto singularidade de dimensão praticamente nula, é a chave da ciência econômica e da história da ciência física em geral.

Vejamos primeiro a biogeoquímica¹⁷² do processo econômico. O planeta Terra é um sistema fechado. O Universo inteiro é também um sistema fechado. Portanto, desprezemos como inútil e impraticável a multiplicidade cartesiana, tal como a usaram Galileu, Newton etc. Observemos o processo fechado cujo desenvolvimento e caráter são essencialmente internos ao planeta Terra. Vejamos o mesmo através do uso que Kepler e Gauss fizeram do *Pentagramma Mirificum*, para levar adiante o que foi iniciado por Platão com a sua compreensão das implicações dos chamados sólidos platônicos. Começamos com o nosso planeta e consideremos a relação mutante de nossa civilização planetária com o Universo em geral, a partir do ponto de vista da interação dessas duas camadas de processos fechados.

Observemos a Terra como se estivéssemos no espaço sideral próximo. Observemos o que Vladimir Vernadsky definiu como a *noosfera*, a qual hoje em dia é a camada relativamente superficial do planeta povoada pela atividade humana regular. A mineração amplia este estrato para debaixo da superfície do planeta; os balões, o dirigível e as aplicações da hidrodinâmica de Leonardo da Vinci e Bernard Riemann, oposta à de

de Solidariedade Ibero-americana, Rio de Janeiro, 1995).

171. Assim, o autor ficou literalmente eletrizado quando, em 1952, releu o trabalho de Riemann sobre as *Hypothesen*, depois de estudar intensamente os *Beiträge* de Cantor.
172. Isto é, a obra do acadêmico Vladimir Vernadsky deve ser julgada como parte integrante do desenvolvimento ulterior da ciência da economia física.

Helmholtz, nos vôos motorizados¹⁷³ ampliaram para cima o domínio do homem. Passemos das alturas atingidas pelos balões para as órbitas terrestres geostacionárias, futuros portos para o transporte interplanetário de carga e de passageiros. A tecnologia vislumbrada permitirá que o domínio da Humanidade chegue aos limites do Cinturão de Asteróides, pela colonização limitada de Marte: uma “cidade científica” de pesquisas astrofísicas, principalmente.

Que o Universo é fechado, já foi demonstrado, não apenas quando Platão reconheceu as implicações da existência de um número limitado de possibilidades de dividir em partes iguais o espaço interior de uma esfera, mas também quando Leonardo da Vinci reconheceu que a difusão da luz está contida nos limites de uma taxa potencial de propagação retardada, tal como medida em 1677 por Ole Rømer, discípulo de Christian Huyghens, fato utilizado sucessivamente por este, Johann Bernoulli e Leibniz para lançar as bases de uma física moderna de variáveis complexas¹⁷⁴. *Estou convencido de que ouço Kepler reconhecer que isto é congruente com o seu ponto de vista. Ele estaria de acordo, sobretudo, com o reconhecimento de que há reciprocidade entre o limite do Universo em seu conjunto e o paradoxo do contínuo que se encontra no “incomensuravelmente pequeno”.* Quem quiser dominar a ciência econômica, deve dominar estes temas; se quisermos que a espécie humana sobreviva às diversas ameaças visíveis, próximas e distantes, temos que dominar esta variedade de ciência econômica¹⁷⁵.

Conseqüentemente, a aplicação estatística da ciência econômica começa pelo exame do desenvolvimento histórico da casca de ovo relativamente delgada que Vernadsky chama noosfera. Para ajudar a vencer o medo e confusão que a educação moderna fomenta, a respeito

173. Riemann, Bernhard, *Über die Fortpflanzung ebener Luftwellen von endlicher Schwingungsweite* (1860), in Weber, *op. cit.*, pp. 157-175. Uma boa tradução para o inglês é a de Uwe Parpart e Steven Bardwell, “On the Propagation of Plane Air Waves of Finite Amplitude”, *International Journal of Fusion Energy*, Vol. 2, No. 3, pp. 1-23. Ela foi publicada no início dos conflitos com alguns físicos importantes (sobre os métodos geométricos *versus* os algébricos), como subproduto das descobertas do autor de 1952 na economia física, aqui expressos. Em meio a uma disputa com os Laboratórios Lawrence Livermore, entre outros, sobre questões como a fusão por confinamento inercial, em 1978, dois colaboradores do autor encontraram na literatura soviética pública provas de que os planos da bomba de hidrogênio soviética se apoiavam em noções riemannianas de compressão isentrópica. A busca foi bem sucedida; das investigações provocadas pela controvérsia resultaram, entre outras coisas, a tradução deste trabalho de Riemann e certos planos aprovados no Laboratório de Engenharia de Laser de Osaka. A menção a este assunto é feita aqui porque tem a ver com um aspecto importante do papel de Russell na ciência, de que falaremos mais adiante. Ver também os trabalhos de

de tudo que tenha a ver com trabalho e conceitos científicos, temos que dar ao leitor uma idéia da realidade do assunto onde aparece esta anomalia inevitável. Para dar ao leitor uma idéia da realidade concreta do trabalho da economia física aplicada, descrevamos brevemente alguns traços das aplicações estatísticas.

O cerne do problema especial, neste caso, é que os processos econômicos são, por um lado, facilmente mensuráveis, mas, por outro, as próprias medições produzem resultados que não são congruentes com as noções das funções estatísticas, ou outras funções matemáticas geralmente aceitas hoje em dia. Esta é a anomalia, a fonte do estranho desconforto que incomoda o típico diplomado em ciências, quando a encontra. Por isso, prestarei a maior ajuda, emocionalmente e em todos os sentidos, aos leitores que encontrem o fenômeno anômalo em seu lugar concreto. Então, as características da ciência econômica perdem muito de sua estranheza e se pode compreender mais facilmente o problema especial da “neguentropia”.

seguidores da tradição de Riemann em hidrodinâmica, como Ludwig Pradtl e Adolf Busemann. Deve-se, também, ter em conta, por ser de grande importância em aspectos concomitantes da história da ciência, que as realizações que colocaram a Alemanha na vanguarda mundial no campo aeroespacial antes de 1945 dependeram em grau significativo do importante papel dos integrantes da escola italiana de hidrodinâmica, que trabalhavam neste campo: por exemplo, nos anos 30, a capacitação científica e de engenharia italiana no desenho de estruturas de aeronaves era a melhor do mundo. Isto se explica pelo fato de que a tradição da física italiana, que se iniciou em meados do século 19, se localizou nos colaboradores italianos de Riemann, agrupados em torno de Enrico Betti: por exemplo, o primeiro túnel aerodinâmico supersônico do mundo foi construído por estes cientistas italianos, em meados dos anos 30.

174. Para “delimitar” a característica do que estamos discutindo, devo chamar a atenção para as implicações de outra obra importante, que afirmou a autoridade do jovem Riemann na ciência alemã: seu trabalho de 1854, “Über die Darstellbarkeit einer Function durch eine trigonometrische Reihe”, in Weber, *op. cit.*, pp. 227-265. É útil lê-la como uma verificação matemática do que ocorreu, desde que Bernoulli e Leibniz realizaram, em 1697, o seu trabalho decisivo sobre o princípio da ação universal, baseado na luz. Certamente, trata-se de um trabalho especializado, mas ninguém que examine a história da ciência deve desconhecer este estudo.
175. Quando Gauss demonstrou que as órbitas dos asteróides correspondem à do planeta cuja existência necessária era prevista por esta órbita específica - entre Marte e Júpiter, como argumentara Kepler -, ele demonstrou decisivamente que tal fato prova serem erradas todas as alternativas propostas ao método de Kepler, como as de Galileu e Newton. Ver *Gauss Werke*, vols. VI-VII, *passim*. O método de Kepler em astrofísica, comprovado de modo único e refletido em seu livrinho de 1611 sobre os cristais de neve, é um bom ponto de partida para compreender o problema da reciprocidade entre um universo fechado, de um lado, e as questões do ordenamento harmônico (teoria do campo quântico) e o paradoxo do contínuo, pelo outro.

Revisemos rapidamente o programa de economia física aplicada especificado pela Executive Intelligence Review News Service Inc.¹⁷⁶. Suponhamos que o leitor tenha um computador pessoal moderno, de potência e capacidade relativamente grandes. Suponhamos também que, com ele e com certa habilidade para manejar esses aparelhos, o leitor queira “fazer economia física aplicada” por sua conta. Começemos pelos gráficos; é essencial que o trabalho comece com eles.

Começemos com uma esfera terrestre animada, cuja superfície média de referência é a delgada capa elipsóide situada escassamente acima do nível do mar. Isto nos permite ver a geografia física da Terra, tal como ela se manifestou, o mais tardar, por volta de 18000 a.C., com projeções geográficas prováveis ao menos até 2200. Seria igualmente útil ter um desses mapas astronômicos computadorizados, de precisão razoável, que nos permita observar como se via o céu à noite, em qualquer parte do planeta, em qualquer época dos últimos 8.000 anos, mais ou menos¹⁷⁷. Além da astronomia, correlacionemos o clima e outros fenômenos mundiais com este modelo da esfera terrestre.

Correlacionemos a esfera terrestre com duas séries de mapas eletrônicos regionais e locais. Usemos as posições de latitude e longitude na esfera terrestre para fixar essa relação. São necessárias duas séries principais de mapas regionais e locais: geografia física e geografia política.

176. EIRNS, 317 Pennsylvania Ave., S.E., Washington, D.C. 20003. O semanário *Executive Intelligence Review*, fundado em 1974, evoluiu junto com um serviço noticioso internacional, que converteu em veículo comercial as funções de inteligência e notícias produzidas pelo trabalho da *EIR* e de outras publicações que usam este serviço. A autoridade da publicação se derivou inicialmente do excepcional sucesso com que prognosticou, nos anos 60, a quase inevitabilidade e as sequelas políticas prováveis da série de crises que ocorreram em 1967-72 e desembocaram na desorganização do sistema monetário original de Bretton Woods. Em dezembro de 1978, este autor concebeu um sistema de prognósticos econômicos trimestrais por computador, no qual se usariam principalmente dados estatísticos de valor agregado dos EUA. Tais prognósticos foram publicados de janeiro de 1980 a outubro de 1983 pela *EIR* e foram os únicos confiáveis entre os publicados no período. No final de 1983, aconselhei a *EIR* a suspender o prognóstico, pois as estatísticas do governo dos EUA e da Reserva Federal eram cada vez mais fraudadas. Recomendei que se elaborasse uma nova base de dados físicos, em vez de usar cifras de valor agregado. Como subproduto da discussão dos requisitos para a construção de tal base, foi publicado em 1986 o livro *So, You Wish to Learn All About Economics?*

177. Ao historiador econômico, é sumamente útil contar com diagramas astronômicos de vários lugares do planeta, em diferentes épocas do passado (e é a maneira mais rápida de comprovar que Cláudio Ptolomeu foi essencialmente um charlatão). Quem não trabalha com história econômica antiga e medieval, deixará de lado algumas das diferenças mais importantes que distinguem o presente do passado.

Estes devem ser correlacionados com a quadrícula comum dos mapas físicos e geográficos, relacionada geodesicamente com longitudes e latitudes. Na cartografia da geografia física, localizam-se funcionalmente os aspectos comuns nos mapas de geografia física. O homem e sua atividade, por outro lado, se localizam na cartografia política. As duas cartografias se superpõem quanto aos dados do uso da terra.

Em ordem de importância, os mapas políticos contêm continentes, regiões, nações, regiões dentro das nações, estados (similares aos estados federais dos EUA), municípios ou equivalentes e zonas urbanas. Os mapas econômicos se superpõem à correlação da geografia física e política. Consideremos as zonas urbanas, por exemplo. O uso da terra na mesma se distribui entre domicílios, indústrias, comércio, parques e outras funções municipais. É necessário uma quadrícula com detalhe suficiente para analisar as estatísticas de uso da terra em cada município. Conviria, enquanto fosse possível, poder assinalar células completas para cada linha de uso da terra (ou aproximações manejáveis, como “50% residencial, 15% comercial”).

As pessoas e os domicílios aparecem nessa cartografia em duas formas principais: por sua residência, enquanto membros de uma família (principalmente), ou por seu lugar de emprego. Quando as pessoas não se encontram em nenhum dos sítios principais de uso da terra, mas “a caminho”, estão nos transportes, visitando os parques, nos lugares públicos do município ou, talvez, caminhando pelas ruas. Para começar, basta pensar na porcentagem de horas mensais passadas na zona residencial, na zona de trabalho e “a caminho”. Também devemos levar em conta que as pessoas podem viver fora da cidade, mas trabalharem nela.

Além disso, parando um pouco na questão das cidades, temos que superpor a infra-estrutura econômica básica a todo o complexo dos vários usos da terra. Devemos poder incluir a capacidade e uso dos serviços de água e saneamento, energia, educação, serviços médicos, serviços científicos etc., por tipo de uso da terra. Estes são, em geral: terreno baldio, “terra de reserva”, terra usada para geração e distribuição de eletricidade, terra rural produtiva, terra urbana produtiva e as residências das zonas “rural produtiva” e “urbana produtiva”. Os “tipos de uso da terra” se superpõem com os “tipos de terra”, que por sua vez se superpõem amiúde entre si: deserto, tundra, montanhas, bosques, pastagens, áreas ribeirinhas, áreas costeiras, alagadiços e pântanos.

Todas essas e outras estruturas do estudo econômico estão em forma de gráficos, aos quais não se “conectaram” ainda as estatísticas demográficas. Assim, estamos prontos, condicionalmente, a situar essas

estatísticas no tempo e lugar apropriados. A condição é que, para cada década de história econômica do planeta ou da região considerada, mudem a terra e o tipo de uso da mesma, assinalável nas células da quadrícula, assim como muda o mapa das estrelas, segundo o lugar e a época¹⁷⁸. Para as estatísticas estadunidenses, o censo decenal é uma seleção útil, quanto à periodicidade, para determinar a passagem de um tipo do uso de terra para o seguinte, tratando mudanças interinas como aplicações da modificação do modelo estabelecido do uso da terra no começo da década. Agora, assinalemos os dados, seguindo os princípios de Gauss, para distribuir as observações em determinados lugares e fatos da realidade física¹⁷⁹.

O mais importante é: *deve-se proscrever estritamente qualquer tentativa de fixar um modelo de prognóstico estatístico, entre os que estão em voga hoje em dia na prática profissional; na medida em que a consequência de uma ação pode ser medida pela resposta de uma agência humana, todas as suposições dos sociólogos behavioristas e de outros dogmas recentes em voga se mostram intrinsecamente incompetentes e até absurdas; a função da observação econômica estatística não é supor como as pessoas irão se comportar, mas mostrar as consequências do modo pelo qual se comportaram.* Insiram os dados como corresponderem.

Já que a política de saúde pública é um dos principais temas atualmente discutidos nos EUA, examinemos brevemente algumas das suas aplicações na classe de “representação” que acabamos de descrever. As normas federais de saúde pública, depois da Segunda Guerra Mundial, foram determinadas de forma magnífica pela bem feita, aguda e vigorosa Lei Hill-Burton, a qual os EUA não deveriam ter abandonado - o que ocorreu em meados dos anos 70, por influência de sandices como a

178. Se quiséssemos ser elegantes, como se diz, usaríamos o modelo astronômico incluído nos gráficos como calendário e relógio de todos os demais estudos incluídos no trabalho. Conforme entrarmos mais e mais na exploração e colonização do espaço, nas fases avançadas de planejamento devemos começar a pensar em termos siderais.

179. Nenhum estudante secundário, em nenhuma parte do mundo, deveria graduar-se sem conhecer o essencial da biografia científica de Gauss, inclusive o seu aperfeiçoamento dos métodos estatísticos para observações na astronomia, na geodésia e no magnetismo terrestre. Comparando a norma que fixou neste trabalho com a anterior, da Escola Militar e da Escola Politécnica da França, quando dirigidas por Monge, Legendre etc., o aluno adquire uma certa idéia da diferença entre realidade e observação, que lhe será de grande benefício ao longo da vida, em qualquer ocupação que tenha ou nas meras funções de cidadão. Em nenhum lugar, isto se apresenta mais claramente do que na intenção de acomodar os grupos de dados estatísticos disponíveis nos espaços de uma quadrícula, como descrevemos.

desastrosa operação de saque financeiro de Nova York, iniciada por Felix “Bic Mac” Rohatin¹⁸⁰. A questão é que, se Juan Pérez ou sua esposa caírem na rua, ou ficarem doentes em casa, ou seu filho se machucar na escola, eles devem receber tratamento rápido e adequado e se deve assegurar a cobertura dos custos resultantes e garantir a sua continuação. Desde o final da guerra até fins dos anos 50, nos dias da doutrina de seguridade (econômica) nacional do pós-guerra, quando a população estadunidense ainda tinha moral, assim como com as leis de direitos civis dos governos de Kennedy e Johnson, o direito à vida e à saúde de cada pessoa era implicitamente a norma geral de conduta política¹⁸¹.

Situemos o efeito das metas da Lei Hill-Burton no esquema de representação cartográfica de dados econômicos que descrevemos. Até que ponto se pode representar essa lei, conforme a logística infra-estrutural necessária, para prestar serviços de saúde com oportunidade e acessibilidade razoáveis?¹⁸² Isto ilustra o aspecto logístico do conceito de “infra-estrutura leve” para os serviços de saúde, educação e ciência, tanto para os domicílios como para as funções produtivas.

Estudos desse tipo, tecnicamente ao alcance de pequenos grupos de pesquisa, representam uma aplicação mais detalhada do planejamento utilizado pelo autor de 1948 a 1951, nos esforços para refutar a intenção

180. Em 13 de agosto de 1946, entrou em vigor nos EUA a Lei Pública 725, intitulada “Lei de Inspeção e Construção de Hospitais”, conhecida como “Lei Hill-Burton” sobrenomes de seus dois patrocinadores principais, senadores Lister Hill e Harold Burton. A lei autorizava a outora de fundos federais aos estados para que estudassem se seus hospitais e clínicas eram suficientes e para que planejassem a construção de mais centros de assistência médica. A lei, cuja vigência foi renovada muitas vezes até o início dos anos 60, pode ser encontrada no volume de leis públicas da 79ª legislatura, segunda seção, capítulo 958. Longas passagens da mesma foram publicadas em “Why U.S. health care must return to the Hill-Burton standard”, por Donald MacNay, Marcia Merry e a equipe econômica da *EIR* (*Executive Intelligence Review*, Vol. 21, No. 30, 29/7/1994, pp. 6-13).

181. Antes que se fizessem sentir, no final dos anos 60, os efeitos da adoção do “modelo pós-industrial”.

182. Médicos, enfermeiras e outros especialistas da área, assim como leitos de hospital, clínicas e outros serviços de saúde pública aos quais a população tem acesso efetivo, para cada 100.000 pessoas. Compare-se esta capacidade de conjunto do pessoal e as instalações do governo e do setor privado com o prognóstico de enfermidades, acidentes, etc. e com os cálculos consequentes de necessidade de assistência médica a curto prazo (um ano), médio prazo (5 anos) e longo prazo (de 10 a 20 anos). Volte-se à relação médico-paciente de quando reinava a ética profissional, em vez da tendência recente à negligência e imoralidade por parte do Governo e das companhias de seguros, que não atentam às necessidades do paciente e põem os médicos a prestar serviços por alíquota, dentro de certo período, às enfermidades reconhecidas pelos burocratas autorizados.

do homúnculo positivista radical Norbert Wiener, de aplicar a “teoria da informação” estatística à conduta humana. O problema conceitual abordado na época é o problema comum que temos que enfrentar em nossos dias, no decorrer de qualquer análise econômica competente. *Da mesma forma que no período citado, com as descobertas originais do autor neste campo, a questão é colocar de lado por um momento os preconceitos sobre a física matemática absorvidos em aula e, simplesmente, comparar as políticas econômicas bem sucedidas ou falhas, assim como tais diferenciações ocorrem na natureza, independentemente de a termodinâmica escolar gostar ou não disto.*

A *entropia*, tal como definida por Clausius, Kelvin, Boltzmann etc., tem um caráter ontológico bem definido, essencialmente mecânico. A fraude perpetrada por Wiener & Cia. nos leva a entender por que David Hilbert estava certo em expulsá-lo de um seminário de Göttingen, por incompetência. Wiener & Cia. usaram um fator de pouca probabilidade dentro da derivação mecânica do “teorema H” de Boltzmann, a escassa probabilidade de que, *neste caso*, poder-se-ia dar marcha-à-ré na entropia aparente, temporal e localmente¹⁸³. Wiener & Cia. fizeram a extravagante suposição ontológica de que, uma vez que nem os processos vivos nem a conduta humana inteligente são caracteristicamente “entrópicos”, a sua “não-entropia” característica seria explicada estatisticamente como um retrocesso local e temporal da entropia mecânica universal. Tal é a explicação abusiva que Wiener dá ao seu neologismo “neguentropia”! O positivista radical John von Neumann, fugindo das fúrias vingadoras da prova de Gödel de 1931¹⁸⁴, cometeu, em nome da economia, uma fraude ainda mais tosca, mas de qualquer forma semelhante à de Wiener¹⁸⁵.

Graças à influência de positivistas radicais como Russell, Wiener, von Neumann e muitos outros, o mundo democrático caiu sob o domínio ideológico dos loucos. Em vez de ficarmos dominados por déspotas de carne e osso à antiga, ou por forças militares babilônicas, romanas, mongóis ou britânicas, ingressamos no inferno dantesco dominado pela utopia de Walter Lippmann sobre a *opinião pública* induzida por órgãos de comunicação, pela *Gleichschaltung*¹⁸⁶ nazista, com um disfarce democrático, uma tirana mais lunática que Nero, Drácula, Henrique VIII ou Ivã, o Terrível, em pessoa.

183. Cf. Morris Levitt, “Linearity and Entropy, Ludwig Boltzmann and the Second Law of Thermodynamics”, *Fusion Energy Foundation Newsletter*, September 1976, pp. 3-18.

184. Gödel, *loc. cit.*

185. Wiener, *loc. cit.*

Com isso, em vez da política econômica se inspirar em formas de economia bem sucedidas, a formulação da mesma está governada pelos von Neumanns, von Hayeks, Milton Friedmans, “teóricos do caos” e até mesmo os Phil Gramms, que medem o êxito não pelas realizações objetivas da economia, como se fazia antigamente, mas pelo que agora se chamam normas modernistas mais “conservadoras”, de conformidade com alguma recente loucura empirista radical, que tenha obtido o reconhecimento acadêmico ou a auréola do Prêmio Nobel¹⁸⁷. Estes dogmas, se postos em prática, possuem a perversa característica comum de fazer cumprir as suas próprias profecias.

É justo dizer do thatcherismo, um desses recentes “ismos” extremistas, que a sua autora, a baronesa Margaret Thatcher, prometeu purgar a economia britânica de qualquer prática econômica que não fosse congruente com o seu dogma. Ela conseguiu; a economia britânica faleceu, obedientemente. Os seguidores de Adam Smith, Friedrich von Hayek, John von Neumann, Milton Friedman e Jeffrey Sachs nos lembram um mecânico que assegura ao cliente: “Vou consertar o seu carro ao meu critério, mesmo que isto venha a causar a sua morte.” É assim que os “livrecambistas” de Londres, Washington ou do *Wall Street Journal* vêem as economias mundial e dos EUA. É assim que os seguidores de Bertrand Russell, os fanáticos malthusianos que governam hoje a política da ONU, vêem as economias das nações do Terceiro Mundo, em especial as da África subsaariana¹⁸⁸.

Esses fanáticos mais que ilustram, do modo mais extravagante, a depravada incompetência dos economistas teóricos liberais¹⁸⁹ que reinaram

186. A expressão nazista *Gleichschaltung* pode ser aceitavelmente traduzida como equivalente à “correção política” de nossos dias.

187. Até mesmo a linguagem que esses ideólogos aplicam a si mesmos é descaradamente “orwelliana”.

188. Todas essas variedades modernas de economistas têm caráter intrinsecamente fascista. O *fascismo* não é mais que uma intenção de voltar ao cesarismo em circunstâncias modernas. O economista romano modelo é, pois, Diocleciano, o homem que partiu em dois o Império Romano e transmitiu o que restou dele ao seu sucessor Constantino. Os decretos “malthusianos” de Diocleciano, amiúde qualificados de “socialistas”, são o precedente específico de todo o fascismo do século 20. O efeito destes decretos foi acelerar a decomposição de todo o Império e deixar o setor mais civilizado e povoado, o de língua grega, apodrecer por vários séculos, numa decadência geral contínua. Há muitos precedentes do fascismo na história européia moderna, especialmente o sistema britânico de governo colonial, assim como todas as demais tiranias miseráveis e virulentas que tomaram o Império Romano como modelo. Os aspectos econômicos recessivos que caracterizam os decretos de Diocleciano são a referência a levar em conta quando se examinam as variedades liberais e pós-liberais dos dogmas econômicos atuais.

antes deles. Qualquer intenção de impor um modelo de desempenho linear à economia tenderá, sem falta, à conseqüência prática de fazer cumprir as suas próprias profecias. Qualquer processo econômico que se sujeite a uma formulação de política intrinsecamente fundamentada num “modelo linear” será “linearizado” pela imposição eficiente de tal política. Assim sendo, a economia, no melhor dos casos, sofrerá ciclos de queda entrópica ou uma catástrofe mais grave, como a que afeta o mundo inteiro no momento atual. Os acadêmicos que não puderem entender este vínculo continuarão recitando o seu diagnóstico *post-mortem* sobre uma economia que desmoronou: “Vejam vocês que o comportamento da economia é linear e demonstram mais uma vez o princípio da entropia universal.”

Os dogmas de von Neumann e de Wiener são caracteristicamente lineares; portanto, adotá-los como política não pode promover mais do que resultados desastrosos. Isto esclarece o fato de que a definição de Wiener para a neguentropia é simplesmente a de “entropia” inversa e, em conseqüência, ela é estritamente linear. Em contraste, os processos “não-entrópicos” dos seres vivos e da inteligência humana são não-lineares. Ou usamos o termo “neguentropia” para significar esta característica não-linear, caso em que “neguentropia” não tem nada a ver com a “teoria da informação” ou aceitamos o significado dado por Wiener, com o que ela se torna uma palavra sem sentido.

Quando o autor avançava para a sua descoberta original na ciência econômica, chegou a uma encruzilhada: ou aceitava os dados da medição, ou aceitava o dogma estabelecido no ensino de física da época. Decidi aceitar os dados da medição e deixei o dogma nas torres de marfim onde os hesicastas buscavam refúgio para as suas fantasias, o mais longe possível da cruel realidade. No final das contas, tudo o que descobrimos como verdade foi ganho pela Humanidade, apegando-se ao mesmo princípio; uma anomalia bem definida, fundamentada em boas medições, sempre balizou o caminho do progresso científico.

189. “Liberal” é usado aqui em seu sentido correto: a decisão - como a de John Locke e Thomas Hobbes - de não fazer distinção moral entre o correto e o incorreto, entre o bem e o mal. Ou seja, por “liberais”, entendemos todos os apóstolos da Escola de Haileybury da Companhia das Índias Orientais, desde o William Petty original da Restauração dos Stuarts, até o Keynes do grupo de análise de sistemas de Cambridge, a senhora Joan Robinson e lord Kaldor. No caso dos neoconservadores mais extremistas, como o professor Jeffrey Sachs, a classificação já não é filosófica, mas psiquiátrica, e já entrando pela zoológica.

E. Educando para a criatividade

Antes de descrever a influência de Conti na ciência e filosofia política modernas, é essencial concentrar a atenção diretamente no assunto da inteligibilidade formal desta criatividade que Kant abominava e cuja existência os empiristas radicais negam selvagememente. O método socrático de Platão, único ponto de partida conhecido de onde se pode tornar inteligível o processo criador, se torna compreensível ao concentrarmos a atenção no que têm que ser as implicações óbvias da forma de educação humanista cristã, como a da Irmandade da Vida Comum e as reformas educativas dos irmãos Humboldt e Schiller, na Alemanha do século 19.

Se estudarmos a história da ciência considerando os pontos de referência mencionados anteriormente nesta seção, os quase 200 anos de cultura grega clássica, que vão da época do julgamento de Sócrates à morte de Eratóstenes e Arquimedes, se contam entre os anos de maior produtividade intelectual de toda a história da ciência¹⁹⁰. É em relação à influência destes antecedentes clássicos que devemos ver o Renascimento cristão do século 15.

O outro traço notável desse Renascimento é que ele foi encabeçado por gênios. A fonte que os produziu é um exemplo dos métodos de ensino e influência da Irmandade da Vida Comum, de Gerhard Groote e Tomás de Kempis, cuja tradição persistiu além de meados do século 16, graças a rebentos da sua influência, como os oratorianos (membros da Congregação do Oratório - N.T.) próximos a Erasmo de Rotterdam e à Escola de Rafael¹⁹¹. É característico deste método cristão de educação humanista enfatizar o estudo das descobertas mais importantes de todo o conhecimento humano dando a maior importância às fontes originais, preferivelmente, as notas escritas pelo próprio descobridor sobre a

190. O assassinato de Arquimedes pelos romanos, em 212 a.C., e a rápida multiplicação dos rumores de decadência na cultura helênica oriental, no século seguinte, deram marcha-a-ré à ascensão do helenismo a uma qualidade excepcional, nos dois séculos precedentes em que obteve e reteve o seu poder na região.

191. Gaspard Monge, fundador da Escola Politécnica de 1794-1814 e seu colaborador e antigo discípulo Lazare Carnot, foram produtos da Ordem dos Oratorianos, na França anterior à Revolução. Esta ordem funcionava como uma instituição de ensino ligada à Academia de Ciências fundada por Colbert (onde colaboraram Huyghens e Leibniz) e à Escola Militar. Assim, embora os aristotélicos fanáticos (por exemplo, as facções venezianas) tenham conseguido destruir mais ou menos efetivamente a Irmandade da Vida Comum, no decurso do século 16, a sua influência persistiu de outras formas. Ver W. Wertz, "The Brotherhood of Common Life", *op. cit.*

descoberta. O eixo deste programa é estudar, a partir de tal ponto de vista, a geometria grega clássica, de Pitágoras a Arquimedes e Eratóstenes e, sobretudo os escritos de Platão e o trabalho de sua Academia.

O aspecto característico desse método de educação é que o aluno tem que repetir a experiência do ato mental original da descoberta, em lugar de aprender a recitar e aplicar a fórmula tirada de fontes tão tolas como, por exemplo, os livros- textos típicos dos nossos dias. O domínio do método geométrico construtivo clássico é o fundamento do êxito neste tipo de educação; este modo de abordar o estudo da geometria dá ao aluno uma idéia do que é rigor científico, coisa que não se pode obter por nenhum outro meio¹⁹².

Fazer da visão construtiva da geometria o centro de semelhante programa educativo leva o aluno à inteligibilidade da História, do ponto de vista da história das idéias. A inteligibilidade da história interna das idéias geométricas, por ser de mais fácil compreensão, serve de pedra angular para conceber a historicidade das idéias em geral. Os matemáticos podem representar isto comparando os *Elementos* de Euclides¹⁹³ com os *Elementos de geometria* (1794) de Legendre¹⁹⁴ e a obra deste e de Gaspard Monge com a obra posterior de Jacob Steiner¹⁹⁵.

O primeiro conceito, tirado dessa inspeção minuciosa da geometria, é a noção de ordenamento: “predecessor necessário”, “sucessor necessário”. Semelhante inspeção deve começar com o caso mais simples, o descobrimento de novos teoremas dentro da mesma matriz de teoremas; este é o caso em que não ocorrem mudanças de axiomas nem de postulados, ao se passar de um teorema a outro. O caso da geometria euclidiana plana é o primeiro passo apropriado. Depois de completar a geometria

192. A introdução da idiotizante “matemática moderna”, no final dos anos 50 e começo dos 60, extremou ainda mais a prolongada tendência a arruinar mentes talentosas na adolescência, dando preferência aos métodos algébricos na formação dos hábitos de pensamento matemático e científico em geral.
193. *The Thirteen Books of Euclid's Elements*, traduzidos para o inglês por Thomas Heath (1925) (Dover Publications, New York, 1956).
194. Adrien Marie Legendre, *Eléments de géométrie* (1794) (Firmin Didot Frères, Paris, 1857). Foi esta obra que Legendre escreveu para definir o programa de ensino da geometria para ser usado na recém-fundada Escola Politécnica de Monge.
195. *Jacob Steiner's Gesammelte Werke*, 2 vols., compiladas por Karl Weierstrass (1882) (Chelsea, Bronx, 1971). Steiner é o “pai” de uma forma refinada de geometria construtiva conhecida como “geometria sintética”. Bernhard Riemann, que estudou o programa de geometria construtiva sistemática (isto é, “sintética”) de Steiner com o próprio, enfatizou para Enrico Betti que o ensino da ciência deveria se basear no domínio da obra de Steiner.

euclidiana, examinemos a segunda classe de descobertas, começando com a análise da transição para as chamadas geometrias não-euclidianas, por exemplo as mudanças introduzidas por Gauss, Bolyai, Lobachevski¹⁹⁶ e Riemann¹⁹⁷, no século 19. Mas, antes de tirar conclusões, examinemos a idéia introduzida por Leonardo da Vinci nas geometrias de sistemas fechados¹⁹⁸ e como Kepler se apoiou neste princípio¹⁹⁹.

Na descoberta do tipo mais simples, a prova de um teorema da rede é um antecedente formal (mais ou menos) necessário para a prova do segundo²⁰⁰. No segundo tipo de descoberta, a cardinalidade relativa da matriz de teoremas, definida por suas diferenças axiomáticas, é o princípio ordenador: por exemplo, racional, algébrico, transcendental, *alef*. Na segunda classe de descobertas, esta diferença relativa se aplica não só ao assunto da ontologia e à forma das matemáticas como tal, mas também à axiomática da física. No segundo caso, como, por exemplo, as descobertas do autor em 1952, as anomalias físico-matemáticas são o ponto de referência da cardinalidade.

Em ambas as classes, a noção de cardinalidade se conserva sob o ordenamento de “antecedente necessário”, “sucessor necessário”. Este é um aspecto decisivo da representação formal da inteligibilidade das descobertas em geral. Para começar, façamos uma lista parcial de séries de descobertas matemáticas e físicas, definidas de forma bastante estrita,

196. Os casos de Gauss, Bolyai e Lobachevski estão bem representados nos escritos de Gauss ou em alguns trabalhos sobre estes vínculos. W. Buehler, *Gauss, A Biographical Study* (Springer, New York, 1981) é um bom guia geral para as *C.F. Gauss Werke*. Sobre as relações de Gauss com Bolyai e seu trabalho sobre Lobachevski, ver também *Carl Friedrich Gauss, Der 'Fürst der Mathematiker' in Briefen und Gesprächen*, compilação de documentos feita por Kurt-R. Biermann (Verlag C.H. Beck, Munich, 1990), com introdução do professor Biermann. Sobre Bolyai, ver *Einfuehrung* (introdução) p. 12 (Wolfgang, pai) e p. 27 (John, filho) e Nicolai Lobachevski; ver também as cartas a Christian Gerling, 96, 137 e a Wolfgang (Farkas), 99. Sobre Lobachevski, ver também a carta 137. Sobre Bolyai e Lobachevski, ver também *C.F. Gauss Werke*, “Briefwechsel mit Gerling”, cartas 337, 338, pp. 666-668.

197. *Op. cit.*

198. Ver, por exemplo, *The Notebooks of Leonardo da Vinci*, 2 vols., compilados por Jean Paul Richter (1883) (Dover Publications, New York, 1970). O volume I contém todas as anotações de Leonardo sobre os princípios de perspectiva, luz e matemáticas, luz e sombra, e todos os temas relacionados com o desenho e a pintura propriamente ditos. O volume II contém todas as aplicações desses princípios à natureza e às ciências (astronomia, anatomia, geografia etc.), assim como às artes construtivas (arquitetura, desenho, aparelhos mecânicos e militares, música etc.).

199. Por exemplo, *The Six-Cornered Snowflake*.

200. Quando examinadas com atenção, as exceções aparentes só confirmam a regra tal como exposta.

limitando a física aos casos nos quais a anomalia física cria diretamente uma dificuldade axiomática nas matemáticas - como aconteceu quando Bernoulli e Leibniz, em 1697, usaram o caso geral da refração da luz para demonstrar nada menos que a necessidade do domínio transcendental das matemáticas para a física²⁰¹. Consideremos, então, a expressão mais significativa do caso geral, a seguir:

Seguindo as regras implícitas nas formas cristãs humanistas de educação secundária, expõe-se, então, ao aluno a identidade histórica de cada descobridor, de preferência acompanhada de alguma escultura, desenho ou foto do mesmo e uma certa idéia visual das circunstâncias nas quais este personagem histórico efetuou uma ou mais de suas descobertas decisivas. O aluno é induzido a reviver a experiência da descoberta; a função do professor consiste principalmente em organizar adequadamente os elementos necessários ao início da experiência. O professor diz: "Fulano resolveu o seguinte problema em tal lugar, em tal época; aí tem você o necessário para repetir a experiência mental da descoberta." Dão-se ao aluno as fontes, preferivelmente as originais e começa a experiência.

Uma vez que o aluno tenha revivido a experiência dessa forma, o rosto imaginado e as circunstâncias da descoberta original permanecerão com ele pelo resto da vida. O aluno, até então um mero observador, ingressará deste modo no mundo da ciência. Com mais e mais experiências semelhantes, a mente do aluno vai se povoando de imagens de descobridores, a sua própria "Escola de Atenas"²⁰². O conteúdo de cada

201. O exemplo mencionado é um dos mais importantes que devem ser expostos ao aluno, em uma introdução obrigatória à física matemática na escola secundária. Deve-se começar pela demonstração de Cusa do caráter transcendental de P, para passar ao estudo de Roberval e Huyghens sobre a cicloide. São referências convenientes: Evelyn Walker Roberval, *A Study of the "Traité des indivisibles"*, Teachers College, New York, 1932; as passagens pertinentes aparecem em D.J. Struik (ed.), *A Source Book in Mathematics, 1200-1800*, Princeton Univ. Press, Princeton, 1986. Christiaan Huyghens, *The Pendulum Clock, or Geometrical Demonstrations concerning the Motion of Pendula as applied to Clocks*, Iowa State University Press, Ames, 1986; *Treatise on Light* (1690), Dover Publications, New York, 1962. O livro de Struik tem também uma passagem do anúncio de Johann Bernoulli sobre a sua solução para o problema da braquistócrona, sob o óbvio título em latim "Curvatura radii in diaphanis monuninformibus", *Acta Eruditorum*, maio de 1697. A implicação é que a presença funcional decisiva da cicloide nos dois casos - o relógio de pêndulo e a refração da luz em condições de potencial atraso de propagação, como mostrou Ole Rfmer e Huyghens avaliou - exige passar do espaço-tempo de Galileu e Descartes para o de Cusa, Fermat etc., ou seja, ao domínio não-algébrico ou transcendental.

202. Cf. LaRouche, "The Truth About Temporal Eternity", *loc. cit.*

uma dessas imagens é a recordação da experiência de reviver as descobertas que o aluno liga a essa série de imagens. As descobertas que representam os habitantes da “Escola de Atenas” do aluno são os “Múltiplos” de que fala o *Parmênides* de Platão. Qual é o Uno que corresponde aos “Múltiplos”?

Veneza e os positivistas modernos, como Russell, proíbem que se passe além desse ponto! Aí está a fonte dessa proibição, cujo terror funde o intelecto de muitos jovens cientistas promissores em um estado algébrico de “correção política” newtoniana ²⁰³. É um processo equiparável à ameaça de uma potência colonial de usar os seus fuzileiros para domesticar os rebanhos selvagens de seres humanos cativos ao longo de várias gerações sucessivas, até criar uma raça de bois mansos.

O estabelecimento de uma relação *isocrônica* semelhante à descoberta original do descobridor, a uma distância temporal de décadas, séculos e, em alguns casos, milênios, é o meio para *transformar o ato mental de reviver tais descobertas em um objeto inteligível de reflexão consciente*. Assim, compartilham da experiência não só o educando específico e o descobridor original, mas todos aqueles que, através dos séculos, participaram da revivescência desta mesma experiência original em tal forma isocrônica.

Isto é o que Francesco Zorzi proibiu²⁰⁴; o que Francis Bacon vetou²⁰⁵, como agente de Paolo Sarpi; o que Newton proscreveu implicitamente com a sua célebre declaração *hypotheses non fingo* ²⁰⁶; o que aborrecia Kant na *Monadologia* de Leibniz²⁰⁷. Esta proibição e este aborrecimento eram endereçados explicitamente contra a prática de apreender os processos demonstravelmente criadores da atividade mental, enquanto objetos inteligíveis da reflexão consciente.

203. Recorde-se o leitor que a tradução alemã para esta forma de “correção política” é *Gleichschaltung*.

204. Zorzi (Giorgi), *op. cit.*

205. Bacon afirma, no *Novum Organon*: “Só há e só pode haver dois modos de investigar e descobrir a verdade. Um foge dos sentidos e particulares para os axiomas mais gerais...Este está atualmente em voga. O outro deriva axiomas dos sentidos e particulares, elevando-se de forma gradual e ininterrupta, para chegar aos axiomas mais gerais só ao final. Este é o modo verdadeiro, mas ainda inexplorado”. A forisma XIX, em *The New Organon and Related Writings*, compilados por Fulton Anderson (Bobbs-Merill Company, Indianapolis, 1960), p. 43 (edição brasileira: *Novum Organum*, Coleção Os Pensadores, Editora Abril, São Paulo, 1973).

206. *Sir Isaac Newton's Mathematical Principles of Natural Philosophy and His System of the World*, University of California Press, Berkeley, 1960, General Scholium, p. 547.

207. Kant, *op. cit.*, *passim*.

Todos esses aristotélicos, sejam materialistas, empiristas, modernistas ou positivistas lógicos, exigem que os assuntos da reflexão consciente se limitem a duas classes de experiências: as percepções sensíveis e as emoções, unidas de modo mais ou menos misterioso a essas percepções²⁰⁸. Daí derivam o empirismo de Zorzi, Bacon, Hobbes, Locke; o empirismo radical de Ortes, Adam Smith, Jeremy Bentham, Thomas Malthus, James Mill, John Stuart Mill e Bertrand Russell; a “teoria da informação” de Norbert Wiener e a economia pseudocientífica de John von Neumann.

A despeito das proibições venezianas, entre outras, prossigamos com o nosso assunto - o método humanista de educação que descrevemos. Mantenhamos a atenção na geometria construtiva, enquanto modelo deste método. Com o método indicado, o aluno da escola secundária se familiariza pessoalmente com a experiência de dois tipos de descobertas: as que ampliam a matriz de teoremas e as verdadeiras hipóteses platônicas, que derrubam a rede de referência.

Em sua maior parte, a melhor educação formal de nossos dias²⁰⁹ funciona mais ou menos bem no nível inferior: ampliar a rede. Isto é bom, claro. O aluno toma os exemplos históricos como modelos do método que segue para elaborar proposições, polindo-as em tudo que for possível para torná-las congruentes com uma série reconhecida de suposições axiomáticas subjacentes. Isto é parte indispensável do processo educativo, sempre e quando as proposições se originem da idéia da medição real ou prevista de um processo que realmente ocorre²¹⁰.

208. Para se referir a isto, Sigmund Freud popularizou entre os psicólogos e sociólogos da “Nova Era” o vocábulo “catexis”. As destruidoras “reformas educativas” da ONU, promovidas às vezes com a etiqueta de “Educação Baseada em Resultados” (OBE), consistem em proscrever praticamente todo o pensamento cognoscitivo. Dos grupos racistas, como os encabeçados por Jensen e Shockley na Universidade de Harvard, provém o dogma de que certas “raças” não estão naturalmente propensas ao pensamento cognoscitivo, mas somente ao condicionamento de seu comportamento emocional associativo. A loucura das seitas da “Nova Era” sobre o “hemisfério direito” e o “hemisfério esquerdo” do cérebro se originam das mesmas baboseiras pseudocientíficas que os mencionados fenômenos da ONU e de Harvard.

209. Embora seja cada vez mais a exceção.

210. Basta a cautela de que, sem se sujeitar a essa orientação sobre medições, o exame de redes de teoremas do ponto de vista da mera lógica aristotélica leva à loucura. Este é um problema notável entre os que se especializam em matemáticas do ponto de vista positivista ou similar: não se tornam loucos apesar de serem “bons matemáticos”; tornam-se loucos por estarem demasiada e devotamente treinados nesta variedade de “pensamento matemático”: quanto mais honras acadêmicas acumulam, maior é o perigo e mais raros são os sobreviventes desta enfermidade mental que está aumentando ultimamente, o “mal de Kronecker”.

Por isso, o leitor deve continuar lendo o que aqui se escreve sobre o tema dos métodos de educação humanista, compreendendo que chamamos “humanista” à ênfase no uso das fontes primárias, como guia para reviver a experiência original de uma descoberta específica. O vínculo essencial entre as duas classes de descoberta em todos os usos deste método é que o aluno *faz, dos processos mentais que geram (e regeneram) a descoberta, um objeto inteligível da reflexão consciente*. A diferença é a que distingue as espécies de atividade mental que se tomam como objetos da reflexão consciente. Este é o cerne do método da *Douta ignorância* de Nicolau de Cusa, no qual se fundamenta o surgimento da ciência moderna²¹¹.

Em ambos os casos, o resultado dos atos sucessivos de reviver descobertas originais é a demonstração implícita de uma proposição, sob a forma do argumento de Platão, no *Parmênides*. Representemos os acontecimentos mentais do primeiro nível de descobertas como L1, L2, L3..., e os do segundo como A1, A2, A3... Em cada caso, qual é a diferença comum inteligível na mudança entre eles?

Em toda obra que mereça chamar-se científica, a inteligibilidade

211. Talvez, devamos mencionar aqui, especificamente, que o mesmo método é fundamental nas belas artes clássicas. O que muitos músicos talentosos e educados não logram compreender, os rudimentos do método de composição de Beethoven, que este usa de modo mais exemplar em seus últimos quartetos, pode ser representado como a mesma *forma* de enfermidade mental que impede a compreensão da obra de Georg Cantor sobre o transfinito, ou a famosa dissertação de Riemann sobre as *Hypothesen*. A chave ontológica deste vínculo só pode ser descoberta do ponto de vista humanista que se aborda aqui: *o princípio de mudança representado pelos intervalos*.

Sempre se deve pensar nos tons em seu lugar correspondente na escala musical do dó de 256 hertz, mas devemos estar igualmente conscientes, depois disto, que o intervalo “situado entre as notas” é o sucesso (mudança) ontologicamente primário no qual se baseia a música que escutamos. Por exemplo, depois do revolucionário Quarteto Opus 33, nº 3, de Haydn, o evento seguinte que teve enormes consequências para a música - até às composições de Beethoven que começam com o seu Opus 102 - foi a descoberta de Mozart, por meio da tertúlia dominical de van Swieten, do *Ricercare* em seis partes da “Oferenda Musical” de Bach. A multiplicidade de composições de Mozart e, depois, de Beethoven e outros sucessores, baseadas diretamente na combinação feita por da conquista de Haydn com a de Bach, é o acontecimento central de todas as formas clássicas de composição musical, de 1783 até as “Quatro Canções Sérias”, de Brahms.

A partir da descoberta de Mozart e do freqüente enriquecimento que lhe dá Beethoven, desde antes de sua Opus 102, continuado em obras como a sua *Missa Solemnis*, Opus 111 - em geral, mal entendida - e seus últimos quartetos, tudo depende da compreensão recém-adquirida de que “compor e executar ‘entre as notas’” é o básico, o que surge claramente em Bach e, de maneira mais avançada, no Mozart posterior a 1781. Deste ponto de vista, a criatividade musical e matemática são reflexos da mesma substância mental comum.

das descobertas do primeiro gênero é indispensável para que haja entendimento no intercâmbio ou controvérsia entre colegas. Mas, quando se distinguem diferentes tipos de redes de teoremas em que ocorrem as mudanças de primeira ordem, estamos obrigados a distinguir esses tipos conforme a segunda ordem de mudança, A1, A2, A3..., descontinuidades (singularidades) que são atos mentais reconhecíveis, pelos quais se passa de uma espécie (tipo) de uma matriz de teoremas para outra.

Fornecemos, agora, um glossário apropriado do que acabamos de descrever; os conceitos foram tomados das obras de Platão:

Hipótese: Qualquer termo da série A1, A2, A3...

Hipótese superior: Princípio reconhecível de mudança, definido implicitamente por qualquer série de descobertas revolucionárias axiomáticas, a qual comumente é gerada, por sua vez, pelo mesmo gênero de atividade mental.

Hipótese da hipótese superior: Existem diferentes gêneros de hipóteses superiores; cada série se distingue de todas as demais, enquanto tipo, de duas maneiras: 1) corresponde a um princípio gerador diferente, um gênero diferente de ato reconhecível de geração, comum a todos os membros dessa espécie; 2) tem uma cardinalidade relativa (potência), em comparação com outros destes princípios geradores reconhecíveis. Conceber esta dupla diferença entre os diferentes gêneros de hipóteses superiores é “hipotetizar sobre a hipótese superior”.

O mesmo método (platônico) socrático de formulação de hipóteses nos obriga a reconhecer um gênero superior de existência mental: o *Bem* (Platão) ou o *Absoluto* (Cantor)²¹². A *mudança* é cognoscível (reconhecível, inteligível) para a mente do homem mortal sob a forma do *Vir a Ser*. A generalização do conhecimento humano da *mudança* é, portanto, a *hipótese da hipótese superior*. Mas, o mesmo princípio de conhecimento nos obriga a reconhecer a existência eficiente de um estado ontologicamente superior ao *Devenir*. Neste estado de existência superior, toda *hipótese da hipótese superior* possível está sujeita à definição do *Uno* que corresponda aos *Múltiplos*. Este é o *Bem* de Platão.

212. Ver Georg Cantors *Gesammelte Abhandlungen*, pp. 204-209 (“Anmerkungen des verfassers zu Nr.5,” de *Über unenclische lineare Punktmannigfaltigkeiten*). As idéias de Cantor sobre este particular devem ser julgadas à luz do fato de que Cantor equiparou o seu uso do termo “transfinito” com o *Vir a Ser* de Platão.

Este *Bem* tem, necessariamente, duas qualidades cognoscíveis (inteligíveis). A primeira, que todo o *Devenir* se condensa em um *Uno*: *todo tempo e lugar se condensam em um Uno*. Já que isto se compreende unicamente graças às faculdades mentais criadoras, por cujo meio a *hipótese da hipótese superior* se torna cognoscível inteligivelmente à Humanidade - a qualidade de *imago Dei/ capax Dei* -, este *Uno* tem a qualidade universal da *inteligência criadora* ²¹³.

Mediante a submissão ao princípio de desenvolvimento implícito no aperfeiçoamento de semelhante conhecimento e na obediência ao mesmo, nós, enquanto pessoas individuais mortais, transcendemos os limites do espaço-tempo para participar eficientemente de toda a História, aquela das idéias que põem a Humanidade, enquanto *imago Dei*, aparte e acima de todas as demais formas de vida e lhe deram domínio sobre elas. Isto se sabe desde antes de Platão, quando Moisés do Egito²¹⁴ escreveu o primeiro capítulo do *Gênesis*²¹⁵.

Aquilo que alguns desdenhariam como pura “especulação” de Platão (ou do autor) sobre o Bem, é um fator decisivo na definição do conhecimento. Basta a seguinte sinopse dessa proposição: quando se demonstra a forma de inteligibilidade do princípio da *hipótese* de Platão, como indicamos aqui, demonstra-se como se pode obter um resultado, mas sem dar ainda os seus motivos - *por que devemos procurar esse*

-
213. Certos aristotélicos, ou quase aristotélicos néscios, dirão que isto lhes parece deísmo. Assim, Pietro Pomponazzi sustentou que não tinha alma e o ateu Paolo Sarpi, patrocinador do método de Galileu e do empirismo “zorziano” britânico de Francis Bacon, afirmou a inexistência de Deus. Como a idéia da existência de Deus não cabe em uma argumentação aristotélica consequente, o aristotélico só pode dar lugar a Deus à margem de toda lógica. Foi este um dos aspectos decisivos do argumento válido de Filon contra a estupidez do aristotelismo. O “Deus” do aristotélico não é o de Moisés e de Cristo, mas, ao contrário, é a apoteose délfica pagã de Jekyll e Hyde: Apolo-Dionísio (como Aristóteles foi agente da seita de Apolo, talvez esta ligação não surpreenda). Assim, quando Dionísio-Nietzsche escarnece de Apolo-Kant (o formalista aristotélico), com o mote de “mandarim de Königsberg”, vemos Mr. Hyde ridicularizando o Dr. Jekyll.
214. Imaginem a situação! Moisés, sumo sacerdote, se apresenta sem obstáculos perante o faraó (Êxodo 7). Na primeira visita, Aarão joga uma serpente em presença do poderoso faraó. No dia seguinte, regressam, recolhem a serpente e ameaçam converter em sangue as águas do Egito. Na seguinte (Êxodo 8), uma praga de rãs; outra visita, piolhos...moscas...furúnculos...mais pragas...trovões, granizo e fogo...gafanhotos. Imaginem se um sumo sacerdote houvesse profetizado a centésima parte disto tudo (digamos, um par de dias de acne) ao recém-autoproclamado faraó George Bush. O que ocorreria de repente a cada fiel dessa igreja? O faraó sabia muito bem que Moisés era *poderoso*.
215. Cf. “A Verdade sobre a Eternidade Temporal,” loc.cit., passim.

resultado? O que se pode obter é motivo suficiente, em si e por si mesmo, para tentar o esforço?

Implicitamente, o que se afirma, em certo sentido, é que o motivo essencial da ação individual é a intenção de afirmar a personalidade própria como algo mais que um mero integrante de uma espécie animal²¹⁶. A idéia do Bem de Platão não só coloca este motivo de uma forma inteligível, mas nos dá também um conceito inteligivelmente verdadeiro da nossa identidade individual, como algo possibilitado por este princípio do Bem inteligível e eficiente - como *capax Dei*, se quisermos. Se expusermos tal proposição correspondendo à experiência interna, todos os cientistas e artistas clássicos sérios a aceitarão como a natureza de sua motivação.

O que foi dito quanto à educação humanista clássica em geometria vale para toda educação científica: só é possível se tornar cientista se antes se cria uma relação muito íntima, isocrônica, com os descobridores, que amiúde abarca séculos e até milênios. É uma relação que, por sua natureza, transcende os limites mortais do espaço-tempo. Não só os transcende, mas o faz em essência. É uma relação com a natureza por intermédio das relações sociais isocrônicas, em função das idéias da descoberta. É adesão à verdade, e implicitamente à resolução de participar no Bem de Platão.

Na música também é assim, mas ainda mais íntimamente. Como se aprende música, se não por intermédio da reprodução de Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms?²¹⁷ A intenção de reproduzir a experiência mental da descoberta, pela qual passou o compositor, é o fundamento essencial da relação pessoal com a música, enquanto processo de desenvolvimento histórico²¹⁸. O motivo se expressa no feliz “por que?” da criança.

-
216. Alega-se, às vezes, não sem base, que o motivo provém da certeza de nossa mortalidade. A isto, o autor objetaria que não tem maior significado do que um predicado do verdadeiro motivo, o qual está evidentemente subentendido na resposta, enquanto esta revela um axioma ativo que sublinha quem diz ter faculdades de consciência caracteristicamente humanas. Não é quem pergunta o que define a resposta, mas o caráter de quem responde.
217. O princípio do Bem se aplica apenas ao caso da composição clássica e seus antecedentes históricos. O “romantismo”, como o empirismo filosófico do qual se origina, se baseia na rejeição deste princípio de veracidade na composição e na execução. O modernismo é, quanto a isto, empirismo radical.
218. Alguns momentos da própria experiência musical do autor, talvez, ajudem a facilitar o reconhecimento da questão mais geral. Nos anos 40, depois da II Guerra Mundial, o autor tomou a posição - baseado puramente no conteúdo musical, sem nenhuma outra

A capacidade de tomar os atos mentais de descobertas revolucionárias axiomáticas válidas, entre outras descobertas válidas, como objetos da reflexão consciente, nos permite tornar inteligíveis os aspectos mais elevados da vida mental humana. Isto só pode ser feito em sociedade e tem que incluir a reprodução da experiência viva das descobertas feitas pelos “europeus brancos mortos” que, por razões históricas, são autores de pelo menos 90% do inventário do conhecimento científico indispensável para manter hoje em dia a existência humana.

Contudo, quando consideramos a totalidade do conhecimento humano, podemos examinar o assunto com maior amplitude, além dos campos do progresso científico e musical, naqueles em que o conhecimento atual se deve principalmente aos europeus ou aos que, em outros lugares, responderam às contribuições da civilização europeia à cultura universal.

Tomemos, por exemplo, a antiga língua indo-europeia. Os calendários solares siderais, implícitos no sistema dos antigos hinos védicos, nos dão uma idéia da antiguidade dessa língua, sumamente refinada. Este vínculo foi estudado pelo menos desde que Kepler teve a atenção despertada por aqueles calendários²¹⁹. O conteúdo dos hinos, além de outros dados relativos aos fragmentos astronômicos do *Zend Avesta*, de época anterior²²⁰, nos permite fechar o ciclo dos hinos que sobreviveram até a época literária. Situam-se no período em que o equinócio vernal

documentação - de que a Fantasia K. 475 de Mozart foi feita com a intenção de ser um prelúdio à Sonata para Piano K. 457 do próprio Mozart. Isto me levou em seguida a reconhecer as muitas composições de Mozart e Beethoven baseadas no mesmo “germe” que a combinação K. 475/457. Por que isto emocionou tanto o autor, por que o animou a descobrir algum processo superior implícito? Mais tarde, o autor reconheceu que o método de composição motivica de Beethoven tinha algo a ver com o mesmo princípio que Georg Cantor elaborou nas matemáticas. Um dos momentos mais emocionantes da vida do autor ocorreu mais recentemente, quando um amigo assinalou o significado do primeiro movimento do Opus 33, nº 3, de Haydn. Esta informação torna evidentes as raízes do método de composição que Beethoven seguiu em seus últimos quartetos. Ver “Mozart’s 1782-1786 Revolution in Music”. Qual é a força motriz dessas investigações, o que as motiva? Nestas questões, reside a própria natureza da composição musical clássica, a relação entre a execução da música de hoje e a composição da obra há um século ou mais.

219. A análise da imagem astronômica que se depreende dessas fontes védicas se completou praticamente durante a vida de Gauss. Essas foram as fontes às quais se referiu Bal Gangadhar Tilak em seu livro *The Orion, or Researches into the Antiquity of the Vedas* (1893), (Shri J.S.Tilak, Tilak Brothers, Poona, 1972). Ver também o seu livro *The Arctic Home in the Vedas, Being Also a New Key to the Interpretation of Many Vedic Texts and Legends* (1903) (Tilak Brothers, Poona, 1956).

220. *Ibid.*

estava na constelação de Órion. Como argumenta o filólogo Bal Gangadhar Tilak, apoiado em suas fontes, este período teria ocorrido entre os anos 6000 a 4000 a.C.²²¹ Da mesma forma, no caso da China pré-histórica, a análise da antiguidade dos calendários astronômicos solares siderais, feita por Edouard Biot e Gustav Schlegel, os situa no início da fase final da última era glacial (18000-17000 a.C.)²²².

Uma forma culta de língua falada, como argumenta a escola de August Boeckh, os irmãos Humboldt etc.²²³ a respeito do indo-europeu, já representa um progresso sumamente complexo, de planejamento mais avançado do que qualquer matemática formal já inventada. Pode-se esclarecer o assunto sob a condição de que se examine a partir do nosso ponto de vista, usando o formalismo matemático como exemplo.

O uso de um nome ou frase para significar um objeto mental (diferentemente da mera percepção sensível) é a qualidade essencial da *metáfora*²²⁴. Tratando-se de idéias matemáticas, como já o fizemos, todas têm esta qualidade *metafórica*: a representação matemática de uma descoberta é a metáfora de um objeto mental, o ato original de descoberta (ou réplica mental deste ato). Nada melhor para provar a aplicabilidade disto à língua em geral do que as formas clássicas de poesia²²⁵. Isto é ilustrado pela função das chamadas formas artísticas clássicas “não-plásticas” nos tipos bem-sucedidos de cultura - ou seja, o seu papel na

221. *Ibid.*

222. O cientista francês Edouard Biot e o filólogo holandês Gustav Schlegel, a partir de elementos encontrados nos clássicos confucianos, provaram que a ciência astronômica já estava sumamente desenvolvida no terceiro milênio antes de Cristo. As investigações de Schlegel o levaram a conjecturar que já no 16º milênio antes de Cristo, já se dispunha de um mapa significativo dos céus. Os ataques de Joseph Needham a essa conjectura (*Science and Civilization in China*, Cambridge University Press, London, 1954, Vol. III) são, de qualquer ponto de vista, grosseiramente incompetentes em método e, portanto, não podem ser levados a sério. Ver Michael Billington, “The Taoist Perversion of Twentieth Century Science,” *Fidelio*, Fall 1994.

223. Um texto útil sobre Wilhelm von Humboldt e a órbita na qual entrou o trabalho de Boeckh está em Paul Sweet, *Wilhelm von Humboldt, A Biography*, 2 vols., Ohio State University Press, Columbus, 1980.

224. Usar o nome literal de um objeto para denominar outro diferente não é mais que um caso especial disso, a exceção que revela a regra. Que um objeto leve o nome de outro, se é que a substituição é significativa e não mera velhacaria arbitrária, implica a intenção de mostrar que os dois objetos diferentes são predicados de um objeto mental comum e não de um objeto sensível.

225. Em visita recente a Weimar, este autor viu um exemplar da *Mailed* de Goethe, que os curadores haviam posto na parede do museu, na residência do poeta. Nada ilustra de modo mais sensível e inteligível o princípio da metáfora na poesia que o papel da estrofe

educação dos líderes e na vida social em geral -, que se baseiam inteiramente neste princípio de metáfora da língua²²⁶. Os argumentos pertinentes podem ser resumidos como se segue:

Já dissemos que o traço distintivo da existência humana, a prova conclusiva de que a Humanidade é absolutamente diferente dos animais e superior a eles, é o papel de certo tipo de *idéias* com as quais a nossa espécie, e somente ela, é capaz de aumentar a sua densidade demográfica relativa potencial²²⁷. Estas idéias pertencem, em cada caso particular, a classes que podem ser simbolizadas com redes de teoremas ou de formas semelhantes. A passagem de uma classe a outra, de “potência” relativamente superior, é conhecida como progresso cultural. Elas também podem chamar-se “culturas”. Isto nos dá o significado da expressão “progresso cultural”.

O progresso cultural último não é um movimento lateral do errôneo ao correto. Nenhuma mudança que aumente a densidade demográfica relativa potencial de um povo pode ser completamente “errônea”. No entanto, supera algo que se derivou do antecedente, que foi a plataforma de lançamento da qual se deu o salto criador. O que se deve qualificar de “errôneo” é o “atraso” teimoso, ou as regressões existencialistas de Henry David Thoreau e Oswald Spengler, ou qualquer outra regressão existencialista a um “Walden” ou outra latrina cultural parecida.

Tratando-se de “idéias”, temos que distinguir entre os hábitos condicionados de interpretação intelectual das percepções sensoriais e as idéias que correspondem completamente a objetos mentais. São estes últimos os que refletem sem intermediação a série de suposições axiomáticas que definem toda essa classe de idéias, essa cultura, o que nos interessa primordialmente. É esta classe superior de idéias que temos

final do curto poema de Goethe, o mais popular e típico. Mais ou menos desde 1947, o autor adotou este uso do termo *metáfora* para todas as representações de objetos mentais (em contraste com as meras percepções sensíveis), uma interpretação própria do argumento oferecido por William Empson em *Seven Types of Ambiguity* (New Directions, New York, 1947).

226. A música é um aspecto integrante de toda língua. Deriva do canto da poesia clássica, segundo os princípios naturais de vocalização. A existência de cinco (em casos extremos, seis) espécies naturais ordinárias de voz cantada e falada, cada uma definida por suas próprias mudanças de registro distintas no modo do *bel canto*, define a polifonia natural e o sistema bem temperado descoberto por Bach, com seu trabalho sobre as vozes cantadas de conjuntos em contraponto de pessoas e seus instrumentos artificiais. A música deriva do canto da poesia clássica, inclusive a épica, usando como partitura musical implícita a vocalização dos termos emitidos.

227. LaRouche, *So, You Wish to Learn All About Economics?*

que pôr no centro de nossa investigação de qualquer cultura específica, digamos, a nossa.

Consideremos um dos temas favoritos das aulas do autor: como se transforma culturalmente a idéia que se tem de uma rocha, de mera "rocha" a "mineral"²²⁸. O objeto da percepção continua sendo o mesmo, o que muda é a percepção. A avaliação, determinada culturalmente, é parte integrante da percepção. Mas, apesar das mudanças, algo do velho passa para o novo. Já que todo este aspecto da cultura só aparece no conhecimento como metáfora, todo o conhecimento humano deve ser considerado como uma acumulação de metáforas. É a metáfora que conforma a língua, embora o grau de refinamento desta delimite a qualidade das idéias que se podem identificar por intermédio dela. É esta acumulação de "alefs", metáforas, que aumenta o poder de uma língua, mediante o seu constante refinamento.

O que é preciso enfatizar aqui, para evitar que nos afastemos demasiadamente do nosso assunto principal, é a noção das capacidades intelectuais da forma culta das línguas modernas, como as do grupo indo-europeu: o "conjunto de potências" assim representado pelo uso aceito desta língua *per se*. Uma língua culta, quero ressaltar, é uma herança de valor assombroso, que encarna a obra de muitíssimas gerações, desde o próprio começo da existência humana.

Temos que supor que Dante Alighieri estaria de acordo com que uma forma culta de língua, expressa em verdadeira poesia clássica, é a forma mais avançada de matemáticas que o homem já possuiu. Todas as idéias são metáforas e a linguagem é a matemática da metáfora. O melhor cálculo existente é o das tragédias clássicas de Ésquilo, Marlowe, Shakespeare e Schiller.

F. Antonio Conti e a sua tertúlia *

A nossa atenção se concentra aqui, sobretudo, em um século da história britânica, mais ou menos desde o começo do século 18, quando o abade Antonio Conti ganhou grande influência no destino da Inglaterra, até uma década após a morte de Giammaria Ortes, ocorrida em 1790.

228. Aqueles que passaram por alguns dos cursos semestrais ministrados pelo autor, no período entre 1966 e 1973, talvez, sorriam dissimuladamente, ao recordá-lo. Quando parecem venturosos em um semestre, certos truques pedagógicos tendem a se repetir no seguinte, e no outro, e no outro...

* Ver Nota Final

O final deste intervalo foi marcado por três acontecimentos relevantes: 1) a publicação, em 1798, do plágio feito por Thomas Malthus das *Riflessioni*²²⁹ de Ortes, de 1790; 2) o fim da existência de Veneza como Estado, pelas mãos de Napoleão Bonaparte; 3) a chegada de Napoleão ao poder, após a sua campanha italiana, para criar a sua dinastia cesarista em um novo império romano mundial²³⁰. É um período que começa com a maturidade de Conti e termina mais de uma década antes da atuação do conde Giovanni Capodistria, agente plenipotenciário de Veneza no Congresso de Viena. Este é o século no qual o governo britânico substituiu a autonomia inglesa, o século no qual se fundaram as instituições ideológicas e políticas de um emergente império mundial. É o século central da História moderna até os nossos dias, aproximadamente dois séculos depois da Liga de Cambrai e dois séculos antes da vislumbrada destruição do atual sistema financeiro mundial, modelado no estilo veneziano²³¹.

É nas conexões desse período que temos que concentrar a nossa atenção, para definir a origem e influência dos conceitos empiristas radicais que definiram o Império Britânico, sua fundação e suas ações posteriores, desde a subida ao trono de Jorge I, o primeiro monarca britânico, até os dias de hoje. Por isso, em primeiro lugar, situemos brevemente este século britânico, 1700-1800, no período de seis séculos descritos anteriormente.

A história da Inglaterra moderna e sua sucessora Grã-Bretanha começa com a derrota inglesa, de Borgonha e dos inimigos espanhóis às mãos do rei Luís XI, que fez da França moderna o primeiro Estado nacional. Suas vitórias e seus êxitos impressionantes no desenvolvimento econômico inspiraram grupos poderosos na Espanha e Inglaterra, em especial os colaboradores de Henrique VII, a imitar suas empresas bem-sucedidas. Isto criou interesses comuns e colaboração entre a França, Inglaterra e Espanha, que terminou no período 1517-27, graças às intrigas

229. Ortes, *Riflessioni*.

230. Napoleão retornou de sua campanha na Itália como César retornou das Gálias. Da mesma forma que César, Napoleão foi ao Egito e, logo, tratou de tornar-se César. Todavia, de acordo com as insinuações de Ortes, já se havia encarregado Gibbon, laçao de Shelburne, de escrever um manual para guiar os que tentavam tornar Londres a capital do terceiro império romano. Quanto ao interessante papel científico da Escola Politécnica na campanha de Napoleão no Egito, esta é outra história, para se entender o que estudar na estratégia mundial de Leibniz.

231. Lyndon LaRouche, "La desintegración venidera de los mercados financieros", *Resumen Ejecutivo de EIR*, Vol. XI, núm. 12, segunda quinzena de junho de 1994.

de Veneza na corte de Henrique VIII. Este processo, que começa quando apresentam ao rei suscetível a isca dos Howard, Ana Bolena, representa uma descontinuidade na história da Inglaterra e da Europa.

Em poucas palavras, a história dos cinco séculos de civilização européia, transcorridos desde a dissolução da Liga de Cambrai, em cujo âmbito se pode estudar o século 18, pode ser concebida como se segue, do ponto de vista dos acontecimentos descritos a seguir.

Aproximadamente, desde 1517-27, até as sessões do Congresso de Viena de 1815, toda a história européia esteve dominada por condições de guerra geral orquestradas por Veneza, tanto guerras civis, como a que viveu a Inglaterra a partir do casamento de Henrique VIII com Ana Bolena, apadrinhado por Veneza, até a questão de Essex e o assassinato político de Christopher Marlowe, ou guerras internacionais, como o saque de Roma pelos Habsburgos, as “guerras camponesas” orquestradas por Veneza na Alemanha e as guerras entre a Espanha dos Habsburgos, França, Inglaterra e Países Baixos.

O reflexo desse processo na própria Inglaterra define cinco períodos *relativamente distintos* na história da Inglaterra e Grã-Bretanha, de 1517 aos nossos dias. O primeiro vai mais ou menos de 1517-27, quando Veneza se apodera de Henrique VIII, à época dos golpes que os amigos de Paolo Sarpi organizaram em 1589-1603, para assegurar a subida de Jaime VI da Escócia ao trono inglês. O segundo vai da ascensão de Jaime I (e da quadrilha de Francis Bacon) ao intervalo 1666-89 e culmina com a “Revolução Gloriosa” e a subida de Guilherme de Orange ao trono. O terceiro é a transição, desde a ascensão de Guilherme até a vitória do Império Britânico (de fato), no Congresso de Viena (1815). O quarto é o surgimento do Império Britânico mundial, de 1815 a 1918. O quinto, que se prolonga até os nossos dias, é o das tentativas pós-1918 de Londres de dissolver o Império no ambiente seguro de uma ditadura federalista mundial governada pela ideologia radical veneziano-britânica, meta utópica buscada por intermédio da fracassada Liga das Nações e, depois, da ONU.

Conti assume importância na configuração da História futura mais ou menos quando começam as “guerras de Marlborough” na “sucessão espanhola”, igualmente orquestradas por Veneza. Aqui nos concentramos no significado histórico dos conceitos empiristas radicais que a influência de Ortes converteu em doutrina dominante na política mundial britânica, do último quarto do século 18 até as tentativas atuais de impor o dogma demográfico proclamado por Ortes em 1790, como lei da tirania imperial mundial conhecida como ONU.

O cerne dessa indagação é averiguar em que se distingue o radicalismo dos círculos de Conti do século 18 das formas anteriores de empirismo veneziano, como o aristotelismo de Pietro Pomponazzi, o empirismo cabalista de Francesco Zorzi, o empirismo de rosacruz como Francis Bacon, Robert Fludd, Thomas Hobbes, Elias Ashmole, John Locke e Isaac Newton, ou o empirismo do começo do século 18, de David Hume, e com que consequências. Os temas que tratamos nas cinco seções anteriores nos prepararam para abordar estes temas cruciais que acabamos de listar.

A característica comum dos cananeus de Tiro, do Império Romano e seu sucessor bizantino, da Veneza medieval e das corporações controladas por ela, como foram as companhias de comércio portuguesas, holandesas e inglesas, é o tráfico de escravos. Esta é a linhagem e a herança da Companhia do Levante inglesa e suas sucessoras, do Banco da Inglaterra, da Companhia das Índias Orientais da Grã-Bretanha do século 18 e do Banco Barings do perverso William Petty, segundo duque de Shelburne. Este é o legado de Aristóteles, autor da *Ética* e da *Política*, francas apologias da maldade. A prática e a apologia da escravidão, ou formas semelhantes de usura, é o traço comum de uma forma de sociedade verdadeiramente perversa, que compartilham a antiga Tiro, a Esparta de Licurgo, o Império Romano, Veneza e as companhias anglo-holandesas “das Índias”, absolutamente venezianas.

A essência dos métodos para “embrutecer” escravos e submeter nações, dos métodos da “educação baseada em resultados” planejada pela ONU, aplicada às eventuais vítimas da sua ditadura mundial²³², é a cruel supressão das faculdades criadoras da razão características da mente humana, que geralmente se expressam por descobertas axiomáticas revolucionárias na ciência física.

Esse tem sido o papel do aristotelismo délfico desde a época da Academia de Platão e, antes disto, das escolas eleática de Parmênides e sofista do formalismo antipitagórico²³³. Este é o significado da fama que

232. A ONU ajudou a inventar a “educação baseada em resultados” (OBE), por meio do trabalho de Robert Muller, atual chanceler da Universidade da Paz, instituição ligada tanto à ONU como ao Lucis Trust (organismo vinculado à ONU e que antes se chamava Lucifer Trust). Ver o folheto “Will You Allow Your Child to be Spiritually Molested?”, publicado por *The New Federalist*.

233. Aristóteles foi adestrado no centro de ensino de sofismas que então funcionava em Atenas, a Escola de Retórica de Isócrates. Esta última representava um dos principais adversários filosóficos e políticos da Academia de Atenas. De lá, Aristóteles foi despachado para se infiltrar na Academia. Seus livros - não apenas a sua *Ética* ou a sua *Política*,

os venezianos deram a Galileu e à sua paródia inglesa, o cabalista Isaac Newton²³⁴. Este é o significado das *Críticas* de Kant. Este é o significado preciso da proclamação de Newton: *hipotheses non fingo*²³⁵. Este é o método de Norbert Wiener, John von Neumann e dos demais fundadores da pseudociência da “inteligência artificial”²³⁶. Este é o significado do uso radical que os círculos de Conti deram aos métodos algébricos, próprios da facção de Galileu e Newton, como fundamento para delimitar todas as formas permitidas para a conduta humana.

Para compreender a filosofia das atuais tentativas utópicas da ONU em criar um governo mundial e para entender a concepção do mundo que anima Conti, Ortes, Adam Smith, Jeremy Bentham, Bertrand Russell e outros da mesma laia, temos que compreender os aspectos sociológicos fundamentais do tráfico de escravos. Recordemos: como se converte um curral cheio de escravos recém-capturados num rebanho de gado humano relativamente dócil? As sociedades que se baseiam na escravidão empregam os mesmos métodos usados para separar das manadas de animais selvagens uma linhagem de bestas domesticadas, cujo valor se define pelo seu leite, carne e docilidade. O colonialismo, como o do Império Britânico dos séculos 18 e 19, aplicava estes métodos de criação de escravos para domesticar e embrutecer nações inteiras subjugadas. Os mesmos métodos colonialistas foram aplicados às nações derrotadas, tanto na ocupação como depois disto, por parte dos vencedores do Congresso de Viena e nas duas guerras mundiais do século 20. Este foi o método aplicado à Argentina pela ex-primeira ministra britânica baronesa

dois infames livros oligárquicos, mas também as suas obras ditas científicas - representam uma expressão completamente antisocrática dos mesmos sofismas que promoveram os agentes de Delfos nessa época, como a Escola de Retórica.

234. Como mencionado pelo autor no artigo sobre “a ciência da história”, coube ao teórico monetário John Maynard Keynes avaliar um baú de papéis científicos pessoais de Isaac Newton. Quando o abriu, Keynes ficou estupefato diante dos rabiscos de um lunático supersticioso, o Newton a quem, em seu relatório, qualifica como “o último dos magos, o último dos babilônios e sumérios...completamente carente de valor científico”. Ver “Newton, the Man”, in *Newton Tercentenary Celebrations* (Cambridge University Press, Cambridge, 1947), pp. 27-34.
235. Newton, *op. cit.*
236. Ver Norbert Wiener, *Cybernetics*; John von Neumann, *The Computer and the Brain (Stillmann Lectures)* (Yale University Press, New Haven, 1958); Alan Turing, *Mechanical Intelligence* (Elsevier North-Holland, New York, 1992); Marvin Minsky, *Artificial Intelligence* (University of Oregon, Eugene, 1973); Noam Chomsky, *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought* (Harper and Row, New York, 1966); e Kenneth Colby, *Artificial Paranoia, a Computer Simulation of Paranoid Processes* (Pergamon Press, New York, 1975). Ver a nota 248.

Margaret Thatcher (e seu lorde Carrington), em 1982, o mesmo método aplicado ao Iraque pelo seu estimado sir George Bush, em 1990-91²³⁷.

O uso dos “métodos de Galileu e Newton” pelos empiristas radicais do século 18 para atrasar a criatividade em todos os campos da atividade humana, e não apenas na ciência física, constitui o aspecto central da estratégia veneziana do imperialismo britânico para “embrutecer” a espécie humana em todo o planeta, predispondo-a para a aceitação do governo mundial. Apenas com uma percepção clara das implicações deste aspecto do método empirista radical é possível o entendimento do restante da política imperialista britânica, inclusive os métodos de “embrutecimento” de escravos e os métodos de lavagem cerebral empregados pelos britânicos contra as populações subjugadas, como a dos EUA no século 20.

À luz disso é que temos que considerar as mudanças principais, ocorridas desde o ataque de John Wenck²³⁸ a Nicolau de Cusa, em meados do século 15, à injeção de empirismo radical aplicada por Ortes a Londres. Eis aqui a chave para o entendimento de Bertrand Russell; eis aqui a marca da besta.

A obra do “pomponazziano” Francesco Zorzi *Harmonia Mundi* (1525), um ataque cabalístico à *Douta ignorância* de Cusa, constitui o

237. O que levou os britânicos a orquestrar a Guerra das Malvinas contra a Argentina, em 1982, foi a intenção londrina de impor uma nova doutrina da OTAN, conhecida como “deslocamentos extrajurisdicionais”, ou seja, o envio de forças militares da OTAN para fora das zonas de operações delimitadas pelos tratados que a regem. Londres, com olhos postos nas regiões petrolíferas da plataforma continental atlântica da Argentina, fez desta nação o alvo de uma operação dirigida para abrir um precedente. A armadilha foi armada por meio de lorde Peter Carrington, um dos principais jograis da senhora Thatcher nesta época, o seu “Palmerston” de plantão. Para ajudar a operação, empregaram-se os préstimos do então secretário de Estado Alexander Haig, ex-protégido de Henry Kissinger, agente de Londres. Londres “fez saber” à junta militar que governava a Argentina que, se Buenos Aires simplesmente ocupasse as Malvinas, Londres faria vista grossa. Para jogar a isca, usaram, além de Haig, canais britânicos diretos. Quando a Argentina mordeu a isca, a Grã-Bretanha pôde assegurar o pleno apoio do governo estadunidense à guerra de subjugação colonial contra a República Argentina e ao subsequente processo de “domesticação”. Thatcher e Bush voltaram a usar a mesma técnica para armar o “deslocamento extrajurisdicional” de 1990-91 contra o Iraque, assim como a sua prolongada ocupação colonial.

238. Ver Jasper Hopkins, *Nicholas of Cusa's Debate with John Wenck, a Translation and An Appraisal of De Ignota Literatura and Apologia Doctae Ignorantiae*, 2nd ed. (Arthur J. Banning Press, Minneapolis, 1984). A obra de Hopkins é inestimável como estudo erudito do assunto, mas o leitor deve saber que de nenhuma forma subscrevo todos os comentários de Hopkins: o patinador deve estar atento, pois, em vários pontos, irá encontrar gelo fino filosófico, o que não é surpreendente, no tocante a conceitos decisivos do método platônico de Cusa.

primeiro ponto conhecido de origem do empirismo *per se* na Inglaterra²³⁹. Desde então, de Zorzi, passando por Bacon, Locke, Francesco Algarotti²⁴⁰, Ortes²⁴¹, Adam Smith e o chefe da inteligência britânica Jeremy Bentham, James Mill, os utilitaristas britânicos e vienenses, os positivistas franceses seguidores do abade Moigno, até Bertrand Russell, todo o empirismo e suas variantes existencialistas se baseiam naquela argumentação de Zorzi²⁴².

É com Paolo Sarpi que vemos a primeira tentativa sustentada pelos venezianos de erigir o sistema empirista como anticência, contra a ciência moderna fundada por Cusa, Pacioli, Leonardo e Kepler. Em poucas palavras: por volta do final do século 16, Veneza se mobilizou contra a corrente clássica na música do Renascimento, cooptando o filho do músico

-
239. Zorzi, *op. cit.* Frances Yates traduz: “Os que se afastam do conhecimento direto do Universo se refugiam na *Docta Ignorantia*.” (Frances Yates, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age*, Routledge and Kegan Paul, London, 1979). Estas palavras pressagiam o mesmo argumento de Francis Bacon, que ataca o afastamento das percepções sensíveis para considerar como objetos os fenômenos mentais, como a metáfora. Como pode alguém aferrar-se ao mito de que Bacon teria escrito certas obras de Shakespeare, depois de comparar a obra deste com os ataques de Bacon à metáfora? Não se pode imaginar que a cabala se origina do judaísmo. Não foi assim. Além disto, os cabalistas ingleses dos séculos 16 e 17 formavam um bando de anti-semitas obstinados, reunidos desde meados do século nas universidades de Cambridge e Oxford, assim como, na época elizabetana, no serviço de inteligência de Walsingham.
240. Elemento destacado dos círculos de Conti e Ortes. Nasceu em Veneza, em 1712 e morreu em Pisa, em 1764. Em 1726, começou os estudos em Bolonha com o abade Guido Grandi, patrono dos amigos de Ortes e importante apologista de Galileu. Ganhou fama em 1729, com a sua adulação a Isaac Newton, protegido de Conti: “Sábio além da duração do reino do rei de Roma.” Apareceu em Paris em 1735, como amigo de Voltaire e Maupertuis, de quem Ortes copiou certos aspectos de seu próprio cálculo hedonista. Visitou a Inglaterra e se reuniu com a rede de Conti de admiradores de Newton.
241. Giammaria Ortes nasceu em Veneza, em 1713 e ingressou no mosteiro camaldolense de Murano, em 1727. Morreu em 1790. De 1734 a 1738, foi aluno, em Pisa, do professor camaldolense de física Guido Grandi. É elogiado como economista no Volume I d’*O Capital* de Karl Marx (cap. XXV, seção 4), que acentua a segunda obra geral de economia de Ortes, *Della economia nazionali libri sei* (*Da economia nacional, livro 6*), publicado em 1777, um ano depois d’*A Riqueza das Nações* de seu discípulo Adam Smith. Autor das *Riflessioni* (*Reflexões*), de 1790, em que se baseia o esboço de resolução proposto para a Conferência sobre População da ONU, realizada em 1994 no Cairo. O célebre livro de Thomas Malthus, de 1798, não passa de uma paródia da obra de Ortes, que, no entanto, é menos conhecida.
242. Recorde-se o leitor que, também entre os existencialistas seguidores de Nietzsche em Viena, a gentil arte délfica do formalismo aristotélico corresponde ao lado apolíneo do culto pagão de Apolo-Dionísio, Apolo-Osiris, Apolo-Piton, Apolo-Satanás. Até o falecido Bruno Walter, a quem considerávamos genial e honrado, soltou em público as bobeiras dessa manada de “nietzscheanos” e “wagnerianos”, em um programa de

Galilei, na mesma época em que o talentoso Claudio Monteverdi foi convertido em pagão pré-wagneriano²⁴³. Veneza recrutou Galileu Galilei, ex-estudioso da obra de Kepler, a quem este havia conhecido durante seus estudos iniciais de música com o pai de Galileu. Este, protegido de Sarpi, retrabalhou as informações que recebera de Kepler, subvertendo-as para retirar todos os traços do método platônico empregado por Kepler em suas descobertas²⁴⁴. Assim, sob o patrocínio e direção de Sarpi, nasceu a escola mecanicista ou empirista na física algébrica.

O ataque aberto dos protegidos de Sarpi à ciência está contido sobretudo em três obras publicadas no início do século 17: o *Novum Organum*, de Francis Bacon²⁴⁵, a *Harmonia Mundi*, plágio rosacruz por Robert Fludd da obra cabalista homônima de Zorzi²⁴⁶ e os *Diálogos* de Galileu²⁴⁷, todos compartilhando duas características: 1) reafirmam o ponto de vista empirista aristotélico, de Wenk, Pomponazzi e Zorzi, de que, a partir da percepção sensorial, apenas a “indução” é aceitável, enquanto os objetos mentais ficam completamente excluídos; 2) sustentam que os métodos aritméticos ou algébricos de dedução (e indução) aristotélica são a base exclusiva para medir as relações causa-efeito, inferidas da mera percepção sensorial²⁴⁸.

Desse grupo de rosacruzes jacobinos - Bacon, Fludd, Thomas Hobbes e Elias Ashmole -, surgiu a seita ashmoliana originária da

rádio de Nova York, no qual fez o julgamento não-musical de que, enquanto Brahms “foi um apolíneo”, Beethoven “foi um dionisíaco”. Desafortunadamente, há maestros que se conformam em executar Beethoven como se suas obras tivessem sido escritas pelo Silenus de Nietzsche ou, pior ainda, por Stockhausen. Beethoven foi, à sua maneira, um devoto cristão inimigo das divindades pagãs, um prometeico que deu o fogo do gênio criador à Humanidade, em oposição a todos os deuses pagãos do Olimpo.

243. Por exemplo, “A coroação de Popéa”.

244. Galileu Galilei, *Dialogues Concerning Two New Sciences* (1638), Dover Publications, New York, s/d (edição brasileira: *Diálogo sobre duas novas ciências*, Nova Stella Editorial, São Paulo, 1985). Um exemplo do método empirista dos protegidos de Sarpi é a fraudulenta afirmação de que Galileu e Newton compartilham a descoberta da gravitação universal. No capítulo VII do livro *A ciência da economia cristã* (MSIA, Rio de Janeiro, 1998), o autor demonstra o modo pelo qual esta fraude foi construída.

245. Bacon, *op. cit.*

246. Robert Fludd, *Harmonia Mundi* (1527). Ver Johannes Kepler, *Harmonice Mundi* (1619), Livro VI, onde responde ao ataque de Fludd.

247. Galileu, *op. cit.*

248. Esse truque serviu para defender a idéia da “inteligência artificial” mecânica, a partir da obra de 1930 de formalistas como Alan Turing (por exemplo, as “máquinas de Turing”). Já que Gödel demonstrou implicitamente (1931) que é impossível simular mecanicamente a mente humana, os defensores da inteligência artificial responderam

maçonaria especulativa britânica, na década de 1640²⁴⁹. Do mesmo ramo da seita dos rosacruzes partidários dos Stuarts²⁵⁰, surgiu a Sociedade Real de Londres, de John Locke, do cabalista Isaac Newton e outros. A Sociedade foi criada por estes rosacruzes britânicos herdeiros de Bacon e Fludd, para combater as forças da “ciência continental”, expressão que se referia à obra de Cusa, Leonardo da Vinci, Kepler e depois, Desargues, Fermat, Pascal, Huyghens, Leibniz, Johann Bernoulli, Legendre, Monge, Gauss, Riemann, Weber etc. A frase de Newton “*hypotheses non fingo*” é reveladora; o método de descoberta está proscrito. Sempre que se observe este sintoma revelador, se está diante dos métodos escravistas: está em marcha o embrutecimento dos cientistas.

Esse foi o desenvolvimento geral do empirismo, até a aparição dos círculos de Conti. Em primeiro lugar, temos o corrosivo aristotelismo de Wenck, Pomponazzi e Zorzi, um ataque anticientífico contra os flancos filosóficos e teológicos do Renascimento, em geral. Depois, em seguida à influência de Zorzi na Inglaterra de Henrique VIII, até o final do século 16, com Paolo Sarpi, ocorre a tentativa de controle política da ciência existente, com os métodos empiristas de Bacon, Fludd e depois Newton. Em seguida, surgem Conti e caterva.

Conti aparece em cena²⁵¹ durante o último suspiro do poder militar veneziano, sob o comando das famosas casas Mocenigo e Morosini. Não há razão aparente para rechaçar a idéia generalizada, segundo a qual a paz de Karlowitz, de 1699, representa o ponto culminante de Veneza, neste aspecto. No rastro das guerras de conquista do Peloponeso, embora Veneza tenha iniciado a sua decadência interna, estima-se que o seu aparelho de inteligência exterior tenha aumentado em poder e influência até meados do século 18. É nesta situação que o nobre veneziano Antonio

com a proposição de deixar de lado todos os aspectos da mentalização humana que não pudessem ser reduzidas aos “algoritmos” que eles aprovassem. Assim, do trabalho de Marvin Minsky, fanático da inteligência artificial e Noam Chomsky, seguidor de Russell, resultou o modelo de computador de Kenneth Colby, que imita habilmente formas associativo-emocionais de conduta psicótica, sem atividade cognoscitiva. Ver a nota 236.

249. Daí vem o nome de Museu Ashmoliano, certamente.

250. As origens presumíveis da seita se situam no Palatinado (Alemanha), no começo do século 17, onde, ao que parece, o mito da “rosacruz cristã” surgiu ou despertou um apoio relevante pela primeira vez. É um enxame de seitas gnósticas, todas ligadas aos métodos da magia simbólica e saturadas de remanescentes de várias seitas que proliferaram na Borgonha e nos Pirineus, como os bogomilos. Adolf Hitler, como outros elementos da Sociedade Vril, foi patrono desta seita.

251. Nasceu em 1677 e morreu em 1749.

Conti ganha um poder crescente na vida interna e nos assuntos externos da França, Inglaterra e Alemanha.

É Conti, que acabou membro da Sociedade Real de Londres, que organiza as tentativas de difamação de Leibniz e, por isso, controla o lado britânico do famoso debate epistolar entre Leibniz, Samuel Clarke e Newton. É o círculo de Conti que despacha contra a corte e a pessoa de Luís XV de França o famoso agente veneziano de alcova, Giacomo Casanova. É Conti quem coordena o abade Guiseppe Riva, agente veneziano, nas ações perpetradas contra Leibniz nos círculos de Georg Ludwig, o títere veneziano de Hanover, que se tornou o primeiro monarca britânico, Jorge I (George I). É Conti que dirige agentes como Francesco Algarotti e Giammaria Ortes; são as redes de Conti que, depois de sua morte, despacham o famoso conde Alessandro Cagliostro contra a monarquia francesa de Luís XVI e sua esposa, Maria Antonieta.

Como já foi dito, Conti e sua tertúlia tinham em mira dois alvos principais: a França e Gottfried Leibniz. Tirando isto, a única tarefa importante de Conti e seu bando de agentes era a transformação revolucionária do empirismo existente em uma forma verdadeiramente radical de contracultura, que se apoiou na aplicação geral dos métodos mecanicistas algébricos de Galileu e Newton. Foi este círculo de títeres venezianos que produziu os fisiocratas franceses e as redes de Voltaire. Foi ele que coordenou a facção de Orleães, do dirigente jacobino Philippe Egalité. Os amigos de Conti foram os bruxos que tiraram o falecido Galileu de seu acolhedor cantinho fervente no Inferno²⁵², os que exaltaram Newton e o tiraram do seu merecido anonimato. E foram, de fato, os que criaram o próprio jacobinismo, coisa que Karl Marx gostaria de ter sabido, se é que David Urquhart, que o manipulava para a inteligência britânica, não lhe confiou de algum modo esta delicada informação²⁵³. Fora destes detalhes, o principal significado histórico dos círculos de Conti foi o fato de terem conseguido perpetrar a exaltação fraudulenta de Galileu e

252. O subcírculo que rodeava o abade Guido Grandi negociou a reabilitação de Galileu, ocorrida em 1757.

253. Ver a nota 30, sobre o zoológico humano de lord Palmerston. De todo modo, graças à famosa denúncia que Heinrich Heine fez de Ludwig Börne ("Ludwig Börne, Eine Denkschrift", 1840, em *Heinrich Heine, Sämtlich Schriften in Zwölf Bänden*, editado por Klaus Briegleb - Carl Hanser Verlag, Munich, 1976 - Vol. 4), Karl Marx estava avisado de que sua organização, os mazzinianos, agia sob o controle do velho serviço de inteligência britânico de lord Palmerston, fundado por Bentham. Marx, certamente, se negou a aceitar as provas, porque isso o obrigaria a enfrentar o fato, mais ou menos desconcertante, de que ele também não passava de um agente de lord Palmerston!

Newton, como um aspecto central da iniciação do aparelho de Shelburne nos mistérios do empirismo radical: o cálculo hedonista.

Já mencionamos a natureza da diferença entre a inclinação filosófica e teológica francamente anticientífica dos aristotélicos venezianos do começo do século 16 e o uso dos mesmos métodos empiristas para se apoderarem politicamente das instituições científicas, sob a direção de Paolo Sarpi e caterva, no início do século 17. O surgimento do empirismo radical representa, desta maneira, uma mudança bem definida a respeito da forma de empirismo característica do século 17 e início do século 18. Já examinamos um aspecto desta diferença, o rompimento dos radicais com respeito aos costumes. O segundo aspecto, a ênfase crescente dos círculos de Conti na álgebra mecanicista de Galileu, Descartes e Newton, já foi mencionado, mas a clareza exige que nos detenhamos mais um pouco neste ponto.

A forma mais simples de demonstrar as implicações práticas da diferença é examinar a história moderna do “malthusianismo”. Temos que admitir que a história das medidas destinadas a limitar o crescimento da população é muito antiga e de caráter pagão. O caso típico é o dos cananeus de Tiro, adoradores de Moloc e outras imagens similares de degradação. Em seguida, temos a conduta de Herodes, ao estilo de Tiro, descrita pelo Evangelho de São Mateus, capítulo 2. Nos últimos 2.000 anos de história européia, a primeira lei “malthusiana”, semelhante à proposta para a Conferência do Cairo sobre População, da ONU, foram os decretos “socialistas” do imperador romano Diocleciano²⁵⁴. Na história européia moderna, o centro constante deste tipo de política de redução de população foi Veneza. O malthusianismo foi exportado de Veneza para a Inglaterra com a tradução para o inglês, em 1606, da obra de Giovanni Botero *Delle cause della grandezza e magnificenze della città* (Sobre as causas da grandeza e magnificência da cidade), escrito em 1588²⁵⁵.

Como observa Schumpeter, a doutrina demográfica de Botero foi adotada pelo influentíssimo William Petty, avô do lorde Shelburne de Jeremy Bentham e Thomas Malthus, em seu *Essay Concerning the*

254. Ver a nota 49.

255. Giovanni Botero (1544-1617). Embora tenha estudado aristotelismo com um notável seguidor de Pomponazzi, Bellarmino, a ordem dos jesuítas (Companhia de Jesus) demonstrou aversão a Botero e se negou a aceitá-lo entre os seus. Embora fosse um agente veneziano estreitamente ligado a Paolo Sarpi, oficialmente, foi agente da Casa de Savóia por toda a sua vida adulta. A importância de Botero na introdução do malthusianismo na Inglaterra do século 17 é sublinhada em Joseph Schumpeter *A History of Economic Analysis* (Oxford University Press, Oxford, 1955).

Multiplication of Mankind (Ensaio sobre a multiplicação da Humanidade), escrito em 1682²⁵⁶. Graças à influência de Petty e de seus produtos, como a obra de Adam Ferguson²⁵⁷, esta forma de dogma malthusiano já estava circulando na Grã-Bretanha antes da chegada dos escritos de Ortes. Não há nenhuma dúvida de que a obra de Thomas Malthus é um plágio das *Riflessioni* de Ortes. Mais significativo ainda é que a obra de Charles Darwin se baseie, explicitamente, no *Ensaio sobre a população* de Malthus. A filosofia política e social do movimento eugênico - inclusive a filosofia política seguida pela família Harriman e seu apêndice, a família Bush, na década dos 30, quando apoiaram Adolf Hitler, e na vida política e jurídica em geral dos EUA²⁵⁸ - se baseia na adulação cega ao Darwin "malthusiano". À teoria e ensino da biologia se sobrepuseram, de forma arbitrária, oficial e generalizada, as doutrinas de Darwin, adulator de Malthus. Ademais, o conceito de "capacidade de suporte", encarnado nas propostas genocidas de cunho hitlerista levadas pela ONU à Conferência do Cairo, tem raízes menos em Malthus do que em Ortes. Qual é o significado especial de Ortes, neste e noutros temas relacionados?

Schumpeter ilustra a falta de educação científica elementar vigente entre os que imaginam que a sugestão de Petty de uma "lei de progressão geométrica" para a população revela que esta noção estava implícita na obra de Botero²⁵⁹. O conceito de progressão geométrica foi estabelecido por Leonardo de Pisa na obra *Liber Abaci* (1202). Com a obra de Luca Pacioli e seu discípulo Leonardo da Vinci²⁶⁰, a importância de conceitos como as "séries de Fibonacci", de Leonardo de Pisa, ficou superada. O significado especial do papel de Ortes para o desenvolvimento do malthusianismo moderno surge em continuação à guerra de Conti e do agente veneziano Voltaire contra Leibniz.

A obra "malthusiana" de Ortes resultou da seqüência de acontecimentos descrita a seguir. Em 1740, Süßmilch, um seguidor de

256. Karl Marx, *Theories of Surplus Value, I: Addenda*, (3). Petty, sir Dudley North, Locke. Ver também Schumpeter, *op. cit.*

257. Adam Ferguson, *An Essay on the History of Civil Society* (1767) (Edinburgh University Press, Edimburgh, 1966).

258. Tarpley e Chaitkin, *op. cit.*, *passim*.

259. Schumpeter, *op. cit.*

260. Luca Pacioli, *De Divina Proportione* (1497) (Silvana Editoriale, Milano, 1982, facsímile da edição de 1497). O trabalho de Leonardo sobre a aplicação dos sólidos de Platão, assim como a derivação da obra de Kepler (*op. cit.*) a partir disto, assentaram os princípios gerais do crescimento biológico como conhecimento geral dos círculos cultos da Europa pós-renascentista.

Leibniz, publicou um trabalho que promovia o crescimento demográfico, o que sobressaltou um dos “enciclopedistas” aliados de Conti e Voltaire, Pierre Maupertuis, que trabalhava então para a Academia de Berlim²⁶¹. Maupertuis escreveu uma obra que, segundo Ortes, influenciou em seu trabalho sobre as teorias demográficas. Entre as refutações notáveis do dogma de Maupertuis está a de Benjamin Franklin, ligado às redes republicanas internacionais estabelecidas por Leibniz²⁶². A reação de Maupertuis contra Süssmilch é fundamental para se entender as *Riflessioni* de Ortes e sua influência.

Observando-se as estatísticas históricas, a correlação mais conspícua do crescimento demográfico pós-1400 é a urbanização. Um exame mais detalhado demonstra que o processo se manifesta como descrito, quase profeticamente, no *Relatório sobre as manufaturas*, enviado ao Congresso dos EUA em 1791 pelo secretário do Tesouro Alexander Hamilton²⁶³. A produtividade técnica do trabalho agrícola, per capita, por família e por quilômetro quadrado, cresce graças às obras públicas de infra-estrutura e aos benefícios proporcionados pelas manufaturas urbanas. Em escala mundial, a relação campo-cidade observada nas nações da civilização européia ocidental se repete, em grau significativo, no relacionamento entre as regiões mais avançadas e as menos industrializadas do planeta.

O desenvolvimento mundial em torno das cidades exigiu o fomento das potencialidades culturais dos indivíduos em geral, assim como uma ênfase cada vez maior na divisão do trabalho, sobretudo nas zonas urbanas. Do ponto de vista militar, este desenvolvimento econômico e social combinado aumentou não apenas a produtividade per capita do trabalho, mas também a capacidade militar superior dos Estados com maior avanço técnico. Destarte, se não fosse pelas operações como as empreendidas por Veneza para reduzir o ritmo do progresso científico e econômico, sobretudo este último, os Estados baseados na adesão ao progresso técnico-científico já se teriam tornado dominantes na vida do planeta.

Isto significaria a morte do oligarquismo. As nações que fomentam o desenvolvimento mental criativo da população formam povos que não toleram indefinidamente forma alguma de tirania oligárquica. Os povos ignorantes e tecnologicamente atrasados o toleram; na verdade, a

261. Ver a nota 47.

262. Benjamin Franklin, *Observations Concerning the Increase of Mankind, Peopling of Countries & C.*, (1751). Ver H. Graham Lowry, *op. cit.*, pp. 460-463.

263. Spannaus e White, *loc. cit.*

ignorância e o atraso tecnológico contribuem para o surgimento e a perpetuação da tirania oligárquica. Assim o testemunham a própria existência dos jovens EUA como república federal. A generalidade dos estadunidenses do século 18 era cultural e economicamente superior aos britânicos: mais de 90% dos estadunidenses sabiam ler, em contraste com os exíguos 40% dos britânicos. Ademais, como as nações que não competiam tecnologicamente ficavam em inferioridade estratégica, até mesmo Estados que aderiam ao oligarquismo, como a Grã-Bretanha do século 18, se viam forçados a tomar, da França de Colbert e Leibniz, este mesmo progresso técnico que tanto detestavam nas mãos francesas.

Vejamos a política demográfica aplicada pela própria Veneza, nos séculos 16 e 17. Para evitar que os bens familiares se dividissem em frações cada vez menores, as principais famílias venezianas se auto-impuseram medidas estritas para reduzir a natalidade. Isto, e não um excesso de fervor religioso, explica que, nas famílias da nobreza veneziana, proliferassem monges e monjas, assim como poderosos abades (com votos suspensos). Isto não se originou em Veneza; a queda do Império Romano do Oriente teve a sua causa na mesma política, ditada pelos decretos “malthusianos” de Diocleciano.

Para a nobreza veneziana e seus clones oligárquicos de toda a Europa, o progresso interdependente da ciência, cultura, tecnologia, divisão do trabalho e população significava uma grande catástrofe, quase apocalíptica. De seu ponto de vista, não se podia deixar de tomar este caminho; a nação que se abstivesse de progredir, enquanto as demais o faziam, estaria condenada ao desaparecimento. Portanto, em seu julgamento, a nenhuma nação se deveria permitir que tais práticas continuassem; elas teriam que ser proscritas do planeta.

Em meados do século 18, a oligarquia veneziana de toda a Europa já estava a par do que os círculos de Leibniz já haviam determinado: a interdependência entre o grau de progresso tecnológico e a densidade demográfica potencial. A obra de Süßmilch, que provocara o desvario de Maupertuis, ilustra explicitamente este vínculo. Sem progresso científico-tecnológico, não se pode manter a população; não obstante, com o progresso tecnológico, o oligarquismo não seria tolerado por muito tempo em parte alguma. Assim, a adesão do “Partido Veneziano” à utopia malthusiana de um governo mundial imperial único, erigido em torno da opção britânica de Veneza, se tornou o seu propósito histórico, no transcurso do século 18.

Nessa época, a oligarquia veneziana da Europa²⁶⁴ já havia “refrescado a sua memória coletiva” a respeito do princípio do

conhecimento de Platão, o princípio da hipótese socrática. Ela se “recordou” coletivamente porque a oligarquia do culto de Apolo odiava tanto Sócrates como Platão e o braço romano do culto odiava tanto Jesus Cristo²⁶⁵. Quando os homens baseiam as suas relações sociais no ato de fazer da criatividade (hipóteses) o objeto da reflexão consciente e a coloca acima da mera sensualidade, a sociedade entende o significado do *Livro do Gênesis* 1,26-28. Então, o homem não pode ser um animal para o homem e não há espaço para que continuem existindo sociedades degradadas por se submeterem a formas oligárquicas da família.

A oligarquia veneziana não temia tanto a própria ciência, mas a relação recíproca entre o cristianismo e as formas de progresso científico e artístico exemplificadas nos atos de descoberta que revolucionam os axiomas da ciência. Como expressão desta hostilidade veneziana, os endeusados métodos de Galileu e Newton cumpriram um duplo objetivo: praticamente, proscureveram o pensamento criativo e serviram para administrar a sociedade de acordo com o que se viriam a ser conhecidos como princípios malthusianos. Daí, decorre o ódio oligárquico a Nicolau de Cusa, Leonardo da Vinci²⁶⁶, Kepler, Pascal, Colbert e Leibniz.

Assim, essa forma de aristotelismo que é o empirismo de Galileu e Newton se tornou a religião dos que odeiam Platão e Leibniz. Esta

264. É admissível e conveniente falar de uma “oligarquia veneziana” europeia. Nos séculos transcorridos desde o Conflito de Florença, em especial desde que se desfez a Liga de Cambrai, a nobreza de Veneza infiltrou as suas facções cada vez mais na aristocracia e noutras forças oligarcas da Europa. À época em que Veneza perdeu a condição de governo, a maioria das casas reais e aristocráticas da Europa, assim como as nobrezas financeiras, foram assimilando um estrato social europeu que seguia em toda parte o modelo veneziano e se governava cada vez mais pelas idéias venezianas. Sempre que surgiram exceções a este processo de assimilação, o resultado foi uma divisão por cima das fronteiras nacionais, entre uma facção oligarca veneziana fortalecida e seus opositores. A Liga da Neutralidade Armada, que pôs a Grã-Bretanha de joelhos quanto à independência dos EUA, é um exemplo desta divisão, da mesma forma que as ações semelhantes do czar Alexandre II para defender os EUA contra a intervenção das forças imperiais britânicas e francesas, em 1862-63.

265. Certo, foi com a seita de Mitra que Otávio fez o trato que levou à derrota de Marco Antonio e Cleópatra e, com isto, ao poder imperial sobre a ilha de Capri. Foi a seita de Mitra de Tibério que assassinou Cristo (com a ajuda de um júri traidor) e que assassinou multidões de cristãos no regime dos imperadores romanos, de Nero a Diocleciano. Mas as forças que assassinaram Cristo e os cristãos eram as mesmas que sustentavam o “partido democrático” de Atenas, que assassinou Sócrates, em um ataque “neoconservador” de “correção política”. É um fato importantíssimo que a força governante na ascensão de Roma foi a mesma seita de Apolo, que orquestrou os assuntos da Grécia clássica e, em continuação, do helenismo.

religião de Voltaire, dos enciclopedistas, de Ortes, Adam Smith, Bentham, Thomas Malthus e Robespierre, Danton e Marat, agentes de Bentham, foi o “Iluminismo” do final do século 18.

Do mesmo modo, sob a batuta do abade veneziano Antonio Conti, Galileu e Isaac Newton - que, sem ele, seriam quase desconhecidos - foram elevados à categoria de santos no Olimpo de Veneza. A visão mecanicista e os métodos algébricos adotados por eles e seus seguidores se tornaram artigos de fé, que os venezianos trataram de impor estrita e obrigatoriamente a todas as áreas da pesquisa científica, inclusive às relações sociais em geral e à economia em particular, enquanto excluam da ciência e de onde mais pudessem todos os conceitos e métodos que lhe fossem contrários. A campanha de Conti e Voltaire contra Leibniz, por trás dos estandartes de Galileu, Descartes e Newton, foi o início da campanha mundial da oligarquia veneziana para impor a “correção política” nas instituições e na prática da ciência em todo o mundo. A falsa pretensão da criação do cálculo diferencial por Newton, urdida por Conti e continuada por Voltaire e seus cúmplices, foi o início de tal campanha. Com a obra de Ortes, esta visão empirista radical se estabeleceu sob a bandeira britânica.

Onde quer que o “Partido Veneziano” ganhasse uma guerra, os povos submetidos eram obrigados a eliminar todo pensamento científico que não rendesse adoração a Galileu e Newton. Isto se passou na França, em 1815, com a restauração dos Bourbons. O mesmo aconteceu, até certo ponto, na dividida Alemanha dos irmãos Humboldt e Gauss, como atestam os casos de Clausius, Helmholtz, Kronecker e Felix Klein.

G. O caso de Felix Klein

Já mencionamos que, por volta de 1440, Nicolau de Cusa fez o descobrimento decisivo no domínio transcendental. Se não conhecêssemos a obra da tertúlia de Conti, nos pareceria praticamente inexplicável que um dos mais famosos personagens das matemáticas modernas, o professor

266. Por exemplo, Sigmund Freud, *Leonardo da Vinci: A Study in Psychosexuality* (Random House, New York, 1910). Ou se deveria chamá-lo “Sigmund Fraude”? Freud exerceu a homossexualidade, embora parece ter posto fim ao caso anos antes que publicasse aquele livro. Não há prova de que Leonardo fosse homossexual e todos os dados psicosssexuais indicam o oposto. Essencial para julgar o livro de Freud é o fato de que Leonardo foi criador, diferentemente de Freud, que foi inovador em outro sentido.

Felix Klein, da Universidade de Göttingen, afirmasse em 1895 que o caráter transcendental da magnitude “Pi” foi demonstrado pela primeira vez por Lindemann, em 1882²⁶⁷. Esta não foi a única estupidez do professor. Outras três pérolas, estreitamente relacionadas, vêm aqui ao caso: a sua falsa descrição do aspecto fundamental da dissertação de Riemann sobre as *Hypothesen*²⁶⁸; a sua incompetente apreciação da obra de Georg Cantor; e suas descaradas tentativas de apresentar G.W.F. Hegel como o homem que impediu a supressão do ensino do cálculo na Prússia.

Nos três primeiros casos, Klein falsifica os resultados empregando falácias de composição. Não há nada a se objetar ao que ele diz de fato; ele demonstra algo, de maneira estreita, que é verdadeiro até onde se possa demonstrar, mas pretende que isto também prove algo mais fundamental, sabendo que não é assim. No quarto, a sua defesa de Hegel e os seus argumentos são abertamente opostos à verdade. De fato, a introdução às matemáticas em Berlim, no século 19, foi obra de Alexander von Humboldt e dos militares prussianos, praticamente por cima do cadáver do professor Hegel²⁶⁹. Isto deve ser mencionado porque é útil para se compreender os outros três casos.

Ou seja, nos primeiros três exemplos, Klein mente *delficamente*. Por que? Por estar dedicado a *mentir politicamente* sobre o método científico. A sua mente se converteu, se não explicitamente em território ocupado pelos britânicos, em uma região sob a influência de Conti. O seu elogio a Hegel revela os motivos políticos da sua falsidade, nos três primeiros exemplos citados.

Recordam-se da ciência soviética durante o regime de Stálin? Os trabalhos públicos dos melhores cientistas da Rússia, Ucrânia etc., amiúde começavam com elogios ao gênio científico do próprio Stálin ou de Friedrich Engels, famoso pela sua doutrina do “polegar em oposição”. Algo parecido ocorreu algumas vezes no regime de Adolf Hitler. Gostaríamos de acreditar que estes cientistas não acreditavam em uma só palavra do que tinham que dizer com tais reverências protocolares. Já não é mais necessário se fazer isto na Rússia. Este exemplo pode dar-nos

267. Felix Klein, *Famous Problems of Elementary Geometry*, in *Famous Problems and other Monographs* (Chelsea, New York, 1962), part II: “Transcendental Numbers and the Quadrature of the Circle”, pp. 49-92.

268. Klein insistiu na interpretação mais simplista e errônea, de forma “pitagórica”, na seção central do trabalho de Riemann.

269. Hegel morreu em 1831, durante uma epidemia, mas ainda fazendo tudo o que podia para evitar que se introduzisse na Universidade de Berlim a ciência do século 19.

esperanças de que, num futuro próximo, a mesma liberdade será dada aos professores de matemática e física, para que já não tenham que se tornar repugnantes, rendendo homenagem servil (*Gleichschaltung*), por *correção política*, aos nomes de Galileu e Newton.

O professor Klein não se prostrava diante de Stálin, que ainda não estava disponível, nem diante do agente da inteligência britânica Engels, que já andava por aí; ele o fez em alusões ocasionais a Hegel. A sua conduta é um exemplo do fenômeno de Conti; ela ilustra o que se passa na ciência e na cultura nos EUA e em outras nações, hoje em dia. Isto não se limita à ciência física mas, já que as matemáticas representam uma linguagem mais primitiva do que as faladas, o argumento se torna mais visível com estes exemplos. O fenômeno que o caso de Klein ilustra já está tão generalizado que não pode ser entendido se não for observado historicamente.

Vejam os casos de Klein a partir do ponto de vista de Friedrich Schiller, cujo gênio histórico deixou aos seus pósteros a chave para liberar a Europa da tirania de Napoleão Bonaparte.

Foram os estudos de Schiller sobre a luta pela liberdade nos Países Baixos e sobre a Guerra dos 30 anos que deram aos círculos de von Wolzogen, Scharnhorst, von Stein e dos irmãos Humboldt a chave para a derrota militar de Napoleão. Foi em grande parte a inspiração da poesia e das tragédias de Schiller que capacitou os soldados voluntários a agirem da forma que tanto satisfiz Blücher. Quando a Europa se libertou de Napoleão, o que não teria ocorrido se os alemães não tivessem agido conforme os ensinamentos de Schiller, de que forma o Congresso de Viena recompensou os alemães? Von Stein foi condenado ao exílio interno e Schiller foi vencido postumamente pela bota da tirania, com os decretos de Carlsbad da Santa Aliança. Em tais circunstâncias, surgiu G.W.F. Hegel, o mais famoso espião de Metternich e, ao lado dele, o profeta da legislação nazista, o neokantiano romântico F. Karl Savigny²⁷⁰.

Enquanto isso, como já dissemos, a ciência também foi reprimida na França. Gaspard Monge e seu programa foram erradicados da Escola Politécnica e a instituição foi entregue a LaPlace e a Agustin Cauchy, criações “neonewtonianas” do abade Moigno. Em sua tentativa de resgatar

270. Savigny, a quem Karl Marx deve sua instrução em direito em Berlim, foi o precursor de Carl Schmitt, cujo dogma positivista radical foi a base do direito do Reich de Hitler. A história verdadeira tende a ser assim: Heinrich Heine entendeu o princípio do assunto, quando escreveu sobre o domínio dos Rothschilds sobre os futuros revolucionários de 1848 e, também, sobre o mal encarnado por Kant.

a verdadeira ciência francesa das garras de Cauchy e seu grupo, Alexander von Humboldt enfrentou a dificuldade de que a Universidade de Berlim, supostamente dirigida por seu irmão Wilhelm, um seguidor de Schiller, na realidade estava sujeita ao direito de veto de um par de patifes tirânicos e anticientíficos, Hegel e Savigny. O primeiro, agente de Metternich, estava decidido a impedir que a universidade conferisse o grau de catedrático a homens que, mais tarde, alinhariam no mais importante grupo de cientistas do mundo. Para se esquivar de Hegel, Humboldt teve que incluir o ensino das matemáticas avançadas no Departamento de Filologia e confiar a titulação dos professores aos militares prussianos, que o faziam em sua academia, com o que já não se podia impedir que ensinassem em Berlim.

Por muito tempo, uma situação de repressão política similar, ou ainda pior, ocorreu na Universidade de Göttingen, de Gauss, sob a tirania da britânica Casa de Hanover. As cartas de Gauss aos Bolyais, pai e filho, sobre as suas descobertas nas geometrias não-euclidianas, as quais foram ocultadas, refletem o nível em que o terrorismo político das autoridades dominantes pode reprimir a ciência²⁷¹. Ocorreu, então, um caso famoso de repressão da liberdade acadêmica, o caso dos “Sete de Göttingen”²⁷².

No início da década de 1850, antes da morte de Gauss, Londres iniciou um grande ataque contra a influência da ciência de Leibniz e Gauss na Alemanha. Um papel crucial no processo foi desempenhado por lord Kelvin. Os agentes mais notáveis de Londres na ciência alemã, em meados do século, eram Rudolf Clausius e Hermann Helmholtz²⁷³. Ao final do século, quando Klein proferiu as conferências sobre “Problemas famosos”, a ciência alemã encontrava-se em marcada decadência política, graças aos ataques crescentes dos positivistas radicais, como Ernst Mach.

Para situar a deterioração da ciência alemã na perspectiva histórica apropriada, é preciso repassar as décadas iniciais do século 19 britânico. Ao final das guerras napoleônicas, quando John Herschel e Charles Babbage escreveram o seu famoso ensaio em que ricularizaram a influência de Newton e da Sociedade Real de Londres²⁷⁴, o astrônomo de

271. Ver a nota 196.

272. Ver Bierman, *op. cit.*, pp. 25-26.

273. Foi sob a direção de Kelvin e com a ajuda matemática de Grassmann que Clausius cozinhou a “segunda lei da termodinâmica”, apoiado numa interpretação disparatada do trabalho de Sadi Carnot. Helmholtz foi um enganador frequente e vigoroso, carente de consciência científica e agente britânico dos pés à cabeça.

Hanover Wilhelm Herschel, pai de John Herschel e amigo de Carl Gauss, era o único cientista de primeira categoria na Grã-Bretanha. Quase a contragosto, a Grã-Bretanha se afastou de várias décadas de prostração em matéria científica, jogou no lixo o pseudocálculo de Newton, adotando uma versão asséptica do cálculo de Leibniz e criou a Associação Britânica para o Progresso da Ciência (BAAS).

Em seguida, os britânicos se puseram a tratar de arruinar o progresso científico nas nações como a Alemanha, das quais tanto haviam tomado de empréstimo para a sua própria recuperação. Conti ter-se-ia comprazido com isto. Por que Gauss tinha medo de revelar a sua obra relativa à descoberta da geometria não-euclidiana? Para que propósito lord Kelvin encaminhou Clausius? Por que os britânicos organizaram a fraude de Helmholtz contra a música e em outras matérias?²⁷⁵ Por que tantos cientistas alemães do século 19 se sentiram obrigados a iniciar suas obras sérias com uma genuflexão literária ao “Engels” - no caso, Newton - que repudiavam implicitamente nas obras cujos prefácios continham tão desagradáveis homenagens? Estas reflexões não justificam a citada conduta de Klein, mas a tornam historicamente compreensível. Isto nos leva de novo ao detalhe diabólico, o ponto capital do engano de Klein no assunto de “Pi”.

-
274. Charles Babbage e John Herschel, *The principle of Pure Deism, in Opposition to the Dotage of the University* (1811), um ataque à inutilidade dos “fluxions” de Newton, com a exigência de que, em seu lugar, se adotasse o cálculo genuíno, o de Leibniz.
275. Hermann Helmholtz, *The Sensations of Tone* (1863), Dover Publications, New York, 1954. Sob a “influência” britânica, Helmholtz tratou de impor à música os métodos de Conti, seguidos por Galileu e Newton. Entre as suas fraudes notáveis estão: 1) propôs erradicar os fundamentos da música clássica, o método florentino de adestramento vocal no *bel canto* e substituí-lo por uma novidade britânica do século 19, a “voz branca”; 2) tratou de proscrever toda a tradição clássica de afinação musical - a de J.S. Bach etc. - e substituí-la por um falso modelo mecanicista, derivado dos métodos de Conti, seguidos por Galileu e Newton; 3) inventou uma falsa teoria da audição, ajustada aos seus dogmas musicais. Ver Riemann, *Werke*, pp. 338-350; ver a nota do editor original na página 338. Riemann estava certo do ponto de vista científico; o guizado “politicamente correto” de Helmholtz sobre o assunto, não. Todavia, ainda hoje se ensina nas universidades e conservatórios defeituosos o argumento de Ellis, incluído nos apêndices da obra de Helmholtz. Quanto aos órgãos em que Ellis disse que Bach tocou, somente com ajustes e transposição do teclado eles poderiam estar afinados nas extensões que os cantores de Bach teriam tolerado, fato que Ellis conhecia e qualquer instrutor competente de conservatório conhecia ou conhece: fraude! Ver *A Manual on the Rudiments of Tuning and Registration*, editado por John Sigerson e Kathy Wolfe (Schiller Institute, Washington, 1992), *passim*, onde se documenta a extensão e os registros da voz humana cantada. A única razão para que se tolerem as opiniões fraudulentas de Helmholtz e o elevado diapasão moderno é a difusão da *Gleichschaltung* nazistóide: a “correção política” - outra vez, Conti.

Em 1440, Nicolau de Cusa descobriu que o círculo pertence a essa espécie de função superior que chamamos “transcendental”. Todos os avanços científicos decisivos, realizados por Pacioli, Leonardo, Kepler, Desargues, Fermat, Pascal, Huyghens, Leibniz, Gauss, Riemann etc., se derivam da influência desta descoberta de Cusa²⁷⁶. Desde Pomponazzi e seu seguidor cabalista Zorzi, os venezianos haviam lutado sistematicamente para ocultar não apenas o próprio fato da conquista de Cusa, mas também os métodos que a proporcionaram. O método empírico de Galileu, Descartes, Newton e Russell se baseia na premissa da fraude aristotélica de Pomponazzi, Zorzi, Conti etc. Este ponto é fundamental em cada uma das quatro fraudes do professor Klein, anteriormente mencionadas.

Basta concentrar-nos no exemplo da falsa afirmativa de Klein, de que a natureza transcendental de “Pi” foi demonstrada pela primeira vez por Lindemann, em 1882, mais ou menos 440 anos depois que Nicolau de Cusa a descobriu e comprovou. Klein argumenta segundo o ponto de vista aristotélico. O assunto era bem conhecido na Alemanha da época; Klein tropeçava nele com freqüência, no período 1882-1895, antes de suas conferências sobre “problemas famosos”. Ele argumentou publicamente que todas as descobertas de Cantor se baseavam nas premissas anti-aristotélicas de Platão, segundo Cusa as expunha. Klein sabia também que isso era o cerne da chamada polêmica Leibniz-Clarke e dos vários ataques à *Monadologia* de Leibniz²⁷⁷.

O comportamento do doutor Samuel Clarke, na sua correspondência com Leibniz, é decisivo para identificar o pretexto subliminar à fraude de Klein, sobre o descobrimento do caráter transcendental de “Pi”²⁷⁸. Clarke não dialoga com Leibniz, mas se comporta como os guarda-costas literários da mídia comercial, como o *Daily Telegraph* londrino, o *Washington Post*, o *New York Post* ou a

276. Ver Cantor, *Gesammelte Abhandlungen*, pp. 205-207, sobretudo as notas 1 e 2, as referências a Platão e Cusa. A idéia de Cantor, de que Giordano Bruno foi seguidor de Cusa, é errônea. Deve-se reconhecer que, neste assunto, ele se baseia em fontes secundárias. Em sua recompilação de *Georg Cantor Briefe* (Springer-Verlag, Berlin, 1991), Herbert Meschkowski e Winfried Nilson levantam as questões que surgiram entre Cantor e Klein, no decorrer de sua relação profissional, às vezes estreita. Ver as cartas e as notas dos recompiladores, nas páginas 63 e 64, e suas referências à controvérsia com Klein, nas notas das páginas 109 e 110. Embora Klein sublinhe as honras prestadas a Cantor, Göttingen, em 1916, muito antes de 1895, ele já se somara aos adversários científicos de Cantor.

277. Por exemplo, Euler, 1761. Ver Lyndon LaRouche, *A ciência da economia cristã* (MSIA, Rio de Janeiro, 1998). Este foi o cerne dos ataques de Kant a Leibniz, em suas *Críticas*.

NBC-TV News; defende a “linha do partido” do abade Antonio Conti, que preparou os temas para debate pelo lado britânico. Nenhum fato impediu Clarke de repetir estupidamente a “linha do partido” de Conti. A questão colocada por Leibniz está claramente definida: os “fluxions” de Newton não representam um verdadeiro cálculo, mas um mero plágio de truques conhecidos com séries infinitas.

Este é o ponto decisivo do argumento formal, quando se denuncia a fraude de Leonhard Euler, em 1761, dirigido por Veneza²⁷⁹, ou a de Cauchy na Restauração dos Bourbons, ou a de Felix Klein, em 1895: a de se negar a admitir que uma série infinita de uma espécie inferior de função não pode ser congruente com uma espécie superior. Uma das ilustrações que demos a este assunto foi a negativa de alguns em reconhecer a diferença de espécies entre o número inteiro “5” e a raiz quadrada similar. Consideremos, o mais brevemente possível, a natureza do assunto como exposto por Klein, no texto que citamos.

Consideremos atentamente os elementos de sofisma a que recorre Klein, para não tocar nos fatos que revelariam a sua jogada, ao escolher a data de 1882. Começemos com um exemplo decisivo, nas páginas 60-61²⁸⁰. Ele começa pela apresentação da proposição nestes termos ambíguos: “(...) se o número “Pi” não é algébrico, certamente, ele certamente não pode ser construído com régua ou compasso. *A quadratura do círculo, no sentido em que foi entendida pelos antigos, é, então, impossível*” (grifos no original). Na página 61, encontramos a seguinte afirmativa, que inclui uma omissão reveladora e uma mentira:

Os gregos superaram esse ponto de vista empírico (do Papiro Rhind - LL), especialmente Arquimedes... O seu método continuou sendo utilizado até a invenção do cálculo diferencial...

Mas, nesse meio tempo, ocorreu algo decisivo: a definição rigorosa da classe dos *incomensuráveis*, por parte da Academia Platônica de

278. Ver Gottfried Leibniz, “History and Origin of the Differential Calculus”, em *The Early Mathematical Manuscripts of Leibniz* (Open Court Publishing Co., LaSalle, 1920), pp. 22-58. Ver também *Gottfried Wilhelm Leibniz Philosophical Papers and Letters*, editados por Leroy Loemker (University of Chicago Press, Chicago, 1956), pp. 1095-1169.

279. LaRouche, *A Ciência da economia cristã*.

280. Lendo Klein, recordemos que não se trata de um diplomado por universidade moderna. Klein teve uma boa formação clássica e estava versado na história das matemáticas. As omissões mencionadas só podem ter sido fraudes deliberadas. Já veremos que estas seguem uma norma clara.

Atenas, em especial o método de Eudoxo, no qual se apoiam as tentativas de Arquimedes de enquadrar o círculo; a omissão deliberada do fato permite a Klein falsear mais o argumento, omitindo também a menção do assunto ontológico que Nicolau de Cusa abordou com êxito.

Esses pontos de partida preparam o cenário para a falsidade supostamente decisiva de Klein, que aparece nas páginas 63-64:

3. O período de 1670 a 1770, caracterizado pelos nomes de Leibniz, Newton e Euler, viu surgir a análise moderna. Houve uma grande descoberta atrás da outra, em série quase ininterrupta, de tal forma que, como era natural, o rigor crítico ficou em segundo plano. Para o que nos propomos, o desenvolvimento da teoria das séries tem importância especial.

Com essa tola jogada pedagógica, a farsa de Klein está em cena. Daqui por diante, tudo que Klein diz é o prolongamento dessa mentira colossal, dessa alteração enganosa dos fatos.

As palavras-chaves da citação são “análise” e “séries” infinitas. A presença delas implica que Klein não aborda o problema ontológico da diferença das espécies que finge atacar; ele utiliza o truque de fingir que aborda um problema *ontológico*, enquanto aborda somente um outro *formal* ²⁸¹. Aborda um problema nas séries infinitas e aproveita o crédito da obra de Lendemann e de Hermite sobre o problema das séries infinitas, para desviar a atenção do leitor do fato de que não toca no problema ontológico. Esta é a natureza formal da sua fraude. Repassemos brevemente alguns pontos já mencionados:

1. Klein trata de um assunto já tratado por Cusa 450 anos antes: demonstrar que o domínio dos *incomensuráveis* se divide em ao menos duas espécies diferentes - a noção da quadratura do círculo e a magnitude que não pode ser enquadrada. A prova da descoberta desta diferença está no método de definir *incomensuráveis*, desenvolvido pela Academia de Platão, em Atenas.

Sem mencionar ou reproduzir os conhecidos métodos dessa Academia, que foram imitados por Arquimedes, não pode haver um tratamento do tema que possa ser considerado científica ou

281. A conferência de Klein pode ser comparada com David Eugene Smith, “The history and transcendence of “Pi”, in *Monographs on Topics of Modern Mathematics Relevant to the Elementary Field*, David Eugene Smith (ed.) (1911), Dover Publications, New York, 1955.

academicamente rigoroso

2. A definição de *espécies* de números ou de magnitudes, ou de funções que servem como substitutos de números, é que a espécie superior é axiomáticamente incomensurável, do ponto de vista da espécie inferior. Assim, Eudoxo e depois Arquimedes sabiam que uma série infinita, do ponto de vista inferior, não podia ser congruente com a magnitude do incomensurável, mas somente dar valores aproximados, superiores ou inferiores a ela.

3. O *De Circuli Quadratura* de Cusa é o método clássico para determinar o fato de que a ação circular no espaço-tempo é uma espécie de ordem superior às magnitudes simplesmente extensas no espaço.

O trabalho com as séries infinitas não é inútil; como no caso de Hermite e Lindemann, ele representa um esforço contínuo de refinamento dos métodos disponíveis para se chegar, com mais rapidez e menos inexatidão, às aproximações numéricas das curvas e superfícies complexas no domínio complexo, para manipular diferentes classes destas séries enquanto subtipos etc. Contudo...*uma comida bem preparada é muito boa, mas não é motivo para se casar com o fogão.*

Esses progressos matemáticos úteis, como os de Euler, Hermite e Lindemann, por exemplo, têm a qualidade irônica de que, quanto mais bem sucedidos pelo lado formal, mais problemáticos se tornam pelo lado ontológico. Este é o problema que Riemann aborda nos fragmentos anteriormente citados das suas *Hypothesen*, trabalho que é totalmente dedicado a tal problema. Esta é a questão do lado formal do problema ontológico do *incomensuravelmente pequeno*, tema formal cuja compreensão foi imensamente simplificada com a obra de Cantor sobre os tipos transfinitos. Do ponto de vista implícito nestas referências a Riemann e Cantor, o significado do truque de Klein é que ele tenciona retirar de cena o problema ontológico das matemáticas e enterrá-lo sob um monte de excremento formalista. Esta é a fraude essencial dos seus “Problemas Famosos”.

Formalmente, essa obra de Klein é um ataque a Leibniz e a Riemann, do ponto de vista de Euler²⁸², Clausius etc.²⁸³ De forma alguma,

282. LaRouche, *A ciência da economia cristã*.

283. Ver a nota de Heinrich Weber, em que cita um dos disparatados ataques de Clausius a Riemann, em Riemann, *Werke*, p. 293. É um exemplo típico dos ataques que a Grã-

tratam-se de meras formalidades matemáticas escolares.

É provável que a maioria dos leitores saiba que um dos resultados da difusão do termo “relatividade”, nos anos 70, foi que, nos meios científicos, nas classes universitárias e nos suplementos dominicais de alguns periódicos, discutiu-se muito sobre se o nosso Universo é “curvo” e que tipo de “curvatura” poderia ter. Com o tempo, muitos debatiam o assunto sem ter primeiro o trabalho de entender a natureza dos fatos que debatiam. As pessoas mais educadas daquela geração se recordarão de que Albert Einstein se referiu a Riemann, bem como a Kepler, como importantes precursores das descobertas dele próprio e de outros cientistas de nosso século. As *Hypothesen* de Riemann representam a primeira obra que tocou publicamente nas implicações mais profundas da relatividade²⁸⁴. Comparemos a importância deste aspecto da dissertação de Riemann com a presente exposição do método histórico aplicável ao caso de Bertrand Russell. Deste modo, o significado histórico mais amplo do truque de Klein se torna claro.

A chave para isso é o método de Riemann, o mesmo método platônico de hipóteses que Nicolau de Cusa usou para descobrir o que agora chamamos domínio transcendental. O mesmo foi usado por Gauss,

Bretanha fez ao trabalho de Gauss, de Wilhelm Weber (irmão de Heinrich) e de Riemann, por meio de Clausius, Helmholtz etc., sob a influência de lord Kelvin e outros, a partir da década de 1850. James Clerk Maxwell, como Rayleigh, um dos líderes do ataque britânico a Gauss, Weber e Riemann, deixou claro que ele e seus colegas estavam reescrevendo a eletrodinâmica, para livrá-la de conceitos matemáticos com raízes em “geometrias que não são a nossa”. Rayleigh chegou a afirmar que, se Riemann tivesse razão em sua demonstração da possibilidade do vôo transsônico e supersônico de projéteis motorizados, toda a física mecanicista britânica viria abaixo. Por isso, argui, Riemann tinha que estar equivocado. Sob a direção inicial de seu superior na seita dos Apóstolos de Cambridge, Bertrand Russell se meteu no negócio britânico de ataques a Riemann, na década de 1890, com a sua série de conferências sobre geometria.

284. Cf. Riemann, *Werke*, p. 273: “(...) em que as dificuldades residem mais na conceituação...e não necessitei trabalho preparatório maior do que várias indicações muito breves, dadas a este respeito pelo conselheiro real Gauss, em seu segundo tratado sobre resíduos biquadráticos...e algumas investigações filosóficas de Herbart.” Segundo as *Werke* de Weber (N.B., apêndices, pp. 507-558; não se deve fazer caso da tendenciosa introdução de Hans Lewy, na reimpressão de Dover), o feito revolucionário de Riemann se deu no período de trabalho intenso que culminou em 1º de março de 1853 e o fato decisivo da descoberta, em 10 de junho de 1854, quando apresentou a sua dissertação sobre a hipótese. Foi o fato inicial, na primeira destas duas datas, que o levou a empreender intensas investigações em bibliotecas. Cabe ressaltar que foram as conferências proferidas em Göttingen, em meados da década de 1840, por um antigo estudante da Jena de Schiller, o “antikantiano” Herbart, que deram a Riemann, até 1853 e depois, o ponto de partida de sua revolução na física. Riemann estava consciente desta natureza de seu trabalho na

Bolyai, Lobacheski e Riemann, tanto para descobrir a chamada geometria “não-euclidiana”, como para formar a noção do domínio hipergeométrico. Reexaminando as suposições da geometria e das matemáticas geralmente aceitas à época, estes descobridores do século 19 fizeram em geral com a geometria o que Cusa fez com a quadratura do círculo de Arquimedes. Riemann, como Cusa, se concentrou nas pressuposições dos axiomas (Riemann: “hipóteses”) que fundamentam as matemáticas escolares geralmente aceitas à época²⁸⁵. Isto leva ao resultado sobre o qual Einstein fez o seu citado comentário geral, um aspecto pequeno, mas importante de toda a tese de Riemann.

Tal como Einstein entendeu essa parte do assunto, a pergunta que surge é: *quais são as diferenças que podemos observar, em nosso domínio do espaço-tempo, com as quais poderíamos saber se o nosso Universo tem uma curvatura predominantemente negativa, positiva ou nula*. Conforme Einstein as interpretou, as obras correspondentes mostram, por exemplo, que Gauss e Riemann inferiram uma curvatura esférica e Lobachewski, outra negativa (hiperbólica). Pelo contrário, o método matemático de Galileu, Descartes, Newton e Russell implica em um Universo cuja curvatura é, implicitamente, nula²⁸⁶. Riemann diz que abordou esta proposição com a ajuda de conceitos sugeridos em dois dos trabalhos fundamentais de Gauss, o primeiro sobre os resíduos biquadráticos e o segundo sobre as superfícies curvas²⁸⁷ e, como assinalamos anteriormente, com idéias promovidas pelo trabalho do filósofo “antikantiano” Herbart, um estudioso da obra de Schiller²⁸⁸. Com a ajuda das deduções extraídas da obra de Gauss, do estudo intenso da

dissertação de 1854, como indica a referência a 1º de março de 1853. Não se deve exagerar a compreensão de Einstein da obra de Riemann. Em poucas palavras, há indícios de que Einstein, embora tenha rompido com o positivismo de Mach, não soube compreender as implicações ontológicas das descobertas decisivas de seu amigo Gödel, ou de Leibniz, Riemann, Cantor etc. A parte do trabalho de Riemann a que se Einstein se refere implicitamente é a seção II, que se resume na subseção 5.

285. Riemann, *Werke*, p. 272.

286. É certo que Russell agiu como se entendesse essas coisas. Durante um certo período, ele exerceu sobre Albert Einstein o papel de manipulador que lhe foi designado pela Grã-Bretanha, o que lhe mereceu ao menos uma expressão de agudo ressentimento de Einstein e deu oportunidade a Ernst Cassirer, o gnóstico de Marburg, de fazer blague com a ignorância filosófica de Russell, em seu livro “Substância e função”. Isto, além do acesso de Russell a Einstein, teve outras consequências desagradáveis, inclusive radiativas.

287. Das *Werke* de Gauss, “Theoria residuorum biquadraticorum II” (1832), II, pp. 95-148 (latim), pp. 170-178 (comentário de Gauss em alemão sobre a obra em latim); “Anzeigen: Disquisitiones generales circa superficies curvas” (em alemão) (1827), IV, pp. 341-347.

obra de Newton e também de Legendre e outros, além dos estudos realizados sob a orientação de Jacob Steiner, Riemann efetuou uma revolução na física matemática, tal como ele mesmo a entendeu, a qual gira em torno da possibilidade de medir a curvatura do espaço-tempo físico, no qual atua a nossa espécie²⁸⁹.

Foi uma revolução platônica, a qual os artigos de Riemann sobre Herbart, publicados postumamente, junto com as *Hypothesen*, nos obrigam a julgar precisamente assim, e não de outra maneira.

Quando repassamos as opiniões profissionais sobre as profundas e rigorosamente originais contribuições de Riemann às formalidades das matemáticas, devemos reconhecer que estes aspectos de sua obra são frequentemente citados com a conseqüência (às vezes intencional) de distrair-nos da fonte do seu gênio²⁹⁰. O cerne da descoberta de Riemann, em 1853-54, não está particularmente nas formalidades matemáticas: o gênio de Riemann está em sublinhar a *subjetividade* de toda obra científica, tal como certos aspectos críticos de sua obra póstuma sobre o método “herbartiano” corroboram a orientação explícita proporcionada dentro da própria dissertação.

A chave para o entendimento da subjetividade essencial da revolução de Riemann é a série do autor sobre a metáfora, inclusive o recente artigo “The Truth About Temporal Eternity” (A verdade sobre a eternidade temporal)²⁹¹. Apliquemos as conseqüências mais gerais do argumento de Riemann ao que Einstein se refere. O argumento relevante é o que se segue.

Em trechos anteriores deste trabalho, bem como no artigo supracitado, argumenta-se que a diferença absoluta que separa a Humanidade das demais espécies e a situa acima delas é a sua capacidade manifesta de alterar, voluntariamente e com sucesso, a densidade

288. Riemann, *Werke*. Ele fala de Herbart nas ps. 509-525. O editor comenta nas páginas 507 e 508.

289. A expressão *espaço-tempo físico* é usada aqui no sentido da definição de Riemann, de relações superiores de tipo geométrico acima do domínio matemático.

290. A já batida referência à presumida dívida de Riemann para com Cauchy ilustra o fenômeno. O que nos dizem da fraude do plagiário Cauchy a respeito de sua própria dívida para com Abel? O próprio Riemann sublinhou a sua dívida para com Isaac Newton, do qual discordava; ver, por exemplo, a nota na página 534 das *Werke*, em que cita “a terceira carta a Bentley”. Ver, no contexto das páginas 524 e 525 (sobre a “causalidade”), as últimas linhas da página 525, que começam: “Das Wort Hypothese (a palavra hipótese),” até o final da página “(...) so würde er diese Geschwindigkeit beständig behalten”.

291. LaRouche, *op. cit.*

demográfica relativa potencial da espécie. A qualidade desta capacidade pode ser vista, principalmente, de duas maneiras.

Primeiro, podemos ver a existência humana do ponto de vista das características demográficas e da economia física dos últimos seis séculos de civilização européia. Isto nos permite reconhecer não só os benefícios da substituição das velhas formas feudais e outras de organização social imperial pela noção de Dante e Nicolau de Cusa sobre o Estado nacional soberano republicano - baseado na sujeição à definição cristã do direito natural, mas também no fomento deliberado das formas de progresso tecnológico da infra-estrutura e da produção, que dependem, por sua vez, do progresso da ciência e das formas clássicas da arte. Isto nos permite reconhecer a eficiência dos precursores deste progresso nas formas de sociedades anteriores, sem mencionar o fato de que revela o desenvolvimento contínuo da própria língua.

Segundo, as crianças aprendem os conceitos de sua cultura civilizada revivendo o ato de descoberta destes conceitos. “*Por que?*”, pergunta a criança de mente sã. Como dissemos, ao falar da alternativa clássica frente à educação com livros-textos, enquanto somos capazes de reproduzir à vontade o que podemos reconhecer como um ato de descoberta fundamental e original de um novo princípio científico, isto nos permite ganhar consciência deste tipo específico de atividade mental, que reproduzimos em nossa própria mente. Quando se reconhece esta criatividade como um tipo de atividade, e não como um ato isolado, mediante a reprodução de muitas daquelas descobertas originais, a atividade mental criadora se converte em um objeto do qual ficamos conscientes, como ocorre com qualquer acontecimento sensível²⁹². O emprego do mesmo método para descobrir novos teoremas congruentes com uma matriz de teoremas existente, assim como para fazer descobertas que derrubem axiomáticamente esta matriz, permite à mente consciente do aluno distinguir entre uma descoberta ordinária e outra revolucionária axiomática, sendo esta última a noção platônica de *hipótese*.

A partir da combinação desses dois pontos de referência (tal como acima descritos), podemos definir a criatividade humana como um *objeto mental*, no mesmo sentido em que usamos o termo “objeto” para identificar algum conceito que unimos a qualquer fenômeno empírico. Somente fazendo precisamente o que Pomponazzi, Zorzi, Francis Bacon etc.

292. Ver o tratamento dado por Riemann ao que denomina *Geistesmassen*, em *Werke*, pp. 509-525. O mesmo assunto é examinado extensamente na série do autor sobre a metáfora.

proíbem tão explicitamente, ou seja, considerar os “objetos mentais” (a metáfora, por exemplo) como fenômenos científicos, somos capazes de derivar esta qualidade eficiente que coloca o homem absolutamente à margem e acima de todas as demais espécies.

Assim, como já enfatizamos em relação à ciência (por exemplo, o princípio fundamental na descoberta fundamental de Riemann de 1853-54), nas matemáticas e aspectos similares da física, encontramos duas classes gerais do que Riemann chama *Geistesmassen*²⁹³, as metáforas que o autor chama “objetos mentais”. Do ponto de vista inicial citado por Riemann, o da geometria construtiva e formal clássica, a classe inferior é a noção da *transfinitude cantoriana* de qualquer matriz de teoremas formalmente congruente: que, em lugar do conjunto de teoremas de uma dada matriz, conhecidos e por descobrir, podemos pôr o grupo de axiomas e postulados fundamentais. A concepção deste grupo como sendo o “princípio gerador”²⁹⁴ nos dá a solução de princípio do *Parmênides* de Platão - em lugar dos *Múltiplos* teoremas da matriz ilimitada, coloquemos o *Uno*, o conceito unificado do grupo de axiomas e postulados, enquanto um único objeto mental²⁹⁵.

Porém, é impossível conceber esse grupo de axiomas como um “Uno” dentro dos limites de referência de uma única matriz de teoremas. Para superar esta dificuldade, temos que gerar uma nova matriz válida, mais potente (em cardinalidade) que a primeira, ou temos que reviver a descoberta original de outro que a tenha feito. A dificuldade de se conceber o *Uno*, que é o princípio gerador dos *Múltiplos*, não pode ser resolvida simplesmente comparando duas redes de teoremas axiomáticamente diferentes; temos que experimentar a geração da superior a partir da inferior, como experiência original, ou como reprodução dela em nossos próprios processos mentais.

Nesse caso, podemos chamar a descoberta “Pitágoras” ou “Platão”, “Eudoxo” “Eratóstenes”, “Arquimedes”, “Nicolau de Cusa”, “Leonardo da Vinci”, “Kepler”, “Desargues”, “Pascal”, “Huyghens”, “Leibniz”, “Riemann”, “Cantor” ou “Gödel”, como já aprendeu a fazer a boa prática científica. Se um deles fez várias descobertas de princípios ou melhorias

293. Riemann, *Werke*, p. 507.

294. A expressão “princípio gerador” é usada aqui estritamente no sentido que lhe foi atribuído por Georg Cantor.

295. À primeira vista, a relação entre o que distingue, como espécie, o *Uno* dos *Múltiplos* é formalmente análoga às distinções feitas pela famosa prova de Kurt Gödel (por exemplo, 1931, *op. cit.*).

qualitativas da descoberta, usamos os nomes das descobertas-guias como “espécie-pessoa” de descobertas, ou damos um sobrenome a cada uma das descobertas desta pessoa.

Somente nas relações sociais, cujo fundamento está no domínio de tais objetos mentais (as *Geistmassen* de Riemann) é que a ciência verdadeira segue o seu curso. Vendo por dentro a mente dos outros, revivendo os seus atos de descobertas axiomáticas revolucionárias e as suas experiências de reviver, por sua vez, as descobertas axiomáticas revolucionárias de outros, podemos também ver por dentro a nossa própria mente. Por outro lado, sem relações sociais deste tipo específico e muito imediata, no tocante às descobertas axiomáticas revolucionárias relativamente válidas²⁹⁶, embora com pessoas que já morreram há muito tempo, a ciência seria impossível.

Sem experimentar a *geração* de teoremas de espécies diferentes e de cardinalidade cada vez mais elevada (ou alguma experiência equivalente), seria impossível conceber a série de axiomas de uma só espécie de matriz de teoremas enquanto princípio gerador, o *Uno* platônico. O ensinamento do *Parmênides* de Platão pode ser rereito desta maneira: o conhecimento humano é impossível por meio da mera percepção sensorial; se o homem não trabalhar por meio de objetos mentais, para *mudar* axiomáticamente a conduta humana, ele seria incapaz de possuir a qualidade que o distingue das meras bestas, pela qual damos um significado humano ao termo “conhecimento”.

Isso leva de volta o nosso estudo da obra de Riemann ao esboço inicial da citada dissertação: a tarefa consiste em examinar de modo geral os pressupostos, chamados axiomas, que fundamentam (como “princípios geradores”) as diferentes formas (matrizes de teoremas) de geometria (e física) que existiram de Euclides a Legendre.

Somente do ponto de vista da economia física, como este autor definiu neste e em outros trabalhos²⁹⁷, é possível uma ciência rigorosa. Antes de tudo, a pergunta “O que é o conhecimento?” deve ser reformulada: “O que é o conhecimento humano?” Axiomáticamente, se exclui a conduta animal; qualquer pessoa que tente extrapolar a conduta humana a partir da animal, como o falecido professor B.F. Skinner, é o mais crasso incompetente ou um perigoso charlatão²⁹⁸. O conhecimento

296. A definição formal da expressão “relativamente válido” que usamos aqui implica a prova da cardinalidade relativa do estado de conhecimento alcançado com a descoberta.

297. Por exemplo, em “The Truth About Temporal Eternity.”

humano é este processo de desenvolvimento que separa a espécie humana absolutamente de todas as espécies de animais. A economia física, a história demográfica do homem, é o ponto de partida para o estudo do conhecimento. Esta história é definida como a comparação dos aumentos (mudanças) de densidade demográfica relativa potencial com as mudanças implicitamente axiomático-revolucionárias no modo de pensamento dos indivíduos, caminhando-se de conjuntos de idéias de cardinalidade inferior a conjuntos de cardinalidade superior. *A verdade não está em nenhum dos termos de tais séries, mas no princípio de mudança, que ordena a sucessão de cardinalidades cada vez mais elevadas.*

Essa noção de mudança, que Platão chamou o Princípio da Hipótese, é o que os venezianos proibiram. *A intenção de restringir o pensamento aos objetos sensíveis e de proscrever do trabalho científico os objetos mentais é a essência do empirismo e do princípio do mal.* Assim, o método de Galileu é a encarnação do mal. A insistência em substituir o princípio da descoberta (hipótese) por séries infinitas é o reflexo mais comum da influência do mal institucionalizado na vida acadêmica e correlata, nos últimos cinco séculos. Este é o mal interior dos sofismas de Klein a respeito de “Pi”. Os vínculos indicados são cruciais para se entender o mal que Bertrand Russell encarna.

Do ponto de vista da ciência da economia física²⁹⁹, a *geodésia* geral necessária para a descoberta de Riemann não é o que Einstein imaginou equivocadamente - o espaço-tempo-físico universal está limitado externamente, não por alguma “cerca” imaginária em torno do Universo, mas transfinitamente, tal como Cantor entendeu que a noção do *Bem* de Platão limita o *Devenir*, como a hipótese da hipótese superior está limitada por esse *Uno* que abrange a *Multiplicidade* de toda a geração de hipóteses. Esta geodésia geral é a característica da atividade humana eficiente no Universo. Do ponto de vista do Universo, a única expressão verdadeiramente eficiente da atividade humana é essa ascensão sucessiva a ordens relativamente superiores de cardinalidade do conhecimento, que é representável por uma série de descobertas axiomáticas revolucionárias correspondentes.

Essa geodésia define a verdadeira curvatura de nosso Universo,

298. Ver B.F. Skinner, *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (Appleton-Century-Crofts, New York, 1966); ver também *Science and Human Behavior* (Free Press, New York, 1967).

299. Pelo que estou em dívida, principalmente, com a descoberta de Leibniz desta ciência, e com a de Riemann, assim como em dívida subsidiária decisiva com Cantor.

porque revela as leis do Universo enquanto *Uno*, que corresponde, como princípio externamente limitante da mudança universal, ao domínio cada vez maior do homem sobre o Universo, medido per capita, por unidade familiar e por quilômetro quadrado.

Essa geodésia é também o mapa do intelecto humano, o guia indispensável ao conhecimento científico, para não mencionar o que chamamos “conhecimento moral” ou “direito natural”. Sem ele, o progresso científico no sentido mais amplo seria impossível. A ciência progrediu, a despeito das tentativas empíricas aristotélicas do “Partido Veneziano” no sentido de detê-la. O dogma do método de Galileu e o empenho correlato em que a convergência aparente do ponto de vista das séries infinitas elimina a existência de singularidades é uma obra própria do demônio, fruto das tentativas venezianas de interromper o progresso do conhecimento humano, vedando tudo que não pertença aos métodos empíricos de (neo)aristotélicos como Pomponazzi, Zorzi, Bacon, Locke, Newton e Ortes.

Para compreender os últimos seis séculos do surgimento da civilização européia como característica dominante da cultura planetária, temos que reconsiderar algo já mencionado. Consideremos os princípios do Renascimento como um tipo de geodésia, os princípios opostos do “Partido Veneziano” como um tipo oposto e o curso real da história daqueles últimos seis séculos como um terceiro tipo de geodésia. As fraudes de Klein ilustram o alcance da “lavagem cerebral” na ciência institucionalizada, fruto da submissão à forma de raciocinar axiomáticamente empírica, exemplificada pelo que se chama com frequência “matemáticas escolares de aceitação geral”. A importância de Klein no caso de Bertrand Russell é, essencialmente, que a corrupção moral do primeiro exemplifica o ambiente que tornou possível que se tolerasse uma influência tão obviamente maligna como a que Russell representou e continua representando.

Assim, a própria ciência foi vítima dos métodos colonialistas britânicos.

Lembrem-se! Como o “Partido Veneziano” da Grã-Bretanha construiu o seu império? Primeiro, vieram as canhoneiras, os mosquetes e a diplomacia *à la Veneza* (não se sabe qual das três armas é a mais desprezível, embora as evidências apontem para a última). Submetem-se as pessoas mais ou menos à maneira pela qual um rebanho de animais selvagens é metido no curral. Em seguida, surge a tarefa de como domesticar o rebanho cativo. A repressão vigorosa ainda é obrigatória. É preciso detectar os animais cativos com tendência à rebelião, para eliminá-

los ou reduzi-los à condição moral de gelatina velha. É preciso nutrir o rebanho, para estimular nos descendentes os atributos desejados de produção de leite, carne e docilidade. Desta forma, leva-se o rebanho cativo a um estado de autogoverno no qual a burocracia dirigente é mais selvagemmente britânica que o próprio “Império Brutânico”. Numa fase mais avançada do processo de idiotização, vêm os “ventos da mudança”* e os cativos são encarregados das tarefas de se acorrentarem a si próprios à noite, ou o que sugerirem o FMI ou o mercado financeiro londrino.

Foi assim que o “Partido Veneziano” domesticou a ciência. A insistência nos métodos de Galileu, Descartes, Newton, Helmholtz, John von Neumann, Norbert Wiener e Russell transformou as lideranças científicas numa casta de sacerdotes pagãos irracionais, que tiraniza os que dão aulas, vomitando os seus *obiter dicta* através de esgotos como as revistas *Nature* e *Science*. Assim, com a finalidade de idiotizar ainda mais os rebanhos cativos, no final da década de 50 e início da de 60, foi planejada a introdução da “Matemática Moderna”. Assim, hoje em dia, para transformar os filhos de pessoas outrora civilizadas em desagradáveis *yahoos* sexualmente excitados, a burocracia imperial da ditadura mundial da ONU introduziu nas escolas dos EUA a “educação baseada em resultados” (OBE), planejada para converter seres humanos em bovinos idiotas.

Assim, agora, o “Partido Veneziano” de Londres colocou a sua máscara federalista mundial. Chegou a hora de reduzir o rebanho humano idiotizado “por métodos que, embora desagradáveis, são necessários”. Perverso Russell! Pobre idiota Felix Klein!

* Referência ao célebre discurso do primeiro-ministro britânico Harold Macmillan no Parlamento da África do Sul, em fevereiro de 1960, no qual anunciou que a política exterior britânica tinha que levar em conta os movimentos de independência emergentes nas colônias africanas - na verdade, parte da estratégia britânica para manter o controle sobre as mesmas - N.T.

Capítulo 3

A maioria da Humanidade

Chegamos ao momento de expor brevemente as conclusões às quais, em nosso juízo, se podem chegar a partir dos dos elementos apresentados como exemplo em nossa sucinta exposição da História recente.

Poderíamos ter dado a este sumário o título “Dos principados e potestades”. Os últimos seis séculos, em relação aos dois mil anos que precederam o Renascimento do século 15, ilustram o fato de que são as idéias que fazem a História. As idéias são o que dá forma à ascensão e à queda de civilizações e culturas inteiras, em lapsos de tempo não inferiores a vários séculos. Isto revela quão impotentes e ineficientes são os homens e mulheres que limitam os seus esforços às relações sociais práticas, aos problemas de “carne e osso”, em intervalos de tempo e espaço tão insignificantes como uma ou duas gerações, dentro de alguma região local deste planeta.

Somente se atuarmos eficientemente para dirigir, alterar e desenvolver as idéias que dão forma a meio milênio ou mais de História, em todo o planeta ou em uma grande região dele, causaremos algum efeito deliberado e importante no destino das nações e de civilizações inteiras. O modelo é a história dos últimos seis séculos do que chamamos ciência física. O tipo de influência consciente e eficiente que uma pessoa pode exercer, no resultado de todo um período da História, é exemplificada pelo indivíduo que revive os momentos do passado que correspondem a tipos axiomáticos revolucionários de descobertas científicas e responde a eles, corrigindo-os, legando às gerações futuras uma ciência melhorada.

Na chamada ciência física, pode-se moldar deliberadamente a história da ciência de acordo com as próprias intenções; a chave é ter consciência dos princípios que governam os tipos de descobertas axiomáticas revolucionárias válidas, como já dissemos. Isto exige o domínio do método da hipótese de Platão; não se conhece nenhum outro que cumpra tal propósito.

Todos os conjuntos de idéias que moldam a História por vários séculos são análogos às idéias da ciência física. Cada indivíduo participa eficientemente na modelagem voluntária do resultado da sua própria existência unicamente na medida em que participa, consciente e eficientemente, do domínio das qualidades das idéias que moldam a História.

Não se podem aprender os princípios que moldam a História apenas a partir dos fatos das relações sociais que se experimentam pessoalmente no período da vida de uma pessoa. Muitos propuseram basear supostos princípios em uma experiência tão limitada; inevitavelmente, o que propuseram sempre resultou ser uma idiotice utópica ou algo pior.

Tais “experiências” equívocas são jogadas, com propriedade, na mesma lata de lixo em que se atiram idéias como a da “Terra plana”. São ilusões de pessoas que imaginam viver num Universo de “curvatura nula” e não desejam reconhecer que estão vivendo a história de uma certa “curvatura diferente de zero”, vivendo em uma multiplicidade na qual a direção é determinada segundo a posição que se ocupe na corrente histórica naquele momento particular - direção que não seria a mesma se estivesse em posição diferente na corrente - resultado que não seria o mesmo se a ação transcorresse em uma posição distinta.

Assim, vivemos num planeta povoado em grande parte por Dom Quixotes e Sanchos Panças. A maioria das pessoas vive nas nuvens de alguma fantasia ideológica, seja acadêmica ou de outra natureza, como o Dom Quixote de Cervantes, ou estão tão ocupadas com os seus prazeres pessoais e assuntos familiares que dizem: “Não tenho tempo a perder com a História”. Dom Quixote está disposto a governar a sociedade, mas o faz de forma desordenada. Os Sanchos Panças, mais numerosos, não podem dirigir a sociedade porque nem sequer conseguem governar a si mesmos. Enquanto não levarmos o homem à Era da Razão, que quiséramos fosse a próxima, continuarão forjando a História, em verdade, não as massas humanas, mas um punhado de sujeitos que, para o bem ou para o mal, conduzem os destinos da Humanidade em geral como se levam as vacas para pastar e, às vezes, para o matadouro.

A Era da Razão significa um mundo no qual o indivíduo típico não é nem Dom Quixote nem Sancho Pança, mas uma pessoa eficientemente consciente do papel próprio da breve existência mortal da mente do indivíduo, na moldagem dos milênios da história humana, nacional, regional, planetária e interestelar. Esta Era da Razão não será uma utopia, uma ordem perfeitamente planejada; pela própria natureza das coisas, tel objetivo nunca poderia ser atingido. A própria idéia de

uma utopia, qualquer utopia, nunca serviu nem servirá senão para levar os crédulos à loucura. Simplesmente, será uma era na qual a maioria dos adultos entenderá que a História não se faz com carne ou ossos, mas com principados e potestades, poderes cuja existência se exemplifica na luta dos últimos seis séculos entre o bem e o mal, no domínio do desenvolvimento da ciência física. Será uma era na qual a maioria dos adultos reconhecerá que o significado da vida se encontra em participar da formação das idéias que, por sua vez, moldam a História por períodos não inferiores a vários séculos. Será uma era na qual a generalidade dos adultos reconhecerá a natureza da espécie humana, feita à imagem de Deus, por virtude da criatividade axiomática revolucionária válida, fisicamente eficiente, das idéias. Será uma era na qual a maioria dos adultos atue segundo este conhecimento.

O que faremos enquanto isso, dada a prevalência dos Dom Quixotes, Sanchos Panças e outros tipos piores? A resposta adequada é tão antiga como Platão: os chamados “reis filósofos”. O “rei filósofo” é uma pessoa que aceitou a solicitude de Miguel de Cervantes quanto aos pobres desgraçados da Espanha do século 16, que deixaram de ser Dom Quixotes ou Sanchos Panças. O professor diria: “Esta é uma boa pergunta.” É provável que somente alguns de nós participemos da Era da Razão. A maioria dos cidadãos, mesmo nas nações mais avançadas, continuam sendo Dom Quixotes ou Sanchos Panças. Eles não apenas não se converterão em “reis filósofos”, mas, em sua maior parte, rechaçarão agressivamente qualquer exigência para que deixem de ser Dom Quixotes ou Sanchos Panças. Neste momento, a maioria das nações continuará como a França que Lazare Carnot encontrou, ao aceitar o que parecia ser “causa perdida” - organizar a defesa do país contra todos os inimigos que a invadiam. Isto significa que não há qualquer nação no planeta qualificada para entrar diretamente na Era da Razão, a não ser dentro de várias gerações. Temos de nos contentar com a busca da meta menos ambiciosa, de uma condição intermediária, que poderíamos descrever justamente como a Era da Sobrevivência.

O que podemos desejar, a partir do perigosíssimo momento atual para a Humanidade, são líderes nos quais os povos depositem a sua confiança e estejam moralmente qualificados para isto. A maioria continuará buscando coisas sensíveis, a possibilidade da sobrevivência imediata de suas famílias, a liberdade pessoal e a esperança de desenvolvimento e segurança para seus descendentes, coisas sensíveis e justas, mas cuja obtenção neste planeta é cada dia mais difícil. Os povos procurarão sobreviver como a multidão que trata de sair de um edifício

em chamas; tratarão de escapar do intolerável, sob a direção de líderes qualificados nos quais depositem a sua confiança.

A Era da Sobrevivência será aquela em que os povos tenham tais líderes qualificados e na qual os cidadãos saibam escolhê-los. Os povos reconhecerão tais líderes principalmente por três qualidades: 1) que tenham um histórico de ter prognosticado acertadamente os efeitos de algumas decisões políticas importantes; 2) que não vacilem frente às pressões da “correção política”; e 3) que tenham reconhecido e, conseqüentemente, recebido o ódio mortal das poderosas forças que sustentam, hoje em dia, as tradições de personagens do “Partido Veneziano”, como Bertrand Russell.

Cinco séculos e meio depois do Concílio de Florença, Veneza e seu rebento, o “Partido Veneziano”, atingiram a posição de domínio não apenas sobre as instituições financeiras e a maioria das instituições políticas do mundo, mas também sobre a ciência, as artes e a educação em geral. Sob tal domínio, o mundo está sendo levado à beira de uma hecatombe apocalíptica geral, como a ocorrida no século 14, mas ainda pior. O tempo se esgota rapidamente.

Há três alternativas previsíveis para os anos vindouros. Ou damos marcha-a-ré ao domínio veneziano, ou a facção veneziana implantará uma ditadura mundial, pressagiada pelas propostas da Conferência do Cairo, ou os fracassos de ambas as opções terão como conseqüência um caos planetário pior do que o que açoitou a Europa no século 14.

Só há uma maneira de sobreviver aos perigos que enfrentamos: mobilizar-nos contra as forças do mal, os “principados e potestades” dos quais Bertrand Russell é apenas um exemplo. Para sobreviver, os povos têm que reconhecer o adversário como tal, o quanto antes. Há muito pouco tempo a perder, se é que os povos pretendem sobreviver; em realidade, já é muito tarde. Quando responderem, estarão dispostos a escolher os líderes apropriados. Nossa tarefa é assegurar que encontrem suficientes deles.

Nota final

As pesquisas deste autor e seus associados sobre Veneza envolveram dúzias de pessoas nas últimas duas décadas; em alguns casos, mais do que isto. Toda a análise conceitual da relação entre a obra dos aristotélicos venezianos e a ciência e a teologia européias é obra original do autor. A documentação dos detalhes históricos e a documentação agregada aos arquivos do autor sobre os venezianos resultou do trabalho de eruditos clássicos e outros pesquisadores versados em italiano e latim, ao longo dos últimos 20 anos. Uma vez que a documentação é bastante copiosa, decidimos fornecer a referência apenas quando ela tenha que ver diretamente com o cerne do argumento exposto e não se trate de material bem conhecido da história de Veneza e seus agentes, que são mencionados em outros trabalhos publicados.

O Apocalipse segundo Wells¹

(O atual equilíbrio nuclear de poder)

No último mês de outubro de 1997², um “Titanic insubmersível” foi perfurado na colisão com uma espécie de iceberg que estava à sua espera. Eis aí o que resta da “sociedade da informação”. O sistema financeiro globalizado e impregnável pós-1989 dirige-se agora para o abismo aquático. Infelizmente, sendo a sanidade o que é, ou não é, nestes dias, mesmo depois dos acontecimentos globais de outubro e novembro, a maioria dos passageiros, inclusive o ex-chefe do Citibank, Walter Wriston, ainda se agarra ao navio que afunda, se segura na fé ilusória de uma “utopia insubmergível”, uma economia da “sociedade informacional eterna, neomalthusiana”³.

“Sim, parece que há umas subidas e descidas nos mercados”, é a tônica da maioria dos adultos nos EUA que reconhecem as várias semanas recentes de tempestades financeiras globais. “Mas”, acrescentam eles, “a economia ainda é basicamente saudável. Eles nunca deixariam isso acontecer aqui. A menos que eu veja isso anunciado na televisão, não vou me permitir acreditar que esse tipo de crise possa chegar aqui”. Embora aquele cidadão, um maniqueu moderno, não esclareça quem ou o quê poderiam ser aquelas divindades misteriosas, “eles”, a impressão é que são terrivelmente olímpicos.

-
1. O título original é “TheWells of Doom”, literalmente “os poços da danação”, em que há um trocadilho entre “wells”, poços, e o nome próprio “Wells” (N.T.).
 2. Este ensaio foi originalmente publicado na revista *Executive Intelligence Review (EIR)*, Vol. 24, No. 51, 19/12/1997.
 3. Walter Wriston, discurso ao Instituto Cato, irradiado no canal Span 2, em 3/12/1997 (vide Documentação).

Deixando de lado tal superstição popular, em face das catástrofes ocorridas no sistema financeiro global desde o final de outubro até o início de dezembro de 1997, nenhum economista ou político deste planeta poderia mais ser desculpado por acreditar num meio de comunicação dos EUA que prometa que a atual crise asiática jamais chegará à economia estadunidense. Depois destes fatos, nenhum profissional poderia honestamente negar a exatidão excepcional de minha previsão publicada em fevereiro de 1997 ⁴: a de um surto de crises financeiras globais, sistêmicas, a começar no mais tardar em outubro de 1997. Os recentes abalos sísmicos no sistema financeiro mundial tomaram a forma de um fantástico toque de tambor; da Ásia, passando pela Europa e chegando às Américas, a situação tem se tornado cada vez pior. A menos que certos governos-chaves acabem com as atuais tentativas de “resgatar” um “Titanic” financeiro afundando, cujo casco já foi arrebentado de forma irreparável, a crise vai piorar a nível mundial, a uma velocidade acelerada.

Entrementes, como que para nos mostrar que a coisa não estava tão má quanto poderia ficar, as políticas exigidas pelo truculento presidente do Sistema da Reserva Federal dos EUA, Alan Greenspan, e pelo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, por exemplo, já deflagraram o que periga tornar-se, muito rapidamente, uma espiral hiperinflacionária como a que atingiu a Alemanha de Weimar no período 1922-23. A diferença é que se essa política de Greenspan e Camdessus à moda de Weimar-1923 fosse continuada na Ásia e nas explosões vindouras na Rússia e América do Sul, o resultado seria uma

4. Em fevereiro de 1997, este autor divulgou uma série de advertências, em várias entrevistas publicadas e outras oportunidades, de que 1997 seria um ano de grave crise financeira internacional. Foi indicado o quarto trimestre de 1997 como o limite extremo para a irrupção desta crise, alertando as pessoas para que trocassem investimentos financeiros especulativos, como os fundos futuros e mutuais, por títulos de longo prazo do Tesouro e posse física de ouro, mesmo que as perdas nominais decorrentes destas trocas fossem esperadas no curto e médio prazos. (Por exemplo, numa entrevista radiofônica no programa *EIR Talks*, de 5 de fevereiro: “Claro, papéis do Tesouro não rendem tanto, mas há uma vantagem neles: o governo concordou em garanti-los e isso já é algo. Pelo contrário, nesses índices, futuros, opções, quando o mercado cai, você fica com menos do que nada.”) Na primavera, o autor renovou a advertência de fevereiro, de que um choque suave ou grave podia ser esperado em agosto, mas um choque pesado era praticamente certo em outubro. (Por exemplo, nas *EIR Talks* de 17 de junho: “Fala-se, reconhece-se agora que a última crise, de março-abril, e a próxima que vai aterrisar, de Marte ou algum lugar, entre junho, final de junho e 31 de outubro, no final do terceiro trimestre, vai ser arrasadora. Não necessariamente a grandona, mas nos forçará a olhar para o fato de que a grandona vai chegar.”)

hiperinflação no estilo de Weimar, que poderia levar ao colapso total e mundial, não em meses, como em 1922-23, mas comprimida num período de poucas semanas, devido ao impacto adicional de uma bolha global de derivativos superior a 100 trilhões de dólares.

Nesses assuntos econômicos, simples estudos estatísticos podem nos informar sobre considerações relevantes, como o fato de que o paciente está morto, mas não nos ajudam muito a definir as curas que poderiam ter salvo a economia, quando não o sistema financeiro. Se quisermos curar a doença, precisamos ir além dos meros sintomas para identificar o agente que se manifesta por meio de tais sintomas. Para descobrir a cura, precisamos descobrir a fonte da doença. Para achar a fonte permanente da doença da civilização global, a atual crise financeira global, sistêmica e galopante, precisamos focalizar o tipo de decisão que continua, ainda hoje, a formar a prática econômica - não os simples efeitos estatísticos de tal prática. É a substância de Gêngis Cã, não a sua sombra estatística, que constitui a ameaça mortal à nossa civilização. Em resumo, para suplantar o perigo, o Governo dos EUA precisa reverter a tendência política dos últimos 30 anos.

O que precisa ser introduzido seria considerado como mudanças políticas muito radicais pelos atuais eleitos do lugar-comum, analfabetos em economia, como o presidente da Câmara dos Deputados Newt Gingrich. Precisamente se estas políticas não forem introduzidas logo para enfrentar um conjunto já inevitavelmente falido de instituições monetárias e financeiras internacionais, esta será uma crise sem fim. Se estas políticas não forem introduzidas o quanto antes, a presente civilização planetária estará condenada, condenada por uma falta de aptidão moral para sobreviver, condenada a mergulhar na barbárie pós-modernista de uma prolongada “nova idade das trevas”, mesmo antes do início da campanha eleitoral de 2000 nos EUA. A menos que possamos detectar e erradicar as instituições e políticas supranacionais que têm causado o declínio da economia mundial nas últimas três décadas, nossa cultura estará moribunda, sendo as nossas nações e suas populações as vítimas de uma civilização global moribunda.

Assim, a civilização européia moderna, hoje com mais de seiscentos anos, está morrendo. Nada poderá salvar o atual sistema financeiro e monetário em si. Até o final do século, talvez antes, ele desaparecerá para sempre na sua forma atual, ou devido a ações responsáveis dos principais governos ou, na falta deste remédio, pelo colapso hiperinflacionário ou hiperdeflacionário. Como o autor e outros analistas da revista *Executive Intelligence Review (EIR)* têm alertado

seguidamente, esse sistema financeiro-monetário é como um navio condenado a afundar; os passageiros, as nações, os povos e a economia física que vivem nesta civilização poderiam ser salvos, mas somente se estiverem dispostos a abandonar o navio condenado. Poderiam sobreviver, mas somente se desistirem, de uma vez por todas, das mudanças radicais pós-1964 introduzidas na cultura, que condenaram a atual ordem econômica mundial⁵.

Infelizmente, as evidências nos mostram que não mais do que uma pequena minoria das populações e seus governos condenados ainda estão dispostos a apoiar as políticas necessárias para permitir que nossas nações sobrevivam à crise financeira sistêmica global, que entrou recentemente em sua fase terminal. No momento, a maioria televisiva das populações hedonistas da Europa e América do Norte, mais notavelmente, parece ter perdido a vontade de lutar por algo que não seja o próximo instante fugidio de prazer temporário – ou monetário, deveríamos dizer.

Devemos enxergar a maioria das pessoas na maioria das nações de hoje como os acádios pomposos e condenados do Império Babilônico do Baltazar bíblico - muitas das principais instituições deste planeta parecem ter perdido a capacidade moral, a qualidade essencial para sobreviver. Foi assim que o artista retratou uma circunstância semelhante, o Festim de Baltazar⁶: uma vez mais, o dedo em movimento está

5. A comparação reiterada da crise atual com o afundamento do *Titanic* não é propriamente irônica, mas uma verdadeira metáfora. Não era o projeto do *Titanic* que estava errado; na verdade, o navio era melhor do que a maioria dos transatlânticos de passageiros que não foram afundados por icebergs naquela ocasião. Se o erro não estava no projeto físico do navio, onde estava então? Analogamente, a atual ruína da economia mundial não foi o resultado de nenhuma falha inerente ao modelo pré-1964 da economia física dos EUA. Por isso, se coloca a metáfora relevante do desastre do “Titanic” de 1997. Se os proprietários, o capitão e o orgulho britânico induzido não tivessem insistido na falsa hipótese de que o navio condenado era o mais rápido e insubmergível de todos, nem a empresa nem o capitão teriam cometido os erros fatais de política e comando que enviaram o navio à sua velocidade de cruzeiro relativamente alta para cima de um iceberg perfeitamente previsível. A causa do afundamento do navio foi, portanto, nada mais do que a obsessão histórica do proprietário, capitão e público britânicos com um conjunto de teorias dominantes puramente ideológicas. Foram estas hipóteses mentais perversas que formaram as decisões que, uma por uma, definiram a seqüência trágica que leva ao desastre, em ambos os casos. A raiz da tragédia nesses casos, como no teatro de Ésquilo, Shakespeare e Schiller, é um debate sobre decisões, que se recusam a levar em conta as hipóteses axiomáticas subjacentes que são a verdadeira matriz da decisão que leva ao desastre.

6. Rembrandt van Rijn, “Baltazar vê a escrita na parede” (pintado por volta de 1636).

escrevendo; a nova mensagem está agora quase completa.

Como foi que o nosso mundo entrou nessa confusão? Quando e como começamos a rolar ladeira abaixo rumo a essa catástrofe? Que hábitos devemos erradicar das nossas instituições e de nós mesmos se quisermos, juntamente com a nossa república, sobreviver à atual desintegração dos sistemas financeiros e monetários do mundo inteiro? ⁷

Para entender como tudo isso ocorreu, como a mais poderosa civilização jamais criada chegou ao atual ponto de degradação e autodestruição, como o fabuloso Ozymandias ⁸, escutem uma história real que começa com o assassinato, em 6 de setembro de 1901, do patriota e presidente dos EUA William McKinley por Leon Czolgosz, um terrorista importado, apadrinhado pela Casa de Imigração Henry Street, de Emma Goldman. O ferimento mortal infligido pelo ataque deste assassino, manipulado pela própria Goldman, autodenominada “tiranocida”, levou à Presidência da República, oito dias depois, em 14 de setembro, um maligno rebento da Confederação, Theodore Roosevelt. Por esta época, na Inglaterra, um jornalista patético e perverso, mas que se tornou muito influente, Herbert George Wells (1868-1946), escapava do que teria sido uma merecida obscuridade. Este Wells viria depois a descrever apropriadamente seu conhecido pessoal e aliado ideológico, Theodore Roosevelt, como “O Grande Ruído da América” ⁹.

A interseção dessas duas personalidades, Wells e Theodore Roosevelt, com a ascensão do príncipe Eduardo Alberto como o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, marcam um século errado desde o início, um século de: 1) duas guerras mundiais; 2) um equilíbrio de poder nuclear aterrorizante, que Wells foi o primeiro a propor pública e amplamente, a partir de 1914; e 3) as últimas três décadas de reinado mundial de um pesadelo global e neomalthusiano (outro dogma de Wells). Estes três fatores, inclusive os dois dogmas, um proposto e outro adotado por Wells,

Baltazar: Bel-shar-usse, rei da dinastia condenada da Babilônia, por volta de 538 a.C.

7. Em outras palavras, qual foi a “mudança de paradigma cultural” envolvida? Qual foi a mudança nos princípios axiomáticos subjacentes de tomada de decisões que causaram uma sociedade industrial de fins do século 19, que antes avançava e era cada vez mais colaboradora internacionalmente, a mudar a direção efetiva de suas decisões e se tornar uma coleção hobbesiana de nações-gладиadoras, mergulhando em duas guerras mundiais, na era do equilíbrio do terror nuclear e na loucura suicida da tomada de decisões mundiais na base do puro irracionalismo de uma utopia neomalthusiana e “pós-industrial”?
8. Do poema de Shelley sobre um rei cercado de ruínas e destruição (N.T.).
9. H.G. Wells, *An Experiment in Autobiography* (Uma tentativa de Autobiografia), New York, MacMillan & Co., 1934, p. 646.

se tornaram significativamente, por meio de influente contribuição, a causa imediata principal da atual crise e colapso econômico mundial.

O equilíbrio de poder nuclear de Wells

Devido a isso e a outros fatores, entre os historiadores conscientes e outras autoridades no assunto, H.G. Wells tem uma notável importância para o nosso entendimento da crise estratégica, política, econômica e moral que hoje envolve este planeta. Um candidato improvisado para a fama e a influência? Ele foi, é verdade, assim como seu colega fabiano George Bernard Shaw, essencialmente um *reles poseur*, no sentido literal da raiz latina de “ vaidade ” - um pobre miserável, antipático, misantropo, um eterno tolo picaresco de imensa vaidade, de caráter pessoal comparável, e isto com alguma desvantagem, à imagem popular de um chefe mafioso. Ele foi, em resumo, exatamente o tipo de laçao que a oligarquia britânica usaria e cultivaria para realizar uma tarefa particularmente desagradável e truculenta.

Na época, no início deste século, em que esse Sparafucile¹⁰ inglês foi catapultado da obscuridade, ele podia ser comparado com o caso clássico e exemplar de Maria Tifóide¹¹. Como ela, foi incontestavelmente em seu tempo uma figura que irradiava uma certa influência desagradável. Para apreciar a sua importância elevada e em geral ascendente nos eventos mundiais relevantes durante o intervalo de 1901 a 1939, pensem nele como em Adolf Hitler ou seu colega de crimes Bertrand Russell, um portador do que se revela como uma variedade virulenta de sífilis cultural¹². Wells não destruiu a nossa civilização sozinho, mas desempenhou um papel vital e exemplar neste processo, como o tecido no qual a variedade mortal da infecção foi cultivada e disseminada.

Os admiradores depravados de Wells e a visão populista hobbesiana tipicamente associativa de uma “conspiração para o governo mundial”

-
10. Assassino contratado por Rigoletto, na ópera homônima de Verdi, para eliminar o duque, que cortejava por esporte sua filha Gilda (N.T.).
 11. Typhoid Mary (?-1938), imigrante irlandesa que, acredita-se, teria infectado milhares com essa doença nos EUA (N.T.).
 12. Wells poderia concordar com nossa escolha de doença venérea, como alusão às fantasias sexuais utópicas, aparentadas às de criaturas degradadas como Carl Jung, Wilhelm Reich e o patrão do ex-presidente George Bush, a seita de Moon, que de acordo com a declaração autobiográfica, plausível neste caso, plasmou o seu pensamento sobre todos aspectos que tratamos aqui. Vide Wells, *op. cit.*, pp. 392-409.

tratam Wells e outros lacaios do seu tipo como gênios admiráveis ou gênios desprezíveis. Wells não era nenhum gênio. Seu talento era, como ele mesmo admitia implicitamente, o de um cáften que enxergava as fantasias sexuais particulares, mas não tão escondidas, de uma clientela depravada¹³. Sempre que uma idéia influente é atribuída a Wells, seja por devotos, seja por detratores, descobrimos que tal originalidade nunca existiu. Seu papel nunca foi o de descobridor de princípios. De fato, não há nenhum princípio no vocabulário de Wells. Ele não foi um inventor, mas um publicitário, uma criatura patética que dirigiu o seu instinto de cáften das perversões sexuais de um público amplo para uma carreira de relações públicas.

Esse é um ponto crucial. Portanto, devemos acrescentar mais umas poucas observações relevantes para a distinção que acabamos de fazer.

Por exemplo, Wells escreve que “O Novo Maquiavel¹⁴ está num mundo totalmente distante do erotismo aberto. O tema... enfatizou a grande incompatibilidade de interesses públicos amplos com a alta e repentina velocidade da paixão imaginativa... Eu não estava levando a mim nem ao mundo para a pornografia artística ou atacando nada que considerasse moral... Estava liberando nesse livro uma longa acumulação de supressões. Estava trabalhando nos problemas colaterais com completa ingenuidade... Num mundo onde a pressão pelos meios de subsistência era uma condição normal de vida, era necessário compensar a remoção de barreiras sexuais tradicionais e, assim, minha defesa em prol de fazer o amor simples e facilmente tinha que ser complementada por uma adesão à propaganda dos neomalthusianos. Foi o que fiz em minhas *Anticipations* (Antecipações) (1900)¹⁵ e continuei a escrever diretamente sobre o assunto num período quando o neomalthusianismo não era de forma alguma o movimento respeitável em que se transformou.”¹⁶

A função política pela qual um publicitário como Wells está sujeito a um processo competitivo de seleção é a de transformar idéias que os candidatos a empregado querem promover em uma forma simples, na qual a simples menção destas idéias possa adquirir associações agradáveis dentro de uma grande parcela, se não a maioria de uma população escolhida e das instituições que aquela população considera como

13. Wells, *op. cit.*, pp. 392-409.

14. De 1911.

15. *Anticipations of the Reaction of Mechanical and Scientific Progress upon Human Life and Thought*, London, Chapman & Hall, 1901.

16. *An Experiment in Autobiography*, pp. 398-399.

expressões do seu interesse próprio.

Essa não é a maneira pela qual as idéias deveriam adquirir uma circulação maior. Os métodos cognitivos da educação humanista clássica representam a abordagem apropriada para todas as formas de educação de uma população, especialmente a população de uma nação que deseja escapar da queda da república para a tirania. Wells, como o Mefistófeles do *Fausto* de Goethe, é um empirista britânico que evita a cognição: escolhe as susceptibilidades irracionais da população, os modos associativos e não-cognitivos da vida fantasiosa do alvo: as imagens sexuais.

Wells exemplifica o uso do cáften como publicitário: “Içai a bandeira no mastro e vede quem a saúda!” “Jogai-o na parede e vede se gruda!” “Lede a pesquisa e descabri qual dos programas políticos de ontem à noite achou o seu caminho em meio às imagens poluídas da maioria relativa dos setores escolhidos da população”. Daí o uso da política de propaganda utópica sexualmente orientada de Wells, no caso da base financeira bem sucedida das origens do culto dos Pagadores de Promessas (seita masculina surgida há poucos anos nos EUA - N.T.) e as imagens homoeróticas junguianas ¹⁷.

Essa espécie de gigolô, assim como os meios de comunicação em geral, ganha a vida e sua influência política graças ao apelo à perversão sexual subjacente que encontra eco nos jornais populares do dia, nos meios eletrônicos de entretenimento e nas fantasias fictícias apresentadas em tais meios sob o rótulo enganador de “notícias”.

Essa é uma característica de culturas degeneradas, como a do Império Romano, ou a cultura popular britânica atual, na qual o suposto tamanho dos testículos dos principais gladiadores da arena esportiva, ou temas como o tamanho dos seios de uma atriz ou o registro de pecadilhos sexuais de “celebridades” da indústria de entretenimento despertam muito mais interesse da população do que as questões políticas de que dependem as vidas das pessoas e de sua posteridade. Wells exprimiu o mesmo ponto de vista, mas a partir de sua posição: “Num mundo onde a pressão pelos meios de subsistência era uma condição normal de vida, era necessário compensar a remoção de barreiras sexuais tradicionais e, assim, minha defesa em prol de fazer o amor simples e facilmente tinha que ser complementada por uma adesão à propaganda dos neomalthusianos.”

Em geral, seja para o mal, como no caso de Wells, seja para o

17. Anton Chaitkin, “The Promise Keepers Cult and Homoerotic Brainwashing”, *Executive Intelligence Review*, 14/11/1997.

bem, uma idéia ganha circulação por meio de um ou outro tipo de ingestão social. A ingestão propriamente começa na cabeça e é a seguir transmitida do processo cognitivo de uma cabeça para uma cópia da mesma espécie e tipo de processo cognitivo numa outra cabeça. Mas, nas camadas inferiores da sociedade, tipos como Wells preferem se dirigir à preferência fantasiosa da audiência escolhida pelos buracos inferiores do corpo do publicitário. No caso da oligarquia que adotou Wells, foi a sua habilidade inata, assim como a do seu camarada de armas fabiano George Bernard Shaw, em mirar e atingir o nível moralmente mais baixo da audiência escolhida, cujos sucessos relativos mostraram à oligarquia como moldar as suas idéias numa forma de expressão que capturasse o que Wells reconhecia como as susceptibilidades mais grosseiras da massa de idiotas pretendida.

Resumindo: Wells não inventou o sexo; ele simplesmente o vendia. Aí residia o seu talento e a qualidade de sua influência.

No presente estudo estratégico, o nosso interesse em Wells focaliza aqueles tópicos de sua atividade que dizem respeito ao seu papel crucial e constante para criar, a partir de 1914, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, uma nova espécie de doutrina de “equilíbrio do poder”, baseada na confiança do químico Frederick Soddy quanto à viabilidade de uma nova arma de poder militar, a fissão nuclear¹⁸.

Essa é a doutrina, hoje bem conhecida, que prega o desenvolvimento e uso de armas nucleares como uma forma de terror, por meio da qual as nações poderiam ser forçadas a abandonar a soberania nacional e integrar uma nova ordem mundial feudalista, que Wells, assim como seu comparsa Bertrand Russell, defendiam na forma de um “governo mundial”¹⁹. Dentro do contexto deste tópico, o nosso interesse mais

-
18. H.G. Wells, *The World Set Free*, London, Macmillan, 1914; dedicado a Frederick Soddy. O propagandista Wells é o inventor putativo da expressão “bomba atômica”. Notavelmente, embora Wells tivesse reconhecido publicamente a sua dívida para com Soddy no livro citado, nenhuma referência adequada a um assunto tão importante aparece em sua autobiografia de 1934. Soddy, cujo estágio mais significativo no estudo da desintegração de elementos radiativos ocorreu quando trabalhava com Ernest Rutherford na Universidade McGill de Montreal, está entre os primeiros que se sabe terem proposto a viabilidade e o potencial do armamento nuclear, no período 1908-1914. Depois que Soddy recebeu o seu Prêmio Nobel de Química, em 1921, as suas conferências de 1908, nas quais Wells tinha se baseado bastante para a sua proposta de 1914 para um equilíbrio nuclear de poder, foram publicadas em livro. Vide Frederick Soddy, *The Interpretation of Radium and the Structure of the Atom*, New York, G.P Putnam & Sons, 1922.
 19. Bertrand Russell, “The Atomic Bomb and the Prevention of War”, *The Bulletin of the Atomic Scientists*, nos. 5 & 6, 1/9/1946. Vide também H.G. Wells, *The Open*

específico aqui é o papel crucial que a doutrina de equilíbrio de poder nuclear tem tido ao impor os dogmas utópicos e neomalthusianos que, cada vez mais, têm dominado, arruinado e continuam a ameaçar a tomada de decisões da economia mundial, durante as últimas três décadas.

Por isso, H.G. Wells não foi apenas o primeiro propagandista do argumento do “equilíbrio de poder nuclear”: ele estava também entre as figuras-chaves que elaboraram o que se tornou a contracultura das massas jovens que, como a mitológica Circe, se apoderou das mentes e corpos da maioria da geração de estudantes universitários de 1964-72. Como mero laçao, ele desempenhou um papel vital para introduzir o processo de autodestruição, que, por sua vez, enviou toda a civilização européia moderna para a sua atual desintegração financeira.

Para entender Wells, a sua escolha por seus padrões aristocráticos e o impacto que teve neste século, precisamos começar pelo ano de 1901, o ano em que o presidente McKinley foi assassinado por uma organização terrorista internacional da época, com sede em Londres; o ano em que foi publicado²⁰ o manifesto utópico de Wells, “Antecipações”, francamente neomalthusiano, como ele mesmo insistiu neste termo²¹. Este livro foi uma parte importante da atividade que trouxe Wells, o admirador de Thomas Huxley, para a Sociedade Fabiana e para a confraria gastronômica

Conspiração: Blueprint for a World Revolution (A Conspiração Aberta: Planos para uma Revolução Mundial), London, Victor Gollancz, 1928. Este manifesto de Wells se tornou um plano para estabelecer a cultura mística e sintética atualmente conhecida com os nomes de “pós-modernismo” e “Nova Era”. Russell endossou publicamente este esquema utópico de Wells e nunca mais se desvinculou deste compromisso. Durante e após a Segunda Guerra Mundial, instituições de dentro e de fora dos EUA inundaram os centros acadêmicos estadunidenses de planejamento estratégico com dogmas da “Nova Era”. Estes, inclusive o culto da “teoria da informação” de Norbert Wiener e a “análise de sistemas” de John von Neumann, foram todos dominados pelas redes combinadas e associadas com a organização continuada e anterior do manifesto da “Conspiração Aberta” de Wells. A engambelamento psicossocial da “guerra mental” do período da Guerra Fria de 1952-72 tornou-se, assim como as publicações e cultos da chamada “ficção científica”, um campo fértil para tais tipos exóticos. Na década de 1970 e depois, as figuras dominantes na pseudo-ciência, nas religiões e projetos semelhantes da “Nova Era” estavam intimamente associadas com Russell ou Wells, como Gregory Bateson da Fundação Josiah Macy Jr. e sua então esposa, a antropóloga Margaret Mead, ou ligadas com a Clínica/Instituto Tavistock de Londres, do brigadeiro Dr. John Rawling Rees e do Dr. Eric Trist. Foi por intermédio destes canais de influência que se desenvolveu o instrumental de lavagem cerebral maciça das populações estudantis universitárias do período 1964-72.

20. Op. cit. Wells se refere evasivamente às *Antecipações* como um livro de “1900”, em vez da data de publicação do livro.

21. Wells, op. cit., p. 399.

dos “Coeficientes”, onde ele se tornou uma espécie de “Josef Goebbels” prematuro para os empreendimentos imperiais de lordes Alfred Milner²².

Sobre esses assuntos, os trabalhos de Wells se caracterizam por uma lembrança vívida do que ele considera o fato central do seu mundo: que ele existe nele, cercado por celebridades cuja amizade usa como plumagem literária. Mesmo figuras mundiais, como os não-britânicos Theodore Roosevelt, V.I. Lênin, Josef Stálin, Franklin Roosevelt e outros, aparecem na obra desse irascível Rumpelstiltskin²³ como se fossem meramente seus predicados. Assim, em seus escritos, o mundo mais vasto em que ele se situa está em geral fora de foco, embaçado. Em sua própria cabeça, esse “lobo das estepes”²⁴ britânico estava menos no mundo do que diante dele, se exibindo pomposamente sobre o palco.

Contudo, fora da realidade virtual em que ele descreve a sua fantasiosa vida erótica, existia um mundo muito real e uma situação muito real, um mundo em que exercia uma influência muito real. Este mundo real era, principalmente, o do ódio contra o adversário tradicional da monarquia britânica, a existência contínua dos Estados Unidos de Benjamin Franklin e Abraham Lincoln. Estes eram os EUA que ele e seus padrões temiam e odiavam amargamente, até mais do que odiavam os aliados dos EUA no final do século 19, o Japão, a Alemanha, a Rússia e a França de Thiers, do presidente Sadi Carnot e do historiador-diplomata Gabriel Hanotaux. Sem esta situação essencial dominante do mundo em que vivia Wells, o Wells da primeira metade do século 20 não poderia ter existido.

Sigamos o laçao Sancho Pança (Wells) e o aristocrático Dom Quixote (Russell) a partir do ponto inicial de sua jornada, o ódio contra os Estados Unidos, até a sua escolha das armas para destruir a nossa república. Há três temas de trabalho utópicos e interdependentes, centrais para toda a atividade propagandista desenvolvida entre 1901-39 por H.G. Wells e pela escola estadunidense de Gernsback-Campbell, da “ficção científica” barata e radicalmente positivista inspirada por Wells²⁵:

-
22. Wells, *An Experiment in Autobiography*, pp. 643-707.
 23. Personagem da história dos irmãos Grimm que se auto-destrói de fúria por não conseguir os seus intentos malignos (N.T.).
 24. Do romance homônimo de Hermann Hesse, *O lobo das estepes* (N.T.).
 25. Considere-se, por exemplo, a fórmula subjacente aos roteiros da série de TV *Jornada nas Estrelas*. O sumo sacerdote “Spock”, ostensivamente uma “inteligência artificial” criada pelo maluco Marvin Minsky do MIT, representa o positivismo lógico do culto de Campbell. “A Federação”, o governo mundial. Uma “Diretriz Primária”, copiada da cabala do neomalthusianismo. A religiosidade, pura perversão polimorfa copiada das

1) armas nucleares; 2) governo mundial; e 3) neomalthusianismo masturbatório. Encontramos, assim, a ponte entre o Wells de 1901-28 e os *baby-boomers*²⁶ de cérebros “lavados” dos *campi* universitários, de 1964-72. Para entendermos o ímpeto da “Conspiração Aberta” de Wells, consideremos a característica dos EUA que representava o foco do seu medo e do seu ódio satânico.

A revolução de Abraham Lincoln

Desde 1863, o que a oligarquia britânica dominante, também tradicionalmente chamada de “Partido Veneziano”, teme e odeia mais do que qualquer outra coisa tem sido o poder relativamente temível que a economia dos Estados Unidos veio a representar durante o período 1861-76²⁷. Os fatos dessa história foram amplamente documentados em livros e ensaios publicados por este autor e seus associados por mais de um quarto de século. Para os nossos presentes propósitos, o essencial do assunto, no que concerne aos papéis de Wells e Russel, está razoavelmente resumido no que se segue.

Até as intervenções de 1862-63 do czar russo Alexandre II, a monarquia britânica de lorde Palmerston e lorde Russell, avô de Bertrand Russell, estava inteiramente dedicada a destruir os Estados Unidos. Como foi estabelecido pela própria confissão do agente britânico August Belmont, a intenção de Londres ao mobilizar o seu títere, os Estados Confederados da América, era forçar o governo de Washington a aceitar a soberania do marionete confederado britânico, criando assim uma situação na qual Londres poderia dividir o continente norte-americano num conjunto balcanizado de tiranias locais em luta perpétua, de acordo com o mesmo “equilíbrio de poder” ilógico proposto para a Ásia Central pelo dúbio Zbigniew “Tweedledum”²⁸ Brzezinski²⁹. Quando, apesar da

páginas de *As Variedades da Experiência Religiosa*, de William James, e de *O Ramo Dourado*, de George Frazer.

26. Geração nascida após o aumento da taxa de nascimentos (*baby boom*) no pós-guerra de 1945 (N.T.).
27. Sobre o uso do “Partido Veneziano”, ver H. Graham Lowry, *How the Nation was Won* (Washington, D.C.: Executive Intelligence Review, 1987). Sobre o desenvolvimento da economia dos EUA com Carey-Lincoln, em 1861-76, ver Anton Chaitkin, “The Land-Bridge: Henry Carey’s Global Development Program”, *Executive Intelligence Review*, 2/5/1997.
28. Referência ao personagem Tweedledum, do livro *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll (N.T.).

cumplicidade do associado de Belmont, McClellan, a Confederação pró-britânica falhou em resolver a questão rapidamente do jeito que Londres queria, Palmerston, Russell e a marionete de Palmerston, o imperador Napoleão III, se prepararam para usar as forças navais combinadas da Grã-Bretanha, França e Espanha contra o México e contra o bloqueio dos portos confederados pela União. Quando o czar não só ameaçou “guerrear por toda Europa” se a Grã-Bretanha usasse sua força naval contra os EUA, mas também despachou duas forças navais russas para ajudar os EUA em caso de intervenção naval britânica na Guerra Civil, o plano de Palmerston e Napoleão III para destruir os EUA foi abolido em favor de outras alternativas de longo prazo.

Durante esse período, o aspecto crucial da estratégia de Lincoln foi o rápido desenvolvimento da infra-estrutura econômica básica e do potencial agro-industrial da região sob seu comando. Lincoln travou, do seu lado, o que o grande militar alemão Alfred von Schlieffen chamava a “guerra de aniquilação”, em contraste com o modelo predominante no século 18, de “guerra de gabinete”, que generais como Robert E. Lee e McClellan propunham por seu turno. A vitória nas batalhas era necessária, mas não decisiva em si mesma. Decisivo era o aumento da capacidade de aniquilação que um lado estava desenvolvendo em profundidade, com relação à destruição da capacidade fundamental das forças inimigas. No fim, foi a “bigorna” Grant, o “martelo” Sherman e Sheridan que representaram a expressão da estratégia de Lincoln nessa questão.

Esse modo de guerrear, destinado a aniquilar a capacidade econômico-militar do adversário para usar continuamente as suas capacidades de luta, foi introduzido nos Estados Unidos, aproximadamente a partir de 1814, pelos círculos franceses de Lazare Carnot, o célebre “Organizador da Vitória” de 1792-94, e do ex-professor e aliado de Carnot, Gaspard Monge, da Escola Politécnica. Carnot é o fundador da ciência da guerra moderna, uma forma de luta na qual ele introduziu métodos de projeto de máquinas-ferramentas na logística e tecnologia da guerra. Isso foi adotado na Academia de West Point sob o comando do comandante Sylvanus Thayer, fundador da arma de engenheiros militares, que se tornou o embrião da posterior superioridade militar dos EUA e representou uma peça essencial na construção do “milagre econômico” de Carey-Lincoln entre 1861-76.

29. Lyndon H. LaRouche Jr., “Tweedledum Goofs Again”, *Executive Intelligence Review*, 5/12/1997.

Sob a orientação do economista Henry C. Carey, o período de 1861-76 presenciou o rápido desenvolvimento da economia dos EUA, transformando-a não apenas na mais poderosa do mundo, mas de longe a mais avançada tecnologicamente. Isto resultou na adoção bem sucedida do modelo Carey-Lincoln pela Restauração Meiji do Japão e em mudanças radicais nas políticas econômicas de Bismarck, tornando a Alemanha a economia ascendente da Europa. Benefícios similares da revolução americana na sociedade industrial foram estendidos à Rússia pelo aliado dos EUA, o czar Alexandre II, D.I. Mendeleiev e o conde Sergei Witte. A ajuda ao progresso tecnológico russo veio tanto diretamente dos EUA quanto por intermédio da cooperação EUA-Rússia-Alemanha.

Entrementes, com a queda do agente britânico Napoleão III, a França sob Adolphe Thiers, Sadi Carnot e outros havia deixado de ser o “inimigo número dois” dos EUA e se engajara na cooperação com os grandes projetos desenvolvimentistas de construção de ferrovias e pontes na Eurásia. Até que franceses corruptos, agentes de Londres, conseguiram uma capitulação diante de lorde Kitchener, no incidente de Fashoda, Sudão, em 1898, a França foi efetivamente uma parceira dos grandes projetos nacionais que os EUA vitoriosos de Lincoln inspiravam na Eurásia. Até as contramedidas diplomáticas dirigidas pelos britânicos no período 1894-1901, a combinação dos laços dos EUA com o Japão e as forças nacionalistas da China completaram o esforço de patriotas estadunidenses em gerar a cooperação econômica com a Eurásia entre a França, Alemanha, Rússia, China e Japão.

A partir do sucesso de Paul Barras em derrubar o herói de guerra Lazare Carnot de todas posições de poder político na França e até os êxitos iniciais dos bloqueios navais do Presidente Lincoln durante a Guerra Civil americana, Londres estava garantida de que o perigo estratégico potencial de uma existência continuada dos Estados Unidos era uma ameaça contornável. Os acontecimentos de 1861-76 quase obliteraram a autoconfiança estratégica britânica a este respeito. Tais eventos demonstraram às nações daquele tempo a absoluta e vasta superioridade do Sistema Americano de economia política, de Leibniz-Franklin-Hamilton-Carey-List, sobre o principal produto de exportação intelectual britânico às suas vítimas escolhidas, o modelo de “livre comércio”. A disseminação do “modelo americano” de Henry C. Carey no Japão, Alemanha, Rússia e China nacionalista transformou a ameaça à monarquia britânica, de potencialmente grave em um desafio imediato à continuidade da existência do principal, permanente e tradicional adversário estrangeiro à nossa república, desde 1714 até hoje em dia.

No final do século, quando Wells começou a sair da obscuridade, o Sistema Americano já havia demonstrado uma grande resiliência contra a pior traição e as aflições externas que tinha sofrido desde aquela época. A eleição de um patriota na tradição de Lincoln-Carey, o presidente William McKinley, ameaçava desfazer a traição perpetrada pela cria confederada Grover Cleveland; os EUA, liderados por McKinley, representavam um desafio ativo à continuidade da existência do Império Britânico. Um novo imperador japonês, mas amigo da Grã-Bretanha, dirigiu a primeira Guerra Sino-Japonesa, de 1894, um rompimento direto com o seu antigo aliado estadunidense. A guerra dos EUA contra o Japão, de 1941-45, foi uma conseqüência direta da aliança prolongada do Japão, nas primeiras décadas do século 20, com a Grã-Bretanha contra os interesses americanos. O perigo grave e imediato ao Império Britânico foi eliminado pelas duas décadas seguintes com o assassinato do presidente McKinley. O bem sucedido emprego de funcionários franceses traidores recrutados entre as fileiras de franceses “revanchistas” pelo rei Eduardo VII possibilitou a Londres jogar a França e Rússia contra a Alemanha, bem como empregar agentes maçônicos franceses e britânicos combinados para orquestrar a Guerra dos Bálcãs, manipulada para deflagrar a Primeira Guerra Mundial.

As expressões de ódio de Russell contra os Estados Unidos, assim como as suas ameaças genocidas contra as “raças mais prolíficas” de cor mais escura³⁰, se situam além dos limites do tolerável; para ele, o homem seria um animal sem consciência. Contudo, nem mesmo as cantilenas

30. Bertrand Russell, *The Prospects of Industrial Civilization*, London, George Allen & Unwin, 1923, p. 273 (edição brasileira: *As perspectivas da civilização industrial*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979): “O socialismo, especialmente o socialismo internacional, só é possível enquanto sistema estável se a população for estacionária, ou quase. Um aumento lento poderia ser enfrentado com melhorias em métodos agrícolas, mas uma rápida mudança acaba no fim reduzindo a população toda à penúria... a população branca mundial logo parará de aumentar. As raças asiáticas ainda vão demorar, e as negras mais ainda, antes que a sua taxa de natalidade caia suficientemente para tornar seus números estáveis sem ajuda da guerra ou pestes... Até que isso aconteça, os benefícios almejados pelo socialismo só podem ser parcialmente alcançados, e as raças menos prolíficas terão de se defender contra as mais prolíficas com métodos que são horríveis, ainda que necessários”. Como citado por Carol White em *The New Dark Ages Conspiracy*, New York, New Benjamin Franklin House, 1980, pp.74-75. Este último livro, escrito por Carol White e outros, foi baseado no esboço elaborado pelo autor, em 1978, sobre tópicos essenciais de um texto proposto para desbançar a imagem mítica de Bertrand Russell como um velho e bondoso pacifista. Nele, inclui-se o resultado de extensas pesquisas sobre as redes de Russell, começando com o próprio estudo feito pelo autor sobre os seus trabalhos matemáticos e filosóficos na década de 1950 e o do

anti-EUA de Russell alcançam a virulência e perversão do ódio expresso por Wells contra qualquer coisa estadunidense. Somente um laiaio rasteiro como Wells poderia proferir tais demonstrações públicas de ódio obsessivo contra os adversários do patrão. Às vezes, como nos mostram os romances policiais britânicos, o governante da mansão real, o mordomo geralmente um brutamontes “israelita britânico”, se sai melhor como assassino do que a típica versão britânica de Oblomov³¹, o patrão bem certinho do mordomo. Depois da morte de Wells, Russell resumiu a sua própria visão e a de Wells nos seguintes termos: “(...) tempos ruins, pode-se dizer, são excepcionais e só podem ser enfrentados com métodos excepcionais. Isto tem sido mais ou menos verdadeiro durante o período da lua-de-mel do industrialismo, mas não continuará verdadeiro a menos que o aumento da população possa ser enormemente diminuído...A guerra, até hoje, não tem tido um efeito muito grande nesse aumento, que continuou mesmo com as guerras mundiais...A guerra...até agora, tem desapontado a este respeito...mas, talvez, a guerra bacteriológica possa se mostrar mais eficiente. Se uma Peste Negra pudesse se espalhar pelo mundo uma vez em cada geração, os sobreviventes poderiam procriar livremente sem encher demais o mundo...O estado dos negócios poderia ser um pouco desagradável, mas e daí? As pessoas de mente realmente elevada são indiferentes à felicidade, especialmente a dos outros...”³²

A distinção e convergência entre o patrão implícito (Russell) e o criado (Wells) estão representadas de forma compacta no desabafo autobiográfico de Russell: “Quanto à vida pública, quando me tornei politicamente consciente pela primeira vez, (William E.) Gladstone³³ e (Benjamin) Disraeli³⁴ ainda se enfrentavam em meio à solidez vitoriana, o Império Britânico parecia eterno, uma ameaça à supremacia naval

autor e seus associados na Europa e América do Norte, desde o início da década de 70. Extratos desta pesquisa foram introduzidos aqui, pois têm a ver com o assunto mais estreito do presente Estudo.

31. Anti-herói do romance homônimo de Gontcharov, personificando a indecisão da pequena nobreza russa do século 19.
32. Cf. Carol White, *op. cit.*, extraído de Bertrand Russell, *The Impact of Science on Society*, New York, Simon & Schuster, 1953, pp. 102-104.
33. Proeminente conservador britânico, tornou-se líder do Partido Liberal, foi primeiro-ministro, famoso por seus esforços sem sucesso em prol do movimento irlandês de autonomia.
34. Escritor britânico e conservador arqui-imperialista, foi primeiro-ministro por pouco tempo em 1868 e, novamente, de 1874-80. Notório por seu papel em transformar a viúva matusquela, rainha Vitória, em imperatriz da Índia. Durante o mandato de Gladstone, Disraeli foi consistentemente o mais feroz arauto da oposição.

britânica era inimaginável, o país era aristocrata e cada vez mais rico... Para um velho ³⁵, com tal formação, é difícil se sentir à vontade num mundo de... supremacia estadunidense. ³⁶”

Russell falava no contexto britânico de ódio permanente de Churchill pelo presidente dos EUA Franklin Roosevelt, o qual, se não fosse por sua morte prematura, teria rapidamente livrado este planeta de todos impérios coloniais e também da exportação britânica permanente de seu engodo pernicioso, teologicamente um satanismo ³⁷ implícito, do “livre comércio” para nações estrangeiras, suas vítimas escolhidas.

O papel do “Partido Veneziano”

Como enfatizado anteriormente em diversas citações relevantes, desde as sessões de 1439-40 do grande e ecumênico Concílio de Florença e desde o estabelecimento subsequente da França de Luís XI como a primeira forma moderna de Estado nacional de caráter republicano, a questão central por trás de todas guerras importantes e os conflitos políticos, sociais e filosóficos correlatos, dentro da civilização europeia moderna ampliada, tem sido o conflito entre a noção de igualdade de todas as pessoas, como expressa na imagem cognitiva de Deus, contra a política das classes oligárquicas então centralizadas no papel imperial de Veneza, enquanto potência marítima e financeira dominante na região mediterrânea e norte da Europa ³⁸. O caso de Russell, Wells e outros não é uma exceção a esta regra. A Guerra Civil entre os Estados Unidos do

35. Bertrand Russell, hereditariamente o terceiro conde, nasceu em 1872 e morreu em 1970; daí a referência a “velho”.

36. Carol White, *op. cit.*, p. 77.

37. A origem imediata das doutrinas britânicas de “livre comércio” incluem o livro de Bernard Mandeville (1714), *A fábula das abelhas, ou vícios privados, benefícios públicos*. Ver H. Graham Lowry, *op. cit.*, passim. Sobre a noção de “livre comércio” de Mandeville, ver Lyndon H. LaRouche Jr., “Whose God does Pat Robertson Serve?”, *Executive Intelligence Review*, 14/11/1997, passim. A base ideológica mais significativa, tanto para o *laissez-faire* do herdeiro da Fronda feudal-reacionária, François Quesnay, quanto para o plagiador de Quesnay, Adam Smith, é o culto bogomilo neomaniqueísta, os inventores da camisinha e mais popularmente conhecidos como “os chatos”, que se alojaram em duas regiões da França, as montanhas do Sudoeste e ao longo do Ródano, do lago de Genebra até o Mediterrâneo. O argumento usual em favor do “livre comércio”, até os representantes modernos da Sociedade Monte Pèlerin e os círculos de Pat Robertson, Jerry Falwell e Mark deMoss, é uma cópia direta do argumento dos bogomilos sobre os sinais de escolha dos membros “eleitos” do culto.

38. Cf. “Tweedledum Goofs Again”.

presidente Abraham Lincoln e o estado-títere britânico conhecido como Confederação é uma expressão perfeita desta questão.

Como enfatizado em outros escritos, a qualidade excepcional e superior do projeto apresentado na Declaração da Independência dos EUA, de 1776, e na Constituição Federal de 1787-1789, é um reflexo da circunstância histórica de que a Europa pós-Liga de Cambrai continua, até hoje, sendo caracteristicamente uma forma corrompida de Estado nacional. Nesta forma, uma das duas classes dominantes da sociedade feudal, uma oligarquia financeira do que tem sido chamado, desde o século 17, de “Partido Veneziano”, “oligarquia anglo-holandesa” e, mais recentemente, “Clube das Ilhas”, “Fundo Mundial para a Natureza (WWF)” etc., tem geralmente ocupado as posições de máxima autoridade sobre os governos e economias nacionais. Embora os EUA tenham sido contaminados com esporos dessa matéria decomposta oligárquica, com os nossos traficantes de ópio da Nova Inglaterra, os nossos banqueiros de Nova York e os nossos escravocratas sulistas, o nosso princípio constitucional era de tal superioridade moral em relação a qualquer outro Estado nacional estabelecido nos tempos modernos, que conseguimos até agora emergir, cedo ou tarde, renascidos de cada período prolongado de corrupção pela influência das nossas próprias classes oligárquicas domésticas³⁹. Deste ponto de vista, não fomos uma exceção às melhores correntes de dentro da Itália, França, Alemanha e outros países. Os níveis mais elevados foram atingidos por admiradores da nossa luta republicana e de língua alemã, como Friedrich Schiller e Ludwig van Beethoven. Na verdade, exatamente, essas melhores correntes daqueles países forneceram a maioria do núcleo fundador de nossa cidadania. A diferença é que usamos a nossa distância da Europa como vantagem constitucional, tornando-nos assim a primeira forma de Estado nacional moderno a ganhar a liberdade de ser fundado com base num princípio moral consistente. Isto, e somente isto, representa a nossa superioridade excepcional como forma de Estado nacional. Esta é a única razão para a persistência renitente do papel permanente da monarquia britânica, desde 1714, como o principal e mortal adversário de nossa república. O fato é que, como muitos estadunidenses tolos demonstram, a oligarquia britânica nos vê com inimizade ainda maior e mais consistente do que os patriotas estadunidenses, inclusive este autor, vêm a monarquia britânica.

Isso não sugere que a monarquia dos Habsburgos do príncipe

39. Essa tese, a respeito da Europa pós-Liga de Cambrai (ou seja, após 1610), está desenvolvida em diversos escritos, inclusive em “Tweedledum Goofs Again”, referido acima.

Clement Metternich fosse menos fervorosamente inimiga dos Estados Unidos do que a Grã-Bretanha de Bentham, Castlereagh, Canning e Palmerston. Provavelmente, deixando de lado um número significativo de exceções mais felizes, como o marquês de Lafayette, o imperador José II e o aluno de Beethoven, arquiduque Rodolfo, a aristocracia fundiária européia continental, considerada como classe, foi melhor representada pela polícia secreta dos chanceleres austríacos como Wenzel von Kaunitz e Metternich, o proxeneta oficial do Congresso (sexual) de Viena, de 1814 ⁴⁰. Esta classe era em geral mais embrutecida do que os britânicos. A diferença é que a aristocracia rural das regiões do Sul da Europa e dos EUA era uma espécie em extinção, um grande contratempo para a segurança dos Estados Unidos durante a primeira metade do século 19, pouco potente a longo prazo, mesmo então.

Como este autor tem enfatizado reiteradamente, a diferença entre os patriotas estadunidenses na tradição de Franklin e Lincoln e as classes dirigentes britânicas e seus lacaios, nada mais é do que uma diferença inconciliável a respeito dos conceitos de Deus, homem e natureza ⁴¹. O racismo sórdido, hitleriano de Russell, expresso em propostas de genocídio, ou a ser realizado com recurso a meios que ele próprio chamava de métodos malthusianos “horrríveis”, incluindo a guerra bacteriológica, expressa este abismo moral intransponível entre as nossas respectivas formas de governo.

Para fazer um resumo necessário de nossa argumentação a esse respeito tão breve quanto possível, o leitor deve consultar as histórias encantadoras de Jonathan Swift n’*As viagens de Gulliver*, de 1726. É

-
40. A polícia secreta (*Geheimpolizei*) austro-húngara, que dirigiu operações políticas contra pessoas como Wolfgang Mozart e Ludwig van Beethoven, era notoriamente mais afinada com o concílio de príncipes do Sacro Império Romano, dominado por Veneza, do que com a casa real de Habsburgo. Em geral, o chanceler era mais íntimo daquele corpo de príncipes do que seu imperador. Assim, os alvos de assassinato político sob von Kaunitz tendiam a ser os círculos associados com o falecido imperador José II, como Mozart e seus amigos. O escândalo em torno de Anton Schindler e os livros de conversação expôs o fato que Beethoven, apesar de sua associação íntima com a família imperial, também foi seguido pela *Geheimpolizei* de Metternich. A designação de “proxeneta” a Metternich é historicamente precisa. Metternich e sua *Geheimpolizei* conduziram o Congresso de Viena principalmente nos leitos, onde o lazer das celebrações presentes com condessas e camponesas escolhidas foi organizado por Metternich e a qualidade do entretenimento proporcionado foi cuidadosamente supervisionada e documentada pela polícia secreta.
41. P. ex., Lyndon H. LaRouche Jr., “What Economics Must Measure”, *Executive Intelligence Review*, 28/11/1997.

preciso deixar de lado o preconceito de que tratam meramente de histórias infantis. São, principalmente, sátiras políticas sobre a condição das Ilhas Britânicas no reinado de Jorge I. A mais relevante delas é a história da visita do fictício Lemuel Gulliver ao reino dos Houyhnhnms, no qual descendentes de cavalos nobres reinavam sobre humanóides bitolados chamados Yahoos, que se tornaram privados de moral e da fala ⁴²: um quadro fiel dos aristocratas e classes inferiores das Ilhas Britânicas daquele tempo. É importante ressaltar que esta é também uma boa sátira da depravação do século 18, à qual retornou a população britânica desde a deflagração das pestilências conhecidas como governos de Harold Wilson e Margareth Thatcher.

A principal expressão prática da questão subjacente à incurável hostilidade entre os patriotas dos EUA e a atual oligarquia britânica é representada pelos temas interrelacionados da educação popular, emprego popular e padrão físico do padrão popular de renda doméstica. Em resumo: se cada homem e mulher foram feitos igualmente à imagem de Deus, em virtude dos potenciais cognitivos soberanos da mente individual, por meio dos quais o homem aumenta o poder da nossa espécie sobre a natureza, por intermédio de novas e validadas descobertas de princípios físicos, então, a educação, o emprego e as condições de vida da família e da comunidade devem ser correspondentemente ordenadas.

Numa sociedade dessas, assim definida pela nossa leibniziana Declaração da Independência de 1776 e o Preâmbulo da nossa Constituição Federal de 1789, não pode haver classes sociais superiores, nem qualquer instituição por meio da qual qualquer forma de usura – usura financeira ou escravidão – seja permitida como meio para que um grupo de pessoas possa subjugar ou de alguma forma espoliar um outro. Cada personalidade recém-nascida precisa ser cultivada ao máximo grau possível no desenvolvimento dos poderes cognitivos que definem cada uma delas como constituída à imagem de Deus. A cada uma delas devem ser proporcionadas, na medida do possível, as oportunidades de emprego útil que sejam consistentes com tais poderes cognitivos desenvolvidos. Cada família e comunidade dentro da sociedade precisa ter as oportunidades que sejam consistentes com estes requisitos.

Tampouco, podemos desejar esse estado de coisas naturalmente ordenado somente para a nossa nação. Não podemos nos contentar com

42. Nos EUA de hoje o “yahoo” é mais facilmente reconhecido pelo grito de confraternização da tradição confederada querida de Nashville, os Agrários do Tennessee.

isto, a menos que trabalhemos para garantir os mesmos direitos para toda a Humanidade, para todas as nações.

Nesses dois pontos, despedimo-nos do nosso inimigo mais tradicional, a oligarquia financeira britânica à moda veneziana e seu instrumento representativo, a monarquia imperial.

Com freqüência, coloca-se então a questão: “não podemos persuadir infelizes como o pobre lacaio H.G. Wells de que desejamos o melhor no interesse dos indivíduos humanos?” “Os britânicos não podem entender que o que mais desejamos para eles é que possam desfrutar a mesma pré-condição de felicidade que defendemos para a nossa própria nação?” Por que não? Talvez, um infeliz como Bertrand Russell pertença à classe criminoso que lealmente seus títulos e sua aparência definem, mas o que dizer do pobre cidadão britânico comum, ou alguém de circunstâncias desprezíveis: por que ele ou ela não poderiam ver a sabedoria de abandonar a política há muito estabelecida de sua nação, de destruir as liberdades de seu próprio povo?

Com essas perguntas, toca-se na existência de um princípio do mal, como o que mantinha o pobre soldado confederado quase numa condição de escravidão e analfabetismo equivalente à dos próprios escravos afro-americanos. Por que deveria ele lutar pela causa de seu verdadeiro opressor? Como pode existir um desgraçado como o lacaio H.G. Wells? Este responderia assim: “Eros!” O amigo de William Shakespeare, Christopher Marlowe, escreveu elegantemente sobre isto no seu *Dr. Fausto*. O Satã de John Milton, como Bertrand Russell, preferia reinar no inferno do que servir no céu. Wells, como Adolf Hitler, outro da mesma laia, preferia ser o lacaio de Satã no inferno do que ser um cidadão no céu. Em ambos os casos, Russell e Wells tiveram sucesso. Eles não serão trazidos de volta, nem provavelmente ninguém desta laia. Eles foram destruídos pela cultura da qual são parte.

Isso deveria ser um lembrete para os que relutam em abandonar os trejeitos adquiridos na contracultura da juventude de 1964-72. A História é constituída de forma que as culturas ruins tendem a se eliminar, ou pelo menos se enfraquecer bastante. Embora fossem necessários vários milhares de anos para esmagar a cultura semita degradada que se desenvolveu na Mesopotâmia, quando o golpe crucial foi finalmente desferido por Alexandre Magno, o caminho estava aberto para o papel que o cristianismo começou a desempenhar apenas três séculos depois. A arqueologia e os estudos correlatos nos avisam que é pelo enfraquecimento de uma cultura ruim - que, caso contrário seria um obstáculo para o aperfeiçoamento humano - que a Humanidade tem

progredido. Assim, se não nos livrarmos voluntariamente de uma cultura ruim, como esta da contracultura de 1964-72, que levou a Civilização para o atual colapso sistêmico, aquela geração, que agora ocupa posições de poder, bem como seus filhos e netos, pagarão o preço horrendo sofrido por qualquer cultura cujo virtual extermínio seja um pré-requisito para o avanço do progresso humano. Da mesma maneira, se permitirmos que a causa britânica, representada por Wells, Russell e outros, continue a dominar o curso da História atual, nós e a nossa posteridade seremos logo destruídos, na medida em que os níveis de população global forem reduzidos por meio dos “quatro cavaleiros do Apocalipse”, até um nível não superior a algumas centenas de milhões de pessoas, vigente na Europa do século 15.

A questão central de todo conhecimento humano até hoje é a questão essencial que leva todo patriota dos EUA a reconhecer o sistema oligárquico britânico como o primeiro, permanente e principal adversário de nossa república; é a do estabelecimento de uma forma de sociedade consistente com o potencial cognitivo inato de todos os indivíduos humanos. O problema é eliminar todas as expressões de sociedade hierarquizada, na qual os que estão por baixo servem virtualmente como gado humano para o nobre ou financista que está por cima.

O que move um Russell não é tanto o desejo de explorar, mas o de ter o status de explorador. O que move um Wells ou um Henry Kissinger é, da mesma forma, a paixão de ser um lacaios, em vez de viver em um mundo onde os lacaios não gozem dos privilégios que acompanham o patrocínio de uma oligarquia. Há, como o atestam os casos dos apelos sexuais públicos de Russell e Wells, algo de freudiano ou similar em degradação, nas motivações primárias deste tipo desprezível de inglês – e outros como eles. De fato, toda a história do empiricismo é uma história de erotismo degradado. Não simplesmente de hábitos sexuais exóticos, conquanto estes abundem, mas eróticos no sentido mais inclusivo de colocar a experiência sensória-perceptiva de dor-prazer intensos no nível mais alto de paixão motivante. Um caso exemplar é a condição de estupro homossexual na sujeição do escravo pelo patrão. Não somos governados pelos nossos interesses objetivos, mas pelas nossas motivações S e paixões⁴³. A citação da queixa de Russell, de que “é difícil sentir-se à

43. Ver Helga Zepp LaRouche, “How Aesthetical Education Determines the Moral Character”, *The New Federalist*, 15/9/1997; palestra proferida na reunião semestral do Instituto Schiller, em Reston, EUA, no outono de 1997. Friedrich Schiller, ao inovar em 1793 o que se tornou a filosofia das reformas educacionais clássico-humanistas

vontade num mundo de supremacia estadunidense” resume bem o assunto. O tipo de sociedade republicana representada pelos EUA em seus melhores momentos é um tipo de sociedade na qual um Russell perde o seu desejo de viver. Então, ele precisa destruir esse tipo de sociedade. É um motivo bem simples. Wells deseja ser um mordomo de Russell; um mundo sem Russells, Milners e outros é um mundo que não traz prazer a Wells, um mundo no qual ele não gostaria de viver. Ele também precisa destruir este tipo de sociedade.

O fascínio macabro da oligarquia britânica pela persistência da Revolução Americana a impeliu a olhar mais detidamente para este fenômeno. Em vez de, simplesmente, tentar esmagar a existência dos Estados Unidos, ela pensou em extirpar a muda, destruir a semente e salgar os campos, de modo que este planeta pudesse estar “imunizado” contra um novo crescimento desta planta indesejada, de uma vez por todas. Para conseguir isto, a Grã-Bretanha precisa eliminar a existência das instituições das quais depende a existência da civilização européia moderna. Precisa voltar o relógio da História, correspondentemente. Precisa eliminar o Estado nacional, retornar a uma espécie de *Pax Romana* global, ou a um “governo mundial” que se aproxime disto. Precisa erradicar as formas econômicas que dependem do desenvolvimento dos processos cognitivos da população geral. Precisa criar um mundo governado pelos descendentes de cavalos mostrados na sátira de Swift, um mundo no qual as massas analfabetas sejam distraídas, como proposto por Wells ⁴⁴ e pelo lorde William Rees-Mogg, unindo-se em moitas e valas, quando não estejam completamente ocupadas com tarefas serviços do tipo que virtualmente um animal poderia fazer ⁴⁵. Assim, os antigos

alemãs, de seu amigo e seguidor Wilhelm von Humboldt, enfatizou que a degeneração da Revolução Francesa de 1789 no terror jacobino refletia uma derrota moral da população francesa. Este perigo, prevenia, precisa ser remediado reconhecendo o papel vital das formas clássicas de composição artística na educação moral das paixões populares. Assim, hoje em dia, a quase destruição da cultura artística clássica na população dos EUA e sua substituição pelas expressões mais degradadas dos deleites dionisíacos é a principal ameaça à segurança interna e existência permanente da nossa república.

44. Lá pelo fim do ano acadêmico de 1939-40, o conde Bertrand Russell foi convidado a ser professor da Faculdade Municipal de Nova York. Uma mulher cuja filha freqüentou a faculdade deu queixa contra a Prefeitura de Nova York, alegando que a contratação de Russell seria perigosa para a virtude de sua filha. O advogado da queixosa considerou os trabalhos de Russell como “luxuosos, libidinosos, venéreos, erotomaníacos, afrodisíacos, irreverentes, estreitos, mentirosos e destituídos de fibra moral”. Um juiz municipal julgou a favor da queixosa, contra a contratação do Conde Bertrand Russell para a Faculdade Municipal.

parceiros do legado de Lincoln - França, Alemanha, Rússia, Japão e outros - foram atirados uns às gargantas dos outros na Primeira Guerra Mundial. Não foi suficiente. Algumas nações sobreviveram entre os vencedores! Pior ainda, os odiados EUA! Tentemos novamente, coloquemos Hitler no poder na Alemanha e, logo, teremos outra guerra maravilhosa no continente! Ainda não foi bom - as nações vitoriosas ainda existem. Tentemos as armas de fissão nuclear e aticemos um contra o outro os maiores vitoriosos, os EUA e a URSS. "Conosco estarão os ingleses mandando nos dois lados". Stálin é um problema: como disse Russell, neste período, este é um problema médico que pode ser resolvido adequadamente, para que possamos negociar melhor com os sucessores que pensamos estar esperando na manga do colete. O companheiro de discussões de Russell, Khrushchov, vai cooperar. Deixaremos as potências de joelhos, por puro terror de chegar à beira da guerra nuclear total! Então, elas implorarão pelo governo mundial. Aí, venceremos ⁴⁶. Assim, a partir de 1964, jovens estudantes universitários de cultura cada vez mais duvidosa começaram a imitar os Yahoos no cio da fábula de Swift, nos corredores, porões e moitas dos *campi*. Alguns desafiavam: "O que importa a realidade?" As vozes das moitas retrucavam: "Não entremos nesta!" Podia-se imaginar ouvir Wells gargalhando em sua sepultura: "Em um mundo onde a pressão pelos meios de subsistência era uma condição normal de vida, foi necessário compensar a remoção das barreiras sexuais tradicionais e, assim, a minha defesa em prol de fazer o amor simples e facilmente teve de ser suplementada por uma adesão à propaganda dos neomalthusianos."

45. Ver lorde William Rees-Mogg, no *Times* de Londres, 4/1/1995: "É a elite que conta; no futuro, a Grã-Bretanha deve se concentrar na educação dos 5% superiores, de cujo sucesso tudo depende."

46. No início de 1950, por intermédio de sua apologia da "guerra preventiva" contra a União Soviética e da criação do "governo mundial", Russell declara em sua autobiografia que "(...) eu tinha me tornado tão respeitável aos olhos do *Establishment* que se dizia que eu mereceria a O M (Ordem do Mérito, a maior honraria militar). Isto me deixou muito contente, pois, embora deva confessar que isto surpreenderia muitos ingleses e a maior parte do *Establishment* inglês, sou apaixonadamente inglês e venero uma honraria concedida a mim pelo chefe de meu país. Tive de ir até o Palácio de Buckingham para sua concessão oficial." O conde Russell nota que, durante a investidura, o rei Jorge VI fez comentários favoráveis a seu primo, lorde Portal, que era o único possuidor da ordem de Cavaleiro da Jarreteira e da Ordem do Mérito.

Núcleos e geopolítica

Para se entender a maneira como as imagens associadas aos escritos do laiaio propagandista H.G. Wells, no período 1901-28, poderiam se tornar, como efetivamente se tornaram, as características de crença prevalentes na população estudantil universitária do período de 1964-72, precisamos entender como funciona a moderna civilização européia. Em outras palavras, precisamos identificar os mecanismos por meio dos quais uma população basicamente inocente é soterrada tão sutilmente, ou mesmo abruptamente, sob uma nova mentalidade, de um modo tal que, posteriormente, ela mal se dá conta do fato e pode até negar veementemente que a sua mentalidade tenha sofrido uma alteração induzida com esta finalidade. Em outras palavra, somos obrigados a examinar a História da mesma forma que devemos estudar qualquer ramo da ciência física.

Décadas atrás, este autor, então dedicado à consultoria em vários ramos industriais, ficou impressionado com as implicações de algo que a maioria dos gerentes e administradores de empresas importantes pareciam, à época, simplesmente considerar incontestavelmente como um cruel fato da vida dos negócios. Numa época em que os rudimentos da sociedade industrial bem sucedida eram geralmente bem conhecidos, um dos fatos mais interessantes e importantes a respeito da produção é que era possível prever, mesmo anos antes, uma mudança geral no gosto popular por produtos e seus projetos. Nós, que precisávamos levar em conta o fato das mudanças no gosto do consumidor para tratar dos próprios processos produtivos, precisávamos nos perguntar como seria possível que os executivos que planejavam os novos projetos dos produtos que surgiriam apenas alguns anos mais tarde, pudessem efetivamente prever quais seriam os gostos do público. Durante o início da vida adulta deste autor, este era o problema característico da indústria de vestuário. O aspecto peculiar da ascensão da General Motors de Wall Street, contra as filosofias industriais de Henry Ford e Walter Chrysler, foi a imitação pela General Motors das práticas da indústria de vestuário de Nova York. Como, por exemplo, podíamos prever o que mulheres típicas, em estratos sociais determinados, prefeririam como mudança de moda, não apenas meses, mas anos depois? O que este fenômeno diz sobre a mente humana, a formação de opinião destes consumidores? O que isto nos diz sobre a manipulação da opinião pública em geral?

Essa mesma questão diz respeito à capacidade dos britânicos de

prever as mudanças induzidas no paradigma cultural que eles e seus confederados promoveram nas tendências hegemônicas entre as populações estudantis universitárias de 1964-72. Não era exatamente algo simples como encurtar as barras das saias quase até as nádegas, mas, como H. G. Wells teria tido grande prazer em observar, havia uma ligação.

Como se poderia reconhecer a partir do estudo dos escritos do autor sobre a função da reversão temporal nos processos da economia física, essa questão toca nas questões filosóficas mais profundas e importantes a respeito da relação eficiente da Humanidade com a natureza⁴⁷. A questão assim colocada pela experiência industrial é, simplesmente, um reflexo de um domínio mais amplo: o que é a História? Não “história” como cronologia ou cronologia enriquecida com meros comentários acadêmicos, mas História viva, real, como a História se faz. Para tornar compreensível uma representação válida da ligação entre o Wells de 1901-28 e a população de *baby-boomers* universitários de 1964-72, as seguintes considerações sucintas são indispensáveis.

Quando alguns de nós éramos crianças e adolescentes, a idéia crua da História nos impactava a consciência principalmente de duas maneiras: a genealogia viva na qual se situava a nossa existência e a antiguidade do processo de emergência e desenvolvimento da língua que utilizamos⁴⁸. Na época deste autor, assim como para as gerações antecedentes, estas duas impressões convergiam num efeito relativamente mais forte à medida que nos aproximávamos da adolescência e ficávamos expostos, naquela época, não apenas às línguas estrangeiras, mas à importância que se dava ao estudo do latim e do grego clássico. A época de manifestação de tal efeito em cada um de nós tinha a ver com o nosso sentido de evolução da ciência física e matemática desde as suas origens, há mais de dois mil anos. A tentativa de juntar de alguma forma coerente estas três considerações - genealogia, língua e a transmissão de um corpo

47. Ver, por exemplo, *Executive Intelligence Review*: “The Essential Role of ‘Time-Reversal’ in Mathematical Economics”, 11/10/1996; “What Economics Must Measure”, 28/11/1997. Ver também “The Classical Principle in Art and Science”, *Fidelio*, Winter 1997.

48. Por exemplo, os avós deste autor nasceram na década de 1860. Durante a infância, na década de 1920, o autor chegou a conhecer pessoalmente um bisavô. O ancestral materno mais famoso, o abolicionista quacre e chefe de estação da “ferrovia subterrânea”, Daniel Wood, do condado de Delaware, Ohio, foi um contemporâneo de Abraham Lincoln. Agora, estamos perto do final deste século e Daniel Wood nasceu no século anterior. Assim, um período de quase dois séculos estava representado na conversa da refeição doméstica dos avós maternos. Este mesmo princípio se estende às famílias dos nossos conhecidos. Desta forma, ganhamos uma intimação para preencher algum lugar necessário numa “simultaneidade da eternidade”.

de idéias científicas em desenvolvimento - é a base rudimentar para um estudo moderno da História humana.

O objetivo disto é a premência de libertar a Humanidade do hábito de nossa espécie, infelizmente bastante enraizado, de seguir cegamente as mudanças atuais na opinião pública, um hábito de ver as opiniões impressas em nós em nosso papel de vítimas como dons sagrados, inquestionáveis, de deuses pagãos, de algum *Weltgeist*, *Zeitgeist* de Hegel ou Savigny, ou *Volkgeist* ⁴⁹, no caso, do tipo mais deplorável de idiota, o populista ⁵⁰. Há algum princípio compreensível da Razão que devemos observar como a métrica inerente à ciência da História? Há um princípio de ordem compreensível subjacente ao que a mente socraticamente autocrítica e bem informada poderia desejar identificar como "História"?

É claro que há: este é o assunto ao qual este autor dedicou a maior parte de sua vida adolescente e adulta - a natureza do progresso humano enquanto mensurável nos esforços da espécie humana geralmente bem sucedidos para aumentar o poder sobre o Universo. Em outras palavras, mensurável no sentido dos processos subjetivos de descoberta válida de novos princípios, por meio dos quais a Humanidade aumenta o poder per capita de nossa espécie sobre o Universo. Isso levou este autor, relativamente cedo na vida adulta, a focalizar seus esforços de vida na expansão das descobertas na ciência da economia física de um admirável Leibniz. Entretanto, a economia é somente uma faceta e reflexo do processo mais geral de prática das idéias, uma prática do relacionamento total da Humanidade com o Universo, um relacionamento total melhor exemplificado pelas realidades da economia física. Sob este ponto de vista, pode-se identificar o que deveriam parecer pistas bem óbvias de tais mecanismos, por meio dos quais a influência de um publicitário do período 1901-28 poderia ter-se tornado a ideologia predominante entre uma população de estudantes universitários de 1964-72.

49. Respectivamente, espírito universal, espírito do tempo, espírito popular (N.T.)

50. Esses três tipos intimamente relacionados de irracionalismo romântico representam, basicamente, um presente de loucos neo-aristotélicos como Immanuel Kant, G.F. Hegel e Metternich, além do cúmplice na Universidade de Berlim pós-Congresso de Viena do filósofo oficial prussiano Hegel, Karl F. Savigny. Como o dogma axiomáticamente irracional do livre-cambismo liberalóide, estas idéias românticas surgiram das páginas das três famosas *Críticas* de Kant: imputem-se à História alguns princípios incompreensíveis de ação e um princípio místico impermeável à razão, que deve ser obedecido simples e cegamente como "tendências atuais da opinião pública". Isto, naturalmente, era a hipótese essencial subjacente ao fascismo em geral e ao nazismo em particular. É também conhecido atualmente em certos lugares, como na Universidade da Pensilvânia, como o "politicamente correto".

Como enfatizado na maioria dos escritos deste autor sobre economia física e assuntos correlatos, o relacionamento da Humanidade com o Universo e com nossa própria espécie não tem nenhuma semelhança com o de qualquer outra espécie viva. O relacionamento distinto – “ecológico”, vá lá – do homem com o Universo é o poder crescente do homem com o Universo. Este poder se situa na maneira pela qual os potenciais cognitivos soberanos, inatos e apropriadamente desenvolvidos da mente humana individual descobrem princípios novos e válidos do Universo, tanto princípios físicos quanto os que governam este notável potencial subjetivo dos próprios processos cognitivos humanos individuais. Em resumo, a História é uma história de seqüências ordenáveis de descoberta e prática de idéias, no sentido especificamente platônico e anti-empirista de idéia ⁵¹. Nós, enquanto membros da cultura européia, precisamos primeiramente dominar a história da nossa própria cultura, a partir de dentro. Só depois que tivermos aplicado o método socrático para desentocar as hipóteses escondidas e usualmente perversas que se escondem em nossas próprias crenças ingênuas, teremos estabelecido os fundamentos intelectuais para examinar o processo histórico de uma forma mais geral, a competência para fazer julgamentos sobre culturas diferentes da nossa, a competência que é típica da verdadeira ciência, capaz de tudo julgar. O início da civilização européia é a emergência da cultura grega clássica, exemplificada pela passagem dos épicos homéricos até Sólon, as grandes tragédias clássicas e os fundamentos da civilização moderna fornecidos por Platão, até o trabalho da Academia de Platão, um ou dois séculos após a sua morte. A essência deste processo de desenvolvimento interno inicial da civilização européia é a imagem grega de Prometeu, imagem caracterizada pela obra de Ésquilo.

Assim vista, a cultura grega clássica é um processo de libertação dos gregos da submissão ao poder assumido pelos deuses pagãos, um processo de libertação da Humanidade de qualquer noção de que a espécie humana seja algo menor do que a existência mais nobre e bela de toda a Criação conhecida. Há uma conexão deste gênero entre o Ulisses da *Odisséia* de Homero e o Prometeu do *Prometeu acorrentado* de Ésquilo. Este está pronto para suportar o tormento eterno, por fazer segredo do fim previsível e auto-induzido de Zeus e de seus companheiros divinos do Olimpo, um segredo que Prometeu mantém para que a nobre espécie humana pudesse, enfim, se libertar do domínio mental por aqueles deuses

51. Vide referências dadas na nota precedente.

pagãos do mal.

Assim, como descrito em *Atos 17:22-23*, o apóstolo Paulo chega ao lugar em Atenas dedicado ao “Deus Desconhecido” e diz: “(...) achei também um altar em que estava escrito: Ao Deus Desconhecido. Ora, este que vós honrais sem conhecer é o que eu vos anuncio.”⁵² Assim, a missão de Jesus Cristo foi expressa na prática, pela primeira vez em toda a existência humana conhecida, como o estabelecimento de uma igualdade e unidade universal de toda a Humanidade, uma igualdade baseada nada menos do que na consideração do fato de que cada homem e mulher representa a criatura mais nobre do Universo, porque constituída à imagem cognitiva de Deus, uma criatura por natureza amada por Deus, para exercer o domínio sobre este Universo. A posse pelos apóstolos cristãos das mais ricas contribuições da cultura clássica grega como o paramento mais adequado do cristianismo em sua missão contínua neste mundo, assim como a luta do cristianismo contra a Roma conhecida como “Babilônia” ou a “Prostituta da Babilônia”, é o tema central do desenrolar da história da civilização européia desde o dia em que o apóstolo Paulo esteve sobre a colina de Atenas.

Entretanto, até o desenlace das sessões de 1439-40 do grande concílio ecumênico de Florença, não havia nenhuma forma de sociedade consistente com tal princípio cristão. Mais de 90% da população de cada nação vivia no estado de gado humano ou na situação oligárquica depravada de brutais boiadeiros humanos. O homem constituído à imagem de Deus não tinha direitos reconhecidos sob Diocleciano ou seus sucessores de Bizâncio ou da Europa Ocidental feudal. O princípio que, até hoje, o Preâmbulo leibniziano da Constituição dos EUA representa com uma aproximação excepcionalmente boa, é um exemplo do que os fundadores do Concílio de Florença pretendiam com o seu patrocínio da primeira aproximação de uma forma cristã de sociedade, a França reconstruída sob o reinado de Luís XI.

Essa é uma forma de sociedade na qual a responsabilidade do Estado pela promoção dos direitos naturais de todas as pessoas, enquanto tal, era, pela primeira vez na História, colocada acima e em oposição aos

52. Cf. Lyndon H. LaRouche Jr., “Whose God does Pat Robertson Serve?”, op. cit. Não por acaso, a colina na qual o Apóstolo decidiu falar, o Areópago, teve sempre a fama de estar associada com as reformas de Sólon, que salvara Atenas de sua autodestruição, em 594 a.C., e com a tradição Sólon-Ésquilo-Platão desde então. Na tragédia clássica, Atenas criou o tribunal do Areópago para desatar o nó sangrento do assassinio e vingança no clímax da trilogia da Orestéia, dizendo “eu estabelecerei esta lei para todo sempre” (*Eumênides*, linha 484).

direitos feudais dos oligarcas donos de terras, financistas e seus lacaios. Uma vez que Luís XI não tinha o poder de eliminar os oligarcas, ele se colocou como representante do Estado soberano, acima deles e, portanto, em virtude da responsabilidade de princípio do Estado soberano, tornou-o em seu reino um agente eficiente daquele princípio cristão, em contraste com o princípio pagão intrínseco às formas feudais da sociedade.

Isso implica um corolário, um ponto que podemos estar certos de que Luís XI teria reconhecido como uma medida da obra incompleta de seu reinado. O problema essencial da civilização européia moderna é que ela ainda tem de se livrar da herança institucional do que os apóstolos cristãos corretamente denominaram a “Prostituta da Babilônia”, a Roma latina, imperial e burocrática de César Augusto: da forma pagã de burocracia estatal. Eis aí a chave da transmissão das fantasias de Wells de 1901-28 para o código comportamental dos estudantes universitários da “mudança de paradigma cultural” do período de 1964-72.

Esse aspecto, tal como codificado por Diocleciano, persistiu no mal inerente a Bizâncio. Essa burocratização imperial romana se expressa, intencionalmente, na burocracia permanente do serviço público da Monarquia britânica. É uma tradição de corrupção imperial pela burocracia, que uma cria anglófila da Confederação, o presidente Grover Cleveland, incentivou nos Estados Unidos, com o nome abusado de “reforma”. Ela representa o lado podre das nossas instituições republicanas, uma imitação da burocracia permanente do serviço público britânico, que degenerou na burocracia dominante na esfera federal e judiciária dos EUA de hoje ⁵³. Esse papel permanente das burocracias e judiciários burocratizados, imitando o princípio da burocracia imperial romana de César Augusto, é uma falha crucial e penetrante nas instituições da moderna civilização européia, em nível mundial. O cerne do problema da prática administrativa assim ordenada é a existência de sistemas de regras que não reconhecem nenhum princípio mas têm, pelo contrário, a natureza dos termos de um contrato comercial, ou o que alguns teólogos terrivelmente equivocados e outros identificam como uma “aliança”.

Isso, naturalmente, é diretamente contrário a todos os princípios cristãos, como o célebre *I Coríntios 13* de Paulo exemplifica a questão. A

53. Como observado e discutido em diversas publicações, o juiz da Suprema Corte Antonin Scalia representa com seu padrão de decisões exatamente esse tipo de lei romana de Savigny, Carl Scgmitt *et alii*, o que ecoa as piores características de Roma. Cf. Lyndon H. LaRouche Jr., “Michel Novak, Calvinist? – Not by the Marketplace Alone!”, *Executive Intelligence Review*, 4/4/1997.

qualidade que identifica a pessoa constituída à imagem de Deus é identificada por Platão e pelo apóstolo Paulo como ágape. O ágape é expresso em Platão como a paixão pela verdade e justiça, como o princípio cognitivo governante, a qualidade informada da paixão que guia os processos cognitivos e a vontade de ação da pessoa. É assim com o apóstolo Paulo e o Evangelho de João.

Quando um corpo de leis é inspirado por essa paixão, podemos falar de “lei natural”. Por “lei natural” deveríamos querer referir o impacto de uma paixão pelo homem suficientemente “agápica”, como a vida sagrada de um ser constituído à imagem cognitiva de Deus, uma visão da natureza humana que deve inspirar os processos cognitivos de administração da sociedade, especialmente as funções associadas à justiça. É esta concepção do homem que deve ser oferecida em todos os conflitos legislativos e outros a respeito da lei positiva: “Esta decisão coincide com os requisitos que uma noção ‘agápica’ da pessoa individual impõe implicitamente à sociedade como um todo?”

Essa era a concepção de lei de Abraham Lincoln, expressa em todos os assuntos principais tratados pela sua Presidência. Nenhuma concepção assim é encontrada entre os representantes da filosofia governamental de seus adversários oligarcas daquele tempo - nenhum dos seguidores de John Locke, como os escravocratas sulistas, os banqueiros de Nova York - como os traidores do Banco de Manhattan, Aaron Burr e Martin van Buren, ou o traidor August Belmont -, ou as famílias da Nova Inglaterra, traficantes de ópio para a Companhia das Índias Orientais britânica. A preocupação central de Lincoln era garantir a existência e durabilidade daquelas qualidades da instituição, especialmente da soberania nacional, sem as quais a liberdade humana e os direitos naturais do homem não podem existir. Esta noção de instituições essenciais era governada pela noção cristã de lei natural, de ágape. Entre os seus oponentes e rivais oligarcas, não havia princípios, apenas contratos comerciais cognitivamente estéreis, meras alianças.

A característica de uma noção positivista de “lei contratual” é uma indiferença para com a existência de tal princípio de lei natural. Para a lei meramente positiva, ou direito romano, uma intenção declarada ou ao menos implícita, estreitamente putativa, absoluta ou relativamente, é atribuída ao texto literal, um texto lido de forma semelhante a um contrato comercial babilônico. Hoje, a prática dominante, como na escola de direito romântica dos nazistas, é o que a burocracia ou a justiça percebem como tendências contemporâneas de opinião - isto é, o *Volkgeist* dá a interpretação do texto legal, tornando-se assim um

substituto depravado, erótico, de todo princípio da lei. Sob o impulso destes travestis burocráticos e judiciais, não há previsão para a existência de direitos reais da pessoa individual sob a lei.

É pela mesquinhez de algumas almas equivocadas, inclusive, talvez, a maioria da opinião popular ignorante que reina nas mais altas tribunas e alhures, nos EUA de hoje, que a lei meramente positiva é apenas “objetivamente” indiferente às questões levantadas pelo ágape. Indiferente? Sim, exatamente, tanto quanto o desprezível Guilherme de Occam era indiferente, como os padrões empiricistas de Adam Smith, os mercadores de escravos e drogas da Companhia das Índias Orientais britânica, eram indiferentes aos princípios, como Bernard Mandeville era indiferente aos princípios, como o *laissez-faire* de François Quesnay exprimia a sua absoluta hostilidade de “frondista” à moralidade. Esta indiferença não é para “deixar de fora”, “excluir”, “negar” as considerações que são a vítima da indiferença? Não podemos falar do assassino como uma pessoa cujas ações seriam indiferentes ao princípio do direito humano à vida do indivíduo? O que diríamos de um homem que professasse: “Simplesmente, não desejo respirar”? A indiferença significa, neste caso, exclusão, significa negação, significa lei ilegal, como o direito romano, como a primazia da multidão no *Volksgeist* de Savigny, Carl Schmitt e o juiz nazista Roland Freisler, como a lei popular da arena romana de Nero.

Ao restabelecer tal tradição burocrática na administração dos negócios públicos nos Estados Unidos, cerceamos o cidadão individual com a negação da sua humanidade. A lei positiva e as respectivas regras do jogo infantilmente burocráticas têm sido axiomáticamente cegas à qualidade essencial da pessoa individual - elas negam a cada uma destas pessoas o seu direito mais essencial, o direito de ser humano no sentido que o cristianismo reconhece o potencial cognitivo soberano de cada pessoa como um ser constituído à imagem de Deus.

De maneira correlata, ao destruir a prática das formas de cultura clássica que expressam o ágape, substituindo-as por lazer baseado em princípios eróticos, ou mesmo abertamente satânicos, transformamos muitas das mais nobres criaturas nas formas de degenerados que chamamos de “existencialistas”, degenerados no sentido do filósofo nazista Martin Heidegger e seus comparsas degradados como Jean-Paul Sartre, Theodor Adorno e Hannah Arendt, todos degenerados morais e intelectuais no sentido do “lobo das estepes” de Hermann Hesse.

Para a pessoa comum, presa dentro da indiferença burocrática e judicial a princípios, o que isso ocasionou foi ensinar a vítima,

repetidamente, que o princípio associado com o ágape não tem o comando eficiente da sociedade dentro das regras burocratizadas nas quais a vítima caiu. O resultado desta condição prolongada, como a que a população dos EUA foi sujeita mais ou menos continuamente desde a morte prematura do presidente Franklin Roosevelt, é um processo corrosivo de declínio para o que se chama “pessimismo cultural”. Quando este mesmo processo corrosivo é agravado por uma reversão de um comprometimento prévio com o incentivo aos benefícios do progresso científico e tecnológico, que geralmente acompanha as depressões econômicas profundas e prolongadas, como na Alemanha de Weimar depois de Versalhes, o resultado é uma onda de impulsos eróticos em suas piores expressões, como Wells e Russell exemplificam a correlação entre o erotismo degenerado e a depravação cultural em todas as outras dimensões.

O veterano estadunidense da Segunda Guerra Mundial voltou ao seu país, que tinha realizado verdadeiros milagres econômicos, uma reprodução dos milagres econômicos de Carey-Lincoln, de 1861-76. Em meados de 1946, parecia a este veterano que os EUA haviam retornado à Grande Depressão da década de 1930. A súbita introdução do tema de uma guerra nuclear com a União Soviética, introduzido por Bertrand Russell e sua trupe, bem como Winston Churchill, em meados de 1946, além da eclosão, no mesmo ano, de uma “caça às bruxas política”, mergulharam a esmagadora maioria daqueles veteranos num pessimismo cultural profundo e eroticamente nocivo. Excetuando o avivamento do otimismo e da moralidade despertada pelo presidente John F. Kennedy, da geração dos veteranos, e pelo papel do reverendo Martin Luther King, que levaram às leis de direitos civis do presidente Johnson e às façanhas do programa espacial em marcha na década de 1960, não houve qualquer momento durante o intervalo 1946-66 no qual a noção de verdade e justiça tivessem um princípio de autoridade no governo ou nas relações sociais costumeiras na sociedade em geral. A fuga da verdade na década de 1950 levou à geração do “homem organizacional”, aquele que podia dizer de seu casamento o mesmo de quase tudo: “nada pessoal; só estou fazendo o meu serviço.”

A natureza e os efeitos desse processo são ilustrados pela explosão de degeneração ocorrida dentro de diversas instituições no decorrer dos anos 60, como as igrejas cristãs e a oficialidade militar. Um resumo do caso clínico de cada uma ajuda a esclarecer a maneira pela qual a propaganda de Wells no período 1901-28 emergiu entre a população estudantil que sofreu a mudança de paradigma cultural, no período 1964-72.

A guinada da sociedade verificada no período 1946-60, banindo o compromisso com a verdade e a justiça, teve um efeito monstruoso dentro das igrejas cristãs, cuja viabilidade depende inteiramente destes exatos compromissos. O grau em que as igrejas se tornaram cúmplices de tal processo, em nome do “anticomunismo”, e o respectivo grau em que elas se retiraram do mundo real e caíram num paroquialismo em relação às microrrelações sociais, esvaziou as igrejas de cristãos verdadeiramente praticantes na década de 50, o que teve reflexos ainda nos anos 60. Então, cultos pagãos novos e estranhos ocuparam o espaço vazio como “novas religiões”, não acidentalmente, “a partir de baixo”.

O assassinato do presidente Kennedy, seguido pela loucura do “Grand Guignol”⁵⁴ do Vietnã de McGeorge Bundy e Robert McNamara, destruíram o moral da oficialidade militar, tanto quanto o abandono do conceito de ágape já havia corrompido uma boa parte do clero e dos leigos de denominação cristã. A maneira pela qual o processo da *détente* foi imposto pelos efeitos da Crise dos Mísseis de 1962 e a horrenda contrafação de política militar, com McNamara no Ministério da Defesa, tudo isto ampliado com a fraude genocida da “guerra de gabinete” pós-moderna na Indochina, se refletiram nas taxas aceleradas de dissolução de casamentos observadas entre membros do oficialato e na disseminação de um profundo pessimismo cultural e corrupção moral entre os profissionais. Para suas esposas, seus filhos e eles próprios, estes profissionais não representavam mais heróis potenciais, mas mercenários em potencial ou, mesmo, na realidade.

As palavras que se ouviam crescentemente oriundas desses estratos eram: “não acredito mais.” Eles não acreditavam mais em si mesmos, nem mesmo na possibilidade da luta da existência eficiente da verdade e da justiça. Tinham perdido a paixão por tais coisas e, com isto, perdido as suas próprias almas.

Num ambiente desses, a geração chamada de *baby-boomer*, os nascidos durante a guerra ou na década seguinte, foi condicionada no intervalo 1946-62. Para a esmagadora maioria dos lares deste período, nem a verdade nem a justiça existiam como princípios efetivamente controladores do governo ou da vida privada. Assim, estes *baby-boomers* receberam o choque, primeiramente, da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962, que levou o mundo à beira da guerra termonuclear total e, apenas um ano depois, do assassinato do presidente Kennedy. Como resultado, a

54. “Grand Guignol” era um teatro em Paris, no início do século 20, onde se encenavam peças sensacionalistas e de horror (N.T.).

partir de 1964, o moral e as morais de uma geração foram para o ralo. A visão dos “yahoos” autodrogados se esfregando pelos *campi* universitários de 1964-72 alertava qualquer pessoa sensível de que a nossa civilização tinha atingido os limites de algo que lembraria as cidade bíblicas condenadas, Sodoma e Gomorra.

A essência da degeneração moral e intelectual da geração dos veteranos da Segunda Guerra Mundial e suas famílias, no período 1956-66, foi a burocratização de cada faceta imaginável da vida, no estilo imperial romano. Houve poucos nichos, até mesmo da vida privada, que não foram invadidos e permeados por um tipo de burocratização que o protegido de H.G. Wells, George Orwell, mostrou em seu romance *1984*. Orwell usou 1984 como referência simbólica a 1948, quando o espírito do que ele descreveu naquele romance já se mostrava galopante. Neste sentido, o mundo de 1946-60 já se mostrava bastante fascista, no sentido “orwelliano” da expressão. A moralidade expressa até mesmo nas minúcias das relações interpessoais era predominantemente nociva: “hipocrisia” era o termo mais suave entre os que poderiam ser honestamente empregados para descrever a moralidade pessoal que permeava a vida naquela época. Para a vida pessoal, e também a realidade política, estava em gestação um substituto no papel florescente do lazer televisivo. Os anos 50 de Eisenhower se tornaram a época do “homem organizacional”.

Coloquemos a mesma questão de outra forma. Observemos novamente essa questão, desta vez do ponto de vista do que poderiam ter-se tornado as minhas explicações conhecidas do significado da linearização na pequena escala, com respeito às noções de ordem entrópica versus não-entrópica dos processos sociais, bem como dos processos vivos e não-vivos. Resumamos o argumento e sua implicação, como a seguir.

Tem sido repetidamente documentado que todos os ensinamentos de economia geralmente aceitos, nos livros-textos, nas salas de aula e instâncias correlatas compartilham um erro axiomático fatal e peculiar: a ilusão de que é possível obter lucro líquido econômico físico em uma sociedade considerada como um todo, sem considerar o papel dos processos cognitivos criativos da mente dos indivíduos que trabalham na agricultura, indústria e demais atividades produtivas. Com efeito, estes ensinamentos, desde Adam Smith, passando por Karl Marx e John von Neumann, não fazem nenhuma distinção funcional entre uma sociedade cujos processos empregam seres humanos e aquelas que poderiam empregar macacos⁵⁵. A prática demonstra que a rentabilidade econômica física das macroeconomias industriais modernas deve satisfazer à condição

descrita resumidamente a seguir. Um certo nível de consumo per capita pela agricultura, indústria e assim por diante é uma pré-condição para manter uma taxa constante ou acelerada de produtividade física per capita da sociedade como um todo. Esta taxa de crescimento necessária de níveis de consumo corresponde à “energia do sistema” daquele processo econômico. Qualquer ganho na produção que exceda a reposição da quantidade aumentada de energia do sistema representa uma “energia livre” relativa. A pré-condição de lucratividade é que a razão da “energia livre” do sistema para a “energia do sistema” deva crescer, ou pelo menos não diminuir, apesar da necessidade de que o valor per capita da “energia do sistema” cresça.

A origem do que parece ser a geração anti-entrópica da lucratividade líquida econômica física se baseia na capacidade da mente humana individual em gerar descobertas válidas de novos princípios e transmitir estas descobertas para outras mentes por métodos de replicação cognitiva. Isto é efetuado por meio da geração e disseminação da prática de descobertas válidas de princípios, descobertas que são originalmente geradas e replicadas dentro dos processos cognitivos soberanos da mente individual. Este processo social de progresso científico, tecnológico e outros possui uma característica “riemanniana”, qual se correlaciona com a anti-entropia.

Assim, a única fonte de lucratividade econômica física sustentável das economias em sua totalidade é essa anti-entropia, gerada pelos aspectos característicos da cognição das mentes individuais.

Mais profundamente, é a mesma anti-entropia cognitiva que define o relacionamento anti-entrópico da espécie humana com o Universo como um todo.

A emoção característica desse processo cognitivo e anti-entrópico é a paixão identificada como ágape, a mesma paixão que Platão associa com a motivação para a verdade e a justiça. Esta é a mesma qualidade associada com as formas de idéias particulares das formas clássicas de arte.

A supressão do ágape, como pela eliminação da arte clássica, ao mesmo tempo em que se suprime a ênfase no progresso científico e tecnológico e se permite um declínio econômico físico, tende a produzir um processo degenerativo nas qualidades morais e intelectuais da população afetada. O resultado, como Wells aponta à sua maneira, é uma

55. Cf. Lyndon H. LaRouche Jr., “What Economics Must Measure”, *Executive Intelligence Review*, 28/11/1997, passim.

forma de escapismo para a “realidade virtual” sintética, convergindo nas formas eroticamente motivadas da degeneração moral e intelectual, como na chamada música rock, ou no aumento da militância dos partidos nazistas e assim por diante. Se esta depressão cultural persiste, o resultado geral pode ser a perda temporária, ou mesmo permanente, da capacidade moral de tal sociedade para sobreviver.

Um exemplo típico de uma forma moralmente degenerada de cultura é a visão do mundo do empiricismo inglês do século 17, do “occamita” Paolo Sarpi e seus representantes, como Francis Bacon, Thomas Hobbes e, por conseguinte, John Locke, Bernard Mandeville, David Hume e Adam Smith. Essas culturas são caracteristicamente lineares, pelo que excluem toda e qualquer consideração das qualidades - todas não-lineares - que separam a Humanidade tanto das imitações mecânicas quanto dos animais inferiores. Por exemplo, atualmente, as noções associadas aos cultos da “teoria da informação” e “análise de sistemas”, ou formas positivistas das chamadas psicologia e sociologia, são exemplos desses traços culturais linearizados e degenerados.

Como indicado numa referência anterior, a própria noção de “geopolítica” é um exemplo dessas patologias lineares. Geralmente, todas essas patologias são associadas com qualidades patológicas de estados eróticos. O fato de que tanto Russell quanto Wells tenham sido degenerados eróticos não é nenhuma coincidência, embora nem todos os degenerados desse tipo culturalmente deprimente exibam necessariamente tais expressões flagrantes de patologias eróticas como estes dois infelizes. Cada patologia dessas expressa uma concepção degenerada de Deus, do homem e da natureza. Pela negação ou simples exclusão, por meio do desinteresse pelas qualidades “não-lineares” (ou seja, anti-entrópicas) de cognição individual que definem a real natureza humana, as relações entre os indivíduos e entre as nações se tornam bestializadas, assim como expresso pela própria noção de geopolítica, ou a doutrina associada de “equilíbrio de poder”.

Curiosamente, foi Oscar Wilde que estragou o espetáculo, com o seu *Retrato de Dorian Grey* - retrato que, incentivando a depravação cada vez maior do personagem-título, provocou a sua autodestruição. Isto era essencialmente o que a Monarquia britânica fazia com as nações - inclusive os Estados Unidos - que ameaçassem liquidar a oligarquia financeira internacional sediada em Londres. Fomos enquadrados e, então, devido à nossa própria loucura de procurar o prazer, em vez da felicidade, permitimos a Londres orquestrar o choque de 1962, levando à beira da guerra termonuclear generalizada. Aí, por terror, capitulamos diante do

choque. Nossos filhos promissores, que entravam na faculdade naquela época, os filhos a caminho de assumir posições futuras de liderança na sociedade, quase foram destruídos. Agora, estamos acabando com as nossas chances. Talvez, somente se os próprios *baby-boomers* enfrentarem a realidade da forma pela qual sofreram “lavagem cerebral” é que os novos choques de um sistema financeiro global em desintegração os levem a jogar fora as algemas que puseram em suas próprias mentes, há três décadas.

Wells *et alii* em suas próprias palavras

(Compilado por Scott Thompson e Michael Minnicino)

H.G. Wells chamou a atenção da elite literária britânica pela primeira vez no final do século 19. Como observado por muitos críticos da época, ele não era considerado um prosador particularmente talentoso, mas a “mensagem didática” de alguns de seus primeiros trabalhos - em particular, *A máquina do tempo* (1895), *A ilha do Dr. Moreau* (1886) e *A guerra dos mundos* (1898) – se ajustava perfeitamente aos objetivos políticos da Inglaterra eduardiana. Foi decidido chamar Wells de “o Poe inglês”, um elogio tão grotescamente inapropriado que até o próprio Wells o recusou.

O passaporte de Wells para os níveis mais altos da política imperial britânica veio em 1901, com a publicação de *Antecipações da reação do progresso mecânico e científico sobre a vida e o pensamento humanos*. Aqui, pela primeira vez, Wells formulou a sua teoria do governo mundial, que chamou “a Nova República” (um conceito que inspiraria mais tarde a revista estadunidense homônima). O que tornou a versão de imperialismo global de Wells particularmente sedutora foi a sua ênfase na higiene racial, então chamada eugenia. Segue-se um trecho:

“E o sistema ético que dominará o Estado mundial será conformado principalmente para favorecer a procriação do que é bom, eficiente e belo na Humanidade – corpos belos e fortes, mentes claras e poderosas e um corpo crescente de conhecimento – e para impedir a procriação de tipos baixos e servís, de almas medrosas e covardes, de tudo que seja mesquinho, feio e bestial nas almas, corpos e hábitos dos homens. O método só tem uma alternativa, o método que em alguns casos precisa ser invocado em auxílio do homem, a morte. Para uma multidão de criaturas desprezíveis e tolas, medrosas, sem jeito e inúteis, infelizes ou

abominavelmente felizes em meio aos desonrados esqueléticos, fracos, feios, ineficientes, nascidos da luxúria irrefreável, que aumentam e se multiplicam por meio da pura incontinência e estupidez, os homens da Nova República terão pouca piedade e benevolência menor ainda.”

A conclamação ao genocídio racial era drástica até mesmo para os padrões da Inglaterra eduardiana. O escritor Arthur Conan Doyle (que dificilmente seria um liberal em racismo) denunciou o livro como vil e pervertido. G.K. Chesterton levou dúzias de críticos a atacar a obra. Mas os políticos fabianos o adoraram. A fundadora da Sociedade Fabiana, Beatrice Webb, considerou *Antecipações* “o livro do ano”, afirmando que ele era cheio de hipóteses iluminadas e merecia um estudo cuidadoso dos que estivessem tentando olhar para a frente. O marido de Beatrice, Sidney, escreveu a Chesterton, ponderando que, embora Wells pudesse ter “ultrapassado os limites” em seu zelo, a mensagem de eugenia e neomalthusianismo do livro tinha que ser apoiada pelos britânicos bem-pensantes. *Antecipações* teve oito reimpressões em um ano e valeu a Wells um convite para ingressar na Sociedade Fabiana.

A partir de 1901, até a sua morte, em 1946, Wells escreveu mais uns 60 livros. Entretanto, quase todos são na realidade o mesmo livro reescrito: a história de uma civilização destruída por catástrofes ou guerras (a “guerra para acabar todas as guerras”, como escreveu Wells) e reconstruída como uma ditadura mundial “científica”. Wells acrescentou uma virada maligna no formato: o método mais eficiente de destruição mundial seria pelo uso de “bombas atômicas”. Segundo ele, a inspiração para esta idéia veio do físico Frederick Soddy, que trabalhara com Ernest Rutherford (foram as conferências de Rutherford sobre o átomo que inspiraram Bertrand Russell a escrever o conto de 1902, que ele nunca publicou, sobre uma bomba que era capaz de destruir toda a Humanidade).

Em 1908, Soddy proferiu uma série de conferências sobre o elemento rádio e a radiatividade em Glasgow, Escócia, e as publicou em 1909 sob o título *A interpretação do rádio e a estrutura do átomo*. Embora Soddy enfatizasse os usos positivos da energia atômica, Wells ficou inspirado pelas suas possibilidades para infligir o terror. Ele escreveu *The World Set Free* (O mundo libertado), em 1913 (publicado em 1914) e o dedicou “à *Interpretação do rádio* de Frederick Soddy. A presente história, que deve longas passagens ao capítulo onze daquele livro, reconhece e segue a si própria. Soddy aparece ficticiamente como o ‘professor Rufus’”.

Com esse livro, Wells inaugurou a era do terror nuclear e da “destruição mútua assegurada”. Seguem-se excertos:

“Um certo professor de física chamado Rufus estava dando um curso com conferências vespertinas sobre o rádio e a radiatividade, em Edinburgo. Eram conferências que atraíam uma atenção bastante considerável. ‘E, portanto,’ disse o professor, ‘vemos que o rádio, que de início parecia uma exceção fantástica, uma inversão maluca de tudo que era mais fundamental e estabelecido na constituição da matéria, é na verdade o mesmo que os demais elementos. Ele faz marcada e forçosamente o que provavelmente todos os outros elementos estão fazendo com lentidão imperceptível. É como a voz do solista cantando alto que trai a multidão respirando silenciosamente na escuridão. O rádio é um elemento que está se quebrando e voando em pedacinhos. Há pouco, pensávamos no átomo como pensávamos em tijolos, como material de construção sólido, como matéria substancial, como unidades de massa de matéria inanimada e, Oh!, aqueles tijolos são caixas, caixas de tesouro, caixas cheias da força mais intensa. A caixinha contém uma libra do elemento rádio; isto quer dizer mais ou menos quatorze onças do elemento urânio. Vale mais ou menos uma libra. E, nesta garrafa, senhoras e senhores, nos átomos presentes nesta garrafa jaz adormecida pelo menos tanta energia quanto obteríamos queimando cento e sessenta toneladas de carvão. Se, com uma palavra, num instante eu pudesse de repente liberar esta energia aqui e agora, ela nos explodiria a todos em fragmentos; se eu a pudesse colocar nas máquinas que iluminam esta cidade, ela manteria Edinburgo brilhantemente iluminada por uma semana. Mas, no presente, nenhum homem sabe como, nenhum homem tem a menor idéia de como se poderia apressar esse pedacinho de matéria para liberar o seu conteúdo.

“[Com esse conhecimento,] ele disse, reparem no que seríamos capazes de fazer! Deveríamos não só ser capazes de usar esse urânio e tório; deveríamos não só ter uma fonte de poder tão potente que um homem pudesse carregar em sua mão a energia para iluminar uma cidade por um ano, enfrentar uma frota de navios de combate, ou levar um dos nossos gigantescos navios de cruzeiro através do Atlântico. Mas, deveríamos também ter uma pista que nos possibilitasse por fim apressar o processo de desintegração de todos os outros elementos, onde ele ainda é tão lento que escapa às nossas medições mais acuradas. Cada resto de matéria sólida no mundo se tornaria um reservatório disponível de força concentrada. Compreendi, senhoras e senhores, o que essas coisas significariam para nós?

“Significaria uma mudança nas condições humanas que só consigo comparar com a descoberta do fogo, a primeira descoberta que alçou o

homem acima do animal. Hoje, estamos para a radiatividade assim como nosso ancestral esteve para o fogo antes que aprendesse a acendê-lo. Ele o conhecia antes, apenas como uma coisa estranha completamente além do seu controle, um brilho na borda do vulcão, uma destruição rubra que se derramava através da floresta. É assim que conhecemos a radiatividade hoje. Esta – esta é a aurora de um novo dia na vida humana. No auge da Civilização que começou na pedra lascada e na vareta de fazer fogo do selvagem, exatamente quando está se tornando claro que as nossas necessidades sempre crescentes não podem ser suportadas indefinidamente pelas nossas atuais fontes de energia, de repente, descobrimos a possibilidade de uma civilização inteiramente nova.”

Na ficção de Wells, a energia atômica é dominada em 1953, criando-se os “motores atômicos”. Os deslocamentos causados por esta nova energia levam ao colapso das indústrias de petróleo, carvão e aço; seguem-se as greves e o caos social e, finalmente, a guerra mundial começa em 1956. A guerra utiliza as “bombas atômicas”. Em 1956, todas as grandes cidades do mundo foram reduzidas a escombros:

“E, agora, sob o impacto das bombas atômicas, as grandes massas que tinham se aglomerado nos enormes e sujos centros das cidades daquele tempo ficaram sem nada e se espalharam desastrosamente pelas áreas rurais em volta. Foi como se uma força bruta, tornada enfim impaciente pela cegueira do homem, tivesse sacudido o mundo com uma intenção deliberada de rearranjar a população com um perfil mais íntegro. As grandes regiões industriais e as grandes cidades que haviam escapado das bombas encontravam-se, devido ao seu completo colapso econômico, numa penúria quase tão trágica quanto as atingidas e a vida rural estava em desordem, com multidões de estranhos a vaguear sem lei. Em algumas partes do mundo, a fome grassava e em muitas regiões havia epidemias... As planícies do Norte da Índia, cujo bem-estar se tornara cada vez mais dependente das ferrovias e do grande sistema de canais de irrigação, destruídos pela parte maligna dos patriotas, encontravam-se num estado peculiar de desolação; cidades inteiras jaziam mortas, sem aparecer ninguém e os próprios tigres e panteras que atacavam os sobreviventes esqueléticos rastejavam infectados de volta para perecer na floresta. Grandes áreas da China eram presas de bandos de malfeitores...”

“A catástrofe das bombas atômicas que sacudiram os homens para fora das cidades, do comércio e das relações econômicas também os sacudiu para fora dos seus velhos e consagrados hábitos de pensar e das crenças e preconceitos mantidos sem profundidade desde o passado. Tomando emprestando uma palavra dos químicos ultrapassados, os

homens se tornaram nascentes. Foram libertados dos velhos laços. Para o que desse e viesse, estavam prontos para novas associações.”

Da ficção à geopolítica

A história fictícia do propagandista Wells, membro da Távola Redonda e da Sociedade Fabiana, sobre um juízo final nuclear e uma ditadura única “benigna” passou a formar o cerne da geopolítica britânica a partir do momento em que o livro foi lançado em público. Depois da Primeira Guerra Mundial, as elites britânicas se moveram para colocar o seu plano em prática. O patrocínio que proporcionaram a Hitler e aos nazistas e a eclosão iminente de outra “guerra para acabar todas as guerras” proporcionaram o momento oportuno para lançar a era da guerra nuclear. O protegido de Wells, o físico Leo Szilard, e o aliado de Bertrand Russell, Eugene Wigner, se aproximaram de Albert Einstein e o convenceram a pressionar o presidente Franklin Roosevelt para deflagrar o projeto da bomba atômica estadunidense, baseados conscientemente na acusação falsa de que os cientistas de Hitler estavam trabalhando no mesmo programa e que a bomba atômica era vital para “derrotar os nazistas”.

A carta a seguir foi rascunhada por Szilard com o auxílio do epígono de Russell em Princeton, Wigner. Einstein a assinou depois que Szilard e Wigner, enganosamente, lhe garantiram que os nazistas estavam a ponto de obter a principal fonte de urânio no mundo e iam começar a trabalhar na bomba atômica. Esta carta ao presidente Roosevelt desencadeou o envolvimento dos EUA no Projeto Manhattan. Einstein nada teve a ver com o subsequente projeto “altamente secreto” da bomba dos EUA e, quando soube que uma bomba havia sido jogada em Hiroshima, exclamou: “Ai, ai, ai!”

O texto da carta era o seguinte:

“Albert Einstein
Old Grove Rd.
Nassau Point Peconic, Long Island
2 de agosto de 1939

F.D. Roosevelt
Presidente dos Estados Unidos

Casa Branca
Washington, D.C.

Senhor,

Um trabalho recente de E. Fermi e L. Szilard, que me foi comunicado em manuscrito, leva-me a esperar que o elemento urânio possa se tornar uma nova e importante fonte de energia no futuro imediato. Certos aspectos da situação que surgiu parecem exigir um alerta e, se necessário, uma ação rápida por parte do Governo. Creio ser meu dever trazer à sua atenção os seguintes fatos e recomendações.

No decurso dos últimos quatro meses, tem se tornado provável, por meio dos trabalhos de Joliot na França, bem como de Fermi e Szilard nos Estados Unidos, que pode ser possível desencadear uma reação nuclear num pedaço grande de urânio, por meio do que seriam geradas vastas quantidades de energia e grande quantidade de novos elementos radiativos. Hoje, parece quase certo que isto poderia ser conseguido no futuro imediato.

Esse novo fenômeno também levaria à construção de bombas, e é concebível – embora bem menos certo – que bombas extremamente poderosas de um novo tipo possam ser assim construídas. Uma única bomba deste tipo, levada de navio e explodida num porto bem poderia destruir todo o porto juntamente com parte do território em volta. Entretanto, tais bombas poderiam se mostrar muito pesadas para o transporte aéreo...

Em vista dessa situação, o Sr. poderia pensar ser desejável ter algum contato permanente entre o Governo e o grupo de físicos que estão trabalhando com reações em cadeia nos EUA...

Penso que a Alemanha já interrompeu a venda de urânio retirado das minas checoslovacas que ela tomou. Pode-se entender que tenha feito isto porque o filho do subsecretário de Estado alemão, von Weizäcker, está ligado ao Instituto Kaiser Wilhelm em Berlim, onde parte do trabalho estadunidense sobre urânio está sendo agora repetido.

Mui atentamente,
Albert Einstein”

O físico Leo Szilard, um protegido de H.G. Wells, foi o modelo para o personagem cinematográfico do “Dr. Fantástico” do filme de Stanley Kubrick.

Russel retoma o sonho de Wells

Mesmo antes de a nuvem radiativa ter-se dissipado sobre as ruínas de Nagasaki, Russell começou a sua campanha pública para convencer o mundo de que a ameaça da guerra atômica significava que as nações deveriam desistir de sua soberania em favor de uma ditadura mundial, capaz de exterminar impiedosamente qualquer resistência. O que se seguem são excertos de um comentário intitulado “A bomba e a Civilização”, publicado no jornal escocês *Glasgow Forward*, em 18 de agosto de 1945. O artigo foi escrito um ou dois dias após o bombardeio de Nagasaki, em 9 de agosto, mas antes do anúncio da rendição do Japão, em 14 de agosto.

“A perspectiva para a raça humana é sombria para além de qualquer precedente. A Humanidade se defronta com uma alternativa muito clara: ou pereceremos todos, ou teremos que adquirir um pouco de bom senso. Uma boa parte do novo pensamento político será necessário se for para evitar o desastre total.

“No momento, felizmente, só os Estados Unidos estão em posição de fabricar bombas atômicas. O resultado imediato deve ser um fim rápido à guerra japonesa, seja pela rendição ou pela exterminação. A força dos Estados Unidos nos assuntos internacionais é, presentemente, imensamente grande. Há um mês, a Rússia e os Estados Unidos pareciam estar iguais na força militar, mas agora este já não é mais o caso. Esta situação, entretanto, não durará muito, pois deve-se supor que, sem tardança, a Rússia e o Império Britânico se dedicarão ao trabalho de fazer estas bombas para si mesmos. O urânio se tornou, de repente, a mais preciosa das matérias-primas e os países provavelmente o disputarão como até agora lutaram pelo petróleo. Na próxima guerra, se as bombas atômicas forem usadas de ambos os lados, espera-se que todas grandes cidades serão completamente arrasadas; o mesmo ocorrerá com todos os laboratórios científicos e centros governamentais. As comunicações serão interrompidas e o mundo será reduzido a um certo número de comunidades agrícolas pequenas e independentes, subsistindo da produção local, como na Idade das Trevas. Mas, presumivelmente, nenhuma delas terá os recursos ou a tecnologia para fabricar bombas atômicas.

“Há ainda uma possibilidade melhor, se os homens tiverem a sabedoria de usar os poucos anos que lhes estão disponíveis. Ou a guerra ou a Civilização devem acabar e, se é para acabar com a guerra, deve haver uma autoridade internacional com a capacidade de só ela fazer

novas bombas. Todos os suprimentos de urânio devem ser colocados sob a guarda da autoridade internacional, que terá o direito de salvaguardar o minério com forças armadas. Assim que tiver sido criada tal autoridade, todas as bombas atômicas existentes e todos projetos para a sua fabricação devem ser entregues. E, naturalmente, a autoridade internacional deve ter forças armadas suficientes para proteger o que quer que lhe tenha sido entregue. Se este sistema for estabelecido, a autoridade internacional seria irresistível e as guerras cessariam. No pior dos casos, haveria revoltas breves e ocasionais, que seriam facilmente interrompidas.

“Mas temo que isso tudo seja utópico. Os Estados Unidos não concordarão com qualquer armamento em comum e, muito menos, a Rússia Soviética. Cada um insistirá em reter os meios de exterminar o outro, argumentando que não se pode confiar no outro.

“Se os EUA fossem mais imperialistas, haveria uma outra possibilidade, menos utópica e menos desejável, mas ainda preferível à obliteração total da vida civilizada. Seria possível aos estadunidenses usar a sua posição de superioridade temporária para insistir no desarmamento, não só na Alemanha e no Japão, mas em todos os lugares, exceto nos Estados Unidos ou, de qualquer forma, em todo país não preparado para entrar numa aliança militar estreita com os Estados Unidos, envolvendo o compartilhamento compulsório de segredos militares. Durante os próximos anos, esta política poderia ser exigida. Se uma ou duas guerras forem necessárias, elas seriam breves e, logo, acabariam numa decisiva vitória estadunidense. Deste modo, uma nova Liga das Nações poderia ser formada sob liderança estadunidense e a paz mundial seria estabelecida com segurança. Mas, temo que o respeito pela justiça internacional impeça Washington de adotar tal política.

“Em vista da relutância da Humanidade em formar voluntariamente uma autoridade internacional efetiva, devemos ter esperança e, talvez, possamos contar com isso, de que depois da próxima guerra mundial surja alguma potência com força tão preponderante que seja capaz de estabelecer uma hegemonia pacífica sobre o resto do planeta. A próxima guerra, a menos que seja logo, colocará em perigo todo governo civilizado. Mas, se qualquer governo civilizado sobreviver e atingir a supremacia, haverá novamente uma possibilidade de progresso com ordem e da utilização da ciência para a felicidade, em vez da destruição.”

Em outubro de 1946, Russell escreveu a seguinte declaração política para a revista *The Bulletin of the Atomic Scientists*:

“Há apenas um modo pelo qual as grandes guerras poderão ser permanentemente impedidas: pelo estabelecimento de um governo

internacional com um monopólio da força armada séria. Quando falo de um governo internacional, quero dizer um que de fato governa ...

“Um governo internacional, se deve ser capaz de preservar a paz, precisa ter as únicas bombas atômicas, a única fábrica para sua produção, a única força aérea, os únicos navios de guerra, e seus regimentos de infantaria devem ser todos compostos por homens de muitas nações diferentes; não deve haver possibilidade de desenvolver o sentimento nacional em nenhuma unidade maior do que uma companhia. Cada membro da força armada internacional deveria ser cuidadosamente treinado em lealdade para com o governo internacional.

“O governo internacional deve ter um monopólio do urânio e de quaisquer matérias-primas que possam no futuro ser adequadas para a fabricação de bombas atômicas. Ele deve ter um grande contingente de inspetores com o direito de entrar em qualquer fábrica sem avisar; qualquer tentativa de interferir com o seu trabalho deve ser tratado como *casus belli*...

“O monopólio da força armada é o atributo mais necessário do governo internacional, mas este terá naturalmente de exercer várias funções governamentais. Terá de decidir todas disputas entre diferentes nações e terá de possuir o direito de revisar tratados. Será obrigado por sua constituição a intervir pela força das armas contra qualquer nação que se recusar a submeter-se ao arbítrio...

“Há um outro método pelo qual, em teoria, a paz mundial poderia ser assegurada, que é pela supremacia de uma nação ou de um grupo de nações estreitamente aliados. Com este método, Roma assegurou a paz da área mediterrânea por vários séculos. Os Estados Unidos, neste momento, se fossem belicosos e imperialistas, poderiam compelir o resto do mundo a se desarmar e estabelecer um monopólio mundial de forças armadas estadunidenses. Mas, este país não tem nenhum desejo de empreendimentos assim e em poucos anos a oportunidade terá passado. No futuro próximo, uma guerra mundial, por mais terrível que seja, terminaria provavelmente com a vitória estadunidense, sem a destruição da civilização no Hemisfério Ocidental e a vitória estadunidense, sem dúvida, levaria a um governo mundial sob a hegemonia dos Estados Unidos – um resultado que, de minha parte, eu receberia com entusiasmo.

“Mas se, como parece mais provável, não houver guerra mundial até que a Rússia tenha um suprimento adequado de bombas atômicas, os planos para a paz mundial terão de levar em conta a Rússia e os Estados Unidos como potências aproximadamente iguais, e um governo internacional, se for para ser estabelecido antes do desencadeamento de

uma guerra totalmente desastrosa, terá que ser criado por acordos, em vez pela força.

“Sem ser propriamente pela força, o governo dos Estados Unidos, com o apoio da Grã-Bretanha e algumas outras potências, poderia fazer muito em prol da criação de um governo internacional. Uma aliança poderia ser formada, consistindo em primeiro lugar da América do Norte e do Sul, Comunidade Britânica, França, Bélgica, Holanda, Escandinávia e Espanha (depois de se cuidar de Franco). Esta aliança deveria proclamar certos propósitos internacionais e declarar a sua disposição de receber qualquer potência que subscreva tais propósitos. Deveria haver incentivos tanto militares quanto econômicos para ingressar na aliança; militares, pois a aliança sairia em defesa de todos seus membros; econômicos, por uma tarifa mais baixa para comércio dentro da aliança do que com países fora dela, além de vantagens no que concerne a empréstimos e acesso a matérias-primas. Deveria haver um aumento gradual na intimidade da aliança e um amálgama cada vez maior de recursos militares. Todo esforço possível deveria ser feito para induzir a Rússia a se tornar membro da aliança. Desta forma, o governo internacional poderia crescer gradualmente...

“Como a Rússia é uma ditadura... só poderia haver acordo no nível governamental. Stálin e Molotov, ou seus sucessores, terão de ser persuadidos de que é do interesse nacional da Rússia permitir a criação de um governo internacional efetivo. Não penso que a persuasão necessária possa ser feita, exceto pelos governos, especialmente o governo dos Estados Unidos. Tampouco penso que a persuasão possa ser feita por argumentos de princípio. A única maneira possível, a meu ver, é com uma mistura de bajulação e ameaça, deixando claro às autoridades soviéticas de que a recusa trará o desastre, ao passo que a aceitação não o faria...

“Se a bomba atômica chocar as nações para que concordem com um sistema para tornar impossíveis as grandes guerras, ela terá sido uma das maiores bênçãos já ofertadas pela ciência.”

Szilard em Pugwash

Em 1954, tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética desenvolveram a bomba de hidrogênio. Entre 3 e 5 de agosto de 1955, como resultado de um convite de Russell ao secretário-geral Nikita Khrushchov, quatro cientistas soviéticos se reuniram com suas contrapartes

ocidentais para discutir as implicações da corrida armamentista, num encontro da Associação dos Parlamentares para o Governo Mundial (APWG, com sede em Londres). A conferência votou a favor do manifesto de Russell-Einstein, que pedia a cooperação entre os cientistas. Russell redigiu este manifesto para que ele fosse assinado por cientistas dos blocos oriental e ocidental após o desenvolvimento da bomba-H, e Einstein concordou em assiná-lo numa carta escrita dois dias antes de sua morte. Oito cientistas, a maioria deles titulares do Prêmio Nobel, assinaram a declaração, que foi divulgada em uma conferência de imprensa, em 9 de julho de 1955. Depois que a APWG também aprovou o manifesto, Russell começou o trabalho que levou à fundação das Conferências Pugwash, cujo fundador inicial foi o industrial canadense Cyrus Eaton, como uma forma de os cientistas dos blocos oriental e ocidental se encontrarem regularmente. As conferências prosseguem até hoje, mas, por volta de 1960, Russell passou a considerá-las supérfluas e mudou para outros métodos.

Os excertos a seguir são oriundos de um documento baseado numa conferência de Szilard (que serviu de modelo para o personagem “Dr. Fantástico”)⁵⁶, que foi apresentada na segunda Conferência Pugwash, entre 31 de março e 11 de abril de 1958. O tema tratado era “Os perigos da situação atual e os meios de diminuí-los”. A conferência de Szilard, publicada no *Bulletin of the Atomic Scientists* de fevereiro de 1960, intitulava-se “Como viver com a bomba e sobreviver: a possibilidade de uma Pax Russo-Estadunidense no estágio de foguetes de longo alcance do chamado impasse atômico”. Vejamos alguns dos seus trechos principais:

“Nos anos que se seguiram à queda da bomba em Hiroshima, homens de boa vontade pensaram freqüentemente que o problema posto pela bomba poderia ser resolvido livrando-se dela no futuro previsível. Neste momento, não estou de forma alguma seguro de que esta é ou jamais tenha sido uma abordagem promissora do problema...”

“Creio que chegou a hora de enfrentar essa situação e perguntar com toda a seriedade se o mundo poderia aprender a conviver por um tempo com a bomba. O propósito do presente texto é examinar o que seria necessário para se conseguir isto.

“Na atual fase de transição do assim chamado impasse atômico, a

56. Do filme de Stanley Kubrick, *Dr. Strangelove*, no Brasil chamado “Dr. Fantástico, ou de Como Aprendi a Amar a Bomba”, de 1964 (N.T).

situação está mudando rapidamente. Se a Rússia desfechasse um ataque de surpresa contra as bases estadunidenses em algum ponto desta fase de transição, ela poderia paralisar seriamente a capacidade estadunidense de desferir um grande contra-ataque. O medo de que isto possa acontecer induz os EUA a construir submarinos que sejam capazes de lançar foguetes de alcance intermediário, que possam transportar bombas de hidrogênio. Pela mesma razão, os EUA estão preparados para manter – numa crise aguda – uma fração apreciável de seus bombardeiros estratégicos em vôo...

“O próximo passo do ‘impasse’ rumo ao qual nos movemos agora será algo diferente da atual fase de transição...”

“O estágio de foguete de longo alcance apresentará um quadro muito mais simples e claro do que a atual fase de transição. Neste estágio, a bomba apresentará manifestamente um problema totalmente novo para o mundo, e será óbvio que os estadistas não têm presentemente uma resposta para este problema. O problema pode ser enunciado assim: A ameaça de força sempre tem até agora desempenhado um papel nas negociações mútuas das grandes potências. No momento, não há substituto à vista e, portanto, pode-se supor que no estágio de foguete de longo alcance a ameaça de força continuará a desempenhar o seu papel tradicional, ao menos por enquanto.

“No passado, as grandes potências sempre consideraram a guerra como o último recurso, e ‘guerra’ significava uma disputa de força, a ser resolvida pela exaustão ou pelo colapso total de um dos dois lados em conflito... No presente estágio, os EUA e a Rússia não poderiam mais se engajar numa disputa desse tipo sem que ambos fossem destruídos. Entre eles a ‘guerra’, neste sentido do termo, não será mais praticável e, assim, uma das premissas básicas de sua política externa tradicional deixará de ser válida. O que irá substituí-la?

“A posse de bombas, grandes e pequenas, continuará a apresentar uma ameaça implícita. Talvez, a Rússia e os EUA consigam manter o uso da ‘ameaça de força’ e ainda evitar uma catástrofe atômica total, mas só se houver uma grande mudança no caráter da ‘ameaça’. Assim, somos levados a perguntar que tipos de ‘ameaças’ podem continuar ‘permissíveis’ no estágio de foguetes de longo alcance, se este estágio for ‘metaestável’. Por “metaestável” queremos dizer um estado no qual um distúrbio internacional possa levar a uma mudança, mas não dispararia uma cadeia de eventos que levem a uma destruição cada vez maior...”

“O que se precisa no momento não é que a Rússia e os EUA façam acordos sobre questões concretas, mas que façam um acordo mental sobre

o que seria necessário para tornar o estágio de foguetes de longo alcance uma situação `metaestável', de forma que um distúrbio inicial não possa disparar um guerra atômica total...

“Que tipo de distúrbio internacional poderia levar os EUA e a Rússia a uma guerra total no estágio de foguete de longo alcance?”

“Nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, os EUA e a Rússia se encontraram presos num conflito de poder. Conflitos deste tipo surgiram repetidamente ao longo da História. O conflito entre Atenas e Esparta, que precedeu a Guerra do Peloponeso e levou à destruição da Grécia, foi um conflito deste tipo... Assim como na Grécia, os competidores tentaram reforçar sua posição formando alianças e, gradualmente, cada vez mais nações foram atraídas para um ou outro dos dois campos. Este foi o cenário no qual surgiu a `guerra fria'...”

“Afirmo que, na medida em que o mundo se dirige para o próximo estágio, o círculo vicioso de conflito clássico de poder acabará de agir entre os EUA e a Rússia.

“Durante o início do pós-guerra, a Rússia e os EUA olhavam para outras nações como aliados em potencial e para cada aliado como um ativo potencial. No estágio do foguete de longo alcance, eles verão os aliados cada vez mais como riscos potenciais. As questões controversas que surgiram entre os EUA e a Rússia nos primeiros anos do pós-guerra perderão qualquer significado estratégico substancial e, portanto, poderão se tornar negociáveis...”

“É concebível que os EUA e a Rússia consigam dar um passo adiante, que possam concordar com uma revisão do mapa e que possam em seguida agir de acordo entre si, caso outras nações tentem mudar o mapa pela força ou ameaça de força. Uma pax russo-americana poderia em princípio ocorrer durante o próximo estágio?”

“Poucos anos depois de Hiroshima, quando os EUA estavam de posse da bomba e a Rússia não, os EUA adotaram uma política de ameaça de retaliação maciça contra as cidades da Rússia, se esta intervisse militarmente na Europa Ocidental. Winston Churchill foi o primeiro estadista que proclamou a crença de que, não fosse pela posse da bomba pelos EUA, morreria a liberdade na Europa Ocidental e, talvez, no mundo todo. Depois disto, muitas pessoas nos EUA chegaram a acreditar que isto fosse verdade...”

“A escola de pensamento prevalecte nos EUA afirma que a Rússia tem uma propensão para expandir o seu domínio e que que ela faria mudanças no mapa se o conseguisse a um custo relativamente baixo para si. Se não fosse por um `obstáculo' efetivo em ação, estas pessoas o

crêem, a Rússia teria continuado a se expandir nos anos do pós-guerra.

“Adotando-se por um instante essa opinião, só para argumentar, podemos aceitar a tese de que a ameaça de retaliação maciça pode ter funcionado como um “obstáculo” expedito – ainda que moralmente inaceitável – enquanto a Rússia não estava em posição de devolver o ataque. No próximo estágio, contudo, quando a Rússia puder ser capaz de destruir os EUA em qualquer grau desejável, assim como os EUA puderem ser capazes de destruir a Rússia em qualquer grau desejável, a ameaça de retaliação maciça por parte dos EUA seria equivalente a uma ameaça de ‘assassinato e suicídio’...”

“Entre os que acreditam que a Rússia precisa ser “dissuadida”... (o grupo mais importante) acredita, contudo, que uma política de ‘mantenha-os em dúvida!’ não irá funcionar e que a Rússia não pode ter nenhuma dúvida quanto ao preço que poderia ser-lhe exigido, se fizer um movimento agressivo. Estes homens dizem que os EUA precisam resistir a uma possível invasão russa de qualquer área que precisem proteger, preparando-se para travar uma guerra local na área em conflito. Eles também acreditam que os EUA possam usar pequenas bombas atômicas contra tropas em combate, em uma destas guerras ‘limitadas’...”

“Uma guerra limitada não precisa se deteriorar numa guerra total, se os EUA e a Rússia compreenderem que o objetivo de tal guerra não pode ser nada perto de uma “vitória”, nem mesmo vitória na área em conflito, na qual a luta esteja limitada. Em lugar disto, o objetivo desta guerra limitada deveria ser cobrar um preço e, assim, tornar onerosa para o inimigo a extensão do seu domínio. Eles poderiam fazer isso, por exemplo, declarando unilateralmente no início que usariam bombas atômicas apenas contra as tropas em combate e somente dentro do seu próprio lado da fronteira anterior à guerra...”

“Em algum momento, tanto a Rússia quanto os EUA poderiam decidir responder à ameaça da guerra ‘limitada’, não com uma contra-ameaça do mesmo tipo, mas com a ameaça de destruir – se preciso fosse – um número específico de cidades, que tenham recebido avisos adequados que permitam a sua evacuação em ordem. Então, isto representaria então um novo método de ‘cobrar um preço’, que poderia ser bem apropriado – se algum preço tivesse que ser cobrado... Do ponto de vista moral, um avanço que não seria de desprezar seria a ameaça de destruir propriedades, em vez da ameaça de matar soldados ou civis... Poderia, entretanto, ser necessário dispor de um catálogo com o número de habitantes de todas as cidades russas e estadunidenses, que fosse reconhecido como válido por ambas nações. Caso contrário, poderia surgir uma disputa numa crise

aguda sobre como se aplica o princípio de *quid pro quo* no caso em particular...

“Suponhamos, só para argumentar, que no estágio do foguete de longo alcance possa ocorrer algum grande distúrbio que afete a Península Arábica, ameaçando cortar o suprimento de petróleo da Europa Ocidental via Oriente Médio. Suponhamos, ainda, que os EUA estejam na iminência de enviar tropas ao Iraque e à Arábia Saudita, que tropas turcas estejam posicionadas para invadir a Síria e que a Rússia esteja concentrando tropas na sua fronteira turca com o objetivo de deter a Turquia. Suponhamos, ainda, que neste momento os EUA possam declarar que estejam preparados para enviar tropas contra as tropas russas em combate no território turco e, talvez, prosseguindo no calor, também para além da fronteira turco-russa pré-conflito.

“A Rússia teria, então, que decidir se iria querer travar uma guerra atômica na sua fronteira sul e correr o risco de que esta guerra não fosse limitada. Supondo que a Rússia tivesse interesses substanciais no Oriente Médio, mas cobraria um preço dos EUA, se necessário fosse, não em vidas humanas, mas em propriedades. Ela poderia continuar indicando umas vinte cidades estadunidenses e deixando claro que escolheria uma destas cidades, dando o aviso de quatro semanas para permitir a sua evacuação em ordem e possibilitar que o governo estadunidense fizesse as provisões para alimentar e abrigar os refugiados, para então destruir aquela cidade com um único foguete de longo alcance.

“Para dar credibilidade a essa ameaça, a Rússia teria de deixar claro que seguiria o princípio de ‘um por um’ e que toleraria – sem ameaçar nenhuma represália – que os EUA destruíssem cidade russas que tivessem a mesma população agregada. Ela poderia deixar claro que esperaria que estas cidades também tivessem um aviso prévio e que, para qualquer cidade adicional que os EUA decidissem eliminar na Rússia, ela eliminaria uma e só uma cidade de tamanho similar nos EUA...

“Qual seria a resposta estadunidense a uma ameaça desse tipo, desde que a ameaça fosse apropriadamente qualificada e, portanto, crível? Presumivelmente, as vinte cidades indicadas estariam pressionando Washington contra a projetada intervenção armada no Oriente Médio e, talvez, forçando um reexame de toda a situação no Oriente Médio. As pessoas bem poderiam questionar: ‘Em vista do fato de que não há outro mercado para o petróleo do Oriente Médio, a Europa Ocidental está mesmo em perigo de perder o suprimento de petróleo do Oriente Médio? O petróleo do Saara não poderia substituir, se necessário, o do Oriente Médio e se fossem assim, quanto os países do Oriente Médio poderiam subir o

preço do petróleo?’

“Como resultado desse reexame, os EUA poderiam talvez decidir contra uma intervenção no Oriente Médio. Pelo contrário, se os EUA, estando dispostos a perder uma de suas grandes cidades, tivessem de decidir a favor da intervenção, então a Rússia e os EUA perderiam a mesma quantidade de ‘propriedades destruídas’ e os EUA ficariam livres para ocupar o Iraque e a Arábia Saudita sem temer nenhuma outra represália russa...

“Mesmo hoje em dia, quase ninguém nos círculos governamentais da França ou Alemanha Ocidental, por exemplo, de fato acredita que os EUA sacrificariam um bom número de suas cidades para manter um compromisso assumido na época em que precisavam de bases militares na Europa e era possível estender proteção às nações na Europa Ocidental sem arriscar a perda de suas próprias cidades. Mais cedo ou mais tarde, dúvidas deste tipo, inevitavelmente, levarão as nações como a França e Alemanha a querer possuir as suas próprias bombas, se quiserem confiar nelas...

“A essa altura, pode ser necessário dizer que a perda de uma cidade evacuada poderia significar muito mais do que somente uma ‘perda de propriedades’ e isto seria talvez ainda mais verdadeiro na Europa do que no resto no mundo. As pessoas têm uma forte ligação emocional com a cidade em que vivem e certas cidade são de fato insubstituíveis. A destruição de uma cidade causaria o deslocamento da população e poderia destruir um boa parte do tecido social; assim, o dano não pode ser expresso em termos puramente monetários. Na Europa, talvez mais ainda do que em outros lugares, as pessoas poderiam se rebelar à idéia de que sua cidade pudesse ser sacrificada no altar de metas nacionalistas mais ou menos irracionais...

“Ocasionalmente, há sugestões em discursos de funcionários, que deveriam estar melhor informados, relativas a trabalhos em andamento sobre um sistema de defesa destinado a destruir foguetes de longo alcance em vôo. De fato, um sistema de defesa destes não está em vista. O que pode estar em vista é um novo tipo de corrida armamentista fútil. Uma nação, digamos os EUA, poderia adquirir os meios que lhe permitiriam destruir em vôo uma pequena fração dos próximos foguetes de longo alcance e a fração dos foguetes que poderia assim destruir pode aumentar gradualmente com os anos. A Rússia poderia, então, responder aumentando correspondentemente o número de foguetes prontos para o disparo. Somente uma pequena fração destes foguetes seria necessária para transportar uma bomba de hidrogênio; o resto poderia carregar cargas

inofensivas.

“Uma corrida armamentista dessas seria fútil, com a capacidade ofensiva sempre à frente da capacidade defensiva e, contudo, poder-se-ia tornar um grande peso econômico. Em circunstâncias destas e similares, pode-se tornar necessário em algum momento um acordo sobre limitação de armas...”

Tanto Russell quanto Szilard mantiveram uma correspondência com Khrushchov, desde aproximadamente o momento da decisão de Khrushchov de enviar quatro altos cientistas acadêmicos para assistir a reunião de 1954 da Associação dos Parlamentares para o Governo Mundial, em Londres. Como está documentado no livro *Toward a Livable World: Leo Szilard and The Crusade for Nuclear Arms Control* (The MIT Press, Cambridge 1987), a correspondência entre Szilard e Khrushchov foi particularmente intensa no início da década de 1960, inclusive durante a Crise de Berlim e a Crise dos Mísseis de Cuba. Numa carta de 4 de outubro de 1961, endereçada ao “Caro Sr. Khrushchov”, Szilard propôs a seguinte solução para a Crise de Berlim, quando os soviéticos ergueram um muro ao redor da sua zona da cidade:

“Quando fui recentemente entrevistado na televisão, me perguntaram se eu pensava que haveria uma guerra total por causa de Berlim. Respondi que não via como podia ser necessário aos EUA despejar centenas de bombas-H sobre cidades russas e que a Rússia despejasse centenas de bombas-H sobre cidades estadunidenses para resolver a questão de Berlim, quando a questão podia claramente ser resolvida jogando apenas duas bombas-H – ambas sobre Berlim. Perguntaram-me, então, por que uma bomba-H não seria suficiente para destruir Berlim e respondi que isto não funcionaria, porque se fosse para jogar só uma bomba-H, então a Rússia e os EUA não conseguiriam chegar a um acordo sobre quem devia lançar aquela bomba.”

Russell e a Crise dos Mísseis de Cuba

Durante a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, Russell tentou se insinuar como mensageiro entre o presidente John F. Kennedy e o secretário-geral Nikita Khrushchov, para promover as metas principais de: 1) usar a ameaça de obliteração termonuclear potencial para defender a causa do governo mundial por meio das Nações Unidas; 2) orquestrar

as regras do engajamento termonuclear na base do princípio do “um por um”; e 3) gerar um choque, por meio do terror termonuclear, que ocasionasse uma mudança de paradigma cultural nas gerações futuras.

Russell condenou o Presidente Kennedy como “insano” por se recusar a jogar com as regras que ele estava fixando, enquanto elevava Khrushchov aos céus por salvar a Humanidade de acordo com a sua intervenção. Embora documentos recentemente liberados da Biblioteca JFK demonstrem que o Presidente Kennedy pensou numa troca de mísseis na Itália e Turquia por aqueles localizados em Cuba, o perverso Russell deixa abundantemente claro que o Presidente Kennedy não “cooperou” com as suas metas.

A Crise dos Mísseis explodiu em 22 de outubro de 1962, quando o presidente Kennedy impôs um bloqueio a Cuba. Kennedy anunciou que mísseis soviéticos haviam sido descobertos na ilha e, a menos que fossem desmontados imediatamente, os Estados Unidos declarariam guerra para remover a ameaça à sua segurança. Em 23 de outubro de 1962, Russell enviou o seguinte telegrama ao presidente Kennedy:

“Suas ações desesperadas. Ameaça à sobrevivência humana. Nenhuma justificativa concebível. Homem civilizado a condena. Não deixaremos ter genocídio. Ultimato significa guerra. Não falo de poder mas suplico pelo homem civilizado. Acabe com essa loucura.”

Ao mesmo tempo, enviava outro telegrama a Khrushchov:

“Peço-lhe não se deixar provocar pela ação injustificável dos Estados Unidos em Cuba. O mundo apoiará cautela. Insistir para condenação ser feita pelas Nações Unidas. Ação precipitada poderia significar aniquilação da Humanidade.”

Em 24 de outubro, diante de uma grande multidão reunida em frente à embaixada dos EUA em Londres, Russell divulgou o seguinte folheto de terror termonuclear:

“Você vai morrer.

“Não de causa natural, mas dentro de poucas semanas. E não só você, mas sua família, seus amigos e todos habitantes da Grã-Bretanha, junto com muitas centenas de milhões de pessoas inocentes em outras partes.

“Por quê?

“Porque os estadunidenses ricos não gostam do governo que os cubanos preferem e usaram parte de sua fortunas para espalhar mentiras sobre ele.

“O que você pode fazer?”

“Você pode sair na rua e na praça proclamando: Não ceda a assassinos ferozes e insanos. Não imagine que seja seu dever morrer quando seu primeiro-ministro e o presidente dos Estados Unidos lhe ordenarem fazê-lo. Lembre-se, pelo contrário, de seu dever para com sua família, seus amigos, seu país, o mundo em que vive e o mundo futuro que, se você quiser, pode ser glorioso, feliz e livre.

“E lembre-se:

“O conformismo significa a morte –

“Só o protesto dá uma esperança de vida.”

Em 24 de outubro, Russell foi assaltado pela imprensa quando esta soube que Khrushov havia respondido o seu telegrama com uma carta, simultaneamente publicada em excertos pela agência noticiosa soviética Tass, antes que a carta chegasse às mãos de Russell. Na carta, Khrushov expressava uma “gradidão sincera” pelo interesse que Russell demonstrara “perante às ações agressivas dos Estados Unidos”. Khrushov dava garantias de que “o governo soviético não tomará decisões impensadas...(mas) fará de tudo para impedir a deflagração da guerra”. Khrushov convocava o Presidente Kennedy a “mostrar reserva e interromper a execução de suas ameaças de pirataria”. Propunha uma “reunião de alto nível para remover o perigo de desencadear uma guerra termonuclear”. Imediatamente, Russell telegrafou a Khrushov nos seguintes termos:

“Obrigado por sua resposta cordial. Congratulo-o pela sua posição corajosa em favor da sanidade. Espero que retenha os navios em águas cubanas por um tempo suficiente para assegurar o acordo estadunidense em torno de sua proposta. O mundo inteiro irá abençoá-lo se tiver sucesso em impedir a guerra. Se houver qualquer coisa que eu possa fazer, por favor me avise.”

E Russell telegrafou a Kennedy na mesma hora:

“Insisto veementemente para que dê uma resposta conciliatória à abertura vital de Khrushov e evite um choque com navios russos por um tempo suficiente para tornar possíveis a reunião e as negociações. Depois

que os disparos tiverem sido trocados será provavelmente tarde demais. Apelo para que se reúna com Khrushchov. Se houver algo que eu possa fazer, por favor, me avise.”

Em 24 de outubro, Khrushchov ordenou que 12 navios que aparentemente carregavam armas retornassem e não desafiassem o bloqueio de Cuba pelos EUA. Depois que Russell recebeu a notícia de que os navios soviéticos tinham alterado o rumo, ele fez a seguinte declaração à imprensa:

“O premier Khrushchov é pessoalmente responsável por impedir uma guerra de devastação nuclear. Ele agiu com o máximo comedimento numa crise de primeira grandeza. Ele cumpriu cada letra da promessa contida em sua mensagem a mim. Prometeu não fazer nada drástico e nada que pudesse arriscar um conflito e doze navios russos retornaram de seu destino a Cuba. Interrompeu todas as remessas futuras. Isto deixa Cuba bloqueada. A moderação desesperadamente importante do Sr. Khrushchov torna o presidente Kennedy responsável por aceitar sua oferta de se reunir e discutir questões relevantes no mais alto nível. O bloqueio viola a lei internacional. É ilegal. É imoral. Se o bloqueio é defensável quando aplicado a Cuba, então é também aplicável à Grã-Bretanha. Os EUA deveriam lembrar-se da guerra de 1812. Se as bases nucleares são intoleráveis em Cuba, são intoleráveis em qualquer lugar. Este é o cerne do que venho dizendo para o povo britânico durante toda a nossa campanha pelo desarmamento nuclear. As bases nucleares ameaçam a paz de todos. Agora é o momento para compreendermos que estivemos à beira do fim da vida humana em nosso planeta. A oferta do Sr. Khrushchov de se reunir e discutir a origem do conflito precisa ser apoiada por todo homem e mulher sãos.”

Em 25 de outubro, Russell recebeu uma resposta do presidente Kennedy, que dizia:

“Estou de posse de seus telegramas. Já estamos discutindo o assunto nas Nações Unidas. Apesar de suas mensagens serem críticas dos Estados Unidos, elas não fazem nenhuma menção de preocupação sua com a introdução de mísseis soviéticos secretos em Cuba. Penso que a sua atenção bem poderia ser dirigida também aos ladrões, em vez de aos que prenderam os ladrões.”

Russell respondeu a Kennedy:

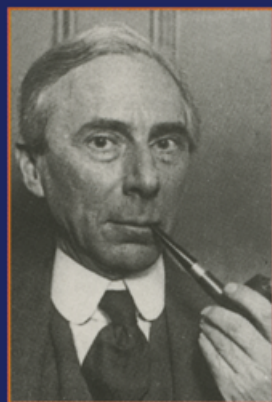
“Grato por sua resposta aos meus telegramas. Entendo sua ansiedade quanto aos mísseis nucleares. Meu argumento é que um bloqueio que ameace afundar navios soviéticos traz a Humanidade à beira da aniquilação. Suplico-lhe não invadir Cuba nem arriscar uma guerra nuclear. Você poderia aceitar a inspeção das bases pelas Nações Unidas e oferecer em troca as bases na Turquia?

“A remoção de quaisquer bases do perímetro russo fortaleceria imensamente a posição dos EUA em favor da paz e traria uma resposta soviética comparável.

“Estou apelando para que o Dr. Castro aceite a inspeção das Nações Unidas em troca de sua promessa solene de que Cuba não será invadida pelos Estados Unidos. Está em suas mãos transformar uma situação de grave crise em uma de imensa esperança. Sua iniciativa pacífica agora traria a gratidão do mundo.”

Eros e Tântatos: “A Conspiração Aberta”

Bertrand Russell tocou muitas cordas em seu instrumento de maldade. Suas propostas de genocídio, em especial contra as populações de pele escura, têm o mesmo caráter satânico e retratam melhor a sua crueldade que o seu plano para o estabelecimento de um “governo mundial”, uma ditadura global imposta pelo terror nuclear. Ademais, ele foi um charlatão desenfreado, um típico seguidor de Aristóteles, que tem exercido uma influência destrutiva na filosofia e no pensamento científico deste século.



Bertrand Russell

A imagem de H.G. Wells descrita neste livro é bem diversa da de um excêntrico autor de obras de “ficção científica”, como ele é popularmente identificado.

De suas idéas, originaram-se não apenas as doutrinas de terror nuclear, como também a contracultura dos anos 60-70, responsável pela transformação das gerações do pós-guerra numa massa amorfa e hedonista, desprovida de propósitos mais amplos do que seguir a velha máxima romana - carpe diem, aproveite o dia presente. Na verdade, tanto Wells quanto Russell se alinham entre os indivíduos mais malignos deste século, cujas vidas foram dedicadas à “conspiração aberta” que Wells descreve num dos seus livros, cuja meta era o estabelecimento de “uma ordem mundial acima da presente colcha de retalhos de governos particularistas”, ordem que seria dominada pela oligarquia anglo-saxã.



H.G. Wells